

CLAUDIA BANDEIRA

**POLÍTICAS DE ATENDIMENTO AOS
ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

PUC/SP

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLAUDIA BANDEIRA

**POLÍTICAS DE ATENDIMENTO AOS
ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE**

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de Mestre em Educação:
Currículo, sob a orientação do
Professor Antonio Chizzotti.**

PUC/SP

2006

DM **BANDEIRA, Cláudia**

Políticas de Atendimento aos Adolescentes Privados de Liberdade

São Paulo, p.280, 2006.

Dissertação (Mestrado) – PUCSP

Programa: Educação: Currículo

Orientador: CHIZZOTTI, Antonio

Palavras-chave: Política Pública de Educação - Medida Socioeducativa - FEBEM - Privação de Liberdade

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e Data: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo ao meu filho Tadeu que com vinte e quatro semanas de gestação concluiu comigo a dissertação.

Certamente, você foi a pessoa que sentiu com maior intensidade tudo que senti.

Pelas manhãs, tardes, noites e madrugadas de inspiração e produtividade juntos.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer minha família: mãe, pai e irmão. Obrigada pelo acompanhamento durante este percurso e acolhimento nos momentos difíceis.

Agradeço meus amigos que sempre admiraram e incentivaram minhas iniciativas. Foram fundamentais tanto os momentos em que compartilhamos idéias sobre minhas ansiedades e medos, como aqueles nos quais nos divertimos, demos risadas e contamos piadas.

Ao querido Eder, pelas orientações e cuidado que sempre teve comigo e com meu trabalho. Obrigada por ser tão companheiro.

Gostaria também de agradecer minha amiga e professora Beth Barolli pelo apoio de sempre, pela leitura minuciosa, pelas críticas, elogios e sugestões. Obrigada pelo trabalho sério e competente.

A professora Carminha que me acompanha desde a graduação pelas idéias e incentivo na continuidade de meus estudos.

Agradeço os profissionais e adolescentes da FEBEM pela atenção, participação e pela parceria que possibilitou a elaboração deste estudo.

Por fim, agradeço meu orientador pelas oportunidades e crença no meu trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa é sobre um projeto educativo desenvolvido em Unidades de Internação Provisória (UIPs) da FEBEM/SP, cujo objetivo foi contribuir com a construção de uma política pública de educação para adolescentes em situação de privação de liberdade. Nessa perspectiva houve, de 2000 a 2004, uma negociação triangular entre as coordenações da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, da FEBEM/SP e de uma organização não governamental que procurou dar suporte na garantia das condições necessárias para a implementação da proposta educativa, bem como para seu acompanhamento. Assim, este estudo priorizou as vozes dos adolescentes na perspectiva de compreender suas relações com um projeto educativo implementado pelo Estado e sociedade civil num contexto de privação de liberdade. A idéia foi possibilitar uma interlocução com os jovens que os considerassem parceiros na compreensão dos benefícios que as ações desenvolvidas poderiam trazer para eles próprios. Porém, ao ouvir suas opiniões sobre a tentativa de priorizar a educação numa situação de contenção, muitas são as ambigüidades e contradições entre as relações estabelecidas numa instituição que, ao longo da história, revelou-se como repressora e opressora e uma proposta educativa que permitiu aos adolescentes discussões coletivas sobre projetos de vida pessoais e sociais. Segundo depoimentos dos adolescentes, o projeto educativo implementado nas UIPs possibilitou a criação de um espaço na FEBEM de participação e incorporação de conhecimentos sobre temas que vão ao encontro de suas realidades: a sala de aula. Sem dúvida, a educação é fundamental, mas sozinha não resolverá uma questão tão complexa como a do cumprimento de medida socioeducativa. A conquista de uma nova legislação em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é um marco histórico da sociedade brasileira na luta pelos direitos desses jovens, já que vem em contraposição às imagens das crianças e adolescentes pobres vistos como inferiores, "menores", "infratores", "delinqüentes". Mas ainda há muito que se fazer para que os direitos prescritos nessa legislação de adolescentes que se encontram privados de liberdade sejam garantidos como prioridade absoluta.

ABSTRACT

This research is about an educational project developed in Temporary Youth Detention Centres of FEBEM/SP. It aims to contribute to the construction of an educational public policy for adolescents deprived of their freedom. Between 2000 and 2004 there was a triangular negotiation process involving the Secretariat co-ordination of Education of the State of São Paulo, FEBEM/SP, and a non-governmental organization, which tried to give support and create conditions for the implementation of the educational project as well as its development. Thus, this study gave priority to the adolescents' voice to understand their relationship with an educational project implemented by the government together with the civil society in a context of freedom deprivation. The intention was to enable the youngsters to express themselves so as to understand the effects triggered by the initiative. Their opinion on the idea to prioritize education in a situation of freedom deprivation was ambiguous and contradictory. Among the adolescents, the educational proposal in this context of oppression and aggression provoked collective discussions about personal and social projects. Further, according to their statement, the educational project in question enabled in FEBEM the creation of a classroom, which is a space where they can participate and incorporate knowledge of themes that are meaningful to their realities. Education is, without any doubt, essential, but never will it be able to solve a complex situation regarding the fulfilment of socio-educational measures alone. The Child and Adolescent Statute, which came into regulation in 1990, was both a historical landmark and a great conquest by the Brazilian society in the fight for these youngsters' rights, who apart from been poor are seen as inferior offenders, delinquents. Yet, there is still a great deal to be done for the adolescents' rights if the statute is to be followed to the full.

LISTA DE TABELAS

Tabela I-I Carga horária da formação dos educadores e quantidade de participantes.....	p.23
Tabela II-I Quantidade de instalações para atividades pedagógicas na Unidade F.....	p.31
Tabela II-II Quantidade de instalações para atividades pedagógicas na Unidade M.....	p.32
Gráfico I. Idade dos/as alunos/as.....	p.36
Tabela II-III Estado civil.....	p.37
Tabela II-IV Renda familiar.....	p.37
Tabela II-V Quantidade de pessoas que moram com os adolescentes.....	p.38
Tabela II-VI Escolaridade dos membros da família.....	p.39
Tabela II-VII Quantidade de adolescentes que trabalhavam.....	p.40
Tabela III-I Maneira pela qual vinham realizando os estudos.....	p.46
Tabela III-II Idade.....	p.46
Tabela III-III Série que estavam cursando.....	p.47
Tabela III-IV Quantidade (N) e percentual de repetência.....	p.48
Tabela III-V Quantidade de vezes que os alunos repetiram de ano na escola.....	p.48
Tabela III-VI Quantidade (N) e percentual de abandono.....	p.49
Tabela III-VII Motivos pelos quais os adolescentes repetiram de ano.....	p.49
Tabela III-VIII Motivos pelos quais os adolescentes abandonaram a escola.....	p.50
Tabela III- IX Projetos dos Adolescentes da Unidade M ao saírem da FEBEM.....	p.71
Tabela III- X Projetos das Adolescentes da Unidade F ao saírem da FEBEM.....	p.71
Tabela IV-I Opinião dos adolescentes sobre a Unidade M.....	p.92
Tabela IV- II- Opinião das adolescentes sobre a Unidade F.....	p.93

LISTA DE SIGLAS

BM – Banco Mundial

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

DEs – Diretorias de Ensino do Estado

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FEBEM – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

PEC – Projeto Educação e Cidadania

PNBEM – Política Nacional de Bem Estar do Menor

PNE – Plano Nacional de Educação

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SAM – Serviço de Assistência ao Menor

SEE – Secretaria Estadual da Educação de São Paulo

UAI – Unidade de Atendimento Inicial da FEBEM

UIP – Unidades de Internação Provisória da FEBEM

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.14
I. CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E DO PROJETO EDUCAÇÃO E CIDADANIA.....	p.18
1.1 - As Medidas Socioeducativas.....	p.18
1.2 - O Projeto <i>Educação e Cidadania</i> (PEC).....	p.25
1.2.1 O Material.....	p.26
1.2.2 Formação dos profissionais.....	p.28
1.2.3 Avaliação e Acompanhamento.....	p.30
1.2.4 A Legislação.....	p.30
II. A PESQUISA.....	p.32
2. 1 - Metodologia de coleta de dados.....	p.32
2.1.1- As entrevistas.....	p.33
2.1.2 -Os questionários.....	p.35
2. 2 - Contextos sob investigação: As Unidades de Internação Provisória.....	p.37
2.2.1 - Os (as) Alunos (as).....	p.41
III. EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO OU EDUCAÇÃO COMO DIREITO SUSPENSO?.....	p.48
3.1 - O Direito à Educação.....	p.48
3.2 - O Direito Suspenso à Educação de Crianças e Adolescentes.....	p.51
3.3 - A relação dos/as alunos/as com o projeto Educação e Cidadania.....	p.59
3.3.1 Aspectos referentes à metodologia de ensino.....	p.60
3.3.1.1 Oportunidade de expressão.....	p.60
3.3.1.2 Trabalho em grupo.....	p.61
3.3.1.3 Trabalho com grupos heterogêneos.....	p.62
3.3.1.4 Os temas interdisciplinares.....	p.64
3.3.4 Sobre o conteúdo curricular.....	p.65
3.3.4.1 Os projetos temáticos.....	p.65
3.3.4.2 Tema Família e Relações Sociais.....	p.65
3.3.4.3 Tema Saúde: uma questão de cidadania.....	p.66
3.3.4.4 Tema Justiça e Cidadania.....	p.67
3.3.5 Relação com o professor.....	p.70
3.3.6 O portfólio.....	p.73
3.3.6.1 Registro enquanto memória.....	p.73
3.3.6.2 Registro enquanto “passaporte de saída da FEBEM”.....	p.75
3.3.7 Algumas considerações.....	p.76
IV. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X CONTENÇÃO.....	p.80
4. 1 - O Poder de Punir.....	p.80

4.2 - As Prisões e os Anormais.....	p.87
4.3 - O Poder de Punir nas FEBENS.....	p.94
CONCLUSÃO.....	p.103
BIBLIOGRAFIA.....	p.107
ANEXOS.....	p.110
Anexo A. Pesquisa sobre os jovens e Unidades.....	p.111
Anexo B. Roteiro de entrevista com os/as adolescentes.....	p.118
Anexo C. Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 01.....	p.120
Anexo D. Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 02.....	p.127
Anexo E. Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 03.....	p.140
Anexo F. Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 04.....	p. 155
Anexo G. Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 05.....	p.176
Anexo H. Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 06.....	p.189
Anexo I. Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 07.....	p.206
Anexo J. Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 08.....	p.221
Anexo L. Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 09.....	p.238
Anexo M. Entrevista com professora da UIP F - Profissional 01.....	p.253
Anexo N. Entrevista com professora da UIP F - Profissional 02.....	p.259
Anexo O. Entrevista com agente de proteção da UIP F - Profissional 03.....	p.256
Anexo P. Entrevista com auxiliar da coordenação pedagógica da UIP M - Profissional 04.....	p.273

INTRODUÇÃO

A crença de que a educação é uma das principais ferramentas de construção de sociedades mais democráticas e igualitárias despertou-me o interesse pela área e conseqüentemente meu ingresso no curso de pedagogia.

As experiências profissionais que tive com educação de jovens e adultos e com projetos educacionais no terceiro setor durante meu trajeto na universidade me ajudaram a entender as responsabilidades da educação e o compromisso político que precisaria ser assumido por aqueles que nela atuam.

Em fevereiro de 2001, ingressei em um projeto desenvolvido em parceria entre uma organização não governamental (ONG), a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), vinculada, na época, à Secretaria da Juventude do Estado de São Paulo e a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo (SEE).

O projeto vinha ao encontro da proposta do Governo do Estado, em 1999, de reestruturação da FEBEM e da discussão pública dos direitos das crianças e adolescentes que se desenrolou no país e culminou na implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990.

Trata-se de uma proposta voltada à criação de uma política pública de educação que visava o desenvolvimento de um trabalho socioeducativo em Unidades de Internação Provisória (UIPs) da FEBEM/SP. O desafio era fortalecer processos educativos em contextos de privação de liberdade.

Na visão da educadora Marília Spósito in: Freitas e Papa (2003), a idéia de política pública está associada a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios (humanos, financeiros), que envolve também uma dimensão temporal (duração) e alguma capacidade de impacto. Além disso, há no termo uma dimensão ética-política dos resultados das ações, que deve se aliar a um projeto de desenvolvimento econômico-social e implicar formas de relação entre o Estado e sociedade.

Assim, a gestão compartilhada entre uma organização da sociedade civil e o Estado - representado, naquele momento, por duas secretarias e uma fundação - para a implementação de um projeto educativo que pudesse contribuir para a introdução de uma política pública na área do atendimento ao adolescente privado de liberdade, atraiu-me desde os primeiros contatos com o processo e com a equipe responsável.

Foi uma ação educativa pautada no “novo olhar” proposto pela FEBEM e SEE, cujo

foco é o adolescente e não seu delito. Esse “novo olhar” parte da concepção, preconizada pelo ECA, de que esses adolescentes são sujeitos de direito e pessoas em desenvolvimento. No caso da proposta desenvolvida o que estava em jogo era a garantia do direito à educação num contexto de contenção.

A punição como ação educativa é um problema que envolve as medidas socioeducativas, especialmente as de privação de liberdade, geralmente cumpridas em instituições que se organizam para a repressão e não para a educação.

A negociação triangular entre FEBEM, SEE e uma organização não governamental na tentativa de construir uma política pública educacional para adolescentes privados de liberdade está inserida em um embate político, social e cultural: o de priorizar a educação para jovens que cometeram atos infracionais.

Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ser considerado pela ONU como o código mais avançado do mundo no que diz respeito à proteção da infância e juventude, após 15 anos de sua promulgação, Paulo Afonso Garrido de Paula, procurador de justiça, afirmou em uma entrevista para a Folha de São Paulo que “(...) *não houve implementação política dos direitos e garantias que o ECA prescreveu em relação ao adolescente autor de ato infracional*” (MENA, 2005).

Atualmente, discussões e reflexões sobre medidas socioeducativas são frequentes na mídia, quase cotidianas. Apesar da existência do ECA, que concebe crianças e adolescentes como atores sociais e cidadãos e que pretende garantir seu direito ao trabalho, à educação de boa qualidade, à qualificação profissional e à participação social; as políticas públicas implementadas na realidade brasileira parecem ser ainda muito tímidas.

As discussões atuais sobre a FEBEM vão desde o aumento de rebeliões que, segundo dados da Folha de São Paulo, no ano de 2004 foram 28 e até julho de 2005 haviam sido registradas 30 rebeliões no Estado de São Paulo (HARNIK; LAGE, 2005); até a recente mudança de Secretaria do Estado responsável pelo atendimento desses jovens (da pasta da educação para a da justiça).

Além disso, a lotação média das FEBENS do Estado de São Paulo em novembro de 1995 era de 2151 adolescentes (AP- FEBEM) e em 2003 esse número chegou a 6268¹ adolescentes em situação de privação de liberdade no Estado de São Paulo, o que significa um aumento de 191,4% num período de oito anos.

Assim, estudos que tratam da formulação de políticas para a implementação de

¹ Fonte: FEBEM/SP, 30/10/03.

medidas socioeducativas que atendam adolescentes em contextos de privação de liberdade são importantes, pois interferem em uma questão que é social, política, ética e cultural: a da ideologia da repressão como único instrumento de combate ao crime.

Um grupo específico merece atenção especial ao se falar sobre violência: os jovens. Isto porque as estatísticas mostram que o aumento do número de homicídios de jovens é o responsável absoluto pelo aumento da violência homicida nos últimos 20 anos no Brasil².

A temática dos jovens/adolescentes de 15 a 24 anos é atual e começa a ganhar destaque e complexidade no espaço público brasileiro a partir da segunda década de 1990, já que a proporção desses atores sociais aumentou e, afetados de forma particularmente intensa pelas desigualdades econômico-sociais, eles passaram a chamar atenção da sociedade como vítimas ou protagonistas dos problemas sociais.

É nessa época também que o Estatuto da Criança e do Adolescente foi promulgado e conseqüentemente debates sobre a implementação de políticas na área da infância e juventude foram intensificados.

De acordo com Spósito in: Freitas e Papa (2003) embora o tema da juventude no Brasil esteja inserido, nos últimos anos, na agenda pública, é preciso reconhecer que as ações desenvolvidas, na prática, nem sempre encontram correspondência com a intensidade dos debates que começam a surgir, pois, de modo geral são fragmentadas; envolve competição interburocrática; não há continuidade administrativa; as ações são efetivadas a partir da oferta e não da demanda e há uma clara clivagem entre formulação, decisão e implementação.

Desta forma, a proposta educativa que foi o objeto deste estudo encontrava-se em fase de implementação nas Unidades de Internação Provisória da FEBEM, no Estado de São Paulo durante a pesquisa de campo. Era um projeto educacional de intervenção numa medida socioeducativa de privação de liberdade, algo concreto que pretendia ir ao encontro do “novo olhar” proposto pela FEBEM e SEE.

Os grandes objetivos que orientaram esta pesquisa foram:

- Avaliar em que medida a política pública desenvolvida possibilitou mudança cultural nas Unidades de Internação Provisória (UIPs) da FEBEM/SP.
- Compreender a relação dos adolescentes com a proposta educativa durante o período em que permanecem nas Unidades de Internação Provisória/SP.

² UNESCO. **Mapa da Violência**: os jovens do Brasil, 1998, 2000, 2002 e 2004.

Sobre a organização do estudo, ele foi dividido em quatro grandes capítulos que tratam simultaneamente de questões teóricas e análises de dados, principalmente colhidos junto aos jovens.

O capítulo I- Características Gerais das Medidas Socioeducativas e do Projeto *Educação e Cidadania*- caracteriza as medidas socioeducativas e a proposta curricular desenvolvida nas UIPs da FEBEM/SP e situa, com base no ECA, a Internação Provisória nesses contextos.

O capítulo II- A Pesquisa- explicita a metodologia de pesquisa utilizada para a tomada de dados, as características dos contextos nos quais a coleta foi realizada e o perfil dos alunos/as que participaram do projeto.

O capítulo III- Educação como Direito Humano ou Educação como Direito Suspenso?- discute o direito à educação, o direito suspenso à educação de crianças e adolescentes e as relações dos/as alunos/as com o projeto educativo implementado nas FEBENs, privilegiando a voz dos jovens.

O capítulo IV- Medida Socioeducativa X Contenção- analisa historicamente as punições; quais as práticas atuais do poder de punir na FEBEM e a possibilidade de efetivar nesse contexto um trabalho educativo.

Em resumo, o desafio deste trabalho foi entender até que ponto o projeto *Educação e Cidadania* contribuiu para a construção de uma política pública de educação em contextos de privação de liberdade.

CAPÍTULO I

CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E DO PROJETO *EDUCAÇÃO E CIDADANIA*

1.1 – As Medidas Socioeducativas

O objetivo deste item da pesquisa é caracterizar medida socioeducativa, entendida como condição especial de acesso a todos os direitos sociais, políticos e civis, mais especificamente no atendimento aos jovens em situação de privação de liberdade.

A medida socioeducativa de privação de liberdade comporta aspectos de natureza coercitiva, já que é punitiva aos adolescentes, mas existe também o aspecto educativo, no sentido da proteção integral e do acesso à formação e informação.

O princípio da proteção integral foi adotado na área da infância e adolescência com a promulgação do ECA em 1990, resultado de diversas mobilizações de entidades governamentais e não governamentais e da criação do Fórum Nacional Permanente de Entidades pela Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Fórum DCA) que possibilitou a interlocução entre sociedade civil e Congresso Nacional para discutir questões ligadas a defesa de direitos nessa área.

A partir de 1990, a história brasileira dos direitos da criança e do adolescente é dividida entre antes e depois do Estatuto da Criança e do Adolescente “*o que equivale à passagem de uma Doutrina da Situação Irregular à Doutrina das Nações Unidas para a Proteção Integral dos Direitos da Criança e do Adolescente*” (Volpi, 2001, p.32).

O primeiro Código dos Menores (conhecido como Mello Matos) foi promulgado em 1927 dando início à chamada etapa tutelar³. Em 1979 dispositivos legais foram ampliados e modificados e com a mesma base ideológica deu-se origem a um Código de Menores reformado.

³Antes da promulgação do Código dos Menores de 1927, as crianças e adolescentes tinham o mesmo tratamento penal que os adultos e eram inseridos no mesmo sistema carcerário (não havia instituições específicas). Segundo Volpi (2001) a chamada etapa do tratamento indiferenciado, no Brasil, teve início em 1890, por meio do primeiro Código Penal da República que só não considerava criminosos “os menores de nove anos completos” (art. 27, inciso I) ou aqueles que, sendo maiores de nove e menores de catorze, houvessem agido sem discernimento (art. 27, inciso II).

O Serviço de Assistência ao Menor (SAM) foi criado, em 1941, com o objetivo de implementar uma política de atendimento ao “menor”. Após muitas denúncias na imprensa (o SAM era chamado de “universidade do crime” ou “sucursal do inferno”) e protestos realizados contra as atrocidades cometidas nos internatos, esse Serviço foi substituído, em 1964, por uma Política Nacional de Bem Estar do Menor (PNBEM) que reproduzia, aliado à uma política assistencialista, as práticas de repressão no tratamento de crianças e adolescentes. Numa nova fachada, os internatos que abrigavam os “menores” na época do SAM continuaram funcionando com a PNBEM como Fundações Estaduais para o Bem Estar do Menor (FEBENS) existentes até hoje⁴.

A partir de 1970 surgem práticas sociais diferenciadas no atendimento à infância e adolescência, com destaque para iniciativas de educadores e assistentes sociais no atendimento aos meninos e meninas de rua que produziu uma nova metodologia de trabalho conhecida como Educação Social de Rua⁵.

Em 1985, surge um movimento de luta pelos direitos de crianças e adolescentes com uma imensa diferença dos outros: a participação dos próprios meninos e meninas de rua. O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua criou um espaço de articulação entre adolescentes, programas e educadores que atuavam na área e foi um dos movimentos instituintes das mudanças que contribuíram para a elaboração do ECA⁶.

O Código dos Menores de 1979, pautado na Doutrina da Situação Irregular, atribuía tratamento indiferenciado aos adolescentes que não se enquadravam aos padrões sociais estabelecidos. Assim, no texto da lei são classificados como situação irregular os carentes, abandonados, pobres, vítimas de abuso e infratores. De acordo com Mário Volpi (2001)

“(…) o caráter mais perverso deste Código de Menores (...) estava na homogeneização da categoria “menores”, em que adolescentes autores de infrações penais e adolescentes vítimas de todo tipo de abusos e exploração eram tratados igualmente por uma ação concreta de caráter penal eufemisticamente denominada de tutelar” (p.31).

Essa legislação estava fundamentada numa visão funcionalista, em que cada indivíduo ou instituição tinha que cumprir seu papel para garantir o funcionamento harmônico da sociedade. Os desvios de conduta dos sujeitos eram responsáveis pelas desigualdades e exclusões e, portanto, eles tinham má índole, encontravam-se numa situação irregular.

⁴ Sayão in: CENPEC (2004).

⁵ Ibidem (2004).

⁶ Volpi (2001).

Após importantes campanhas que mobilizaram órgãos públicos e sociedade civil para alteração do panorama legal, a primeira vitória foi obtida com a inserção do artigo 227 na Constituição Federal de 1988, baseado na Doutrina de Proteção Integral, originada na proposta de Convenção Internacional Sobre os Direitos da Criança da ONU (Organização das Nações Unidas).

Os três princípios fundamentais da Convenção que representam a base da Doutrina de Proteção Integral são:

- ❑ O conceito de criança como sujeito de direitos e que tem condições de participar das decisões que lhe dizem respeito;
- ❑ O princípio do interesse superior da criança, isto é, que os direitos da criança devem estar acima de qualquer outro interesse da sociedade;
- ❑ O princípio da indivisibilidade dos direitos da criança, ou seja, não se trata de assegurar apenas alguns direitos e sim, todos⁷.

Trata-se da inclusão de crianças e adolescentes como cidadãos, atores sociais diferenciados, com direitos especiais por sua condição peculiar de pessoas em desenvolvimento que precisam ser tratados com prioridade absoluta.

O ECA quando promulgado em 1990, adotou o princípio da proteção integral e a idéia da responsabilização, em que o adolescente é o responsável e responde pelos seus atos. Assim, nos casos de internação a proposta é que, num contexto de proteção integral, ele cumpra medida socioeducativa cuja perspectiva é possibilitar, por meio de um processo educacional, reflexão sobre seu processo de desenvolvimento para realizações pessoais e participação comunitária.

“Os adolescentes autores de ato infracional, pela legislação brasileira, são submetidos a medidas socioeducativas. A medida socioeducativa é, ao mesmo tempo, a sanção e a oportunidade de ressocialização, contendo, portanto, uma dimensão coercitiva, uma vez que o adolescente é obrigado a cumpri-la, e educativa, uma vez que seu objetivo não se reduz a punir o adolescente, mas prepará-lo para o convívio social” (Volpi, 2001, p.66).

As medidas socioeducativas não foram previstas somente em contextos de internação. Existem também aquelas cumpridas em meio aberto.

⁷ Citado em Volpi (2001).

De acordo com o art. 106 do Estatuto da Criança e do Adolescente, o adolescente será privado de liberdade somente se for pego em flagrante de ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente.

O percurso do adolescente que cometeu uma infração mediante violência ou grave ameaça é iniciado pela apreensão da polícia que deve encaminhá-lo para apresentação imediata ao Ministério Público, onde é realizada uma audiência com o Promotor de Justiça para avaliação do delito (caso a infração não seja mediante violência ou grava ameaça, esse encaminhamento poderá ser efetivado pelos familiares ou responsável). Se não houver possibilidade de apresentação imediata ao Judiciário, o adolescente será privado de liberdade na Unidade de Atendimento Inicial da FEBEM (UAI), na qual deverá permanecer no máximo vinte e quatro horas e aguardar o encaminhamento ao Ministério Público.

Caso o representante do Ministério Público, na sua avaliação, representar à autoridade judiciária a aplicação de medida socioeducativa, o adolescente irá para a Unidade de Internação Provisória (UIP) da FEBEM.

Na UIP, o adolescente deverá permanecer no máximo quarenta e cinco dias e aguardar a sentença do Juiz que decidirá outra medida socioeducativa a ser cumprida, ou seja, decidirá sua manutenção ou não na internação. A internação provisória está prevista no art. 108 do Estatuto da Criança e do Adolescente e já é caracterizada como medida socioeducativa.

Nesse momento em que os adolescentes estão privados de liberdade em UIPs, as outras medidas socioeducativas que poderão ser sentenciadas pelo Juiz são:

- Liberdade Assistida, na qual o adolescente cumprirá a pena em liberdade (no mínimo seis meses) com acompanhamento de um profissional que cuidará das questões familiares, escolares, de profissionalização e inserção no mercado de trabalho. Esse profissional será responsável pela elaboração de relatórios sobre os processos de acompanhamento dos jovens;
- Prestação de Serviços à Comunidade que consiste na realização de tarefas gratuitas que contribuam para o bem público, mas com uma carga horária que não prejudique a frequência à escola ou jornada de trabalho. Essa medida socioeducativa não deverá exceder o período de seis meses;
- Semiliberdade, em que é responsabilidade dos adolescentes a escolarização e profissionalização. São atividades que eles participam em meio aberto durante o dia, independentemente de autorização judicial, e à noite retornam para o regime fechado de internação.

□ Internação, prevista no art. 122 do Estatuto da Criança e do Adolescente, será cumprida em Unidades de Internação (UIs) e deve ser aplicada somente se o ato infracional for cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa; por reiteração no cometimento de outras infrações graves e por descumprimento reiterado ou injustificável da medida anteriormente imposta. O período máximo de internação é de três anos e os adolescentes que cumprem essa medida são submetidos à reavaliação judicial a cada seis meses de permanência na UI.⁸

Importante ressaltar que este estudo é sobre uma proposta educativa implementada em Unidades de Internação Provisória da FEBEM do Estado de São Paulo, ou seja, durante o período máximo de quarenta e cinco dias em que os adolescentes permanecem privados de liberdade aguardando a avaliação do juiz para cumprirem algumas das outras medidas, explicitadas anteriormente.

A obrigatoriedade da prática de atividades pedagógicas caracteriza a natureza socioeducativa da medida de privação de liberdade, inclusive durante a internação provisória. Se não houvesse essa obrigatoriedade a internação provisória seria somente contenção.

Durante a pesquisa bibliográfica foi possível perceber que os trabalhos que tratam do tema da privação de liberdade apontam o caráter educacional da medida socioeducativa como ferramenta fundamental para que a internação produza resultados positivos na formação dos adolescentes.

Sobre a importância da educação, Guará (2000) afirma que ao invés da "vingança social" assumida pelo Estado é necessário um "investimento social". Sendo assim, sugere um processo educativo na FEBEM que rompa com a cultura da criminalidade. Afirma ainda que o Estado guarda nessa instituição resquícios das práticas repressivas de períodos totalitários, sendo assim, a expressão da violência está presente no encarceramento de adolescentes e a tortura é vista como estratégia disciplinar.

Se pensar uma proposta educativa para adolescentes nas escolas ou mesmo em meio aberto não é tarefa simples, que dirá em contextos fechados de privação de liberdade. Desta forma, *“A necessidade de uma escola capaz de aproveitar os diferentes saberes produzidos pela vasta experiência dos adolescentes privados de liberdade vem sendo destacada nos diversos fóruns de debate sobre esta temática”* (Volpi, 2001, p.107).

Com relação a FEBEM, responsável pelo atendimento socioeducativo de crianças e

⁸ Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

adolescentes, vale comentar que, numa doutrina de proteção integral, os aspectos de segurança previstos para a privação de liberdade serviriam para proteger a vida dos adolescentes e dos profissionais que trabalham na instituição, atentando-se para os aspectos de infra-estrutura e formas de contenção sem violência.

Nessas condições os adolescentes teriam maiores chances e oportunidades de superação de sua condição de exclusão, bem como de acesso à formação de valores positivos de participação na vida social.

Porém Volpi (2001) em seu estudo sobre as contribuições que o adolescente egresso de unidades de internação admite ter recebido na instituição para sua inclusão social constatou que *“A improvisação e a precariedade do sistema de aplicação da medida socioeducativa de internação refletem na inexistência de uma escola capaz de representar um ganho na vida do interno”* (p.108).

Apesar da medida socioeducativa prever, especificamente em uma situação de privação de liberdade, a necessidade de um ambiente que garanta condições favoráveis para se constituir um espaço educativo de acolhimento aos adolescentes, uma pesquisa realizada pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em 2003, cujo principal objetivo foi justamente o levantamento de dados sobre as condições dessas instituições no Brasil, mostra que ainda estamos distantes da garantia deste direito.

No que se refere ao ambiente físico das unidades, 71% não são consideradas adequadas às necessidades da proposta pedagógica. As inadequações variam desde a inexistência de espaços para atividades esportivas e de convivência até as péssimas condições de manutenção e limpeza. Ainda é preciso salientar que entre aquelas consideradas adequadas, algumas são mais para a manutenção da segurança do que para o desenvolvimento de uma proposta verdadeiramente socioeducativa, visto que muitas unidades mantêm características tipicamente prisionais (IPEA, 2003, p. 60).

Assim, a privação de liberdade parece representar mais um entrave ao processo socioeducativo do que propriamente um meio para sua efetivação.

Certamente, a elaboração e promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente são marcos históricos, mas esse ainda é um campo de conflitos, no qual concepções que foram firmadas pelo Código dos Menores ainda permanecem em nossa sociedade.

“Observa-se que as instituições responsáveis pelo atendimento aos adolescentes em conflito com a lei em regime de internação incorporaram um discurso fundado na doutrina da proteção integral, agregaram atividades e atitudes desta mesma doutrina, mas preservam rotinas, procedimentos e

formas de tratamento do antigo paradigma da doutrina da situação irregular” (Volpi, 2001, p.132).

Na pesquisa realizada por Volpi (2001) foi possível notar que o caráter coercitivo da medida socioeducativa de internação sobrepõe-se de forma definitiva ao caráter pedagógico, o que evidencia uma contradição entre educação e o contexto de internação.

Vale lembrar que as instituições que atendem atualmente esses jovens são os internatos da época do SAM (1941) que posteriormente com a PNBEM (1964) foram chamados de FEBENS.

“Essa incoerência entre o direito consagrado na lei e a atitude das instituições tem conseqüências graves na desmoralização do processo educativo da instituição. Diversos estudos sobre esta problemática chegaram a mesma conclusão (...)” (Volpi, 2001, p.136).

Assim, fica evidente nas pesquisas que abordam o tema, a ineficácia das instituições privativas de liberdade na efetivação de um trabalho educacional que vise a inclusão dos adolescentes na sociedade como cidadãos, capazes de refletir projetos de vida.

Segundo Silva (2001), apesar da pena de privação de liberdade ser considerada pela sociedade a melhor solução no enfrentamento da criminalidade, ela não passa de um modelo organizacional e administrativo de contenção que contribui para a solidificação da pedagogia do crime dentro de suas muralhas.

A FEBEM, responsável pelo acolhimento e reabilitação dos jovens, é vista pelos autores citados como repressora, opressora, coercitiva e, além disso, os trabalhos existentes a colocam como uma instituição que contribui para fatores quantitativos e qualitativos da criminalidade, por meio de práticas corretivas e disciplinares. Assim, Villela (1983) já afirmava em sua análise que

Dentro do quadro descrito, podemos afirmar com segurança que novas gerações de menores infratores se sucederão na passagem pela instituição dela levando apenas as mesmas experiências amargas que o sistema social já lhes propiciava desde a gestação: a humilhação, o descrédito, o desamparo, culminando com a reincidência, a miséria, o Presídio ou a morte violenta (p. 166).

Ainda assim, a idéia de priorizar a educação numa situação de contenção é desejo de muitos educadores na área, porém, nota-se a existência de poucos trabalhos de pesquisa que tem como foco o desenvolvimento de uma política pública de educação para adolescentes em situação de privação de liberdade.

Diante disso, o desafio desta pesquisa é investigar as possibilidades da educação como ferramenta de mudança cultural na FEBEM.

Trata-se de uma pesquisa sobre a implementação de um projeto educativo específico em Unidades de Internação Provisória do Estado de São Paulo que tinha como perspectiva contribuir para a introdução de uma política pública na área do atendimento ao adolescente privado de liberdade. É uma ação educativa no momento da contenção que tem como perspectiva o enfrentamento do problema a partir da crença de que o adolescente em situação de privação de liberdade é pessoa em desenvolvimento, sujeito de direitos, cujas garantias devem ser asseguradas enquanto prioridade absoluta.

No artigo 123, parágrafo único do ECA está previsto que “*durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas*”. Assim, a privação de liberdade se caracteriza como atendimento socioeducativo, na medida em que é direito dos adolescentes, durante esse período, participar de atividades educativas.

Vale ressaltar que o educando na Unidade de Internação Provisória (UIP) está submetido a uma prática socioeducativa e privado do seu direito de ir e vir, porém não de seus direitos relativos ao respeito, dignidade, identidade, privacidade. Essa idéia está presente no art. 121 do ECA, em que a internação é considerada medida privativa da liberdade.

Deste modo, a proposta desta pesquisa é justamente interrogar uma proposta educativa que tem como perspectiva enfrentar alguns dos dilemas apontados pelos autores acima citados. É refletir sobre um momento da disputa cultural que se dá no interior da sociedade civil e do Estado.

1.2– O Projeto *Educação e Cidadania* (PEC)

Em 1999 o Governo do Estado propôs uma reestruturação da FEBEM que considerasse o adolescente privado de liberdade sujeito de direito. Essa proposta visava, dentre outras coisas, a descentralização e regionalização do atendimento a esse adolescente e a garantia do seu direito à educação.

O projeto *Educação e Cidadania* surge nesse contexto a partir de uma demanda feita, em 2000, pela FEBEM (vinculada, na época, à Secretaria da Juventude do Estado de São Paulo) e Secretaria Estadual da Educação de São Paulo (SEE/SP) a uma Organização Não Governamental chamada CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária).

O projeto tinha como objetivo implantar uma proposta curricular específica para adolescentes privados de liberdade em Unidades de Internação Provisória (UIPs) da FEBEM/SP.

Para isso foi elaborado, de março de 2000 a fevereiro de 2001, um conjunto de quinze módulos de apoio para alunos e professores da rede Estadual de Ensino que seria discutido em encontros de formação com os profissionais da FEBEM e SEE, coordenados pela equipe do CENPEC.

Os conteúdos trabalhados nos módulos foram definidos coletivamente entre as equipes da FEBEM, SEE/SP e CENPEC responsáveis pela gestão e acompanhamento do projeto. As discussões foram feitas também com base em uma pesquisa realizada na década de 1980 por técnicos da própria FEBEM, na qual se investigou os interesses de aprendizados dos adolescentes internos.

A idéia foi pensar conjuntamente (FEBEM, CENPEC e SEE/SP) temas para serem desenvolvidos com os adolescentes na UIP que provocassem reflexões sobre suas realidades, além de oficinas culturais no contraturno escolar.

A proposta curricular foi organizada em módulos temáticos e interdisciplinares para serem desenvolvidos em quarenta e cinco dias de internação (tempo máximo de permanência na UIP) e as atividades foram planejadas com começo, meio e fim num mesmo dia por causa da alta rotatividade dos alunos nas Unidades de Internação Provisória.

Embora as atividades tenham relações entre si no que toca às noções e conceitos trabalhados no material, a finitude delas num mesmo dia permite que os alunos participem do projeto independente do seu ingresso e saída da instituição, pois não há pré-requisitos para os conteúdos.

Independente do tempo de permanência desses jovens na UIP, o projeto visava, dentre outras coisas, potencializar esse período de vida dos alunos, por meio da educação.

1.2.1 O Material

O material do projeto *Educação e Cidadania* (PEC) é composto de cinco módulos de atividades escolares e dez destinados ao desenvolvimento das oficinas culturais, são eles:

Módulos de atividades escolares:

- Educação, ponte para o mundo;

- Família e relações sociais;
- Justiça e cidadania;
- Saúde: uma questão de cidadania;
- O Trabalho em nossas vidas.

Módulos de oficinas culturais

- Artes visuais e cênicas;
- Conto;
- Correspondência;
- Educação ambiental;
- Hora de se mexer (Educação Física);
- Jogos da vida;
- Jornal;
- Música e Movimento;
- Poesia;
- Ponto de encontro.

A proposta curricular é desseriada e prevê um trabalho com grupos heterogêneos que estimule a reflexão dos adolescentes sobre assuntos que lhes dizem respeito no mundo contemporâneo.

Além deste material escrito com orientações para educadores e fichas para os alunos, um elemento fundamental na concepção pedagógica adotada pelo projeto *Educação e Cidadania* era o portfólio (espécie de pasta), onde cada adolescente arquivava suas produções e registros pessoais sobre as atividades da proposta educativa. O portfólio era de uso exclusivo dos adolescentes e a idéia era que eles o levassem ao saírem da UIP.

Vale ressaltar que antes da implementação do projeto *Educação e Cidadania* não havia nenhuma proposta curricular específica para adolescentes que cumpriam medida socioeducativa em Unidades de Internação Provisória do Estado de São Paulo.

Nas primeiras visitas às Unidades, foi possível perceber que antes do PEC eram desenvolvidas oficinas de artesanato com os adolescentes, nas quais eles aprendiam a fazer pulseiras, colares, porta-retratos, objetos com dobraduras etc. Outra oficina era a de escrita de cartas para familiares. Os adolescentes também participavam de atividades esportivas (capoeira, futebol, street dance).

Essas atividades eram desenvolvidas por profissionais contratados pela FEBEM

(agentes de educação) e o pré-requisito para a ocupação do cargo era o ensino superior completo.

As novidades trazidas pelo projeto *Educação e Cidadania* foram o desenvolvimento de uma proposta curricular de caráter eminentemente pedagógico que atendesse as especificidades das Unidades de Internação Provisória e a contratação de professores da rede estadual de ensino que optaram pelo projeto na atribuição de aulas e que participaram de encontros de formação para discussão do material, metodologia de ensino e reflexão sobre a temática dos adolescentes privados de liberdade.

1.2.2 Formação dos profissionais

De 2000 a 2004 foram planejados encontros sistemáticos de formação com os professores da rede estadual de ensino, Supervisores de Ensino e Assistentes Técnicos Pedagógicos (ATPs) de Diretorias de Ensino do Estado de São Paulo (DEs), Professores Coordenadores Pedagógicos (PCPs) das escolas vinculadas às UIPs e com profissionais das áreas pedagógica (Supervisores Pedagógicos, Coordenadores Pedagógicos e Agentes de Educação) e técnica (Supervisores Institucionais, Diretores e Encarregados Técnicos) das Unidades de Internação Provisória da FEBEM/SP.

Além desses encontros, durante todo processo de implementação do Projeto foram realizadas reuniões de Gestão Compartilhada entre as coordenações da FEBEM, SEE e CENPEC que visavam articular as ações das três instituições parceiras desde a concepção do projeto até sua implementação e acompanhamento.

A formação de uma equipe ampliada de profissionais e a realização de encontros sistemáticos entre as coordenações da FEBEM, SEE e CENPEC tinham como perspectiva fortalecer uma ação coletiva na tentativa de contribuir para a garantia do direito à educação dos adolescentes, tanto nas Unidades da FEBEM, como nas escolas da rede estadual de ensino, responsáveis pelos egressos.

Esses encontros foram iniciados em 2001 com um grupo de diretores para discussão da concepção do PEC, vivência do material, organização do trabalho e divulgação do Projeto nas UIPs.

A formação dos diretores das UIPs foi interrompida em abril de 2001 pela presidência da FEBEM que justificou falta de verba para o financiamento.

O processo de negociação para a continuidade do projeto foi retomado em agosto deste mesmo ano pela SEE/SP que passou a financiar a implementação da proposta. A

retomada dos encontros de formação com os profissionais da FEBEM e SEE foi em 2002

Tabela I-I - Carga horária da formação dos educadores e quantidade de participantes

Ano	Turma	N de turmas	N de profissionais	Carga horária (h)
2002	Diretores	01	280	992
	Educadores ⁹	04		
Agosto de 2003	Educadores iniciantes ¹⁰	02	130	248
a julho de 2004	Educadores continuidade ¹¹	04	180	128
	Diretores	01	35	48
	Encarregados Técnicos ¹²	01	35	48
	Formação de formadores ¹³	01	60	84
Agosto a dezembro 2004	Educadores continuidade	02	180	80
	Educadores (relatos de prática)	01	50	32
Total	-	17	950¹⁴	1.660

Fonte: relatório CENPEC, 2004

De acordo a Tabela I-I houve, de 2002 a 2004, um investimento de 1.660 horas de formação dos profissionais que participaram da implementação da proposta educativa.

Se a quantidade de educadores for calculada sem considerar os que participaram dos encontros em mais de uma turma (diretores, educadores em continuidade, relatos de prática e formação de formadores), cerca de 445 profissionais de dezessete Unidades de Internação Provisória do Estado de São Paulo foram envolvidos, de 2002 a 2004, nas oficinas de formação para discutir o desenvolvimento do projeto *Educação e Cidadania*.

⁹ Esta turma é composta por professores da rede estadual de ensino, supervisores da FEBEM e DEs, coordenadores pedagógicos, encarregados técnicos (psicólogos e assistentes sociais) e agentes de educação da FEBEM.

¹⁰ Esta turma é composta por professores da rede estadual de ensino, ATPs das DEs, supervisores da FEBEM e DEs, agentes de educação e coordenadores pedagógicos da FEBEM.

¹¹ Esta turma é composta por professores da rede estadual de ensino, supervisores da FEBEM e DEs, coordenadores pedagógicos, encarregados técnicos (psicólogos e assistentes sociais) e agentes de educação da FEBEM.

¹² Esta turma é composta por psicólogos e assistentes sociais.

¹³ Esta turma é composta por coordenadores pedagógicos, supervisores e representantes do Centro de Formação da FEBEM, ATPs e supervisores das DEs.

¹⁴ Esse total inclui educadores que participaram da formação em mais de uma turma.

1.2.3 Avaliação e Acompanhamento

Além das oficinas de formação, durante o desenvolvimento do projeto havia uma equipe do CENPEC responsável pelo acompanhamento e avaliação da implementação da proposta nas UIPs.

Esse trabalho era realizado nas oficinas de formação e em encontros nas UIPs organizados em três momentos distintos: acompanhamento do projeto nas salas de aula, reuniões com os profissionais e reuniões com os adolescentes.

Os Supervisores da FEBEM e DE planejavam e acompanhavam esses encontros nas Unidades em parceria com o CENPEC, o que fortalecia suas ações na identificação de elementos facilitadores e dificultadores durante a implementação do projeto e também em tomadas de decisões diante dos desafios encontrados. A ação desse grupo era chamada de *acompanhamento compartilhado*.

A proposta de acompanhamento do projeto cumpria uma dupla função: sustentava o processo de formação dos educadores e, ao mesmo tempo, avaliava o processo de implementação do Projeto.

O acompanhamento às UIPs e os encontros de formação dos profissionais eram ações que ocorriam mensal e alternadamente ao longo do ano letivo, de forma que num mês, eram realizadas as formações e, no outro, as visitas às UIPs.

1.2.4 A Legislação

A institucionalização do PEC como projeto especial da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo foi publicada no Diário Oficial, por meio de uma Resolução Conjunta SE/SJEL nº2 de 20/12/2002, que dispõe sobre o atendimento escolar dos adolescentes privados de liberdade nas Unidades de Internação e Internação Provisória da FEBEM-SP.

Após o Decreto número 47.567/2003, que altera a vinculação da FEBEM/SP da Secretaria da Juventude para a Secretaria da Educação, uma nova Resolução SE- 109 foi publicada no dia 13 de outubro de 2003¹⁵, a qual ratifica o PEC como currículo das UIPs do Estado de São Paulo¹⁶.

¹⁵ Em 2004 houve a passagem da FEBEM da Secretaria Estadual da Educação para a Secretaria Estadual da Justiça e Cidadania, mas o conteúdo da Resolução SE-109 de 10/2003 permanece em vigor.

¹⁶ Os artigos 4º parágrafos 1º, 2º, 3º e 4º e 6º inciso II alíneas a e b, dispõem sobre o projeto na íntegra.

Por ser considerado projeto especial, foram garantidos aos professores que optaram pelo PEC na atribuição de aulas, dentre outras coisas, os direitos a jornada máxima de trabalho nas UIPs (quarenta horas semanais) e a continuidade de trabalho no projeto, ou seja, esses professores têm prioridade na escolha do projeto nas atribuições de aulas subseqüentes.

A garantia desses direitos foi uma conquista que resultou de uma negociação triangular (FEBEM, SEE e CENPEC) em reuniões de Gestão Compartilhada na tentativa de construção de uma política de educação para adolescentes privados de liberdade em Unidades de Internação Provisória do Estado de São Paulo.

A implementação desta proposta pedagógica e a conquista legal para que ela fosse efetivada como currículo das UIPs foi um esforço das instituições parceiras para desenvolver um projeto de educação que atendesse às especificidades e características das Unidades de Internação Provisória (UIPs) e dos jovens que se encontravam nesse contexto.

Trata-se de uma tentativa de priorizar processos educativos na FEBEM e também de contribuir para uma mudança no tratamento desses jovens que, de acordo com Guará (2000), não são amorais e nem heróis de uma nova revolução social, eles são porta-vozes importantes dos dramas e contradições sociais.

CAPÍTULO II

A PESQUISA

Os objetivos deste capítulo são explicitar a metodologia de pesquisa utilizada para a tomada de dados, as características dos contextos nos quais a coleta foi realizada e o perfil dos alunos/as que participaram do projeto.

2.1 – Metodologia de coleta de dados

A proposta desta pesquisa foi realizar um estudo de caso em duas das dezessete Unidades de Internação Provisória da FEBEM do Estado de São Paulo que participaram da implantação do projeto educativo.

Segundo Chizzotti (2005), o estudo de caso envolve a coleta sistemática de informações sobre uma pessoa particular, um evento, uma atividade ou processo social para melhor conhecer como são ou como operam e, tendencialmente, auxiliar tomadas de decisão ou justificar intervenções, ou esclarecer porque elas foram tomadas ou implementadas e quais foram os resultados. Constitui-se, pois, em uma busca intensiva de dados de uma situação particular, de um evento específico ou de processos contemporâneos, tomados como “caso”. Isso para compreender o “caso” o mais amplamente possível, descrevê-lo pormenorizadamente, avaliar resultados de ações e transmitir essa compreensão a outros.

De acordo com o autor (Ibidem), o caso deve ser individualizado e servir como um modo de organizar os dados sociais. É um estudo que não visa generalizações, mas um caso pode revelar situações recorrentes, pois guardadas as peculiaridades, nenhum caso é um fato isolado. Assim, nada impede que se faça analogias consistentes com outros casos similares; as descobertas encontradas em um caso possibilitam justapor a transferibilidade do que foi encontrado para outros casos de mesma natureza.

A escolha de duas organizações específicas, como é o caso desta pesquisa, permite a realização de um estudo de caso coletivo, ou seja, significa ampliar o estudo para melhor compreensão de casos conexos. Trata-se assim, de uma variante que possibilita o cruzamento

de casos, o que, segundo Merriam (1988), fortalece a potencialidade de generalização para outros casos de mesma natureza.

A relação próxima com a equipe pedagógica das Unidades foi um dos critérios para a escolha das UIPs, o que possibilitou o acesso aos dados, às pessoas e à própria instituição.

Outros aspectos foram considerados na escolha das Unidades como o tempo de participação no projeto, já que nelas a implementação da proposta educativa se deu desde o início; o perfil dos alunos que são, em sua maioria, jovens/adolescentes¹⁷, cujo grau do ato infracional varia de forma a contemplar todos os níveis existentes e também porque as duas estão situadas na cidade de São Paulo. Além disso, em uma delas a população é masculina e na outra feminina o que possibilita, por meio de um método comparativo de caso, compreendermos quais as semelhanças e/ou diferenças no atendimento a esses adolescentes.

Durante a pesquisa de campo os instrumentos utilizados para a tomada de dados foram questionários e entrevistas semidiretivas gravadas em áudio com grupos de adolescentes e com profissionais que trabalhavam na FEBEM.

De modo geral, a natureza dos dados coletados é qualitativa. Trata-se de citações literais do que as pessoas falam sobre suas experiências, atitudes, crenças e pensamentos.

Enquanto pesquisa qualitativa a idéia do trabalho foi tentar entender práticas, não verdades em si. “*O que se observa são construções da realidade que as pessoas fazem, como elas compreendem o mundo*” (Merriam, 1988, p.78).

2.1.1- As entrevistas

No período de um ano e meio foram entrevistados trinta e dois adolescentes divididos em nove grupos e quatro profissionais das duas UIPs que fazem parte do estudo.

Priorizar as falas dos adolescentes na pesquisa foi uma escolha feita a partir da aposta de que eles são porta vozes essenciais na discussão sobre medidas socioeducativas enquanto

¹⁷ De modo geral, o público da pesquisa é composto por jovens/adolescentes pela própria característica das Unidades escolhidas para o estudo de caso. Em uma delas a faixa etária da população varia de 14 a 20 anos e 11 meses de idade e a outra, apesar de atender uma população de 12 a 18 anos de idade, a grande maioria das adolescentes que responderam o questionário e que participaram das entrevistas estavam na faixa entre 15 e 18 anos de idade. A utilização do ECA enquanto respaldo legal dessa pesquisa se justifica na medida em que o Estatuto da Juventude não havia sido promulgado durante sua elaboração. Todavia, foram utilizados textos e estudos que discutem a juventude para subsidiar a análise do campo em questão.

uma questão social, pública. A implementação de política de atendimento a esses jovens não seria possível sem participação deles em questões nas quais estão diretamente envolvidos e das quais dependem seus projetos de vida.

Desta forma, na Unidade feminina foram realizadas entrevistas com cinco grupos de jovens. Num deles havia três adolescentes, noutro cinco e nos outros três grupos havia quatro adolescentes. No total, vinte adolescentes participaram das entrevistas na UIP das meninas, o que correspondia a 40%¹⁸ da população dessa Unidade.

Já na Unidade masculina foram entrevistados quatro grupos com três jovens em cada. Um total de doze adolescentes participou das conversas, o que correspondia a 6,7%¹⁹ da população desta UIP.

A escolha dos alunos/as para a entrevista era solicitada aos professores pelos coordenadores pedagógicos durante o horário das aulas. O único pedido feito à coordenação pedagógica era que escolhesse jovens que participavam a mais tempo do projeto, o que possibilitaria maior compreensão da relação deles com a proposta educativa.

Além dos/as adolescentes, foram feitas entrevistas individuais com duas professoras e um agente de proteção (antigo monitor) na Unidade feminina e com a auxiliar da coordenação pedagógica na Unidade masculina.

A escolha das professoras foi feita por causa dos significativos resultados do trabalho que desenvolviam com as alunas. A auxiliar da coordenação pedagógica e o agente de proteção foram escolhidos por serem lideranças nas Unidades. O objetivo das entrevistas com os profissionais foi de ampliar as informações fornecidas pelos/as adolescentes.

Apesar da existência de um roteiro pré-estabelecido que estruturou os tópicos abrangidos nas entrevistas com os grupos de jovens, de modo geral, foram utilizadas perguntas abertas durante as conversas²⁰. Assim, muitos aspectos e direções não previstas foram exploradas e indagadas nas entrevistas, “(...) *o entrevistador tem liberdade (...) para usar, segundo o seu critério, interrogações não diretivas (...)*”.(Selltiz; Jahoda; Deutsch; Cook, 1974, p. 288).

A utilização da entrevista nas conversas com os/as alunos/as teve como objetivos entender a relação deles com a proposta educativa, qual o significado do projeto para os/as

¹⁸ Este percentual foi calculado com base na capacidade máxima da UIP feminina (cinquenta adolescentes).

¹⁹ Este percentual foi calculado com base na capacidade máxima da UIP masculina (cento e oitenta adolescentes).

²⁰ Nas entrevistas com os profissionais não houve utilização de um roteiro pré-estabelecido. Todas as questões foram abertas.

jovens durante o período em que permaneceram nas UIPs e as possibilidades do projeto em contextos de privação de liberdade.

Já com os profissionais, a principal perspectiva foi compreender as possibilidades da proposta educativa em contextos específicos de contenção²¹.

As condições para tomada de dados foram bastante diferentes em cada uma das Unidades.

Certamente a relação estabelecida entre os profissionais do CENPEC e os da FEBEM durante os encontros de formação possibilitou a entrada nas Unidades com áudio. Ainda assim, muitas vezes houve espera do lado de fora da portaria das duas Unidades para que os profissionais da área de proteção confirmassem a autorização da coordenação pedagógica da UIP.

As primeiras entrevistas na Unidade feminina foram realizadas com a presença de um profissional da área de proteção. A presença desse agente intimidava as alunas e algumas se negavam a responder certas questões.

Diante disso, ficou combinado com a coordenação pedagógica que a partir da segunda visita na Unidade as entrevistas seriam acompanhadas pelos profissionais da área de educação. Nessas condições, houve maior disponibilidade das adolescentes em participar, sobretudo daquelas que se recusaram na presença do agente de proteção.

As entrevistas na Unidade masculina foram realizadas com os meninos em salas de aula com a porta fechada ou no pátio. Em duas delas houve participação de uma Supervisora da FEBEM que acompanhava o desenvolvimento do projeto *Educação e Cidadania*. Nessas condições os alunos puderam expressar mais livremente suas opiniões sobre o projeto e sobre o cotidiano da UIP.

2.1.2 -Os questionários

A utilização de questionários para a tomada de dados teve como principal objetivo levantar o perfil dos/as alunos/as e caracterizar as Unidades da FEBEM.

Esse material foi obtido na perspectiva de complementar as informações obtidas com as gravações em áudio. Trata-se do uso de dados quantitativos para complementar os

²¹ Assim, “(...) se se trata de conhecer a atitude, preferência ou opinião de um indivíduo a respeito de determinado assunto, ninguém está mais em condições do que ele para dar tais informações”. (Nogueira, 1975, p. 113).

qualitativos.

Os questionários referentes à caracterização das Unidades foram respondidos pelos coordenadores pedagógicos das duas UIPs. Esses profissionais eram responsáveis pelo desenvolvimento das atividades pedagógicas dentro das Unidades. Dentre outras funções, eles planejavam o Horário de Trabalho Coletivo (HTPC) dos professores que ocorria semanalmente e acompanhavam as aprendizagens dos alunos.

Já os questionários referentes ao perfil dos/as jovens foram respondidos na Unidade masculina por cinquenta e três adolescentes, o que equivalia a 30,5% dos meninos internados no dia e na Unidade feminina por trinta e uma adolescentes, o que representava 62% das meninas internadas²².

Além das perguntas fechadas²³, também foram elaboradas nos questionários dos/as adolescentes perguntas abertas para saber suas opiniões sobre as UIPs e expectativas de vida ao saírem da FEBEM.

Entender a opinião dos/as alunos/as sobre as UIPs também nos questionários foi uma tentativa de garantir as respostas, já que as condições para que os/as jovens se expressassem sobre assuntos “socialmente proibidos” nas entrevistas (ex. práticas de maus tratos), nem sempre foram favoráveis, principalmente quando as entrevistas eram acompanhadas por profissionais da Unidade.

“(…) a vantagem dos questionários é que as pessoas podem ter maior confiança em seu anonimato e, por isso, se sentem mais livres para exprimir opiniões que temem ver desaprovadas ou que poderiam colocá-las em dificuldade” (Selltiz; Jahoda; Deutsch; Cook, 1974, p. 269).

Na Unidade feminina o questionário foi aplicado em duas salas no horário da aula e na masculina o coordenador pedagógico aproveitou um grupo significativo de jovens que escrevia cartas aos seus familiares para responder as perguntas.

Houve grande satisfação dos/as adolescentes em responder as perguntas depois que entendiam o objetivo do instrumento e da pesquisa. Nenhum jovem se recusou a participar, o que foi fundamental para obtenção dos dados²⁴.

²² Os dados são relativos ao número de adolescentes que estavam internados no dia 28/05/04 na Unidade masculina e no dia 07/06/04 na Unidade feminina. O fato do universo de adolescentes que respondeu os questionários ser diferente do que participou das entrevistas se justifica por causa da alta rotatividade dos/as jovens nas Unidades Provisórias. Porém, a amostra é representativa dos jovens que passam pela UIP.

²³ Adequadas “(…) para a obtenção de informações sobre fatos (idade, educação, casa própria, quantidade de renda, etc) (...)” (Selltiz; Jahoda; Deutsch; Cook, 1974, p. 293);

²⁴ “(…) geralmente o questionário e a entrevista só podem obter material que a pessoa possa relatar e esteja disposta a fazê-lo” (Selltiz; Jahoda; Deutsch; Cook, 1974, p. 265).

2. 2 – Contextos sob investigação: As Unidades de Internação Provisória

As Unidades da FEBEM serão identificadas neste estudo de caso como "Unidade M", na qual a população é masculina e "Unidade F", no caso da feminina.

As duas Unidades estão situadas na zona leste da cidade de São Paulo. A UIP M está localizada no Brás, um bairro bem próximo da região central da cidade e a UIP é um prédio de quatro andares que faz parte de um complexo, onde havia mais cinco Unidades da FEBEM.

A UIP F fica no Alto da Moóca que é uma região situada mais ao leste da cidade e no espaço havia a Unidade de Internação Provisória (UIP) e uma Unidade de Internação (UI).

O número de adolescentes nas UIPs varia diariamente pela própria característica de passagem da Unidade, mas no dia em que os coordenadores pedagógicos disponibilizaram os dados²⁵, a Unidade F estava com 66 adolescentes internadas e a capacidade dessa UIP é de 50 meninas, ou seja, tinha excedido 32% de sua capacidade máxima. Na Unidade M havia 182 adolescentes internados e a capacidade da UIP é de 180 adolescentes, isto é, havia excedido 1,1% de sua capacidade máxima.

Com relação ao espaço físico foram coletadas informações sobre as instalações construídas nas Unidades especificamente para o desenvolvimento de atividades educativas.

Tabela II-I Quantidade de instalações para atividades pedagógicas na Unidade F

Instalações	Quantidade
Sala de aula	03
Quadra de esportes	01
Laboratório de informática	–
Biblioteca	–
Sala de vídeo	01
Auditório	–
Sala de reunião	01

²⁵ Os dados foram disponibilizados pela coordenação pedagógica da Unidade F no dia 07 de junho de 2004 e pela coordenação pedagógica da Unidade M no dia 08 de março de 2004.

Os dados fornecidos pela UIP F revelam a inexistência de alguns espaços considerados importantes para a efetivação de um processo educacional com os alunos como a biblioteca e laboratório de informática.

Com relação às outras instalações, a coordenadora pedagógica dessa Unidade relatou que a sala de vídeo é utilizada como dormitório no período noturno e também para a realização de aulas de dança, oficinas e palestras durante o dia, ou seja, como não há salas suficientes é preciso que a equipe de profissionais organize os tempos e espaços da UIP para o desenvolvimento das atividades planejadas.

Na Unidade M, as informações relativas às instalações existentes para a realização de atividades educativas, apontam uma situação ainda mais precária, já que não existiam salas de aula²⁶.

Tabela II-II Quantidade de instalações para atividades pedagógicas na Unidade M²⁷

Instalações	Quantidade
Sala de aula	–
Quadra de esportes	01
Laboratório de informática	01
Biblioteca	–
Sala de vídeo	–
Auditório	–
Sala de reunião	–

De acordo com o coordenador pedagógico, como se trata de um complexo, os adolescentes dessa Unidade se deslocavam para outra UIP próxima onde havia salas de aula para a realização das atividades do projeto no período escolar. Segundo ele, estava prevista uma reforma no final do ano de 2004 para a construção de salas, nas quais seriam desenvolvidas as atividades escolares.

Vale ressaltar que nas informações fornecidas sobre a UIP M essa questão foi

²⁷ Segundo o coordenador pedagógico havia mais três salas para atividades pedagógicas na Unidade M: a de esporte, a de atividades culturais e uma para a coordenação pedagógica e professores.

colocada pelos profissionais como uma grande dificuldade, ou seja, a falta de espaço físico para as atividades escolares e também para a realização das oficinas pedagógicas no contraturno escolar.

Como explicitado anteriormente, as atividades do projeto planejadas para o período escolar (chamadas de atividades escolares) eram desenvolvidas nas salas de aula de outra UIP do complexo, porém, as oficinas culturais do projeto pensadas para ocorrer no contraturno escolar eram realizadas no refeitório da Unidade M.

Em uma visita feita à Unidade M no horário das oficinas a situação era a seguinte: seis grupos de alunos, cada um deles em uma mesa do refeitório, as mesas eram grandes, retangulares e ficavam uma ao lado da outra. Nem todos os adolescentes cabiam nas mesas, alguns estavam sentados no chão. Cada grupo estava com uma professora diferente e elas trabalhavam oficinas diferentes. Assim, havia muita conversa sobre assuntos distintos num mesmo espaço, o que dificultava a atuação dos professores e a concentração e participação dos meninos.

Apesar da inexistência da biblioteca na Unidade M, havia um considerável acervo de livros e revistas que ficava guardado na sala da coordenação pedagógica, porém, os alunos não tinham acesso a esse acervo.

Sobre as outras instalações, os dados fornecidos pelo coordenador pedagógico apontam que no laboratório de informática cabiam 10 alunos em uma Unidade construída para 180 adolescentes. A sala de esporte por ser pequena era utilizada para guardar os materiais esportivos e o tempo de uso da quadra esportiva era dividido com outra Unidade do complexo. Diante disso, os profissionais improvisaram duas áreas na UIP e um corredor para a realização de prática esportiva.

A Unidade M é um prédio com quatro andares, o que, de acordo com o coordenador pedagógico, também dificultava a organização dos tempos e espaços na efetivação das atividades educativas.

Na Unidade F a faixa etária varia de 12 a 18 anos e os atos infracionais das meninas vão desde primário médio, até reincidente grave, ou seja, não há separação de acordo com o delito cometido e também conforme a idade. Da mesma forma ocorre na Unidade M, já que a variação da faixa etária é de 14 a 20 anos e 11 meses de idade e os atos infracionais dos meninos, apesar de serem, de modo geral, classificados como primários graves, há também primário médio e reincidente grave juntos na Unidade.

Apesar da UIP ser pensada para que a permanência dos adolescentes seja de no

máximo 45 dias, é importante ressaltar que, muitas vezes, jovens que já estão com medida de internação aguardam a vaga na própria UIP por problemas de superlotação nas UIs. Dessa forma, nas conversas com grupos de adolescentes era comum eles falarem que estavam a 2, 3, 4 ou às vezes até 5 meses na Unidade Provisória.

Nas datas em que foram coletados dados sobre a quantidade de adolescentes que já estavam com medida de internação nas UIPs²⁸, nota-se que na Unidade M havia 36,8% dos jovens com a medida de internação definida pelo juiz e na Unidade F, 33,9% das meninas se encontravam na mesma situação. Assim, um percentual significativo de adolescentes não deveria estar nessas Unidades, o que revela uma descaracterização das Unidades de Internação Provisória.

Os alunos que já deveriam estar nas Unidades de Internação têm, de acordo com o ECA, o direito de freqüentar a escola da UI, onde o ensino é organizado da mesma forma que nas escolas públicas regulares.

Outro aspecto preocupante da FEBEM é referente à rotatividade dos profissionais que trabalham na instituição.

Durante o trabalho de formação realizado com os educadores da FEBEM, foi possível notar que além da alta rotatividade dos profissionais (em grande parte de diretores de Unidades), muitas vezes não havia clareza das responsabilidades de supervisores que cuidavam da gestão e acompanhamento de todas as FEBENS do Estado de São Paulo.

Essa falta de clareza das funções tinha como consequência a desresponsabilização no desenvolvimento de ações e principalmente na tomada de decisões. E a alta rotatividade de diretores e coordenadores pedagógicos comprometia o investimento na formação continuada desses profissionais.

Enfim, com base nesse conjunto de informações é possível constatar que nas Unidades pesquisadas não foram previstas algumas condições necessárias para o cumprimento de uma medida que se pretende educativa. Vale ressaltar que a implementação de uma política pública de educação exige algumas condições que devem ser pensadas e negociadas a priori, pois influenciam diretamente nos seus resultados.

A FEBEM não foi planejada para atendimento educacional e isso é percebido na própria infra-estrutura física das Unidades. Não há espaço para educação e quando há não é suficiente para a quantidade de alunos.

Além disso, não existem critérios para a organização das populações de cada uma

²⁸ Esse dado foi coletado na Unidade M dia 08/03/04 e na Unidade F dia 13/09/04.

delas, não importa a idade, nem o ato infracional, todos convivem juntos no mesmo espaço.

O art. 123 do ECA prevê a separação dos adolescentes por idade, compleição física e pela gravidade da infração cometida. O que se espera com esses cuidados é a prevenção, ou pelo menos, a contenção em limites mínimos, de violência que pode ser cometida pelos adolescentes uns contra os outros.

Apesar desses três critérios adotados pelo ECA serem categorias objetivas do ponto de vista da precisão, é importante enfatizar que eles são extremamente frágeis se considerados do ponto de vista das realidades humanas complexas. Deste modo, é fundamental que ao lado desses critérios, existam outras variáveis que permitam ao educador a realização de uma avaliação mais refinada sobre as características de cada um dos seus educandos.

Outro aspecto preocupante é com relação à grande quantidade de adolescentes que não deveriam estar nas UIPs e que estão por causa da superlotação nas UIs, o que revela um inchaço nas Unidades. Mais que isso. Descaracteriza a Unidade de Internação Provisória que na verdade não é provisória, pois abriga um percentual significativo de adolescentes que cumprem sentença de UI, o que afeta decisivamente seus direitos à educação regular, dentre outros.

Não seria possível a privação de liberdade ser entendida como medida socioeducativa sem que algumas condições fossem garantidas para que a educação pudesse acontecer. A legislação prevê o aspecto educativo, entendido como proteção integral e acesso à formação e informação, mas os dados coletados revelam que faltam condições e práticas reais para a garantia desse direito.

2.2.1 - Os (as) Alunos (as)

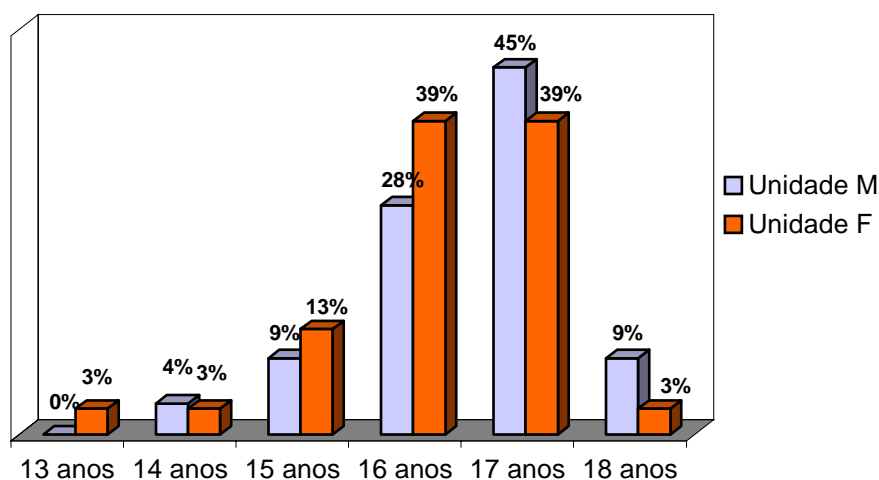
Os dados que embasaram esse item da pesquisa foram coletados nos questionários. Na Unidade M cinquenta e três adolescentes responderam as questões, o que equivalia a 30,5% dos meninos internados no dia e na Unidade F, trinta e uma adolescentes responderam o questionário, o que representava 62% das meninas internadas²⁹.

As informações coletadas referentes à idade dos/as adolescentes, revelaram que a maioria dos jovens da Unidade M (45%) tinha 17 anos e na Unidade F existia o mesmo

²⁹ Os dados são relativos ao número de adolescentes que estavam internados no dia 28/05/04 na Unidade M e no dia 07/06/04 na Unidade F.

percentual de meninas (39%) entre 16 e 17 anos de idade.

Gráfico I. Idade dos/as alunos/as



De acordo com o gráfico é possível perceber que o maior percentual de adolescentes, tanto na Unidade M (73%), como na Unidade F (78%), estava na faixa entre 16 e 17 anos de idade. Se essa análise for feita com base na faixa etária prevista para a juventude (entre 15 e 24 anos), a população jovem representaria 94% das meninas e 91% dos meninos privados de liberdade nessas Unidades.

O fato de não existir nenhum adolescente na Unidade M com 13 anos se justifica na medida em que a faixa etária da população desta UIP é de 14 a 20 anos e 11 meses de idade.

Assim, os/as alunos/as que responderam as questões são, de modo geral, jovens/adolescentes. Sobre essa categoria da população, Vicentin (2002) já afirmava.

“São muitas as produções científicas sobre a juventude que desconhecem ou negam suas potencialidades: a juventude vista como subcultura marginal e delinqüente; como população em risco; como etapa transitória, na qual se está, mas todavia, não se é” (p.6).

Ainda hoje se atribui um caráter potencialmente problemático à juventude. Uma fase da vida que, na sociedade atual - a qual inclui características como a industrialização, especialização ocupacional, urbanização, avanços tecnológicos, crescimento dos meios de comunicação de massa - necessita de espaços públicos de participação social num sistema multiparticipativo e aberto da cidadania social, cujos sujeitos são adultos, crianças e jovens.

Sobre o estado civil desses jovens, nota-se na Tabela II-III que 75% deles não são

casados. Se essa análise for feita tendo em vista os gêneros, o percentual de meninas (38,7%) casadas é mais significativo que o de meninos (15%).

Tabela II-III Estado civil

Unidade	Solteiro (a)		Casado (a)		NR		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
M	45	85,0	08	15,0	-	-	53	100,0
F	18	58,1	12	38,7	01	3,2	31	100,0
Total	63	75,0	20	23,8	01	1,2	84	100,0

Das meninas que responderam o questionário 29% são adolescentes mães. Sobre esse aspecto é interessante comentar que em 2004 foi inaugurada também na Mooca uma Unidade da FEBEM para as adolescentes mães que poderão ficar com seus filhos durante os primeiros meses de amamentação. Apesar dessa discussão não ser o foco desta pesquisa, vale registrar que essa também é uma política importante que precisa ser cuidada pelos órgãos públicos e sociedade civil.

Sobre a renda familiar, é importante destacar que a maioria das famílias dos/as alunos/as (29,8%) têm uma renda de até um salário mínimo (um SM corresponde a 260 reais, em 2004).

Além disso, de acordo com os dados coletados, um percentual significativo de famílias dos/as adolescentes (58,4%) têm uma renda de até três salários mínimos e na faixa acima de dez SM encontram-se apenas 4,8%.

Tabela II-IV Renda familiar

Faixa de renda (salário mínimo - SM)	Valor absoluto	Valor percentual
Até 1	25	29,8
De 1 a 3	24	28,6
De 3 a 5	16	19,0
De 5 a 10	07	8,3
Mais de 10	04	4,8
NR	08	9,5
Total	84	100,0

Estas informações já permitem uma idéia mais precisa da condição sócio-econômica dos/as jovens que se encontram nas FEBENS.

Assim, é possível inferir que, de modo geral, adolescentes que têm uma condição sócio-econômica mais favorável não estão privados de liberdade nas FEBENS, já que os dados revelam somente a existência de uma população jovem menos favorecida economicamente cumprindo sentença de privação de liberdade.

“O que temos então não é uma delinquência produzida pelos pobres. Temos um sistema de controle social que prioriza como alvo as pessoas desprovidas de capitais para responsabilizá-las e dar uma resposta à sociedade sobre a questão do delito” (Volpi, 2001, p.119).

Sobre a quantidade de pessoas que moravam com os/as jovens, nota-se que mais da metade (51,2%) tem de quatro a seis pessoas em suas residências.

Tabela II-V Quantidade de pessoas que moram com os adolescentes

Faixa de moradores (pessoas)	Valor absoluto	Valor percentual
Até 3	13	15,5
De 4 a 6	43	51,2
De 7 a 9	15	17,9
Mais de 10	07	8,3
NR	06	7,1
Total	84	100

Considerando que apenas 4,8% dos/as adolescentes disseram que não moravam com familiares, é possível contatar que são bastante numerosas as famílias desses jovens, já que aproximadamente 69,1% delas são constituídas de quatro a nove pessoas.

Com base na relação entre quantidade de pessoas que compõe a família e sua renda, nota-se que a situação sócio-econômica desses adolescentes é bastante precária, na medida em que o maior percentual das famílias (58,4%) está na faixa de renda de até três SM e a maioria delas (51,2%) tem de quatro a seis pessoas.

Interessante comentar que o fato de não existir adolescentes nas FEBENS numa condição sócio-econômica considerada privilegiada, mostra que essa condição é um dos

determinantes nos processos que definem quem será ou não privado de liberdade³⁰.

Sobre a escolaridade dos membros das famílias dos/as jovens, nota-se na Tabela II-VI que 46,4% dos pais dos/as adolescentes não concluíram o ensino fundamental.

Tabela II-VI Escolaridade dos membros da família

Faixa de moradores (pessoas)	Pai ou padrasto		Mãe ou madrasta		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
Nenhuma escolaridade	08	9,5	09	10,7	17	10,2
Ensino Fundamental incompleto	37	44,0	41	48,8	78	46,4
Ensino Fundamental completo	05	6,0	10	11,9	15	8,9
Ensino Médio incompleto	01	1,2	06	7,1	07	4,2
Ensino Médio completo	08	9,5	04	4,8	12	7,1
Superior incompleto	02	2,4	01	1,2	03	1,8
Superior completo	04	4,8	01	1,2	05	3,0
NR	19	22,6	12	14,3	31	18,4
Total	84	100	84	100	168	100

Importante comentar que é relevante a quantidade de pais (10,2%) que não freqüentaram a escola, já que é o percentual mais significativo depois do referente à não conclusão do fundamental (desconsiderando o percentual de alunos que não responderam a questão).

Outro aspecto que chama atenção nos dados é que somente 4,8% dos pais ingressaram no Ensino Superior e apenas 3% concluíram.

As informações fornecidas pelos/as adolescentes referentes à escolaridade dos membros da família revelam a baixa escolaridade dos pais de adolescentes que estão na FEBEM. Isso significa que quando há experiências na família relativa à educação escolar, são frágeis, o que pode contribuir nos processos de educabilidade desses jovens.

O conceito de educabilidade parte do pressuposto de que o homem é potencialmente educável, porém, essa potencialidade se efetiva no existir e suas circunstâncias. Essas circunstâncias estão diretamente relacionadas às condições materiais, aos recursos sociais e

³⁰Segundo Volpi (2001) “(...) ao analisarmos os processos nas Justiça da Infância e da Juventude observamos que a prática de delitos ocorre em todas as classes sociais. A resposta social é que é diferente para cada caso” (p.118).

culturais existentes e utilizados pelo homem e também nas relações compartilhadas com outras pessoas. Todos esses aspectos influenciam na educabilidade, otimizando-a ou não³¹.

Assim, os pais também têm contribuições na educabilidade dos/as adolescentes, mas é preciso que eles tenham condições e compreensão da importância de atuar e fazer parte da vida desses jovens.

O SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) no ano de 1995 procurou pesquisar relações entre as variáveis intra-escolares e extra-escolares e um dos resultados foi que alunos de pais com baixo nível educacional obtiveram resultados menos favoráveis nas avaliações; o que revela alguma influência e contribuição da família nos processos de aprendizagem dos alunos.

Um aspecto importante na vida desses jovens é a inserção no mercado de trabalho e 57,1% dos meninos e meninas que responderam o questionário disseram que trabalhavam antes de estar nas UIPs.

Tabela II-VII Quantidade de adolescentes que trabalhavam

Unidade	Sim		Não		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
M	33	62,3	20	37,7	53	100
F	15	48,4	16	51,6	31	100
Total	48	57,1	36	42,9	84	100

Certamente, um dos fatores que influencia o ingresso precoce dos/as jovens no mercado de trabalho é a condição sócio-econômica, ou seja, trata-se de uma necessidade financeira e de sobrevivência.

Além disso, o trabalho na visão dos jovens pode ser entendido como uma importante oportunidade de aprendizado. Assim, uma pesquisa realizada em escolas estaduais de São Paulo com jovens do ensino médio revelou que

“O trabalho tem uma dimensão instrumental (de permitir uma relativa autonomia financeira), mas também uma forte dimensão educativa, como oportunidade de aprender coisas novas e conhecer gente diferente” (Souza, 2003, p. 138).

³¹ Dias in: Schilling (org.) (2005).

Sem dúvida, o trabalho possibilita aprendizados, mas é importante que para os/as jovens esses aprendizados não substituam os que devem ser incorporados por eles/as na escola e também que a própria escola não se faça substituível, pois somente ela pode cumprir seu papel social.

O conjunto de informações fornecido neste item da pesquisa é sobre meninos e meninas que estavam internados nas FEBENS. E numa síntese geral sobre o perfil desse público poderíamos constatar que são jovens; solteiros/as; trabalhadores/as; um número significativo de adolescentes mães; encontravam-se em uma condição pouco favorecida economicamente e que têm pais com baixa escolaridade.

O que esses dados revelam?

De acordo com Volpi (2001) trata-se da “(...) *atuação da justiça como mecanismo ideológico de seleção dos autores de ato infracional para sancionar*” (p.119).

O sistema penal é fundamento de um poder que não está interessado em humanizar as instituições de contenção, pois elas já são uma forma de humanização, ou seja, são processos construídos historicamente pelos homens.

A discussão sobre os percursos e vivências escolares dos/as adolescentes será realizada no próximo capítulo, pois ela também é parte da reflexão sobre o perfil desses jovens que passam pela experiência da privação de liberdade.

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO COMO DIREITO HUMANO OU EDUCAÇÃO COMO DIREITO SUSPENSO?

3.1 - O Direito à Educação

Atualmente, a discussão sobre Educação como Direito Humano ou mesmo Educação para Todos tem sido questionada por diferentes autores ligados à área educacional (Torres, 2001; Charlot, 2001; Souza, 2001). Isto porque poucos são os avanços, sobretudo na realidade brasileira referentes à implementação de políticas educativas que contribuam para a melhoria da qualidade do ensino público, ou mesmo que desenvolvam ações para que outros espaços de aprendizagens, que não a escola, sirvam como ferramenta para a inclusão de crianças, jovens e adultos como sujeitos pensantes, capazes de realizar e defender todos os outros direitos que lhes foram atribuídos.

A idéia de que a educação não se refere apenas à educação escolar, apesar dela ser fundamental, mas que além da escola, também a família, comunidade e os meios de comunicação são considerados ambientes educativos e, portanto, responsáveis por esse processo, é um dos aspectos que fundamenta a Educação como Direito Humano e que foi (re) definido na Conferência Mundial sobre "Educação para Todos" realizada em março de 1990 em Jomtien, Tailândia.

Surge, em Jomtien, a necessidade de retomar as questões educativas como prioridades no mundo inteiro dentro desta visão ampliada e renovada da educação básica, entendida como educação de crianças, jovens e adultos e também como escolar e extra-escolar. Ao mesmo tempo, durante a Conferência, foi defendida a importância dos países darem atenção especial às camadas da população consideradas excluídas (pobres, mulheres etc)³².

A visão ampliada de educação básica reforçou a idéia de que esta se realiza ao longo de toda a vida, desde o nascimento, em múltiplos ambientes de aprendizagem e por diversos meios.

No entanto, de acordo com Torres (2001) a visão ampliada ficou apenas nas idéias, já que os resultados, após 10 anos da Conferência Mundial, apontaram para a ausência de

³² Torres (2001).

políticas educacionais que considerassem as interconexões família-escola, comunidade-escola, comunicação-escola, mundo-escola. E as ações realizadas ficaram limitadas apenas à escola.

O que ainda precisa ser compreendido é que essas interconexões e articulações, sem dúvida, contribuem para a própria melhoria da qualidade da educação escolar.

Considerada a redução da idéia de educação ampliada para educação escolar, principalmente no que se refere ao ensino fundamental, ainda assim, é possível perceber, sobretudo nas escolas públicas brasileiras, que a ênfase está no acesso, mais do que na permanência, na conclusão dos ciclos escolares e nas aprendizagens dos alunos e professores. O fato de garantir o acesso dos alunos à escola, não significa garantia de aprendizagens e qualidade de ensino.

Um fator que contribuiu para esse quadro foi a uniformização da política educativa em escala global que está diretamente vinculada ao crescente peso dos mecanismos internacionais no projeto e na execução da política educativa nos países em desenvolvimento.

O fato de, por exemplo, o Banco Mundial ser o parceiro mais forte da Educação para Todos, inclui interesses econômicos e políticos numa ótica neoliberal, principalmente sobre os chamados países do "Terceiro Mundo". Muitos desses países inclusive o Brasil obtiveram, após 10 anos da realização da Conferência, resultados de natureza quantitativa, ou seja, cresceu a oferta de vagas, principalmente no que se refere ao ensino fundamental, sem qualidade de ensino.

Assim, segundo Torres (2001) apesar do crescimento da oferta de vagas, não houve melhoria na qualidade de ensino e a má qualidade repercute nos altos índices de evasão, repetência e distorção idade/série.

Aspectos como a falta de manutenção das escolas, que reflete as péssimas condições dos prédios e dos recursos materiais; a superlotação das salas de aula; a falta de material didático para alunos e de apoio para professores; as más condições de trabalho dos docentes somadas à desvalorização crescente da profissão, que reflete os baixos salários e a baixa qualificação profissional, o que impede melhor atuação docente; formam um conjunto articulado de fatores que fizeram com que a escola pública, ao se massificar não fosse acompanhada por bons padrões de qualidade.

Vale ressaltar que frequentemente as noções de necessidade e aprendizagem sempre são postas ao lado do aluno, daquele que aprende. Dificilmente o professor é considerado como alguém que também está inserido no processo de aprendizagem, que tem demandas e que precisa de formação continuada ao ser docente. Assim, a formação inicial e continuada

dos professores é condição de viabilidade e eficácia de qualquer política educativa que tenha como perspectiva uma escola pública de melhor qualidade.

Atualmente, os esforços realizados no âmbito da formação docente estão mais voltados para treinamento de técnicas e menos para questões políticas e éticas. Isso não significa que a técnica não é necessária e importante, mas não basta para enfrentar as transformações educativas e o "novo lugar" destinado aos professores em um mundo ao mesmo tempo globalizado e tão desigual.

O Direito à educação escolar no Brasil, está a muitos anos estabelecido em lei. O que acontece é que a promulgação do direito à escolarização se adianta muito à sua implantação, à sua efetivação. De acordo com Haddad (2003)

Nós, lutadores pelo Direito à Educação Escolar, estamos sempre pressionando os governos para que cumpram aquilo que está colocado em lei, desde o tempo do Império, quando o direito ao Ensino Primário já estava garantido constitucionalmente, até hoje, com a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Plano Nacional de Educação (PNE) (p. 04).

Uma nova forma de exclusão social na educação vem ocorrendo, não mais relativa à ausência de vagas, mas à qualidade do ensino, o que faz com que os alunos não aprendam o que é necessário aprender. A Educação para Todos deve ir além de conseguir que todas as crianças, jovens e adultos entrem na escola.

Certamente, a educação, tanto escolar, como extra-escolar é ferramenta fundamental para que mudanças sejam possíveis, mas não é a única. A escola continua sendo vista, inclusive pelos próprios educadores, como a grande responsável pela transformação social e pela diminuição das desigualdades, porém, é preciso tomar cuidado.

As estratégias para melhorar a educabilidade dos alunos de setores pobres que buscam, em última estância, aliviar a pobreza dentro da escola como servir lanches, café da manhã, almoço ou mesmo pequenos subsídios para a família, está muito longe do enfoque e das políticas multissetoriais capazes de enfrentar alguns dos fatores que incidem de maneira direta na educação e na própria possibilidade de aprender: pobreza, desnutrição, desemprego, falta de acesso a material de leitura etc.

A educação precisa estar integrada à política social, à política econômica, à política cultural. Mudança educativa vinda de baixo, do local. A diminuição da desigualdade requer intervenções diretas e integrais que partam não somente do educativo, mas da economia e da política.

São questões que dizem respeito não apenas a professores, alunos e seus pais, antes

estão colocadas para o conjunto da nossa sociedade, como tarefa de todos.

Neste estudo, a discussão sobre o Direito à Educação como tarefa de todos estará voltada para um segmento específico da população: adolescentes que se encontram em uma situação limite, a da privação de liberdade.

As reflexões, nesse caso, serão em torno das contradições existentes entre as normas legais que garantem o Direito à Educação e as práticas reais que o explicitam como um Direito **Suspenso** à Educação de adolescentes autores de atos infracionais.

3.2 - O Direito Suspenso à Educação de Crianças e Adolescentes

O movimento da sociedade civil nos últimos anos vem produzindo e constituindo novos direitos, na defesa e respeito às diferenças e pela superação das desigualdades. Diferenças relativas às faixas etárias, às questões de gênero, etnia, aos grupos vulneráveis têm sido consideradas. Esses aspectos trazem para o campo educacional uma série de condicionamentos e lutas por direitos, particularmente o direito à diferença, o que é fundamental, sobretudo em um país como o Brasil que tem como uma das principais características a multiplicidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (ECA) é uma experiência concreta de formulação de direitos para um grupo social específico. No capítulo IV dessa legislação é garantido o direito à educação a todas as crianças e adolescentes brasileiros.

Entretanto, a finalidade deste item da pesquisa é refletir sobre as experiências de educação escolar de adolescentes que se encontram numa situação limite: a da privação de liberdade.

Essa experiência escolar se refere ao processo vivido pelos adolescentes antes de se encontrarem numa situação de contenção. A idéia é compreender o percurso escolar e as contribuições da escola na formação desses jovens.

Assim, as informações referentes à maneira pela qual os/as adolescentes vinham realizando seus estudos antes de estarem na FEBEM revelam que a grande maioria deles/as (91,7%) estudava em escola pública.

Tabela III-I Maneira pela qual vinham realizando os estudos

Unidade	Todo em escola pública		Todo em escola particular		Parte em escola pública, parte em particular	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
M	48	90,6	–	–	05	9,4
F	29	93,5	–	–	02	6,5
Total	77	91,7	–	–	07	8,3

O fato de nenhum aluno/a ter estudado em escola particular, mostra que os/as adolescentes internados/as na FEBEM têm na escola pública o principal e, às vezes, o único meio de acesso ao conhecimento escolar. Isto revela que a escola pública tem contribuições na formação desses alunos, nos seus valores, atitudes, escolhas e em seus projetos para a vida individual e social.

Certamente, esses dados mostram a importância de serem criadas condições para que a escola cumpra sua função social. Isto porque os meninos e as meninas que responderam o questionário e que se encontravam em situação de privação de liberdade na FEBEM/SP estão sendo formados também nas escolas públicas e, portanto, ela tem papel fundamental na formulação de seus projetos de vida.

Sobre a relação idade/série desses jovens, 85,6% deles se encontram na faixa etária entre 15 e 17 anos e, nessa faixa, a maioria tem 17 anos de idade (42,8%).

Tabela III-II Idade

Idade	Unidade M		Unidade F		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
13	–	–	01	3,2	01	1,2
14	02	3,8	01	3,2	03	3,5
15	05	9,4	04	13	09	10,7
16	15	28,3	12	38,7	27	32,1
17	24	45,3	12	38,7	36	42,8
18	05	9,4	01	3,2	06	7,1
NR	02	3,8	–	–	02	2,4
Total	53	100	31	100	84	100

Com relação às séries que os meninos e as meninas estavam cursando antes de irem

para a FEBEM, nota-se que 60,7% deles estavam no segundo ciclo do ensino fundamental (5ª a 8ª série) e, desse percentual, a maioria estudava na 7ª série (23,8%).

Tabela III-III Série que estavam cursando

Séries	Unidade M		Unidade F		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
1ª	–	–	01	3,2	01	1,2
2ª	01	1,9	01	3,2	02	2,4
3ª	01	1,9	03	9,7	04	4,7
4ª	01	1,9	02	6,5	03	3,6
5ª	03	5,7	03	9,7	06	7,1
6ª	07	13,2	05	16,1	12	14,3
7ª	12	22,6	08	25,8	20	23,8
8ª	10	18,9	03	9,7	13	15,5
1º col.	06	11,3	–	–	06	7,1
2º col.	01	1,9	–	–	01	1,2
3º col.	03	5,7	–	–	03	3,6
NR	08	15,0	05	16,1	13	15,5
Total	53	100	31	100	84	100

Para verificar a defasagem, adotou-se a distribuição etária ideal do MEC – Ministério da Educação, que é de 7 a 10 anos de idade para a frequência às quatro primeiras séries do ensino fundamental; de 11 a 14 anos de idade para a frequência às quatro últimas séries do ensino fundamental e de 15 a 17 anos de idade para a frequência às três séries do ensino médio. Considerou-se também a sugestão do educador colombiano Bernardo Toro, de definir aluno “defasado” como aquele que apresenta um ano de diferença da idade ideal e “muito defasado” o que apresenta dois ou mais anos de diferença.

Na análise da relação idade/série desses adolescentes, o que chama atenção é que a grande maioria (85,6%) encontra-se entre 15 e 17 anos e essa é a faixa prevista oficialmente para o percurso de escolarização média. Porém, apenas 11,9% deles estavam cursando o ensino médio.

A maioria dos/as jovens (60,7%) estava cursando o segundo ciclo do ensino fundamental (5ª a 8ª séries) e somente 4,7% deles se encontram em idade apropriada para esse ciclo escolar.

Outro aspecto importante é que 11,9% desses jovens estudavam no primeiro ciclo do ensino fundamental (1º ao 4º ano) e não havia nenhum adolescente na faixa etária prevista para esse ciclo escolar, ou seja, entre 07 e 10 anos de idade.

Além disso, se for feita uma análise com base nas diferentes Unidades que participaram da pesquisa, o que chama atenção é que na feminina, nenhuma menina estudava no ensino médio antes de estar na FEBEM e 90,4% delas se encontravam na faixa entre 15 e 17 anos. Já na Unidade masculina, 18,9% dos meninos se encontravam nesse nível de ensino, mas esse percentual é baixo se for considerado que 83% deles se encontravam na faixa prevista oficialmente para o percurso de escolarização média.

Com base nos dados apresentados é possível perceber que é bastante surpreendente a situação de defasagem idade-série dos/as adolescentes que responderam os questionários. A defasagem é um aspecto que desestimula a continuidade dos estudos e há grandes possibilidades do aluno defasado perder o interesse pela escola.

Embora a defasagem possa ser resultante de um ingresso tardio no sistema de ensino ou por causa do abandono é, em geral, determinada pela repetência.

Sobre as questões relativas à repetência, a grande maioria dos/as adolescentes (83,3%) disse que já repetiu de ano alguma vez, 15,5% nunca repetiu e 1,2% não respondeu a questão.

Tabela III-IV Quantidade (N) e percentual de repetência

Unidade	Sim		Não		NR		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
M	45	85	07	13,2	01	1,8	53	100
F	25	80,6	06	19,2	–	–	31	100
Total	70	83,3	13	15,5	01	1,2	84	100

Tabela III-V Quantidade de vezes que os alunos repetiram de ano na escola

Unidade	1 vez		2 vezes		3 vezes		4 vezes		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
M	19	42,2	19	42,2	06	13,4	01	2,2	45	100
F	09	36	09	36	07	28,0	–	–	25	100
Total	28	40,0	28	40,0	13	18,6	01	1,4	70	100

O que chama atenção nas respostas dos/as jovens é que, além do elevado índice de repetência, 60% dos/as alunos/as que já repetiram de ano alguma vez podem ser considerados/as “muito defasados”, já que as informações da Tabela III- V revelam que esse é o percentual de jovens que repetiu duas ou mais vezes algum ano durante o percurso escolar. Isso se o restante dos/as adolescentes (40%) estiver apenas com um ano de diferença da idade ideal, já que, como citado anteriormente, existem outros motivos pelos quais a defasagem pode ser resultante.

O abandono é um outro fator que pode contribuir para a defasagem, porém, existem dispositivos legais que são utilizados como estratégias para que alunos possam ingressar na série adequada à sua idade como, por exemplo, a reclassificação.

Entretanto, mesmo se o aluno não ficar defasado por causa da reclassificação, a questão da evasão é considerada; independente do tempo que ele ficou fora da escola. Assim, com base na Tabela III- VI, torna-se visível o alto percentual de jovens (78,6%) evadidos do sistema escolar.

Tabela III-VI Quantidade (N) e percentual de abandono

Unidade	Sim		Não		NR		Total	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
M	38	71,7	15	28,3	–	–	53	100
F	28	90,3	03	9,7	–	–	31	100
Total	66	78,6	18	21,4	–	–	84	100

Ao serem questionados sobre os motivos que fizeram com que eles/as repetissem de ano e também pelos quais abandonaram os estudos, nota-se que o maior percentual, tanto na questão referente à repetência (29,8%), como à evasão (31,3%) foi relativo ao desinteresse pela escola.

Tabela III-VII Motivos pelos quais os adolescentes repetiram de ano

Motivos	Valor absoluto	Valor percentual
Desinteresse/ Não gostava da escola	25	29,8
Falta	24	28,6
Comportamento/ Indisciplina	11	13

Trabalho	09	10,7
Dificuldade de aprendizado	07	8,3
Problemas de saúde	02	2,4
Problemas familiares	01	1,2
Gravidez	01	1,2
Drogas	01	1,2
NR	03	3,6
Total	84	100

Tabela III-VIII Motivos pelos quais os adolescentes abandonaram a escola

Motivos	Valor absoluto	Valor percentual
Desinteresse/ Não gostava da escola	21	31,3
Trabalho	13	19,4
Mudança de residência/ cidade/ estado	06	9
Gravidez/ Cuidar dos filhos	03	4,5
Drogas	02	3,0
Dificuldades de aprendizado	01	1,5
Repetência	01	1,5
Indisciplina	01	1,5
NR	19	28,3
Total	67	100

De acordo com as Tabelas III- VII e III- VIII, a escola não é um espaço interessante na opinião dos/as alunos/as. Como consequência disso, ela também pode ser responsabilizada pela exclusão desses jovens do sistema de ensino.

“(…) apesar da garantia do acesso à escola pública, muitos alunos são reprovados e abandonam seus estudos. Entre os fatores responsáveis por essa situação, muitos estudos e muitas pesquisas têm apontado a baixa qualidade do ensino e a inadequação da escola aos jovens das camadas populares (…) o ensino público brasileiro ainda não garante aos alunos as condições necessárias e suficientes para o desenvolvimento de uma relação pessoal significativa com o (s) saber (es)” (Charlot, 2001, p.33).

Parece que esses alunos/as da rede pública ainda não conseguiram encontrar um sentido para aquilo que a escola ensina e por isso dizem que não se interessam ou mesmo que não gostam dela. Numa pesquisa realizada com jovens entre 13 e 17 anos de idade, que

viviam em bairros de baixa renda da cidade de São Paulo e que estudavam em escolas públicas notou-se que

“(…) o espaço escolar é evocado [pelos jovens] principalmente como um lugar de pouco apoio e de fracas referências positivas, a não ser quando considerado como meio para obter uma profissão (…) um espaço de interação e, acima de tudo, de reconhecimento recíproco (…)” (Charlot, 2001, p.48).

A questão do trabalho aparece nas respostas dos/as adolescentes como um aspecto que interfere significativamente na trajetória escolar e, dessa forma, no processo de aprendizagem dos alunos e alunas.

De acordo com as Tabelas III-VII e III-VIII, 10,7% dos/as adolescentes repetiram de ano por trabalharem e um percentual ainda mais significativo (19,4%) parou de estudar para trabalhar, o que indica prioridade ou mesmo necessidade econômica dos/as jovens que estão na FEBEM de trabalharem.

A dificuldade de aprendizado também aparece como um importante aspecto a ser comentado, já que 8,3% dos meninos e meninas explicitaram que tinham dificuldades para aprender e por isso repetiram de ano. O fato dos/as adolescentes colocarem suas dificuldades como motivo da repetência parece revelar a crença de que o problema de não conseguirem aprender está exclusivamente neles, o que contribui negativamente na constituição da auto-imagem desses jovens.

A análise do conjunto dos dados apresentados até aqui permite perceber que os/as adolescentes que responderam os questionários, estudantes da escola pública, antes de estarem privados do direito de ir e vir, estavam privados do direito a uma educação escolar de qualidade.

Se a qualidade precária repercute nos altos índices de evasão, repetência e distorção idade/série, nota-se que o direito desses adolescentes à educação de boa qualidade permanece como direito suspenso.

O exercício do direito à educação regular exige condições para que sua efetivação seja possível e também sistemas de acompanhamento e avaliação do ensino público e privado pelos órgãos responsáveis para que gestores e professores das escolas, famílias e sociedade como um todo, tenham referências de estima da qualidade do ensino público.

De acordo com Sacristán (2001) *“a necessidade de restabelecer o sentido da educação é essencial para que esta resulte em um conceito e em um projeto transparentes para a mais ampla base de população, renovando, dessa forma o compromisso com a*

mesma”(p.13).

Seria importante que setores representativos da sociedade avaliassem criticamente o ensino público e seus resultados para que exijam, encaminhem e efetuem políticas educacionais que enfrentem esses problemas com a urgência necessária, já que o ensino público regular tem contribuído para a expulsar seus alunos da escola.

Se nossos/as jovens antes de serem alunos na escola da FEBEM, estavam sendo formados também pela escola pública, ela pode ser responsabilizada por contribuir pela situação em que eles se encontram, já que, de alguma forma, influenciou em seus projetos de vida.

A idéia do direito a um determinado nível de escolarização básica é consenso no mundo ocidental e isso fica evidenciado em documentos como a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), a Declaração Universal da Educação para Todos (1990) e a Declaração dos Direitos da Criança (1998).

Porém, para a garantia da qualidade não basta haver consenso da necessidade do ensino regular e legislações escritas. É preciso que esse consenso seja efetivado na prática, tendo em vista conteúdos, valores e habilidades a serem oferecidos nas escolas.

Sociedades que têm preocupação com a qualidade da educação

“(…) não estão somente respondendo aos interesses individuais da clientela das escolas, ou às necessidades do sistema produtivo, mas principalmente assegurando o desenvolvimento social e a sobrevivência dos valores democráticos para o conjunto da população” (Campos, 2000: 38).

Com relação aos jovens que se encontravam nas Unidades da FEBEM/SP é interessante termos clareza de suas experiências escolares para avançarmos na discussão sobre a política pública de educação implementada nas UIPs. A partir daí, suas falas e opiniões fazem mais sentido.

Sendo assim, vale enfatizar que apesar de existir legislações que garantam o Direito à Educação desses adolescentes, antes de cumprirem uma medida que os privou do direito de ir e vir, estavam alijados do direito à educação de boa qualidade. Na prática seu Direito à Educação é um Direito **Suspense** e é sobre isso que devemos falar e intervir.

3.3 – A relação dos/as alunos/as com o projeto Educação e Cidadania

A idéia deste item da pesquisa é buscar elementos nas entrevistas com os/as adolescentes que permitam entender a relação deles com a proposta curricular implementada nas UIPs, quais os elementos que aparecem associados ao projeto *Educação e Cidadania* e que estimularam ou não desejo nos alunos em aprender.

O que está em jogo nesse caso é a relação desses jovens com o saber. Segundo Charlot (2001) “(...) *só há saber em uma certa relação com o saber (...) não se pode ter acesso a um saber ou, mais genericamente, aprender, se, ao mesmo tempo, não entrar nas relações que supõe (e desenvolvem) este saber, este aprender*” (p.17).

De acordo com Charlot (2001) discussões sobre a relação entre o desejo e o saber vem sendo realizadas principalmente em perspectivas psicanalistas e sociológicas. Porém, ela pode também ser pensada do ponto de vista da didática, isto é, indagando-se sobre as condições de transmissão de um saber ou sobre as condições de aprendizagem desta ou daquela “prática social”. Mas, segundo o autor, mesmo quando as condições didáticas são favoráveis, nada impede que certos alunos não aprendam.

Numa pesquisa já mencionada neste estudo com jovens entre 13 e 17 anos de idade, que estudavam em escolas públicas, Charlot (2001) constatou que na visão dos alunos

“(...) a maior parte dos comentários a respeito de saberes tipicamente escolares refere-se ao “modo” como eles são trabalhados: os conteúdos não são explicados, não se repete a explicação, as aulas são sempre iguais, repetitivas (...) as cópias dos exercícios do livro didático (...)” (Charlot, 2001, p.47).

Durante as entrevistas com os/as adolescentes, foi possível perceber que eles/as, muitas vezes, também atribuíam seus aprendizados a aspectos relacionados com a metodologia de ensino, ou seja, com a maneira de ensinar dos professores.

Assim, ao serem questionados sobre suas relações com o projeto, diferentes elementos referentes a esse aspecto apareceram nas respostas, tanto das meninas, como dos meninos.

3.3.1 Aspectos referentes à metodologia de ensino

3.3.1.1 Oportunidade de expressão

A oportunidade de expressão durante as atividades do projeto apareceu com bastante frequência nas conversas com os/as alunos/as como um fator que contribui para suas aprendizagens.

“(...) tem um diálogo maior, debate sobre tudo, todos os temas tem debate, então achei super interessante (...)” (adolescente UIP F, 17/10/03).

“(...) aqui tudo a gente aprende (...) a gente socializa as idéias, conversa (...)” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“(...) o que eu aprendi? Saber ter diálogo pra conversar com as pessoas entendeu? (...) conversar, ter união com o próximo entendeu?” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Ah pra mim eu penso que é importante porque pelo menos aqui tão dando valor no que eu penso, na minha opinião” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“(...) aqui dentro eu desenvolvi meu lado crítico das coisas entendeu? Ter a minha própria opinião” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

Alguns adolescentes falaram sobre o conteúdo das atividades, mas justificaram seus aprendizados, na medida em que esses conteúdos possibilitaram que eles se expressassem.

“(...) uma oficina que eu gostei foi de poesia porque é o momento assim que você pode... Aqui a gente não pode ter um diário, alguma coisa parecida né? Aí então foi um momento assim que você podia expressar o que você sente (...) eu fiz um poema sobre separação (...)” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Ah eu gostei de todas [oficinas], mas tem uma que eu mais gostei que foi a de criar um meio e fim da história (...) nossa eu achei muito divertido, muito legal, mostrar que eu posso também pensar né? Que às vezes eu realmente não pensava que eu podia criar coisas e nessa oficina eu vi que eu podia criar também. Achei super interessante e gostei muito” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Eu lembro do tema Saúde, do corpo humano (...) nós vamos fazer até um rap dos órgãos do corpo humano” (adolescente UIP M, 10/11/03).

De acordo com os depoimentos pode-se inferir que a possibilidade de dialogar, defender opiniões, usar criatividade para expor idéias, enfim, ouvir o que os/as alunos/as pensam a partir dos conteúdos trabalhados em sala de aula, é um fator que contribui para que eles/as aprendam na escola.

Interessante que havia momentos nas entrevistas, em que os/as jovens comparavam o projeto com o ensino regular, o qual, de acordo com eles não possibilitava esses momentos.

"(...) eu acho a escola [da UIP]³³ muito bacana, muito interessante que é bem diferente da escola lá fora (...) [o que é diferente] o tratamento, as atividades, tudo, praticamente tudo tem um diálogo (...) debate sobre tudo, todos os temas tem debate, então achei super interessante" (adolescente UIP F, 17/10/03).

Como, segundo os/as jovens, não há diálogo nas salas de aula do ensino regular; a maneira pela qual os conhecimentos são transmitidos faz com que a escola se torne desinteressante.

"(...) as professoras do mundão (...) querem ensinar daquele jeito, empurra e fala: Aí oh! Pode copiar" (adolescente UIP F, 03/06/04).

"(...) [o professor] vai passa na lousa e dá uma explicação, vai copiando (...)" (adolescente UIP M, 10/11/03).

"(...) prefiro estudar aqui dentro (...) porque lá na rua os professores (...) só querem saber de passar lição na lousa, explicou uma vez só e acabou" (adolescente UIP F, 03/06/04).

A prática do professor de "passar lição na lousa para copiar" é comum nas escolas e bastante criticada pelos/as alunos das FEBENS.

Essa prática é aquela em que os educandos tornam-se os depositários e os educadores depositantes. Segundo Freire (1987) estaria ligada a uma concepção bancária de educação, em que o educador detém o saber e o educando é o que nada sabe, ou seja, não considera seu conhecimento prévio para construção de outros conhecimentos num processo de busca.

3.3.1.2 Trabalho em grupo

Outro aspecto que aparece nas conversas com os/as alunos/as como mobilizador de aprendizagens é o trabalho em grupo.

"A gente tem aprendido a conviver em grupo" (adolescente UIP F, 10/03/04).

"Eu acho que a gente trabalhando em grupo fica tudo mais esclarecido porque ali a gente tira dúvidas, ou seja, eu sei uma coisa, o rapaz sabe outra que eu não sei, eu posso tirar uma dúvida com ele. Aqui tudo é em grupo nas salas de aula (...) e eu acho muito importante porque além de ajudar a gente trabalhando em grupo, a gente pode tá conversando, esclarecendo uma dúvida um com outro (...)" (adolescente UIP M, 10/11/03).

³³ Na maioria das vezes os/as adolescentes se referiam ao projeto Educação e Cidadania como "escola da UIP".

“É nas oficinas mesmo [do projeto] que nós aprende mais a trabalhar em grupo, a dividir as coisas, eu gosto (...)” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“(...) os módulos ensinam a gente (...) trabalhar em grupo. Eu não gostava de trabalhar em grupo (...) agora sei lá, acho diferente (...) procuro dividir o que eu sei com as outras meninas, é legal” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“É a forma diferente. Aqui [no projeto] a forma da professora dar aula para nós é a forma mais em grupo. Cada um tem a sua opinião, cada um fala o que quer, respeita a opinião do próximo. Isso daí já deu a cidadania (...) isso daí é uma cidadania, estamos aprendendo aqui dentro mesmo” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Como os colegas disseram em grupo a gente aprende mais né senhora? Se entende, debate, até chegar uma união” (adolescente UIP M, 10/11/03).

“(...) aqui a professora passa pra nós a união, se unidos todos juntos. Aqui a professora passa várias atividades, ela trabalha em grupo (...) o que mais nós sempre mais procura é trabalho em grupo, nós nunca faz individual é sempre em grupo, quando um não sabe outro vai lá explica. A professora sempre trabalha com nós em grupo assim; então fica uma aula interessante que você não sabe só a sua opinião, vê a opinião da classe inteira é assim que ta desenvolvendo o trabalho” (adolescente UIP M, 08/03/2004).

Com base nos depoimentos é possível perceber que os/as alunos/as se interessam e aprendem com os saberes dos colegas e também ao compartilhar seus próprios saberes sobre assuntos trabalhados nas aulas.

Segundo Charlot (2001) apropriar-se de um saber é introduzir-se nas relações que permitiram produzi-lo. É adotar, durante a atividade de aprendizagem a postura (relação com o mundo, com o outro e consigo) que corresponde a essa atividade e dominar as operações específicas de tal atividade.

Assim, para os/as adolescentes o projeto os ensinou a estabelecer relações com outras pessoas para produzir saberes coletivos.

3.3.1.3 Trabalho com grupos heterogêneos

Uma das características do projeto é a realização de um trabalho desseriado, no qual são discutidos assuntos de diferentes áreas do conhecimento num mesmo tema. Assim, na mesma sala havia alunos que estudavam no ensino médio antes de ingressarem na UIP e alunos não alfabetizados ou com muitas dificuldades de leitura e escrita.

Um grupo assim tão heterogêneo para alguns professores tornava-se um complicador, pois eles diziam que era preciso um atendimento quase que individual para aqueles alunos com muitas dificuldades, o que prejudicava o restante da sala.

Os professores que conseguiam desenvolver uma proposta com o grupo heterogêneo estimulando questões como oralidade e a solidariedade entre os/as alunos/as mobilizavam aprendizados como apontam os depoimentos.

“(...) quando ela não sabe ler a professora fala: “Oh você não sabe ler então você desenha”. Então ela desenha tudo e ela pega e fala (...) porque a gente faz oficina aí explica um pouco, cada um fala o que fez né? (...) que nem hoje foi a oficina do que a gente mais gosta, os pequenos prazeres do que a gente mais gosta. Aí, ela [aluna não alfabetizada] pegou falou assim: “Ah eu gosto da minha casa, eu gosto do parquinho, eu gosto de ficar um pouco na rua e eu gosto disso e daquilo” (...) e assim ela participa” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“Eu acho legal essa mistura assim de classe porque eu to na 5ª vamos supor se a A. fosse da minha sala ela ia ser da 7ª, a outra do 1º [ano do ensino médio], a outra do Magistério. Então coisas que a gente não sabe elas sabem, então elas passam pra gente” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“(...) que eu não sei ler nem escrever, mas sempre fico ali procurando saber, fazer, me interesse pelas fichas (...)” (adolescente UIP F, 17/10/03).

“(...) tem muitas meninas na minha sala que tem um pouco de dificuldade e é gratificante você estar ensinando pra ela, você estar explicando pra ela e ela saber fazer (...)” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“(...) se a professora tiver ocupada e se o menor não entender aquilo, pergunta. Nós ensina, nós que lê, nós que sabe ler e escrever, nós vai lá” (adolescente UIP M, 10/11/03).

“Se alguém não entendeu a professora tá explicando pra outra pessoa, o aluno que não entendeu não precisa chamar a professora. Chega no rapaz que tiver do lado, fala: “Não entendi tal coisa”. O rapaz que ta do lado não nega de ensinar (...)” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

Durante as conversas tanto com adolescentes da UIP F, como da UIP M foi possível perceber que existe uma certa disponibilidade dos alunos em ensinar àqueles que têm mais dificuldades. Mais que isso: os/as jovens, na medida em que assumem o papel de quem ensina se sentem bem, sentem prazer.

“(...) aprendi muitas coisas com esse projeto saúde (...) saber que eu posso ajudar alguém, falando às vezes as mesmas coisas que eu aprendi” (adolescente UIP F, 17/10/03).

“(...) porque eu tenho filho (...) tudo que eu aprendi aqui eu vou falar pra ele também” (adolescente UIP F, 17/10/03).

“(...) gostaria de passar o que eu aprendo aqui dentro lá fora” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“(…) eu queria muito passar (…) lá pro pessoal da escola aquilo que eu aprendi aqui (…)” (adolescente UIP F, 03/06/04).

Desta forma, criar situações nas quais os/as jovens explicitem seus saberes e os utilizem para ensinar outras pessoas, talvez seja uma forma interessante de possibilitar aprendizados.

“O sujeito que aprende apropria-se de uma parte do patrimônio humano que se apresenta sob formas múltiplas e heterogêneas: palavras, idéias, teorias, mas também técnicas do corpo, práticas cotidianas, gestos técnicos, formas de interações, dispositivos relacionais (…)” (Charlot, 2001, p.21).

3.3.1.4 Os temas interdisciplinares

Outro aspecto que chamou atenção nas falas dos/as alunos/as foi referente ao trabalho com temas interdisciplinares.

“(…) no mundão; no mundão tem matemática, português, história, agora aqui não; aqui a gente aprende tudo junto, tudo misturado e fica mais fácil pra gente aprender” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Tudo de uma maneira só [as disciplinas], tudo envolvido num conteúdo só. Melhor do que lá [na escola regular] que era separado, tipo era mais carregado e você não aprendia nada, aqui é tudo unido, você aprende bem melhor do que lá senhora” (adolescente UIP M, 10/11/03).

Assim, a oportunidade de conhecer assuntos de diferentes áreas do conhecimento ao discutir um tema foi um modo de trabalhar conteúdos em sala de aula que mobilizou interesse nos jovens.

Segundo Giroux (1988) nas escolas os estudantes são frequentemente treinados pelos professores para compartilhar técnicas que visam o domínio da disciplina.

Assim, o desenvolvimento de projetos temáticos interdisciplinares com os alunos não é prática comum dos professores nas escolas, mas, de acordo com os/as jovens das Unidades da FEBEM, é uma possibilidade mobilizadora do aprendizado.

3.3.4 Sobre o conteúdo curricular

3.3.4.1 Os projetos temáticos

Apesar dos/as adolescentes das Unidades pesquisadas falarem sobre aspectos referentes ao modo de ensinar dos professores, conteúdos curriculares também foram apontados por eles como mobilizadores de aprendizagens. Segundo Charlot (2001)

“O que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele certos ecos: se fizer sentido para ele. Porém, o sujeito só pode aprender se entrar em certas atividades (...) que permitem apropriar-se deste saber ou deste aprender (...) Trata-se propriamente de uma dialética e não de uma simples complementaridade: o sentido atribuído a um saber leva a envolver-se em certas atividades, a atividade posta em prática para se apropriar de um saber contribui para produzir um sentido desse saber ” (p. 20).

Desta forma, nota-se que na relação do aluno com o saber está em jogo tanto o assunto abordado com os alunos, como a forma com que esse assunto é compartilhado.

No caso dos/as adolescentes entrevistados/as foi possível perceber que eles valorizavam saberes estimulados por meio de alguns conteúdos em detrimento de outros, ou seja, nem todos os temas trabalhados em sala de aula foram apontados por eles como importantes nos processos de ensino-aprendizagem.

3.3.4.2 Tema Família e Relações Sociais

Certamente, o tema que abordava aspectos relativos à concepção de família foi um dos mais significativos para os/as adolescentes que participaram das entrevistas.

“Família patriarcal, família escrava muito legal (...) Porque estudar nossos antepassados, porque eu acho que todo mundo, os brasileiros têm uma origem de um negro escravo, de um índio, de um senhor patriarca (...)” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“(...) eu aprendi bastante que família não é só laço de sangue, mas sim um vínculo afetivo (...)” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“(...) aqui nós estamos vendo que é importante pra nossa vida, a organização da família que nós somos uma família, que a família não é representada apenas por parentes, por amigos também (...)” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“Bom, o mais importante foi na parte da família, família patriarcal e família escrava (...) Além de ser negro eu vi ali que a família escrava sofria muito diante da família patriarcal (...)” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“A família patriarcal tinha modos diferentes e hoje já tem vários modos de

ser, de fazer ser (...) as mulheres (...) eram ensinadas para ser dona de casa, esposas e mãe e hoje já tem seus próprios afazeres (...)” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“Já criou o conhecimento entre nós (...) Ontem eu tava conversando com a senhora [professora] porque o dia da mulher (...) foi porque antigamente a mulher ela não tinha tanto direito, aí (...) ela começou a conquistar o direito dela (...) Aí foi dado o dia pra ela, o dia da conquista dela (...), mas foi uma luta de anos e anos (...)” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“(...) família não é só família biológica, família engloba uma união de pessoas (...) se tiver um afeto entre eles aquela união já vai ser uma família independente do local, de cor, de raça, independente, houve união, houve um afeto é uma família” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

Além da concepção de família discutida nesse tema, havia atividades que trabalhavam com conhecimentos matemáticos que também eram comentados pelos/as alunos/as durante as conversas.

“Da geometria eu gostei, porque a gente desenhou uma casa (...) eu desenhei a minha casa, aí as meninas desenharam as casas delas, e falou assim [a professora]: “(...) vamos ver qual é a figura que mais aparece ali em geometria?”. Na minha geralmente aparece mais o retângulo, o quadrado, o retângulo” (adolescente UIP F, 10/03/04).

3.3.4.3 Tema Saúde: uma questão de cidadania

O tema Saúde também foi bastante comentado pelos/as jovens nas duas Unidades. De acordo com eles, trata-se de um assunto importante para ser trabalhado na escola.

“O tema que eu achei também (...) super importante foi o tema Saúde. Nós tivemos uma palestra das doenças, da DST, das doença transmissível, uma coisa que muitas vezes nós ta lá fora, nós não sabemos que existem essas doença” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“(...) a pessoa aprende [com o tema Saúde] a se prevenir e prevenir o próximo também. Não só a si mais o próximo também (...)” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Ajuda a gente a aprender mais, ainda mais sobre saúde, foi a ficha que eu mais gostei que eu não sabia nem um pouquinho, pelo menos a metade das doenças né? Então as fichas me ajudou a saber e eu posso passar pro meu filho também dos caminhos da...os caminhos, as portas de entrada, as portas de entrada (...) eu não sabia que as unhas, nariz, a boca, ouvido eu não sabia dessas portas de entrada que a gente podia pegar doença por esses lugares, as fichas me ajudaram a saber que eu não sabia nem um pouco” (adolescente UIP F, 17/10/03).

“(...) o módulo saúde foi a coisa mais importante que eu aprendi (...) É que

eu jogo futebol, conforme você joga seu futebol corre bastante; fala [o tema saúde] sobre a pulsação, sobre os batimentos mais fortes (...) fala sobre o corpo humano, porque você tem que cuidar do seu corpo, que é a física e sua mente, você tem que cuidar bem (...)” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

3.3.4.4 Tema Justiça e Cidadania

Outro tema que os/as jovens falaram sobre conteúdos foi o Justiça e Cidadania que tratava de questões legais, mais especificamente do Estatuto da Criança e do Adolescente.

“Eu aprendi que todos nós temos direitos à vida; aprendi que todos nós temos direitos e responsabilidades (...) aprendi sobre o ECA (...) Gostei muito da professora E. porque ela me ensinou muitas coisas que nem passavam pela minha cabeça. Eu acho que a escola da FEBEM fez um pedaço da minha vida” (adolescente UIP F, 27/02/04).

“Porque os temas eles já vai logo na realidade, fala logo sobre os nossos direitos (...) eu não sabia dos direitos que nós tinha. Nós jovens infratores não sabíamos que nós tínhamos o direito de estudo, que nem muitas pessoas falam que não tem vaga, não tem escola (...)” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Coisas que eu desconhecia eu tô aprendendo através desse projeto, por exemplo, eu tinha alguns conhecimentos sobre leis, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, mais eram conhecimentos assim poucos e aqui pude me aprofundar nesses conhecimentos, conheci meus direitos (...)” (adolescente UIP F, 10/03/04).

Estes não foram os únicos temas trabalhados no projeto, mas a idéia foi priorizar os que nas entrevistas os/as alunos/as apontaram como mais significativos, na medida em que ao falarem sobre o assunto explicitaram aspectos sobre conteúdos. Importante destacar também que apesar de ser UIP, de modo geral, os/as adolescentes que participaram das entrevistas já tinham vivenciado os cinco temas previstos para o período escolar.

Sobre as oficinas, foram relatadas experiências com algumas delas e a de Artes Cênicas foi, sem dúvida, a mais comentada pelas meninas da UIP F.

“Ah, eu adorei quando a gente fez teatro (...) eu adoro. Se tivesse mais (...) oficina (...) que tivesse interpretação (...)” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“Aí nós fizemos a oficina, o nosso objetivo da oficina era estar criando um personagem (...) nós fizemos tipo um gay (...) Foi tipo um teatrinho assim, tinha que representar (...) foi (...) a oficina que eu mais gostei (...)” (adolescente UIP F, 03/06/04)

Nas entrevistas com os meninos da UIP M sobre o projeto, eles, de modo geral, falaram de conhecimentos relativos aos temas. Os comentários sobre oficinas foram pontuais e frágeis na explicitação de conteúdos.

Interessante que os jovens da Unidade F e M falaram sobre o desinteresse pelo ensino regular e compararam os conteúdos desenvolvidos na escola da rede com os da UIP, como apontam os depoimentos.

"(...) fiz (até o colegial), mas aquilo assim, fazer porque era obrigação, porque eu não gostava, só que aqui dentro eu estou percebendo que esses módulos são uma coisa diferente do que o estudo lá fora, aqui dentro você se interessa mais porque fala sobre justiça, lei, família. É uma coisa mais interessante que nas escolas, não são os mesmos estudos, aí a pessoa começa a se interessar mais" (adolescente UIP F, 03/06/04).

"(...) eu estou aprendendo algo que fala sobre educação, família, sobre algo que não é passado na maioria das escolas, foi esquecido, algo que é importante pra nossa vida, nosso dia-a-dia que tá esquecido (...)" (adolescente UIP M, 08/03/04).

O trabalho com conteúdos que discutem questões sobre a realidade dos/as alunos/as pode contribuir para que eles/as se interessem pelas aulas. Segundo Charlot (2001) o sentido e o valor de um saber e também a mobilização do sujeito nesse aprender são indissociáveis da relação do indivíduo com o mundo.

Assim, enquanto a escola regular não considerar as necessidades e realidades de seus educandos em seus projetos para planejar o ensino, dificilmente os/as jovens terão interesse ou encontrarão sentido naquilo que está sendo ensinado.

"(...) talvez o pouco valor que os jovens conferem ao aprendizado de conteúdos curriculares não seja resultante do seu "desinteresse", e sim da sua dificuldade de encontrar "sentido" para aquilo que os professores ensinam; sentido este que estaria presente se, por exemplo, em uma aula de português, ao ler um texto literário ou jornalístico com os alunos, o professor não se limitasse a trabalhar apenas a forma da escrita, mas também abordasse o conteúdo tratado e sua relação com o contexto em que foi produzido e com as próprias vivências concretas dos jovens" (Charlot, 2001, p.47).

Sobre a relação dos/as jovens com o projeto Educação e Cidadania, vale comentar a fala de um adolescente que estava no ensino médio antes de ir para a UIP M e que explicitou sua insatisfação com o conteúdo da proposta curricular.

"No colegial já é mais complicado que tem um negócio mais evoluído,

diferente então eu sinto falta daquilo entendeu? Porque eu gosto de estudar pra caramba na área de exatas eu gosto pra caramba. A senhora citou matemática, eu sinto falta pra caramba aqui” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

Como na Unidade Provisória o período máximo de permanência previsto é de 45 dias, a proposta curricular implementada nesse contexto não procurava aprofundar conhecimentos específicos. Pelo contrário, o projeto buscava justamente atender as especificidades da internação provisória, na qual há possibilidade do/a adolescente ficar de um a quarenta e cinco dias.

Nos casos em que os/as jovens ultrapassavam esse período, nota-se nos depoimentos que houve desmotivação pelo projeto ao repetirem os temas.

“Aí tem hora que você fala: “Ai falar sobre a minha família de novo!”. Aí você encosta e fica só ouvindo os outros falarem” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“(…) a gente já estudou isso o ano passado” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“(…) eu tinha que ir lá pro internato pra terminar os estudos lá (…)” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“(…) gostaria de estar aprendendo outras coisas porque isso daqui eu já estudei de Família (… de Família eu gosto, agora eu queria saber um pouco mais de ficha nova, as matérias novas também, ia ser mais legal também” (adolescente UIP F, 03/06/04).

“Então tipo eu estou (… fazendo o módulo tudo de novo. Porque da 1ª vez que eu fiz eu estava naquela coisa assim tipo maior empolgada, agora eu estou fazendo pela 2ª vez (… não sou só eu da minha sala” (adolescente UIP F, 03/06/04).

Certamente temos aí três dificultadores na implementação da política educativa pretendida. O primeiro diz respeito ao direito do adolescente que já está com a sentença de internação decretada pelo juiz de estar em uma UI. O segundo refere-se ao direito de estudar em uma escola cujo ensino é organizado da mesma forma que nas escolas regulares. E o terceiro é relativo ao desinteresse dos/as jovens pelas atividades, em virtude da permanência em uma UIP.

Sem dúvida, esses aspectos prejudicam a eficácia da proposta curricular. Trata-se, portanto, da descaracterização das Unidades de Internação Provisória.

3.3.5 Relação com o professor

A relação com o professor foi outro aspecto que apareceu durante as conversas com os/as jovens ao serem questionados sobre o projeto.

Assim, de acordo com os/as alunos/as, o fato dos professores acreditarem neles contribuiu para suas aprendizagens.

“(…) os professores são muito bacanas, sabe assim, eles acreditam na nossa capacidade na nossa recuperação eu acho a escola [da UIP] muito bacana (…)” (adolescente UIP F, 17/10/03).

“(…) aqui [na UIP] a professora trata todo mundo igual, todo mundo é bom aluno (….) aqui a opinião de todos vale no mesmo objetivo, aqui todo mundo tá estudando pra chegar no mesmo objetivo. Ninguém aqui tá sendo melhor [que o outro] (….)” (adolescente UIP M, 08/03/2004).

Interessante que nos depoimentos, os/as adolescentes falaram sobre a crença do professor em relação ao grupo todo e também sobre a crença deles (alunos/as) neles mesmos. Segundo Charlot (2001)

“O que os jovens põem em foco não é a obediência cega a valores. A ênfase recai sobre formas de reciprocidade que se manifestam das mais diferentes maneiras: “amar e ser amado”, “dar para receber”, “respeitar para ser respeitado”, e assim por diante. Aliás, eles não se referem ao respeito de forma unilateral (...) mas a outro tipo de respeito, de outra natureza, fundado na reciprocidade, na igualdade, e não na obediência”

“Portanto o saber valorizado pelos jovens, aquele que na sua experiência de vida consideram o mais importante, é o saber necessário a um tipo de sociabilidade, a um certo tipo de vida coletiva (...)” (p.41).

Os/as alunos/as também falaram sobre a atenção do professor, por meio de conversas e atendimentos mais individualizados.

“Ela [professora] vê que o aluno tá fraco em leitura, fraco em alguma coisa aqui na escola aqui, ela cata, ela ajuda a senhora tá entendendo? Ela tira alguns minutos de atenção pra aquele aluno pra poder incentivar ele, pra caminhar junto com os outros alunos” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“Porque a senhora E. me ajuda, ela conversa comigo, ela me ajuda nos trabalhos, me ajuda a ler a escrever que antes eu não sabia (...)” (adolescente UIP F, 17/10/03).

“(…) porque é bem mais explicado pra você, então eu gosto bastante do projeto” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“Ela [professora] vai ditando assim (...) que nem quando acontece de errar. A professora não vai falar: “Aí ta errado”. Não, ela fala assim...Ela tipo...ela explica entendeu?” (adolescente UIP F, 10/03/04).

Na pesquisa analisada por Charlot (2001)

“Há referências (...) tanto a professores que “deixam fazer muita bagunça”, “não conversam só despejam a matéria”, “parecem ter medo dos alunos” como a bons professores que são valorizados, não pelo conteúdo que ensinam, mas porque são compreensivos e abertos ao diálogo. Os jovens (...) falaram muito positivamente de uma professora (...) Suas qualidades, segundo eles, são: não gritar com os alunos, conversar com eles, explicar várias vezes a matéria (...)” (p.46).

Desta forma, durante as entrevistas também era comum os/as jovens explicitarem suas relações com professores nas escolas regulares.

"Igual o colega falou na rua eles ensinam de uma maneira dura (...) Explicação uma vez, se não entendeu já era" (adolescente UIP M, 10/11/03).

"(...) prefiro estudar aqui dentro que pelo menos aqui dentro os professores dão mais atenção pra gente, porque lá na rua os professores não dão atenção (...)" (adolescente UIP F, 03/06/04).

"(...) as professoras do mundão não tão nem aí (...)" (adolescente UIP F, 03/06/04).

É possível notar nos depoimentos a importância que os/as adolescentes atribuem ao tratamento dos professores que, de acordo com eles/as, são "duros" ou mesmo "não estão nem aí" com os alunos. Frequentemente os/as jovens relatavam que preferiam a escola da UIP porque os professores eram mais atenciosos.

Segundo Charlot (2001) “(...) *Um professor que não grita, que resolve os problemas na base da conversa, que explica várias vezes o que não foi entendido, que sabe escutar- tais são as sugestões desses jovens (...)*” (p.48).

No caso do projeto, vale comentar que para o desenvolvimento da proposta, tanto na Unidade M, como na Unidade F houve adesão dos educadores, o que contribui para que estivessem mais motivados durante as aulas.

"(...) temas que trabalham a realidade do nosso aluno e (...) a diferença é que o aluno ele fica mais interessado, mais participativo porque trabalha mais a realidade dele (...). O PEC [Projeto Educação e Cidadania] ele dá essa abertura do aluno socializar as idéias, falar do seu saber social e aí você (...) mostra pra ele que ele tem um saber social (...)" (professora UIP F, 03/06/04).

"(...) porque a gente se dá tão bem com projeto (...)? Porque é nisso que você acredita (...) Você enquanto professor, você tem que acreditar em todo o

projeto e trabalhar sempre pra ver (...) está idéia cada vez mais desenvolvida (...)" (professora UIP F, 17/10/03).

"(...) as discussões que tem em sala de aula são (...) ricas, de realmente fazer com que ele [adolescente] reflita (...)" (auxiliar da coordenação pedagógica UIP M, 02/06/04).

Sem dúvida, uma prática que compartilhe reflexões, na medida em que incorpora as idéias dos adolescentes durante as discussões em sala de aula, faz com que eles se sintam valorizados e aprendam. Para a adolescente da UIP F, em entrevista no dia 03/06/04

"(...) aqui tudo a gente aprende. Tem oficina sabe (...) eu acho muito legal, a gente socializa as idéias, conversa com todo mundo (...) os professores aqui acreditam na gente (...) lá fora não, lá fora se você aprendeu, aprendeu, se você não aprendeu já era vai passar de ano e tá passando, aqui não, você errou vai corrigir chama atenção, tem que chamar mesmo (...) coloca você nas situações assim, provoca (...) a gente, na hora a gente fica naquele nervoso (...), mas (...) se ela está provocando (...) é porque ela quer que a gente entre no espírito, então (...) as professoras se (...) colocam no lugar de ensinar e a gente aprender cada vez mais".

Interessante que a adolescente, em seu depoimento, falou que os alunos passam de ano na escola sem aprender. Esse é um problema que as políticas públicas na área da educação precisam enfrentar, já que existem alunos que chegam no ensino médio com muitos problemas de escrita e interpretação de textos, ou mesmo que ingressam no segundo ciclo do ensino fundamental (5^a a 8^a série) sem saber ler e escrever.

Com relação a esse aspecto, uma pesquisa realizada pela Unesco (2003) sobre a qualidade do ensino médio noturno em escolas estaduais do Estado de São Paulo, revelou que dos professores entrevistados, 65,3% achavam que houve uma piora na qualidade do ensino das escolas públicas noturnas. Dentre as justificativas, as políticas educacionais (LDB e progressão continuada) aparecem com maior frequência (41,8%) nas respostas dos professores. Outro aspecto utilizado por eles como justificativa da piora da qualidade do ensino que teve uma frequência de respostas significativa (34,3%) foi relativo às características que os próprios professores atribuem aos alunos, tais como a falta de metas, de motivação, desinteresse, baixa condição social, vandalismo.

Interessante que nesse estudo os professores consideram que a escola, na sua organização, no seu projeto político pedagógico e nas atividades desenvolvidas em sala de aula pouco pode fazer para a melhora da qualidade do ensino público.

Da mesma forma que a pesquisa da Unesco constatou que os professores atribuem

características aos alunos responsabilizando-os pela má qualidade do ensino, um adolescente da FEBEM, UIP M, entrevistado no dia 08/03/04 também falou sobre a exclusão e estereótipos criados nas escolas regulares pelos profissionais que nelas atuam

"O que existe aqui nessa escola que é diferente da escola do mundo é que lá existia a classe assim, esse aluno é melhor e esse é burro (...) Se ele sabe eu também tenho o direito de aprender (...) tem que ser o mesmo aluno, eles têm que trabalhar de uma forma assim: se está ensinando isso; todos têm que aprender não pode ficar nenhum pra trás, se ficou um pra trás os outros alunos ali mais a professora vão ensinar ele, vai ajudar ele pra ele ir pra frente também, não vai deixar ele pra trás".

O que chama atenção no depoimento do adolescente é sua consciência do direito que todos os alunos têm de aprender. Além disso, ele falou sobre a responsabilidade do professor pelo ensino, mas considera que os outros colegas da sala também podem ensinar aquele aluno com mais dificuldade de aprendizado.

Outro aspecto importante comentado pelo jovem é com relação ao rótulo que a escola coloca em seus alunos³⁴, o que contribui com preconceito e exclusão desses educandos do sistema público de ensino.

3.3.6 O portfólio

O portfólio foi uma forma de avaliar aprendizagens dos alunos na proposta curricular. Assim, a idéia era que cada um tivesse sua pasta pessoal para arquivar suas produções e que todos levassem essa pasta ao saírem da FEBEM.

Nas entrevistas com os/as adolescentes, eles/as comentaram suas relações com o portfólio.

3.3.6.1 Registro enquanto memória

Muitos jovens falaram da importância dos registros contidos no portfólio por ser uma memória que possibilitava o resgate de suas aprendizagens, como apontam os depoimentos.

“Pra guardar nossos conhecimentos [o portfólio], porque quando a gente vai

³⁴ Na análise de sua pesquisa Charlot (2001) também constatou, por meio de depoimentos dos alunos que “Reclamou-se (...) de xingamentos de professores contra alunos, qualificados de “burros”, “retardados”. (p.46).

embora a gente leva né? Aí então chega lá fora (...) eu não tô lembrando daquilo direito que eu aprendi, então eu vou voltar lá e vou ler de novo né? Sabe o que eu aprendi na UIP? Aprendi que nós temos nossos direitos e que quem tem que garantir nossos direitos é a nossa família e agora o resto eu não lembro... Aí eu vou lá a família, o governo e a sociedade” (adolescente UIP F, 10/03/04).

“Porque ali [no portfólio] a senhora encontra tudo que a gente tá aprendendo na unidade. Isso aí um dia ou outro a gente pode pegar e lembrar” (adolescente UIP M, 10/11/03).

Eu gostaria muito de ficar comigo os portfólios porque (...) eu posso tá indo pra outra unidade, chegar na outra unidade: “Pô não lembro daquele negócio”. Vou ver no meu portfólio (...)” (adolescente UIP M, 10/11/03).

“Porque é uma forma de organização pessoal [o portfólio], dos nossos trabalhinhos (...) todo dia eu pego folheio um por um e lembro (...)”(adolescente, UIP M, 08/03/04).

Mais do que simples memória, o portfólio também possibilitou aos adolescentes oportunidades de expressão, de reflexão e por isso era uma memória que fazia sentido para eles/as.

“Tenho, tenho pasta sim, inclusive sair daqui pretendo levar ela comigo sim meu, porque aqui dentro em certos momentos a gente teve oportunidade de expressar o que a gente tava sentindo, o que a gente pensa. A gente teve tipo uma certa liberdade ali naquela folha e ali eu escrevi muita coisa pra mim que surgiu de dentro de mim e que eu achei bacana pra caramba. Eu quero levar pra guardar de recordação sim meu, isso aqui vai ser uma história e tanto pra mim” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

Interessante que uma adolescente da Unidade F durante uma entrevista realizada em 03/06/04 falou sobre a forma com que a escola regular avalia seus alunos comparando-a com a avaliação realizada no projeto.

"(...) eu tenho medo de um dia eu sair daqui [UIP] e não querer voltar estudar (...) porque a escola lá é diferente (...) tem que se esforçar sozinha, fazer prova totalmente diferente, aqui [no projeto] a gente faz uma avaliação que é o que a gente pensa, o que a gente acha, não o que a gente tem que colocar no papel que a gente leu no livro uma semana pra depois fazer a prova entendeu? É o que a gente sente, é o que a gente pensa do que a gente achou (...) a avaliação é totalmente diferente, agora a avaliação lá [na escola regular] eles dão o papel, uma caneta e fala: é isso aqui, você leu a semana inteira, você estudou a semana inteira, mas no outro dia você (...) esquece, você esquece, porque não é de você (...)".

A avaliação pode servir como mais um momento de aprendizado dos alunos. O fato da

adolescente falar que os conteúdos obrigatórios para fazer a prova são esquecidos no dia seguinte, evidencia que essa forma de avaliar não possibilitou aprendizagem e, portanto, não fez sentido nenhum para ela.

3.3.6.2 Registro enquanto “passaporte de saída da FEBEM”

Como os psicólogos, professores e assistentes sociais que trabalhavam na FEBEM utilizavam os portfólios dos/as adolescentes para a elaboração do relatório que servia de subsídio para o juiz avaliar o comportamento dos/as adolescentes durante o período em que permaneciam nas UIPs, alguns alunos explicitavam uma certa preocupação com a pasta por esse motivo.

“Tem que cuidar porque esse negócio [portfólio] tem que ir para o relatório, esse daí é onde vai colocar todas suas fichas, todo seu trabalho (...)” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“(...) muita gente fala: “Ah, eu vou fazer isso aqui bem feito [portfólio] que vai pro meu relatório” (adolescente, UIP M, 08/03/04).

“Também quando ela [professora] vai fazer o nosso relatório, ela fala assim: “(...) eu vou fazer o seu relatório agora, então vocês, a sala, fiquem quietos, por causa que eu vou fazer o relatório”. Aí, cada um respeita, porque, tipo assim, uma vez ou duas vezes por mês sobe o relatório de cada um, como é que vai na escola, e tal, tal. Aí, nós ficamos em silêncio porque ela tá baseando no que ela viu (...) Porque ali, ela tá avaliando se nós temos possibilidade de sair ou não [da FEBEM]. Ela também tá dando uma ajuda pra nós, ela tá vendo os nossos (...) desenhos, nosso tipo de resposta de pergunta que ela faz, ela tá baseando se nós tem chance ou não tem” (adolescente UIP M, 10/11/03).

“Bom, certa parte aqui todo mundo tenta participar mais pelo relatório (...)” (adolescente UIP M, 10/11/03).

O portfólio não foi pensado na proposta curricular para servir de “passaporte de saída da FEBEM” ou para manter a disciplina na sala de aula. Porém, nota-se que para alunos e professores a pasta também funcionava como uma instância de controle³⁵.

³⁵ Segundo Foucault (1987) trata-se do exame que “(...) combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados (...) Nele vêem-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade (...) A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo seu brilho visível” (p.154).

3.3.7 Algumas considerações

O conjunto de informações coletadas nas entrevistas com os/as jovens das FEBENS sobre o projeto Educação e Cidadania tinha como principal objetivo entender o que mobilizou ou não o processo de aprendizagem dos/as adolescentes, ou seja, identificar na proposta curricular o que nutriu, sustentou, contrariou, desviou, bloqueou esse processo.

Trata-se da relação desses jovens com o saber. Assim, “não estar motivado” é estar numa relação com a aprendizagem proposta.

De acordo com Charlot (2001) toda relação com o saber é singular e social. O aprender é a relação singular de um sujeito e aquilo que ele se apropria foi produzido por atividades estruturadas nas relações sociais, por isso também é sempre uma relação social com o aprender.

No caso do projeto implementado nas UIPs foi possível perceber que os/as alunos/as valorizavam atividades que permitiam compartilhar conhecimentos com os outros colegas, ou seja, momentos que oportunizassem trocas de informações e idéias entre eles. Para o autor (Ibidem) a problemática da relação com o saber estabelece uma dialética entre interioridade e exterioridade, entre sentido e eficácia. Nesse sentido, aprender é apropriar-se de um saber, uma prática, uma forma de relação com os outros ou consigo mesmo.

“(…) para eles [jovens] a escola é o principal lugar de convivência social. Não é por acaso que alguns professores queixam-se de que, para muitos jovens, a escola é “apenas um ponto de encontro” (...) essa queixa nos faz lembrar que o encontro é uma das condições necessárias para que as relações de ensino-aprendizagem sejam realmente frutíferas” (p.36)

Assim, apropriar um saber é apropriar formas e relação com o saber, com o mundo e consigo mesmo.

Outro aspecto que chamou atenção nas conversas com os/as adolescentes foram as críticas que fizeram à escola pública regular.

De acordo com Charlot (2001) há uma relação institucional com o saber. Os objetos de saber existem para indivíduos e também para instituições (família, uma profissão, escola). Um indivíduo quando aprende em certa instituição, ele só será “bom aluno” caso se adapte a relação com o saber definida pela instituição (pelo papel que ela atribui a este saber; pela organização do currículo e práticas de ensino). Assim, a relação com o saber é também vinculada às formas de existência do saber nas instituições e dos efeitos que essas formas

implicam. Nessa perspectiva a escola não é apenas um lugar que recebe alunos dotados destas ou daquelas relações com o (s) saber (es), mas ela é sobretudo um lugar que induz às relações com o (s) saber (es).

“Nos materiais que produziram e nas discussões, eles [jovens] atribuem à escola uma importância bastante relativa na aquisição dos saberes que consideram fundamentais para sua vida (...)” (p.46).

A descrença dos/as adolescentes na escola da rede é tão impressionante que as meninas da Unidade F fizeram propostas para continuarem participando do projeto na FEBEM como apontam os depoimentos

"Eu acho que devia ser assim ó (...) eu saísse pra minha casa, mas viesse na escola da FEBEM pra poder estudar" (adolescente UIP F, 03/06/04).

"(...) se fosse pra eu escolher entre a escola do mundão e aqui eu preferia acabar meus estudos aqui dentro da FEBEM (...)" (adolescente UIP F, 03/06/04).

Ao serem questionados sobre projetos pretendidos ao saírem da FEBEM, a maioria das respostas, tanto dos adolescentes da Unidade M (42,7%), como das meninas da Unidade F (33,3%) aponta para a necessidade de inserção no mercado de trabalho.

Tabela III- IX Projetos dos Adolescentes da Unidade M ao saírem da FEBEM

Projetos	Valor absoluto	Valor percentual
Trabalhar	41	42,7
Estudar/ terminar os estudos	24	25,0
Cuidar mais da família/ Construir uma família	16	16,6
Mudar de vida/ abandonar o crime	08	8,3
Cursar uma Universidade	02	2,1
Freqüentar uma igreja	02	2,1
Roubar	01	1,1
NR	02	2,1
Total	96	100

Tabela III- X Projetos das Adolescentes da Unidade F ao saírem da FEBEM

Projetos	Valor absoluto	Valor percentual
-----------------	-----------------------	-------------------------

Trabalhar	24	33,3
Estudar/ terminar os estudos	21	29,2
Mudar de vida/ abandonar o crime	08	11,1
Cuidar do filho/família	06	8,3
Cursar uma Universidade	06	8,3
Fazer cursos de teatro/dança/capoeira	04	5,5
Ir para uma clínica de recuperação de drogas	02	2,8
NR	01	1,5
Total	72	100

Apesar de um percentual significativo de respostas dos meninos (25%) e das meninas (29,2%) ressaltar que pretende retomar os estudos quando saírem da FEBEM, o mercado de trabalho aparece como questão prioritária nos projetos de vida desses jovens.

Sobre esse aspecto Souza (2001) constatou em sua pesquisa realizada com jovens do ensino médio de escolas públicas que

“Existe uma quase unanimidade entre os alunos quanto a opinião de que no trabalho se aprende mais que na escola. Enquanto no ambiente profissional se vive a prática e se aprendem coisas diferentes a cada dia, na escola se aprende muita teoria num ritmo programado, distante da realidade cotidiana” (p. 139).

Assim, a escola precisa estar mais atenta para suas práticas de gestão, nas quais a participação e negociação com seus alunos estejam na base dos processos que constroem os ambientes de aprendizagem, pois nossos jovens acreditam que é no trabalho que se aprende coisas novas e não na escola.

Apesar das experiências vivenciadas nas escolas da rede pelos/as adolescentes das Unidades da FEBEM pesquisadas, muitos deles/as, como já foi constatado, pretendem retomar seus estudos, ressaltando-se o fato de que 8,3% das meninas e 2,1% dos meninos têm como perspectiva cursar uma Universidade.

O desafio da escola pública não é apenas garantir que estes jovens permaneçam e concluam o ensino básico, mas é também desenvolver um ensino de boa qualidade que contribua para que os adolescentes encaminhem seus projetos de vida. Para isso, é necessário maior atenção das políticas públicas para que a educação deixe de ser um direito suspenso.

Por quê os jovens que estão na FEBEM não gostam da escola "do mundão"?

“(…) os jovens das camadas populares, resistentes ou passivos frente aos saberes escolares, fora da escola podem adotar comportamentos que apresentam uma certa complexidade e que supõe aprendizagens aprofundadas. A perplexidade é ainda maior quando se constata que tais jovens, muitas vezes com poucos recursos para as tarefas escolares que envolvem a linguagem, revelam-se bem falantes nas interações grupais ou na produção de textos de rap” (Charlot, 2001, p.17).

Certamente, a escola pública, além de não contribuir para a redução das desigualdades, tem reforçado fatores de desigualdade para grupos específicos.

Segundo Apple (1979) o que se tem que explicar é a estabilidade ou a cristalização das posturas que uma área utilizou durante um certo tempo, ou seja, é necessário que se dê atenção à análise histórica na área do currículo. São interesses que prevalecem em sociedades industriais avançadas e contribuem para o sofrimento das minorias sociais, das mulheres, para a alienação dos jovens, para a insatisfação e para a sensação cada vez maior de impotência e cinismo que parecem predominar em nossa sociedade.

Desta forma, o sistema escolar mantém mecanismos de discriminação e exclusão. De acordo com Sacristán (2001) *“Enquanto existir exclusão, a democracia está por ser realizada ou se encontra doente”* (p. 25).

Sobre o projeto desenvolvido na UIP, vale enfatizar que sua implementação possibilitou aprendizados e algum espaço de participação dos/as adolescentes nas Unidades.

A intenção do próximo capítulo é entender quais as práticas efetivadas nas Unidades da FEBEM pesquisadas e se houve algum efeito do projeto nessas práticas.

CAPÍTULO IV

MEDIDA SOCIOEDUCATIVA X CONTENÇÃO

Os objetivos deste capítulo são, com base nas idéias de Foucault, retomar a história das punições desde o Antigo Regime até a Idade Moderna e entender se o projeto educativo implementado nas UIPs contribuiu para mudanças nessas instituições.

4.1 - O Poder de Punir

No fim do séc. XVIII e começo do XIX houve na Europa e Estados Unidos uma mudança na economia dos castigos, na qual o suplício da Antiguidade vai-se extinguindo e o espetáculo do corpo supliciado, esquartejado vai dando espaço para outras formas de punição.

A justiça não mais assume publicamente a parte da violência que está ligada ao seu exercício. De acordo com Foucault (1987) o escândalo será partilhado de outra maneira.

Na nova economia dos castigos era preciso que a justiça criminal punisse ao invés de se vingar por meio do suplício. Poderia ser o pior dos assassinos, o que precisava ser respeitada era sua “humanidade”. O essencial da pena não consistia em punir e sim corrigir, reeducar, “curar” etc.

Houve uma mudança na relação castigo/corpo, em que não era mais preciso vingar e sim punir. A idéia era “humanizar” o suplício.

Segundo a nova penalidade, o corpo deveria ser colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico e a dor do corpo não eram mais os elementos constitutivos da pena. Numa leitura foucaultiana (1987) o castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos, pois se a justiça tiver que manipular e tocar o corpo dos penalizados, tal se fará à distância, segundo regras rígidas. Assim, nas prisões a execução se passava em segredo, o cadafalso estava oculto, era inacessível ao público.

De acordo com Foucault (1987) neste momento a definição que vai sendo estabelecida não é exatamente um respeito novo pela humanidade dos condenados, e sim uma intenção de uma justiça mais desembaraçada e mais inteligente, para uma vigilância penal mais atenta do corpo social.

Deste modo, a “reforma” teve como objetivos primeiros fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor, punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir. Assim, não seria uma nova sensibilidade e sim outra política em relação às ilegalidades.

Um aspecto novo nessa “reforma” foi que a operação legal inteira carregou-se de elementos e personagens extrajurídicos: psicólogos, educadores, funcionários da administração etc.

Na visão de Foucault (1987) se a justiça criminal moderna se carrega de tantos elementos extrajurídicos não é para poder qualificá-los juridicamente e integrá-los pouco a pouco no estrito poder de punir; é, ao contrário, para poder fazê-los funcionar no interior da operação penal como elementos não jurídicos; é para evitar que essa operação seja pura e simplesmente uma punição legal; é para que o juiz não seja pura e simplesmente aquele que castiga. Deste modo, há um deslocamento, em que todo um campo de objetos recentes, todo um novo regime da verdade e uma quantidade de papéis até então inéditos no exercício da justiça criminal se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir.

Na segunda metade do séc. XVIII com o aumento geral da riqueza e também com o crescimento demográfico, o alvo principal da ilegalidade popular tende a ser não mais em primeira linha os direitos, mas os bens: a pilhagem e o roubo tendem a substituir o contrabando e a luta armada contra os agentes do fisco. A ilegalidade dos direitos, que muitas vezes assegurava a sobrevivência dos mais despojados, tende, com o novo estatuto da propriedade, a tornar-se uma ilegalidade de bens.

Com as novas formas de acumulação de capital, de relações de produção e de estatuto jurídico da propriedade, todas as práticas populares que se classificavam, seja numa forma silenciosa, cotidiana, tolerada, seja numa forma violenta, na ilegalidade dos direitos, são desviadas à força para a ilegalidade dos bens. A economia das ilegalidades se reestruturou com o desenvolvimento da sociedade capitalista. A ilegalidade dos bens foi separada das ilegalidades dos direitos.

O criminoso que romper com as leis da sociedade é inimigo da sociedade inteira. O menor crime ataca toda a sociedade; e toda sociedade, inclusive o criminoso está presente na menor punição. O castigo penal é uma função generalizada, coextensiva ao corpo social e a cada um de seus elementos. Coloca-se então o problema da “medida” e da economia do poder de punir. A infração lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele para puni-lo. Constitui-se assim um formidável direito de

punir, já que o infrator torna-se o inimigo comum. E é até pior que um inimigo, é um traidor, pois ele desfere seus golpes dentro da sociedade. Um “monstro”. Assim, o direito de punir deslocou-se da vingança do soberano à defesa da sociedade, ou seja, trata-se de uma outra estratégia de poder.

No antigo sistema, o corpo dos condenados era coisa do rei. O suplício judiciário era um ritual político, isto é, fazia parte das cerimônias pelas quais se manifestava o poder. A infração, segundo o direito da era clássica, além do dano que eventualmente produzia, além mesmo da regra que infringia, prejudicava o direito do que fazia valer a lei. Era um ataque ao soberano; atacava-o pessoalmente, pois a lei valia como vontade do soberano, atacava-o fisicamente, pois a força da lei era a força do príncipe.

Agora o corpo dos condenados torna-se um bem social, uma apropriação coletiva e útil. Na visão de Foucault (1987) não se vê mais o homem fazer violência ao homem, ou seja, o poder que pune se esconde.

Os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos e sim a métodos de trancar e “corrigir” é sempre do corpo que se trata. Desta forma, o corpo está diretamente mergulhado em um campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalho, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Esse investimento político do corpo está ligado à sua utilização econômica (força de produção), mas sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição, assim, o corpo somente se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia. Assim, pode haver um “saber” do corpo e um controle de suas forças que Foucault (1987) chama de tecnologia política do corpo.

O surgimento da prisão trouxe uma materialidade diferente, uma física do poder diferente, uma maneira de investir no corpo totalmente diferente. O cadafalso que expunha o corpo à força do soberano, o teatro punitivo, no qual a representação do castigo era dada ao corpo social, são substituídos por uma arquitetura fechada e complexa que se integra no corpo do aparelho do Estado.

As penas se tornaram específicas, ajustadas, eficazes, que forma em cada caso lição para todos, torna-se a lei da detenção para qualquer infração. A idéia é encontrar para um crime o castigo que convém, assim, é necessário que o medo do castigo torne sem atração o delito, ou seja, o risco de ser punido preveniria o cometimento do crime.

O homem que abusar da liberdade pública será privado da sua; será retirado seu direito

civil e ficará isolado. A punição mostra a desvantagem do crime; relaciona pena com dor; provoca intensidades em quem não comete a infração, por meio de imagens que provocam medo e assim a punição difunde a legislação escrita. Diante disso, é interessante ressaltar que a educação nas famílias e escolas terá que trabalhar a idéia do crime e do castigo, o amor pelas leis e pela pátria, o respeito e a confiança na magistratura.

Na nova economia do poder de punir a idéia não era apagar um crime e sim evitar que ele recomece, ou seja, espera-se que no futuro os delitos não venham a se repetir pelo infrator. Assim, é preciso transformar o culpado e por isso o castigo aparece como uma certa técnica corretiva.

Há uma singularização da pena em sua duração, sua natureza, sua intensidade e na forma como se desenrola. Deste modo, o castigo é ajustado ao caráter individual e ao que este comporta de perigo para os outros e a correção individual deve realizar o processo de requalificação do indivíduo como sujeito de direito.

Com relação aos instrumentos utilizados são reforçadas formas de coerção, esquemas de limitação aplicados e repetidos. Trata-se de exercícios como horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, atividades regulares, silêncio, trabalho em comum, bons hábitos, respeito etc.

De acordo com Foucault (1987)

“(...) o que se procura reconstruir nessa técnica de correção não é tanto o sujeito de direito, que se encontra preso nos interesses fundamentais do pacto social: é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deve deixar funcionar automaticamente nele. Duas maneiras, portanto bem distintas de reagir à infração: reconstituir o sujeito jurídico do pacto social- ou formar um sujeito de obediência dobrado à forma ao mesmo tempo geral e meticulosa de um poder qualquer” (p. 106).

Todo este sistema de obediência exclui a dimensão do espetáculo, já que torna a relação entre o que é punido e o que pune bem particular. Neste sentido, Foucault (1987) aponta duas conseqüências dessa relação: o **segredo**, na medida em que não há interferências externas e que o indivíduo a corrigir deve estar inteiramente envolvido no poder que é exercido sobre ele e também a questão da **autonomia** desta técnica de punição, pois ela deverá ter seu funcionamento, seu saber, fixar suas normas, determinar os resultados.

“Castigos secretos e não codificados pela legislação, um poder de punir que se exerce na sombra de acordo com critérios e instrumentos que escapam ao controle - é toda a estratégia da reforma que corre o risco de ser

comprometida. Depois da sentença é constituído um poder que lembra o que era exercido no antigo sistema. O poder que aplica às penas ameaça ser tão arbitrário, tão despótico quanto aquele que antigamente as decidia” (Foucault, 1987: 107).

Certamente, o fato da relação entre o que é punido e o que pune tornar-se algo bem particular compromete a confiabilidade na reforma. Isto porque na medida em que se tem autonomia, tem-se governo por si mesmo; tem-se decisões próprias e, se este funcionamento próprio é realizado em segredo, significa que algo não pode ser revelado e por isso a técnica de punição será somente de alguns sem interferências externas.

O que surge no aparecimento da prisão é a institucionalização do poder de punir.

No final do século XVIII e início do XIX houve, na chamada sociedade de punição, um investimento na “alma” do infrator que era o inimigo comum e que precisava ser reeducado, remodelado, arrumado etc. Em seguida, segundo Foucault (1987), a sociedade passa a ser disciplinar, o infrator torna-se criminoso e, apesar das sociedades de soberania e punição não terem desaparecido, a idéia passa a ser de “normatização” dos sujeitos. Aparecem então diferentes maneiras de organização do poder de punir: o corpo supliciado, a “alma” cujas representações são manipuladas e o corpo que é treinado, disciplinado.

Desta forma, o século XIX é marcado por uma sociedade disciplinar, na qual é preciso “normalizar” indivíduos por meio do controle dos seus gestos, hábitos, movimentos etc. A idéia é que os sujeitos obedeçam desde pequenos, pois quem obedece é “normal” e os que não obedecem e precisam ser internados são os “anormais”.

Os métodos que possibilitam o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são, segundo Foucault (1987), o que podemos chamar de “disciplinas”.

Constitui-se uma política das coerções que é um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, seus gestos, de seus comportamentos. A coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. De acordo com Foucault (1987) trata-se de uma “anatomia política” que é igualmente uma “mecânica de poder” e que surgiu a partir de uma multiplicidade de processos mínimos, de origens diversificadas, de localizações esparsas. Seu funcionamento se dava nos colégios, mais tarde nas escolas primárias, espaços hospitalares, organizações militares, nas fábricas etc.

A disciplina decorre também à distribuição e organização dos indivíduos nos espaços. Cada sujeito deve ficar no seu espaço de modo a evitar distribuições por grupos, decompor as

implantações coletivas etc.

As disciplinas ao organizarem as “celas”, os “lugares”, e as “fileiras” nas escolas, constroem espaços complexos que são ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. A constituição desses espaços, no séc. XVIII é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber, pois organiza o múltiplo, obtêm instrumentos para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de impor uma “ordem”.

Os sistemas disciplinares têm todos, em sua essência, um pequeno mecanismo penal. Na escola, no exército, nos hospitais, funciona como repressora uma micro-penalidade dos tempos (ausências, atrasos), das atividades (desatenção, negligência), das maneiras de ser (indelicadeza, desobediência), dos discursos (tagarelice, ousadia), do corpo (atitudes consideradas incorretas). Assim, são utilizados, a título de punição, procedimentos que vão desde o castigo físico leve, até privações e humilhações.

Segundo Foucault (1987) *“o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”* (p. 143).

A ordem que os castigos disciplinares devem fazer respeitar é de duas naturezas: uma ordem definida e colocada explicitamente por uma lei, regulamento ou programa e uma ordem colocada e definida por processos naturais e observáveis, por exemplo, o tempo de aprendizado de um aluno, já que ele deve aprender durante um determinado estágio e se não conseguir é muito provável que ficará em evidência no banco ou classe dos “ignorantes”. Desta forma, *“A punição em regime disciplinar comporta uma dupla referência jurídico-natural”* (*Ibidem*, p. 150).

Uma penalidade judiciária tem a função essencial de tomar por referência um corpo de leis e de textos e as disciplinas inventaram um novo funcionamento punitivo. Assim, o funcionamento jurídico- antropológico que a história da penalidade moderna revela tem sua formação nesta técnica disciplinar que fez funcionar os mecanismos de sanção normalizadora. Numa perspectiva foucaultiana esse funcionamento *“(…) não se origina na superposição à justiça criminal das ciências humanas, e nas exigências próprias a essa nova racionalidade ou ao humanismo que ela traria consigo”* (*Ibidem*. p. 153).

No final da era clássica a vigilância e principalmente a regulamentação são os grandes instrumentos de poder. As marcas que significavam status, privilégios tendem a ser substituídas ou acrescidas pelo que Foucault (1987) chama de “graus de normalidade” definidos como sinais de filiação a um corpo social homogêneo, mas que tem em si mesmos um papel de classificação, de hierarquização e de distribuição de lugares.

Em um regime disciplinar há uma individualização “descendente”, ou seja, os sujeitos sobre os quais o poder é exercido tendem a ser mais fortemente individualizados por fiscalizações, por observações, por medidas comparativas que têm a norma como referência, por “desvios”.

Num sistema de disciplina, a criança é mais individualizada que o adulto, o doente o é antes do homem são, o louco e delinqüente mais que o normal e o não delinqüente. É em direção aos primeiros, em todo caso, que se voltam em nossa civilização todos os mecanismos individualizantes (...) (*Ibidem*, p. 161).

Desde o começo do séc. XIX o poder disciplinar utilizou processos de individualização para marcar exclusões. Isto porque as táticas das disciplinas individualizantes foram impostas aos excluídos e, também, a universalidade dos controles disciplinares permitiu marcar quem é normal e quem é anormal e fazer funcionar contra o “anormal” os mecanismos da exclusão. Daí a existência de técnicas e instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, por meio de dispositivos disciplinares.

A disciplina não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia (*Ibid*, p. 177).

Na Antigüidade houve uma civilização do espetáculo, em que predominavam a vida pública, a intensidade das festas e os rituais, nos quais corria sangue. Já na Idade Moderna a idéia é proporcionar a um pequeno número a visão instantânea de uma grande multidão.

Na visão de Foucault (*Ibidem*) as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas segundo três critérios:

Tornar o exercício do poder o menos custoso possível (economicamente, pela parca despesa que acarreta; politicamente, por sua discrição, sua fraca exteriorização, sua relativa invisibilidade, o pouco de resistência que suscita); fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados ao seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam nos aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema” (p. 179).

Sem dúvida esses três critérios estão relacionados a uma conjuntura histórica. Trata-se da explosão demográfica do séc. XVIII, em que houve um aumento da população flutuante; crescimento do aparelho de produção e mudança quantitativa dos grupos que importava manipular, já que no começo do séc. XVII às vésperas da Revolução Francesa houve aumento da população escolar, da população hospitalizada etc.

O crescimento do capitalismo fez apelo à modalidade específica do poder disciplinar que pôde ser colocado em funcionamento por meio de regimes políticos e de instituições muito diversas para defender a sociedade contra o criminoso que irá contra a propriedade privada.

Assim, “(...) *as disciplinas caracterizam, classificam, especializam; distribuem ao longo de uma escala, repartem em torno da norma, hierarquizam os indivíduos em relação aos outros, e, levando ao limite, desqualificam e invalidam*” (Ibidem, p. 183).

Importante comentar que o poder que está em jogo nas formas disciplinares é um poder direto e físico que os homens exercem uns sobre os outros.

A idéia de Foucault (1987) é pensar que o indivíduo é também uma realidade fabricada por essa tecnologia de poder chamada “disciplina”. E que o poder produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. Assim, o indivíduo e o conhecimento desse indivíduo que se pode ter se originam nessas produções.

Com relação aos castigos legais, a prisão e sua tecnologia corretiva devem ser recolocadas no ponto em que se faz a mudança do poder codificado de punir em poder disciplinar de vigiar; no ponto em que as leis universais vêm aplicar os castigos de forma seletiva sempre aos mesmos indivíduos; no momento em que a requalificação pela pena do sujeito de direito se torna treinamento útil do criminoso.

Acaso devemos nos admirar que a prisão celular, com suas cronologias marcadas, seu trabalho obrigatório, suas instâncias de vigilância e de notação, com seus mestres de normalidade, que retomam e multiplicam as funções do juiz, se tenha tornado o instrumento moderno da penalidade? (Ibid, p. 187).

4.2 - As Prisões e os Anormais

A maneira geral de uma aparelhagem para tornar indivíduos dóceis e úteis, por meio de um trabalho preciso sobre seu corpo criou a instituição prisão, antes que a lei a definisse

como pena excelência. O fim do séc. XVIII e início do XIX marcam os primeiros pontos visíveis da transição. Assim, na passagem dos dois séculos surgiu uma nova legislação que definiu o poder de punir como função geral da sociedade que é exercida da mesma forma sobre todas as pessoas e na qual cada uma delas é igualmente representada. Nesse momento, segundo Foucault (1987), foram introduzidos processos de dominação característicos de um tipo particular de poder que é investido pelas assimetrias das sujeições disciplinares, da mesma forma que o nascimento da prisão.

Deste modo, é importante ressaltar que a prisão não surgiu ao acaso, sua existência ainda nos tempos atuais não é óbvia, natural e o que é surpreendente é que *“Conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa quando não inútil. E entretanto não “vemos” o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão”* (Ibidem, p. 196).

A obviedade da prisão se fundamenta, de acordo com Foucault (1987), principalmente na forma simples da privação de liberdade, já que a liberdade é um bem que pertence a todos da mesma maneira e por isso a privação escolhida como o castigo “igualitário”. Além disso, seria possível quantificar a pena segundo a variável do tempo, o que permitiria uma “obviedade” econômica.

O interessante é que ao retirar o tempo do condenado, a prisão parece traduzir concretamente que a infração lesou não apenas a vítima, mas toda sociedade.

Porém, numa perspectiva foucaultiana (1987) a obviedade da prisão se fundamenta também em seu suposto ou exigido papel de instituição de correção dos sujeitos, o que permite a distinção de um duplo fundamento jurídico-econômico de um lado, técnico disciplinar por outro que fez a prisão ser a forma mais civilizada de todas as penas e que lhe deu imediata solidez.

Foucault (1987) chama atenção em sua análise para o fato de que na verdade criou-se uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade possibilita fazer no sistema legal.

O movimento de reforma da prisão é mais ou menos contemporâneo à própria prisão. Desde o início ela se encontrou engajada em uma série de mecanismos de acompanhamento que aparentemente deveriam “corrigi-la” ou “melhorá-la”, mas que fizeram parte de seu próprio funcionamento, já que estão ligados a sua existência no decorrer de toda sua história.

A prisão possibilita um poder quase total sobre os detentos, tem seus mecanismos internos de repressão, de castigos e torturas, é um aparelho disciplinar exaustivo que regula os movimentos do corpo em todos os momentos e durante todo tempo de permanência do

indivíduo contido.

O primeiro princípio da prisão é o isolamento tanto do detento em relação ao mundo externo, como entre os próprios internos, já que a formação de grupos ou encontros entre uns e outros pode resultar em conseqüências dramáticas. Além disso, a solidão contribui para reflexão e por isso é um instrumento positivo da reforma.

O isolamento permite que possa exercer sobre o detento, com o máximo de intensidade, um poder que não terá interferências externas, não será abalado, e por isso “*a solidão é a condição primeira da submissão total*” (Ibid, p. 200).

Segundo Foucault (1987) o aparelho carcerário recorreu a três grandes esquemas: o político-moral do isolamento individual e hierarquia; o econômico, do trabalho obrigatório e o técnico médico, da cura e da normalização.

A prisão torna-se local de observação em dois aspectos: vigilância e conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições, de sua progressiva melhora; as prisões são também um local de formação para um saber clínico sobre os condenados. Esse último aspecto que seria um suplemento disciplinar em relação ao jurídico é o que Foucault (1987) chama de “penitenciário”, onde

A prisão não tem só que conhecer a decisão dos juizes e aplicá-la em função dos regulamentos estabelecidos: ela tem que coletar permanentemente do detento um saber que permitirá transformar a medida penal em uma operação penitenciária; que fará da pena tornada necessária pela infração uma modificação do detento, útil para a sociedade (p. 210).

De acordo com Foucault (1987) surge junto ao aparelho penitenciário uma outra pessoa no lugar do infrator: o delinqüente que se distingue do infrator, na medida em que o que importa não é tanto seu ato, mas sim o que caracteriza sua vida. Trata-se de um inquérito biográfico que faz o criminoso existir antes do crime e constrói uma noção de indivíduo “perigoso”, já que a técnica penitenciária se exerce não sobre a relação de autoria, mas sobre a afinidade do criminoso com seu crime. É um trabalho de constituição de uma nova objetividade, em que o criminoso pertence a uma tipologia natural e desviante. Surge o anormal, pois a delinqüência se associa a um desvio patológico da espécie humana e é essa delinqüência que, neste momento, se faz presente nos tribunais e na majestade das leis; ela será conhecida, avaliada, medida, diagnosticada, tratada; será essa anomalia, essa doença, essa forma de existência que deverão ser considerados nas reelaborações dos códigos.

As propostas de “reforma” até então sempre resultaram em fracasso. Será que esses

fracassos não fazem parte das prisões?

O que precisamos questionar é: Para quê serve a prisão? Qual é sua utilidade, já que a crítica a denuncia continuamente? *“Talvez devamos procurar o que se esconde sob o aparente cinismo da instituição penal que, depois de ter feito os condenados pagarem suas penas, continua a segui-los através de toda uma série de marcações (...)”* (Ibidem, p.226).

Assim, a manutenção da delinqüência, a indução de reincidência e a progressiva construção de “anormais” constituem-se em possíveis respostas às questões colocadas.

“Deveríamos então supor que a prisão e de uma maneira geral, sem dúvida, os castigos, não se destinam a suprimir as infrações; mas antes a distingui-las, a distribuí-las, a utilizá-las; que visam, não tanto tornar dóceis os que estão prontos a transgredir as leis, mas que tendem a organizar a transgressão das leis numa tática geral das sujeições. A penalidade seria então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles” (Foucault, 1987: 226).

A lei é aplicada a alguns. Em princípio ela obriga a todos, mas se dirige principalmente às classes menos favorecidas; a aplicação da lei não se refere a todos da mesma forma e nos tribunais não é a sociedade toda que julga, mas sim uma categoria social encarregada da ordem é quem sanciona outra categoria fadada à desordem.

De acordo com Foucault (1987), a continuidade do sistema prisional como o modelo da grande justiça, permite uma certa legalidade aos mecanismos disciplinares e conseqüentemente às decisões e sanções que estes utilizam. Deste modo, a forma-prisão legaliza, ou em todo caso, legitima o poder disciplinar e o que ele comporta de excesso e abuso.

A resistência à modificação do sistema carcerário não vêm apenas da instituição judiciária, pois a prisão tem determinações, ligações e efeitos extra-jurídicos. A prisão está ligada a toda uma série de outros dispositivos “carcerários” bem diversos que tendem como ela a exercer um poder de normalização.

Com relação à idéia do “anormal”, ela surge na sociedade disciplinar na qual sujeitos precisam ser corrigidos e os que não são tornam-se “anormais” e precisam ser internados, presos.

Segundo Foucault (2002) a sociedade disciplinar, da normalização é fundada no exame que exige um indivíduo “padrão” e que gera micropenalidades, na medida em que é um modelo do tribunal que está na escola, na fábrica, nos hospitais e nas prisões como

expressão limite. Deste modo, não basta vigiar, é preciso um registro contínuo dos comportamentos dos indivíduos. A prisão, por sua vez, nasce da fusão entre justiça e psiquiatria (criminologia).

Em um estudo sobre o exame psiquiátrico em matéria penal, Foucault (2002) fez uma análise desses registros que, de acordo com ele, permitem passar do ato à conduta, do delito à maneira de ser e, de fazer a maneira de ser se mostrar como não sendo outra coisa que o próprio delito.

Desta forma, as séries de noções contidas nesses relatórios tinham por função deslocar o nível de realidade da infração, pois o que as condutas infringiam não era a lei, já que nenhuma lei impede ninguém de ter “distúrbios emocionais”, “orgulho pervertido”, “personalidade pouco estruturada”, “profundo desequilíbrio” etc. São, portanto, qualificações morais que explicitam no sistema carcerário a existência de indivíduos anormais.

Com base neste trabalho constatou-se que o exame psiquiátrico deslegaliza a infração tal como é formulada pelo Código para fazer aparecer por trás dela não mais, exatamente, uma infração no sentido legal do termo, mas uma irregularidade em relação a certo número de regras que podem ser fisiológicas, psicológicas, morais etc. A proposta não é a explicação do crime: na verdade o que se tem que punir é a própria “coisa” e é sobre ela que o aparelho judiciário tem que se abater.

O desejo do crime é sempre correlativo de uma falha, de uma ruptura, de um desvio, de uma fraqueza, de uma incapacidade do sujeito. É por isso que para Foucault (2002) surgem regularmente noções como: “ininteligência”, “insucesso”, “inferioridade”, “defeito de desenvolvimento”, “pobreza”, “feiúra”, “imaturidade” etc.

No século XX, o papel do psiquiatra é constatar se existe, no sujeito criminoso, anomalias mentais que podem ser relacionadas com a infração em questão. É o momento da entrada no domínio da anomalia mental, em que não se considera o sujeito de direito, mas um elemento correlativo de uma técnica que consiste em pôr de lado os indivíduos perigosos para curá-los.

Entre vários outros procedimentos, foi essa transformação que o exame psiquiátrico conseguiu constituir: a substituição do indivíduo juridicamente responsável pelo elemento correlativo de uma técnica de normalização.

Interessante comentar a maneira pela qual o poder de normalização se formou, se instalou, sem jamais se apoiar em uma só instituição, mas pelo jogo que conseguiu estabelecer entre diferentes instituições de maneira que sua soberania foi estendida para toda sociedade.

Numa leitura foucaultiana (2002), a junção do médico com o judiciário implicou em

um discurso que não apenas se organizou em torno da perversidade, mas igualmente em torno do problema do perigo social, isto é, ele também se constituiu como discurso do medo, um discurso que tem por função detectar o perigo e opor-se a ele.

Desta forma, a justiça e a psiquiatria não se preocupam com seu objeto próprio, não põe em prática sua regularidade própria, não é a delinquentes ou a inocentes que o exame se dirige. É a algo que está na categoria de anormais. O exame pertence ao funcionamento de um poder que não é nem judiciário, nem poder médico, trata-se de um poder da normalização, ou seja, constitui-se como instância de controle do anormal.

O indivíduo que deve ser corrigido se apresenta como tal, na medida em que fracassaram todas as técnicas, todos os procedimentos, todos os investimentos familiares e educacionais pelos quais se pode ter tentado corrigi-lo. De acordo com Foucault (2002), o que define o indivíduo a ser corrigido é que ele é incorrigível.

A idéia do autor é que a criação destes esteriótipos tem relação com o poder de punir. Desta forma, na Idade Média havia a figura do “monstro” e a monstrosidade estava relacionada à irregularidade natural que quando aparecia, o direito era questionado. Quando a desordem da natureza abalava a ordem jurídica, aparecia a figura do monstro (ex. os hermafroditas).

A noção de monstrosidade é modificada no início do século XIX, em que aparecem as “esquisitices”, “espécies de imperfeição”, “deslizes da natureza” que são agora o pretexto de certo número de condutas criminosas.

A monstrosidade não é mais jurídico-natural e sim jurídico-moral. Trata-se da monstrosidade da conduta, do próprio comportamento e não mais da natureza.

Assim, a partir do século XIX, a relação se inverte e haverá o que Foucault (2002) chama de suspeita sistemática de monstrosidade no fundo de qualquer criminalidade, em que todo criminoso poderia muito bem ser, afinal de contas, um monstro do mesmo modo que outrora o monstro tinha grande probabilidade de ser criminoso.

O fato de no Antigo Regime a aberração da natureza ser inscrita efetivamente na transgressão das leis e não o inverso se deu por causa da economia do poder de punir pautada no suplício, na qual entre o crime e a punição do crime não havia algo como uma medida que teria servido de unidade comum a um e a outro. Não era em termos de medida, de igualdade ou de desigualdade mensurável que se colocava o problema da relação crime/castigo. Havia um desequilíbrio no próprio cerne do ato de punição.

No terror dos suplícios devia haver a intimidação de todo crime futuro, era a vingança do soberano, sua revanche, era a volta de sua força. O suplício tinha seu lugar naturalmente

inscrito em uma economia desequilibrada das punições. A peça principal dessa economia não era a lei da medida: era o princípio da manifestação excessiva. Desta forma, não havia monstrosidade do crime porque por mais monstruoso que pudesse ser um crime, por mais atroz que se manifestasse, sempre havia um poder a mais, próprio da intensidade do poder soberano, algo que permitia que esse poder sempre respondesse a um crime, por mais atroz que fosse.

Nessa época não havia necessidade de ter algo como uma natureza do crime monstruoso. O que havia era uma estratégia de poder que exibia sua força em torno e a propósito do crime e não uma mecânica do crime que seria da alçada de um saber possível. É por isso que até o fim do século XVII nunca existiu questionamento sobre a natureza do criminoso. O juiz não tinha interesse em compreender o crime, queria apenas saber se tinha sido cometido.

Deste modo, até o fim do século XVIII a economia do poder punitivo era tal que a natureza do crime, principalmente a natureza do crime monstruoso, não tinha porque ser pensada, colocada.

Segundo Foucault (2002), a transformação do século XVIII se deu a partir de uma nova economia dos mecanismos de poder, ou seja, os mecanismos de poder perderam o caráter do regime feudal e surgiu uma espécie de lei absolutamente fatal e necessária que pesava, em princípio, da mesma maneira sobre todos.

Neste momento, não é mais o crime a doença do corpo social, mas sim o criminoso que, como criminoso, poderia ser de fato um doente. Surge a patologia da conduta criminosa. A questão do ilegal e a questão do anormal. Isto porque o criminoso rompe o pacto quando precisa ou tem vontade, quando seu interesse manda, quando faz prevalecer a razão de seu interesse.

De acordo com Foucault (2002), o crime tem sua natureza e o criminoso é um ser natural caracterizado, no próprio nível de sua natureza, por sua criminalidade. Assim, é exigido por essa economia do poder, um novo saber, um saber de certo modo naturalista da criminalidade. É preciso fazer a história natural do criminoso como criminoso.

Importante ressaltar que a prisão é um modelo institucional que ainda hoje funciona como a grande solução no enfrentamento da criminalidade e que as políticas implementadas parecem estar voltadas apenas às pessoas que cometem crimes, aos “desviados”, inclusive quando se trata de adolescentes que cumprem medidas de internação em Unidades da FEBEM.

4.3 - O Poder de Punir nas FEBENS

A idéia deste item do estudo é entender como se estabelecem nas Unidades de Internação Provisória da FEBEM pesquisadas as relações de poder e se o desenvolvimento de uma proposta educativa contribui para mudanças nas práticas efetivadas nessas instituições que guardaram características repressivas ao longo da história.

Inicialmente, um aspecto a ser comentado é referente à inclusão de elementos e personagens extrajurídicos no poder de punir que, segundo Foucault (1987), foi uma das mudanças na estratégia do poder de punir da Idade Antiga para a Idade Moderna.

É importante ressaltar que ainda hoje nas duas Unidades da FEBEM pesquisadas há diferentes segmentos profissionais que atuam junto aos jovens e foi possível perceber em depoimentos de professores, tanto da Unidade M, como da Unidade F que a atuação dos profissionais de diferentes áreas nessas instituições não significa menor punição, no sentido de repressão e/ou contenção dos adolescentes internados.

"(...) eu sou uma pessoa que sei até onde o meu trabalho vai e até onde vai o trabalho do monitor então eu não invado o espaço dele e espero que ele não invada o meu né? Eu não crio situações pra constranger o trabalho da monitoria e eles respeitam o meu trabalho, então a gente respeita (...)"(professora UIP F, 17/10/03).

"Eu não posso [interferir no trabalho da proteção]. Do meu ponto de vista de educadora eu posso chegar e falar assim: "Aí não quero esse monitor, não quero essa pessoa porque (...) me disseram que ele bate que ele espanca". Então eu não posso interferir se existe, que a gente sabe que existe né? Não são pessoas que pensam como eu penso e que prezam a educação (...)"(professora UIP F, 17/10/03).

Com base nos depoimentos, nota-se que cada profissional cumpre seu papel dentro da FEBEM e que há uma relação de respeito entre eles.

Se os educadores são coniventes ou passivos diante de práticas de maus tratos nas Unidades, é possível inferir que de alguma forma eles também têm participação na economia dos castigos, pois estão envolvidos nas relações de poder ali estabelecidas.

Na Unidade M foi perguntado para uma profissional o que ela achava de uma reportagem publicada em uma revista que comentava a existência de maus tratos na FEBEM. Sobre a questão discorreu que: "*Não... Eu acho na verdade... Eu acho mentirosa em um ponto*

(...) quando ele [repórter] diz (...) que professores aqui em sala de aula instigam tortura (...)"
(auxiliar da coordenação pedagógica UIP M, 02/06/04).

O fato desta educadora, durante a conversa sobre a questão de maus tratos na FEBEM, criticar somente comentários da matéria relativos à atuação docente é um indício de que a repressão é realizada por outros profissionais da instituição.

Essa hipótese pode ser confirmada no depoimento de um adolescente da Unidade M que relatou a existência de práticas repressivas e educativas na instituição.

"Então o que eu vou levar daqui são muitas lembranças boas e ruins. As boas é que eu aprendi [com a professora] (...) respeitar, ser leal, honesto, amigo, (...) e as ruins é que essas nós paga no pátio com os funcionários [monitores], ou seja, os castigos (...)" (adolescente UIP M, 10/11/03).

O que chama atenção no depoimento é que o adolescente faz uma distinção entre o trabalho da professora e o do agente de proteção (antigo monitor) e acredita que mesmo estando em uma Unidade da FEBEM, na qual existem castigos, é possível sair da instituição e levar boas lembranças.

Outros meninos desta mesma Unidade também falaram sobre as relações estabelecidas entre eles e os diferentes profissionais que atuam na FEBEM.

"Se você chega num funcionário [monitor] explica (...) o que você pensa, o funcionário não quer saber disso, ele está ali pra fazer o serviço dele e você está ali pra cumprir as normas da casa. Essa é a intenção do funcionário. A professora não (...) nós consideramos a professora dentro da sala de aula uma família (...)" (adolescente UIP M, 08/03/04).

"(...) nós tratamos a professora não como uma funcionária da FEBEM, nós tratamos ela como uma professora (...) É diferente porque a funcionária da FEBEM muita gente trata com mais medo (...) qualquer coisinha que você vai falar pra ela, neguinho pensa: "Não, tenho que medir as palavras que eu vou falar pra ela". Porque ela pode me bater né? (...) agora a professora não, a professora ela abre espaço, qualquer dúvida (...) você chega nela e pergunta (...)" (adolescente UIP M, 08/03/04).

"(..) nós tá preso na FEBEM; FEBEM é o quê? Muito conflito (...). A partir do momento que nós saímos do pátio, o que teve no pátio é no pátio, ali na sala de aula já é outra coisa" (adolescente UIP M, 08/03/04).

Com base nos depoimentos, nota-se que para os jovens a sala de aula é um espaço diferente do restante da Unidade e as relações estabelecidas entre eles e os professores nesse espaço onde é desenvolvido o projeto educativo, os fazem valorizar o educador.

A valorização do professor se dá principalmente porque com ele os adolescentes têm

espaço de participação para falar, dialogar. De acordo com eles, o diálogo ainda não é uma prática possível com todos os profissionais da Unidade.

"(...) porque aqui dentro (...) a gente é menosprezado a gente não tem aquela atenção necessária entendeu? Na sala de aula com a minha professora meu, a única pessoa na Unidade que demonstrou atenção por mim (...) ela e seu F. [coordenador pedagógico] (...) porque eu tenho maior diálogo com os dois entendeu? Eu acho que o que falta aqui dentro é isso (...)" (adolescente, UIP M, 08/03/04).

Será que o fato desses adolescentes terem maior diálogo com os educadores da Unidade faz com que eles questionem esses profissionais e suas posturas diante de situações de maus tratos? Porque jovens e educadores permitem ocultar, na FEBEM, o cadafalso do Antigo Sistema?

As informações coletadas até aqui revelam a existência de uma forte contradição entre repressão e educação existente nas Unidades M e F da FEBEM. A prática de maus tratos nas Unidades compromete o cumprimento de medida socioeducativa como previsto no ECA.

Isto porque a medida socioeducativa de internação tem seu aspecto de natureza punitiva que se refere justamente à privação do direito de ir e vir dos jovens e o aspecto de natureza educativa, entendido como proteção integral, acesso à formação e informação. Assim, a idéia é que seja uma forma de contenção sem violência.

Certamente, a existência de um projeto educativo comum que envolvesse todos os profissionais da instituição em torno de objetivos que garantissem a proteção e educação dos jovens das Unidades da FEBEM, contribuiria para a efetivação da medida socioeducativa.

Porém, nota-se que o envolvimento de elementos extrajurídicos no atendimento aos adolescentes infratores se constitui como prática atual nas Unidades da FEBEM pesquisadas e nelas diferentes personagens (professores, assistentes sociais, psicólogos, diretores, monitores, juizes etc) se entrelaçam com o poder de punir.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é referente a um tipo de poder existente nas Unidades M e F que visa um controle rígido sobre os corpos dos/as adolescentes que devem obedecer e respeitar as regras da instituição.

No caso da Unidade F esse controle pode ser percebido nos depoimentos de um agente de proteção que falou sobre as relações de poder estabelecidas entre a equipe dele e as adolescentes.

"Terminou de almoçar, abaixa a cabeça" (agente de proteção UIP F, 03/06/04).

"(...) elas vão (...) enfileiradas e a gente exige que elas vão com as mãos pra trás né? Pra qualquer problema a gente poder (...) imediatamente (...) verificar qual é a menina, identificar" (agente de proteção UIP F, 03/06/04).

"(...) se elas começam a conversar demais, ou seja, se a gente dá muito espaço pra elas conversarem muito, se comunicarem muito, a tendência é acontecer (...) conflitos. Então (...) a gente evita que elas tenham muita conversa paralela (...) fora daquilo que elas estão tendo como atividade" (agente de proteção UIP F, 03/06/04).

Já na Unidade M foram os próprios jovens que disseram como se dão essas relações de poder.

"(...) os funcionários mandam ficar formado (...) Nós fica quieto, não pode conversar, fica formado com a mão no joelho, ainda não pode conversar, não pode brincar um com o outro" (adolescente UIP M, 10/11/03).

"A formação (...) é cedo na hora de entrar pra sala. Os funcionários falam: "A formação!". Aí monta uma fileira de formações; mãos sobre os joelhos e continua na sala nessa formação. Não pode ser conversado, tem que ficar quieto. Aí os funcionários vão chamando é na hora de almoçar é na hora da janta, à noite, eles pedem formação" (adolescente UIP M, 10/11/03).

"Aqui quando você entra (...) os funcionários passam as regras" (adolescente UIP M, 10/11/03)".

Com base nos depoimentos, nota-se que o controle nas FEBENS vai desde horários, atividades regulares, até movimentos obrigatórios e silêncio. Assim, relações de poder que surgiram na sociedade disciplinar visando a manipulação de corpos para que se tornassem úteis e dóceis são práticas que ainda existem em instituições fechadas, de contenção de jovens.

Nessa lógica, se os/as adolescentes não respeitarem as regras, irão sofrer algum tipo de mecanismo penal.

No depoimento de um adolescente da UIP M é possível notar um tipo de penalidade exercida na Unidade pelo agente de proteção quando os meninos desobedecem a ordens da "casa". Para o adolescente da UIP M, entrevistado no dia 10/11/03 *"Bom aqui (...) quando nós desrespeitamos o funcionário ele (...) simplesmente manda nós ficar de coco [cabeça] na parede, pronto. Ali nós fica umas 2 ou 3 horas (...)"*.

Esses procedimentos punitivos que ocorrem em diferentes instituições (escolas, hospitais psiquiátricos, prisões, fábricas) vão desde o castigo físico leve até humilhações. A partir do relato deste adolescente da FEBEM seria conveniente falar em formas de

humilhação existentes na FEBEM.

Aliás, os comportamentos, movimentos, posturas exigidas tanto na Unidade M, como na F, podem ser consideradas diferentes formas de humilhação. Parece que o fato de cometer uma infração já torna legítimo este tipo de tratamento, apesar de não ter nada sobre isso escrito no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990.

Ao serem questionados sobre o que achavam da Unidade, a maioria dos jovens da UIP M (15,6%) falou sobre as questões dos maus tratos e o mesmo percentual fez referência às diferentes formas de humilhações às quais são submetidos.

Tabela IV-I Opinião dos adolescentes sobre a Unidade M

Opinião	Valor abs.	Valor perc.
Falta respeito e paciência dos funcionários/ existência de maus tratos	10	15,6
Não gostam por ter que andar de cabeça baixa e mãos para trás/ métodos rígidos (cabeça na parede; ficar trancado; sentado no chão gelado passando frio)	10	15,6
Muito ruim/ triste/ não gosta	07	10,9
Não é bom, nem ruim/ não acha nada	07	10,9
Gosta da UIP porque é educativa/ houve muitos aprendizados na escola	05	7,8
Na Unidade gosta somente da escola da UIP	05	7,8
Gosta por causa do alimento	03	4,7
Acha boa	03	4,7
Lugar que incentiva mudar de vida/ ajuda refletir sobre o erro cometido	03	4,7
Se comparada a outras FEBENS a UIP não é tão ruim	02	3,1
Poderia melhorar se pudesse ter visitas de irmãos e esposas	02	3,1
Aprende ter disciplina	01	1,6
Não gosta de ficar sem a liberdade	01	1,6
NR	05	7,9
Total	64	100

A maioria dos jovens que ressaltaram aspectos positivos (7,8%), disseram que gostam da UIP por causa da escola e dos aprendizados, o que revela que a proposta educativa teve um significado positivo para alguns adolescentes.

Houve um mesmo percentual de meninos (7,8%) que também falou sobre a escola, mas a diferença foi que a apontavam como o único aspecto positivo da UIP, ou seja, em suas

respostas os comentários eram: “a única coisa boa aqui é a escola porque o restante...” ou “o que tem de bom é a escola e o que tem de ruim...”. Assim, nessas respostas, apesar deles enfatizarem a importância do estudo, não deixaram de lado suas críticas referentes às outras práticas na instituição.

No caso da UIP F, as adolescentes também deram suas opiniões sobre a Unidade e, diferentemente dos meninos, a maioria delas (21%) relatou que gosta da instituição devido ao desenvolvimento da proposta educativa.

Tabela IV- II Opinião das adolescentes sobre a Unidade F

Opinião	Valor abs.	Valor perc.
Gosta da UIP porque é educativa/ houve muitos aprendizados na escola	08	21
Não gostam por ter que andar de cabeça baixa e mãos para trás/ métodos rígidos (cabeça na parede, ficar trancado)	05	13,2
Não é bom, nem ruim/ não acha nada	05	13,2
Um lugar para refletir sobre o erro cometido	05	13,2
Na Unidade gosta somente da escola da UIP	04	10,5
Falta respeito e paciência dos funcionários/ existência de maus tratos	02	5,3
Não gosta de ficar sem a liberdade	02	5,3
Muito ruim/ triste/ não gosta	01	2,6
Gosta porque na rua passava fome, frio e usava muitas drogas	01	2,6
Aprende ter disciplina	01	2,6
NR	03	7,9
Total	38	100

Apesar de apenas 5,3% das jovens falarem sobre a existência de maus tratos, um percentual significativo (13,2%) demonstrou desgosto pela UIP por causa dos rigorosos métodos disciplinares.

Outro aspecto que chama atenção nas respostas dos/as jovens é que 13,2% das meninas e 4,7% dos meninos disseram que a FEBEM é um lugar que ajuda a refletir sobre o erro cometido. Esse princípio do isolamento como possibilidade de reflexão sobre o erro cometido, é tão presente em nossa sociedade que os próprios adolescentes acham que a FEBEM é um espaço que permite essa reflexão. Vale lembrar que o isolamento até hoje é visto como um aspecto positivo da prisão.

Isso revela que ainda temos um longo caminho a percorrer para que o conceito de socialização de jovens que cometeram ato infracional seja pensado em meio aberto, ou seja, para que haja crença num trabalho eficaz com esses adolescentes, por meio de liberdade e participação social. Para que isso ocorra é necessária outra forma de fazer e pensar esses jovens que ainda se parecem com “anormais”.

Nas conversas com as adolescentes da Unidade F elas falaram sobre preconceito.

"(...) tem muitas pessoas que não acreditam em nós também entendeu? Porque acha que porque a gente robamo, ou matamo, ou tamo vendendo droga ali, acha que a gente não tem capacidade de ser alguém (...)" (adolescente UIP F, 03/06/04).

"(...) eles [sujeitos da sociedade] só acreditam que o jovem que cometeu o ato infracional da FEBEM vai pra uma cadeia, não vê esse incentivo da gente sair daqui, fazer uma vida lá fora, construir uma família, construir um convívio social entre a sociedade, ter um trabalho (...)" (adolescente UIP F, 03/06/04).

"(...) tem gente na sociedade que trata a gente como um bicho" (adolescente UIP F, 03/06/04).

Um adolescente da Unidade M também falou sobre a discriminação e sobre a importância de debater a questão pra superar dificuldades.

"(...) tinha um primo meu que tinha passado na FEBEM, (...) aí foi pro mundão e houve assim tipo uma discriminação porque ele já tinha passado na FEBEM, tinha sido preso. Aí quando eu cheguei aqui, sempre ficou na minha mente (...) nossa agora eu vou ser discriminado por algumas pessoas, porque querendo ou não, pra algumas pessoas você é um FEBEM, você já foi preso, você já roubou alguém, sempre é discriminado. Em algumas aulas (...) conversando com alguns professores a gente temos aprendido assim (...) é provar pro mundo que a gente somos discriminados a senhora está entendendo? A gente tem que mostrar (...) que a gente podemos superar aquilo. Que estamos querendo (...) debater a senhora está entendendo? A gente podemos vencer aquilo que tá lá fora, aquilo que tá nos esperando" (adolescente, UIP M, 08/03/04).

Em contrapartida, outro jovem que se encontrava na mesma Unidade da FEBEM e que tinha feito uma opção pelo homossexualismo, parece já não ter muitas perspectivas em relação a uma sociedade que faz com que a história e a existência de crianças e adolescentes “anormais” seja natural.

"(...) eu sou homossexual, então quando eu assumi pra minha família, foi um espanto (...) eu sai da minha família com oito anos de idade, convivi em

abrigo por muito tempo, fugia, voltava. Então, assim é a minha vida. Então eu não sei onde me apoiar pra conseguir estudar, voltar aos estudos, não sei entendeu? Não sei, particularmente eu não sei" (adolescente UIP M, 08/03/04).

A reflexão pretendida a partir deste conjunto de informações é que todos nós, inclusive os (as) adolescentes que se encontram nas FEBENS, estamos envolvidos nas relações de poder que circulam no país, não existe exterioridade às relações de poder e, portanto eles também contribuem para o próprio preconceito, opressão ou exploração. Numa leitura foucaultiana, na análise das relações de poder não está em jogo o abuso do poder, e sim compreender *como se governa sobre*, ou ainda, *como eu me governo*.

Revela, portanto, discursos (que também são nossos) presos à lógica da vitimização e desresponsabilização, já que a culpa sempre é posta no outro, o que cria um "eu" descomprometido, muitas vezes, com sua própria condição.

Albuquerque (2001) põe em xeque algo que incomoda e abala: o fato de todos propiciarem o funcionamento do aparelho, sem exceções e, portanto, trata-se, segundo Foucault, das *práticas de si* e principalmente do *cuidado com o tirano de si*.

Se negar a ocupar o lugar de vencido é um aspecto importante que o livro de Albuquerque (2001) ressalta. Assim, o que pode ser provocado são deslocamentos de poder que impõe a alguém ou algum lugar um determinado espaço que por ser estabelecido historicamente está em constante movimento. Trata-se segundo o autor de

“(...) desnaturalizar (...) de problematizar a sua invenção, de buscar sua historicidade, no campo das práticas e discursos. Tentar fazer com que este espaço cristalizado estremeça, rache, mostrando a mobilidade de seu solo, as forças tectônicas que habitam seu interior (...) (p. 26).

Isso implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens, ou seja, considera-se os homens em suas relações dialéticas com o mundo. Nesse sentido, a sociedade não está pronta e acabada, sendo um processo contínuo de construção. Porém, a naturalização do que se tem de real na sociedade não leva em conta as possíveis intervenções que podem e devem ser realizadas, ou seja, nota-se que o inatismo presente nos homens faz com que pessoas, povos ou mesmo países sejam vistos como "naturalmente inferiores".

É preciso refletir sobre a atualidade, pensar o presente que é resultado de uma história; um universo que continua funcionando e sendo encaminhado por cada um de nós.

É muito comum ouvirmos educadores falarem sobre a importância de realizar um

trabalho crítico com os alunos. Porém, é necessário nos distanciarmos das definições de poder e saber, cuja crença é a de que por meio de um processo de conscientização e educação os poderes dominantes podem ser desmascarados para revelar a verdade.

Segundo Foucault (1987), o poder não é necessariamente repressivo, na medida em que incita, induz, amplia ou limita, torna mais provável ou menos provável. O poder por ser exercido e praticado, circula, passando através de toda a força a ele relacionada. Deste modo, é necessário entender os pontos particulares em que ele passa para que se possa compreender o funcionamento do poder, ou seja, é preciso olhar de forma renovada e atenta para as “micropráticas” do poder nas instituições. A idéia da visão crítica ou ele, ou eu precisa ser rompida.

Certamente, todos nós estamos envolvidos em relações de poder e por isso não seria possível o educador permanecer em uma posição privilegiada, a partir da qual se pode analisar e criticar o poder sem estar envolvido com ele.

O objetivo não é procurar uma situação de não-poder e sim um estado de luta permanente contra as posições e relações de poder, incluindo também, aquelas nas quais, como educadores nós próprios estamos envolvidos. O saber do educador não paira acima e fora das lutas de poder: é parte integrante e essencial delas.

Assim, suas pedagogias críticas só o serão, na medida em que aplicarem a si próprios os instrumentos de crítica que aplicam aos outros e é na sua própria relação com os alunos que se dará seu possível envolvimento em processos de regulação e controle. O educador, nessa perspectiva, não se reconhece tanto pelo grau de sua crítica em relação às posições de poder dos outros, quanto pelo grau de sua auto-reflexão, já que todo saber/conhecimento torna-se igualmente suspeito de vínculo com o poder.

Para os educadores que atuam nas FEBENS é fundamental refletir que a possibilidade de ensinar não garante necessariamente novas práticas e as mudanças permanecem apenas no ideal e na legislação quando, na realidade, é crucial o *fazer*.

Sobre o projeto educacional implementado, foi possível perceber que ele contribuiu para que os/as adolescentes tivessem, dentro da instituição, um espaço de participação: a sala de aula. Porém, a FEBEM, enquanto instituição responsável pelos adolescentes privados de liberdade, ainda está longe de ser um espaço educativo.

CONCLUSÃO

O intuito desta pesquisa foi buscar elementos que permitissem ampliar a reflexão sobre o desenvolvimento de um projeto educativo em duas instituições de privação de liberdade – FEBENS/SP- responsáveis pelo atendimento de adolescentes que cometeram ato infracional.

A FEBEM, apesar de ser entendida como solução preferencial da sociedade no enfrentamento da criminalidade, é um modelo institucional questionado em diversos estudos realizados por autores ligados à área (Vicentin, 2002; Volpi, 2001; Guará, 2000; Silva, 2001).

As denúncias de maus tratos e freqüentes rebeliões dos adolescentes estão também no cotidiano da mídia, o que revela que o uso do castigo com imposição de penas violentas não é uma estratégia eficaz para modificar condutas ou restaurar relacionamentos. Parece que esta forma de lidar com o crime apenas retroalimenta a violência.

“Há décadas que a FEBEM tem sido objeto de denúncias de tortura, maus-tratos e condições de internação cruéis, desumanas e humilhantes afetando centenas de adolescentes. Grande parte dessas denúncias foram comprovadas materialmente por laudos de exames de corpo de delito requisitados pela Promotoria do Departamento de Execuções de Infância e Juventude e por testemunhos dos adolescentes. Desde novembro de 1999, quando teve início o projeto de Reformulação da FEBEM, estima-se que mais de 700 internos foram vítimas de tortura e agressões perpetradas por funcionários em diversas Unidades da FEBEM (...) No período situado entre agosto de 1999 e março de 2001, foi requisitada pela Promotoria de Justiça do DEIJ a instauração de noventa e seis inquéritos policiais para apuração de crimes de tortura praticados, em tese, por funcionários da FEBEM contra adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação (...)” (Vicentin, 2002, p.338).

Por isso, na conjuntura atual é importante que haja reflexão, mas principalmente encaminhamentos de políticas públicas que visem práticas concretas de extinção deste modelo institucional responsável pelo atendimento de adolescentes que cometeram ato infracional. Se este momento histórico não for aproveitado iremos demonstrar a mais profunda incompetência política, técnica, ética de toda a ordem.

Um primeiro aspecto importante constatado neste estudo é sobre a necessidade de relativizar o peso da educação como condição estratégica para a mudança da FEBEM.

Nas Unidades da FEBEM pesquisadas, foi possível perceber que uma proposta curricular de educação não foi suficiente para garantir o desenvolvimento de medida

socioeducativa como previsto no ECA. Dentro das normatizações é direito do adolescente privado de liberdade participar de processos educativos. Porém, para que haja mudança na FEBEM, no sentido de se tornar um espaço educativo de proteção dos adolescentes, outras condições precisam ser garantidas.

As dificuldades existentes vão desde o espaço físico inadequado ou inexistente, a superlotação, a falta de organização das populações dentro de cada instituição (idade, ato infracional), a descaracterização das Unidades; até questões referentes à obediência de normas disciplinares rígidas e práticas de maus tratos.

Desta forma, o problema não será resolvido por meio de “reforma” ou “mudança” na instituição que será efetivada pela educação. O problema será resolvido com a extinção deste modelo de atendimento perigoso, quando não inútil, que carrega ao longo da história a estrutura e o modo de funcionar das prisões.

A FEBEM não surgiu naturalmente, trata-se de processos construídos nas interações entre os homens. A realidade social, objetiva, não existe por acaso, mas é produto das relações entre os homens. É uma história que não deve ser vista apenas como passado ou futuro, mas sim como presente; é preciso refletir sobre nossa memória em um universo que continua funcionando e sendo encaminhado por cada um de nós. Trata-se de pensar o presente, refletir sobre a atualidade.

Nessa lógica, as realidades também não se transformam por acaso, afinal, se os homens são produtores de realidades e estas na prática se voltam sobre eles e os condiciona, transformá-las é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

As medidas em meio aberto precisam de um maior investimento por parte do poder público com maior participação da comunidade num processo de socialização dos adolescentes que priorize a liberdade.

O exercício da liberdade não pode ser feito, por meio da privação. Segundo Volpi (2001)

“O confinamento, a reclusão, a privação da liberdade só se sustentam como alternativa de alienação e castigo. Como forma de socialização ou ressocialização, de recuperação de vínculos sociais positivos ou de possibilidade de inclusão social, a privação de liberdade constitui-se em uma contradição frontal a qualquer desejo pedagógico” (p.56).

Outro aspecto importante percebido na pesquisa foi que para meninos e meninas que se encontravam privados de liberdade nas Unidades, o direito à educação de boa qualidade como previsto no ECA, já era um direito suspenso antes de se encontrarem na FEBEM. A

própria escola pública já tinha se encarregado de privá-los desse direito.

Nas entrevistas com os/as adolescentes sobre o projeto, o que chamou atenção foi o valor que eles deram ao ensino quando fez algum sentido para eles.

Seus depoimentos mostraram que ao vivenciarem uma proposta educativa que compartilhava conhecimentos e refletia questões reais sobre seus projetos de vida, eles, além do envolvimento, participação e aprendizados, fizeram, a partir de uma outra experiência educacional, sérias críticas em relação ao ensino público. Suas críticas vão desde conteúdos curriculares, metodologias de ensino e avaliação, até preconceitos e exclusão que vivenciaram na própria escola pública regular.

Deste modo, foi possível perceber que esses jovens que estavam em situação de privação de liberdade nas Unidades de Internação Provisória da FEBEM são capazes de pensar, participar e opinar sobre assuntos diversos. Assim, existem outras formas de lidar com eles, que não a repressão e violência.

Os dados também revelaram um sistema penal seletivo, já que as populações dessas Unidades, de modo geral, pertencem às classes de menor capital social e econômico, têm baixa escolaridade e baixa renda.

Os adolescentes privados de liberdade também não estão desvinculados do universo econômico e sociocultural no qual estão inseridos e por isso não podem ser considerados figuras abstratas. A juventude deve ser encarada como categoria histórica e a explicação de seu comportamento deve considerar suas relações e inserção numa estrutura global.

Da mesma forma, as políticas públicas de juventude devem refletir junto aos jovens suas relações com um mundo pós-moderno e globalizado considerando, obviamente, suas escolhas e multiplicidades, já que cada sinal humano, cada cicatriz, cada riso, cada paixão, cada sofrimento fala sobre uma história, uma marca. De acordo com Souza (2003)

“Isso implica não falar genericamente da juventude como se fosse um bloco homogêneo, mas sim uma categoria segmentada: estudantes e não estudantes, trabalhadores e não trabalhadores, homens e mulheres, moradores das grandes e das pequenas cidades (ou ainda da zona rural)” (p. 45).

Deste modo, a relação entre juventude e violência deve ser pensada num contexto social, político, econômico e cultural e as políticas voltadas para esse segmento da população devem considerar que os processos estabelecidos nas sociedades produziram realidades e que nossos jovens também são parte delas.

A prática de atos infracionais é resultado de um amplo conjunto de fatores e as

atitudes dos jovens irão depender do conceito de socialização com o qual se opera uma medida socioeducativa.

A FEBEM não foi planejada para um atendimento educativo e as propostas de “reforma” sempre fracassaram porque os fracassos fazem parte da instituição. Para Foucault (1987) *“Conhecem-se todos os inconvenientes da prisão, e sabe-se que é perigosa quando não inútil. E entretanto não “vemos” o que pôr em seu lugar. Ela é a detestável solução, de que não se pode abrir mão”* (p. 196).

Desta forma, a única resposta ao ato infracional é a prisão e parece que com isso o Estado cumpre seu dever de responder ao crime.

A prática de um crime não afeta somente a vítima e o responsável pelo ato infracional, mas causa dano aos relacionamentos entre pessoas e comunidades.

“Que do lado dos adultos conquistemos maior clareza em nossa capacidade de produzir diferenças neste campo, onde tudo parece difuso e indiscernível: a violência, a criminalidade e nossa própria ação, parece ser outra dimensão importante desta luta. Penso que se em nossa ação fomos capazes de operar mais refinadas e múltiplas delimitações, instaurando novas fronteiras entre o legítimo e o ilegítimo, teremos contribuído para alargar o campo de vida para todos. Para tanto, é importante que na luta social e política e legal possamos recusar o intolerável (...)”. (Vicentin, 2002, p.296).

Assim, a sociedade civil inteira precisa ser chamada e ter uma atuação ativa no encaminhamento do conflito, pensar outros espaços e estratégias de trabalho com nossos jovens. Trata-se da participação da sociedade num trabalho que é responsabilidade de TODOS.

Com relação ao projeto educativo desenvolvido nas UIPs da FEBEM/SP voltado para a introdução de uma política pública de atendimento aos adolescentes privados de liberdade, vale comentar que será política pública, na medida em que ganhar adesão da instituição, houver continuidade das ações e condições estruturais necessárias para que permaneça e se mantenha.

Há ainda muito que se percorrer e lutar pela implementação de políticas públicas que garantam os direitos de adolescentes em situação de privação de liberdade como prioridade absoluta. Este é o grande desafio, a tarefa por fazer.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

CAMPOS, Maria Malta. *Observatório da Educação*. A qualidade da educação em debate. São Paulo, 2000.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA. *Educação e Cidadania: proposta pedagógica*. São Paulo: CENPEC, 2004.

CHARLOT, Bernard. *A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____(org.). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Petrópolis: Vozes (no prelo).

COMPARATO, Fábio Konder. *Direitos Humanos e Estado*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CORTELLA, Mario Sérgio. *A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez, 2000.

CURY, Munir; SILVA, Antonio F. do Amaral; MENDEZ, Emílio Garcia (coord.). *Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado*. São Paulo: Malheiros, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda Carvalho (org.). *Políticas Públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2003.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

_____. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Estratégia, poder-saber*. Coleção Ditos e Escritos IV. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2003.

GUARÁ, Isa. *O crime não compensa, mas não admite falhas: padrões morais de jovens autores de infração*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC/SP, 2000.

HADDAD, Sérgio. O Direito à Educação no Brasil. 2003. Disponível em www.acaoeducativa.org e www.dhescbrasil.org.br

HARNIK, Simone; LAGE, Amarílis. FEBEM tem a 30ª rebelião no ano. *Folha de São Paulo*, 06 de julho 2005.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Adolescentes em conflito com a lei: situação do atendimento institucional no Brasil*. Brasília: IPEA, 2003.

MENA, Fernanda. ECA não avança em política a jovem infrator. *Folha de São Paulo*, 11 de julho 2005.

MERRIAM, S.B. *Case Study: Research in Education- A qualitative approach*. San Francisco: Jossey- Bass Publishess, 1988.

MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Estratégia Poder – Saber: Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

NOGUEIRA, Doracy. *Pesquisa Social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

NÓVOA, Antônio (org) *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PINTO, Álvaro V. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

SAEB 95. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: MEC/INEP, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *A Educação Obrigatória: seu sentido educativo e social*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SANTOS, Boaventura de S. (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHILLING, Flávia (org). *Direitos Humanos e Educação: outras palavras, outras práticas*.

São Paulo: Cortez, 2005.

SELLTIZ, Claire; JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart W. Métodos de pesquisa nas Relações Sociais. São Paulo: EPV, 1974.

SILVA, Roberto. A Eficácia Sócio-Pedagógica da Pena De Privação de Liberdade. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação da USP: FEUSP, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

SOUZA, Regina Magalhães. *Escola e Juventude: o aprender a aprender*. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

TEIXEIRA, Maria de Lurdes. *Adolescência-Violência: uma ferida de nosso tempo*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC/SP, 2002.

TORRES, Rosa Maria. *Educação para Todos: a tarefa por fazer*. Porto Alegre (RS): ARTMED, 2001.

UNESCO. *Mejorando las oportunidades de jóvenes desfavorecidos en la educación media: estrategias en América Latina*. UNESCO: Buenos Aires, 2002.

VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. *A vida em rebelião: histórias de jovens em conflito com a lei*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC/SP, 2002.

VOLPI, Mário (org). *O Adolescente e o Ato Infracional*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Sem liberdade, sem direitos: a experiência de privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei*. São Paulo: Cortez, 2001.

ANEXOS

ANEXO A

Pesquisa sobre os jovens e Unidades**Prezado (a) aluno (a)**

Este instrumento é referente a uma pesquisa de Mestrado que está sendo realizada no Programa de Pós Graduação em Educação -Currículo- na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Trata-se de um estudo sobre uma política educacional implementada nas Unidades de Internação Provisória do Estado de São Paulo. O questionário a seguir pretende levantar dados que permitam um conhecimento mais aprofundado sobre o perfil dos/as adolescentes que estão nessa situação específica de privação de liberdade. Conto com sua colaboração para responder as questões que seguem e agradeço sua indispensável contribuição para esse trabalho.

I – DADOS PESSOAIS

1. Responda as questões abaixo:

Qual seu sexo? Masculino Feminino

Onde você nasceu? Cidade: _____

Qual a data do seu nascimento? ___/___/___

Estado: _____

2. Qual seu estado civil?

Solteiro (a)

Casado (a)/vive junto

Viúvo (a)

Separado (a)/Divorciado (a)

3. Você tem filhos?

Não

Sim Quantos?_____

II – SITUAÇÃO EDUCACIONAL

4. Como você vinha fazendo seus estudos?

Todo em escola pública

Parte em escola particular, parte em escola pública

Todo em escola particular

5. Qual ano você estava cursando antes de vir para UIP? _____

6. Você repetiu de ano alguma vez?

Não

Sim

Em que séries(s)? _____ Quantas vezes? _____

Se você repetiu de ano, explique por que isso aconteceu:

7. Você parou de estudar alguma vez?

Não

Sim

Em que séries(s)? _____ Quantas vezes? _____

Por quanto tempo? _____

Se você respondeu afirmativamente à questão anterior, justifique:

7. O que você acha da UIP?

III – SITUAÇÃO FAMILIAR

8. Com quem você morava antes de estar na UIP?

- Sozinho (a)

 Com parentes
 Com os pais

 Outra. Qual _____

9. A residência em que você morava antes de estar na UIP era:

- Própria/ já quitada

 Alugada
 Própria/ não quitada

 Ocupada/ invadida
 Cedida

 Outra. Qual? _____

12. Assinale com X a escolaridade dos membros de sua família.

	pai ou padrasto	mãe ou madrasta
Nenhuma escolaridade		
Ensino fundamental incompleto		
Ensino fundamental completo		
ensino médio incompleto		
Ensino médio completo		
Ensino superior incompleto		
Ensino superior completo		

10. Qual é a renda mensal de sua família em salários mínimos (1SM =R\$260,00)?

- até 1 SM

 de 5 a 10 SM
 de 1 a 3 SM

 mais de 10 SM
 de 3 a 5 SM

11. Quantas pessoas moram na sua casa? _____

IV- TRABALHO

12. Você trabalhava recebendo salário regularmente antes de estar na UIP?

Não

Sim

O que você fazia?

Quantas horas você trabalhava por semana?

13. Qual era sua renda mensal em salários mínimos (1SM =R\$260,00)?

até 1 SM

de 5 a 10 SM

de 1 a 3 SM

mais de 10 SM

de 3 a 5 SM

V- EXPECTATIVAS PARA O FUTURO

14. O que você pretende fazer quando sair da FEBEM?

Caracterização da UIP

Data: _____

Responsável pelo preenchimento do documento: _____

Função: _____

UIP: _____

Localização (bairro/zona): _____

Capacidade de adolescentes da UIP: _____

Quantidade (Nº) de adolescentes na data: _____

Faixa etária dos/as adolescentes: _____

Natureza do grau do ato infracional:

() Primário médio () Reincidente médio

() Primário grave () Reincidente grave

() Outros. Quais? _____

Quantidade de instalações existentes na UIP

Instalações	Nº	Não tem
Salas de aula		
Refeitórios		
Laboratórios de informática		
Bibliotecas		
Salas de vídeo		
Auditórios		
Dormitórios		

Outras:

Instalações	Nº

Comentários:

--

Responda, marcando com X, a resposta que melhor representa a realidade de sua UIP.

Na minha UIP as instalações apresentam condição de funcionamento	Precária	Regular	Boa	Excelente	Não tem
Prédio					
Salas de aula					
Refeitórios					
Laboratórios de informática					
Bibliotecas					
Salas de vídeo					
Auditórios					
Dormitórios					

Comentários:

--

ANEXO B.**Roteiro de entrevista com os/as adolescentes****Roteiro de entrevista coletiva**

- 1- Apresentação da pesquisadora
- 2- Apresentação dos/as adolescentes
 - a) nome
 - b) idade
 - c) série que parou de estudar antes de estar na UIP
 - d) tempo de permanência na UIP
- 3- Questões sobre a escola e Unidade
 - O que acha da escola da UIP?
 - Percebe diferenças entre a escola da UIP e a escola regular? Porque é ou não é diferente?
 - Temas que já estudou? Qual mais gostou? Por quê?
 - Há trabalho em grupo? Gosta ou não? Por quê?
 - O que acha do portfólio (pasta que organiza as produções dos alunos)?
 - Durante as aulas vocês participam? De que forma?
 - Relação entre adolescentes e profissionais que trabalham na UIP. Como é essa relação? Há diferenças na interação com profissionais das áreas pedagógica e de proteção? Por quê?

- O que aprendeu na escola da UIP e que achou importante?
- O que pretende fazer quando sair da FEBEM?

ANEXO C.

Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 01

17/10/2003

Dezessete de outubro eu estou na UIP (...) e estou aqui com 5 meninas. Eu queria que vocês dissessem uma de cada vez o nome, quantos anos você tem e quanto tempo vocês estão aqui na UIP, na UIP.

Meu nome é A. eu tenho 17 anos e estou a 18 dias.

Meu nome é J. tenho 14 anos faz 1 mês e meio que estou aqui.

Meu nome é D. tenho 16 anos, tem 1 mês que estou aqui.

Meu nome é B. tenho 16 anos tem 1 mês faz dois meses que estou aqui.

Meu nome é R. tenho 16 anos e vai fazer 33 dias que estou aqui.

Meninas eu queria saber como é a escola da UIP pra vocês, o Projeto Educação e Cidadania...Como é gente?

O Projeto é muito estimulante pra gente que incentiva a gente a sair desse tipo de vida, e faz a gente usar nossa criatividade, uma criatividade a mais; os professores são muito bacanas sabe assim eles acredita na nossa capacidade na nossa recuperação eu acho a escola muito bacana muito interessante que é bem diferente da escola lá fora né.

Porque é que é diferente?

Não sei acho que o tratamento, as atividades, tudo, praticamente tudo tem um diálogo maior debate sobre tudo, todos os temas tem debate, então achei super interessante.

Que série você parou?

Na 8º série.

Na 8º série e você sente muita diferença da escola?

Sinto bastante é mais união.

Ah é ? O que mais? Que tema você viu aqui na escola?

Eu vi saúde, ponte para o Mundo e a saúde só essas duas.
Pra que você veio aqui?

O que vocês mais gostam na escola da UIP?

Eu gosto da “profe”, eu gosto da senhora E.

Por quê?

Porque a senhora E. me ajuda, ela conversa comigo, ela me ajuda nos trabalho, me ajuda a ler a escrever que antes eu não sabia muito, agora eu sei com ela eu gosto do Projeto do...Como é que é o nome mesmo?

O Educação e Cidadania.

É, o Educação e Cidadania, eu gosto do projeto, eu aprendi muita coisa, as doenças que eu não sabia agora eu sei; eu gosto das fichas também que as fichas me ajuda porque eu tenho filho também eu assim quando eu sair daqui eu vou...Tudo que eu aprendi aqui eu vou falar pra ele também. Da minha segunda passagem eu tenho tudo os projetos tudo na minha casa dos trabalhos que eu fiz, da família eu fiz o projeto família o cidadania os direitos que o menor tem eu fiz também.

E você o que você mais gosta da escola?

Quero falar não senhora.

Não? E você?

Eu gosto da professora das atividades que ela passa.

Todo mundo gosta da professora?

É impossível não gostar.
Ela é muito boa né, ela é muito legal só isso só.

Tem alguma atividade assim que marcou você, que mais marcou, que você até hoje pensa sobre ela?

Saúde.

É alguma coisa assim especial?

De doenças trans...Como é que é? DSP, DST.

As sexualmente transmissíveis né? Por quê você acha importante aprender?

Muito importante.

Por quê?

Ai sei la né, tem que tomar cuidado tem que ser prevenida né?

E você tem alguma atividade que marcou?

Tem, bom tem uma atividade que a professora passou que é sobre saúde, sobre é o que a gente mais tem que aprender pra poder se prevenir sobre as doenças, sobre vírus essas coisas aí.

E tem... Você quer falar? Fala.

Que marcou

Fala alguma atividade que marcou, assim pra você, que até hoje você pensa sobre ela.

Eu lembro que um dia, minha segunda passagem em 2000, aí foi logo quando a senhora E. veio trabalhar aqui, aí ela deu uma atividade pra nós fazer no papel que falava de um moleque que era até da história dos moleques de Tatuapé, que tinha um moleque que foi no julgamento aí o juiz falava pra ele:” Olha o boné dos olhos, olha o boné dos olhos” e toda vez que...Aí eu saí com esse papel na minha pasta e pra todo mundo eu mostrava essa história, “olha essa história aqui eu aprendi lá com a senhora E.”ela falou, aí mostrava assim o moleque “olha o boné dos olhos” no julgamento dele, aí falava do direito que o menor tinha, no julgamento como é que era e eu gostei muito, até hoje eu tenho ele.

Porque você gostou muito?

Ah, eu gostei porque ele sempre falava “olha o boné dos olhos, olha o boné dos olhos”, sempre falava assim o direito que o menor tinha no julgamento que tinha que falar das regras da Febem do jeito que a gente tinha que andar, falava de tudo, a senhora me ensinou, aí eu mostrava pra todo mundo quando eu saí, até hoje eu tenho essa atividade que eu aprendi aqui foi até o direito que o menor tinha, mas aí foi do Cenpec também um papel que fiz aqui em 2000, eu fiz com a senhora E. logo quando ela veio trabalhar aqui.

E agora eu queria saber o seguinte tem alguma atividade que você não gosta de fazer, vocês lembram de alguma atividade que vocês acharam chata?

Da sala de aula?

É, na hora da escola, nenhum que vocês lembram?

Não teve nenhuma.

Não.

Não. Eu queria saber; eu queria que vocês falassem um pouco, só a J. falou, porque vocês acham que a escola aqui da UIP é diferente da escola lá de fora?

Porque aqui a gente não falta, os professores também não faltam, não tem aula vaga pra ficar vagando pelo pátio, ah e também eles ensinam melhor do que nas escolas.

Aqui você vai escrever e ler e ensinar também educação, ensinar...Coloca assim na cabeça da gente que a gente precisa tipo; quem tem filho, as meninas que tem filho ao sair daqui com uma vida melhor aprende a mudar de vida, assim as meninas que quer né que tem umas que sempre eu vejo no pátio as meninas falando: “aí quando eu sair daqui eu vou fazer isso e isso” não tem umas que pensa assim, mudar de vida, aí quando eu sair daqui vou dar valor igual eu penso, quando eu sair daqui a cada minuto a cada segundo que eu perdi com a minha mãe, com a minha avó, é o valor pra elas porque sempre que minha avó vem numa visita minha e traz meu filho é uma lágrima que cai do rosto dela, ela sai daqui mais...Cada visita que ela passa por aqui ela sai mais caída assim eu fico pensando sempre igual todo dia eu fico pedindo para Deus, pra mim nem ficar chorando pelos cantos, pra mim...Aí sempre que eu penso no meu filho assim eu levanto do lugar e vou pra outro lugar do pátio pra mim não ficar pensando nele pra mim tentar... toda vez que eu vou dormir eu peço pra Deus assim:”Aí Deus conforta meu coração pra mim não ficar chorando, pra mim não maltratar os outros, pra mim não ficar brigando com as meninas, quando o monitor falar comigo também eu não ficar retrucando”; aprender a andar direito se fosse pra mim ficar 300 meses aqui, 300 anos aqui mas que eu saí com uma vida melhor construir uma família porque eu não quero isso pro meu

filho, que meu filho tem 2 anos, mais daqui uns dias ele vai ter mais idade e vai estar com a minha idade eu não quero que ele passa por aqui também.

E a escola ajuda, você pensa sobre isso?

Lógico, a escola me ajuda muito.

Como que ajuda?

Me ensina assim tipo quando a senhora E. fala: “A. faça isso, isso aqui é bom pra você”, igual a esse dias, ela pegou e falou assim: “A. pra você ser professora”... porque eu falei pra ela assim que eu queria muito ser professora não é de agora faz tempo, ela falou: “Pra ser professora você tem que fazer o curso 6 meses, você quer isso mesmo?” eu falei:”lógico que quero”, desde a primeira passagem que eu quero e tudo que a senhora E. me ensina igual as fichas eu gosto muito de fazer as fichas, eu falei assim:”Senhora me ajuda a fazer essas fichas aqui que eu não sei”, que eu não sei ler nem escrever, mas sempre fico ali procurando saber, fazer, me interesse pelas fichas, eu fico procurando entender o que é essas fichas e sempre a senhora E. me ensina, sempre pergunto: “Senhora que dia o Cenpec vai vir aqui, que dia pra mim conhecer o Cenpec, que dia vai vir”, todo dia eu pergunto que dia vai vim, que dia vai vir.

Hoje você conheceu um pouquinho né? Eu queria saber quem gosta de trabalhar em grupo. Por quê?

Porque é uma forma de você saber lidar mais com as pessoas, ter mais paciência, porque você vai tá sozinha né, ter, por exemplo, com os materiais ter responsabilidade, todas têm, não é só você saber lidar, saber conversar, saber reunir idéias pra formar uma só né, tem que sair alguma coisa e são, por exemplo, 4 meninas nós 4 tem que dar sua opinião respeitar a opinião de cada uma, saber dividir direito e respeitar a opinião de cada uma né, principalmente.

Mas alguém gosta de trabalhar em grupo? E o portfólio quem queria falar sobre o portfólio? Eu queria saber pra que serve o portfólio, se vocês acham que o portfólio é importante? Uma de cada vez.

O portfólio é assim uma coisa bem valiosa aqui dentro pra mim é uma coisa muito valiosa assim porque você da sua capacidade toda que você tem aqui dentro, está tudo lá dentro é tuas lições que é coisa que a gente faz com muito esforço, às vezes muita ajuda, muita dedicação e capricho está tudo ali dentro então é uma coisa bem valiosa pra mim.

E quando você sair, você quer levar o portdólio?

Com certeza, não vou deixar aqui ao vento, é muito valioso quero mostrar e olhar pra tudo aquilo e vê o que eu passei de bom e de ruim aqui dentro e as coisas boas ta tudo lá dentro né, o nome e endereço da professora.

E você?

Pode ir.

Eu vou pensar primeiro.

Eu estou pensando.

O portfólio eu acho assim, que ele distrai a gente, quando a gente está triste assim abatida aí a gente...A professora passa um desenho pra gente fazer, a gente já passa, já enfeita ele, a gente tem carinho por ele, mas por... Como eu, eu tipo assim eu num...Eu chego dentro da classe eu peço meu portfólio vou colocar meu crachá, o crachá também pra se identificar, meus materiais eu tomo conta, se faltou uma borracha, um lápis, uma caneta qualquer coisa eu já corro atrás porque eu não quero me prejudicar com nada sair de dentro da classe ou alguém colocar no meu bolso, tipo assim essas coisas, mas tipo assim eu tomo conta dos meus materiais porque eu dou valor mais no meu material do que nos outros.

E você também quer sair daqui com o portfólio?

Eu também quero sair daqui com meu portfólio, porque eu já tenho mais 3 portfólios na escola que eu estudava né, que ta tudo em ordem ta tudo minhas matérias em ordem então...

Você já está fazendo uma coleção de portfólio.

É uma coleção porque eu tenho vontade de estudar, agora...só isso só.

Quer falar sobre a sua pasta?

Não. É que nem ela falou que é importante né.

Por quê?

Ah, porque tudo que a gente faz aqui né, a única coisa que a gente tem pra se distrair é a escola aí tudo que a gente faz de bom no período da manhã fica tudo guardado no portfólio, que nem né eu fiquei, não sei se vocês chegaram até aqui, mais um mês pedindo pra deixar minha avó ver o portfólio porque tipo assim é uma coisa bonita que a gente tem pra mostrar para os nossos pais né, que já basta o desprezo que a gente ta dando de ta aqui, agora o portfólio é uma coisa boa pra gente mostrar.

Saber que a gente ta se dedicando pra melhorar.

É, e você mostrou?

Mostrei.

E aí?

Minha avó adorou, adorou.

Ah.

Nossa ela ficou tão feliz.

É?

Foi.

Imagino, eu queria saber o que vocês aprenderam com o projeto?

Assim com o projeto; todo, Todos os projetos que teve aqui cada um ensina né, cada um faz parte da sua vida, porque tipo...Deixa eu ver que projeto eu aprendi meu Deus, esqueci.

O que você aprende?

O projeto saúde eu aprendi a me cuidar, saber dar valor mais ao meu corpo, não se relacionar com qualquer pessoa ter mais cuidado, porque agora existe muita doença que a gente nem vê às vezes nem sabe com quem pegou, ou até mesmo usando droga aprendi muitas coisas com esse projeto saúde, foi mais importante, mostrou sobre a minha saúde e saber que eu posso ajudar alguém, falando às vezes as mesmas coisas que eu aprendi.

E tem alguma atividade da Esmeralda em saúde.

No projeto saúde tem.

Quem estudou Esmeralda aqui? O que vocês aprenderam com essa atividade?

Nós aprendeu que ela era menina de rua ela era menina de rua andava na rua, usava droga e com o tempo ela foi é...Com os conselhos das pessoas da Febem que ela já passou por várias Febem ela se recuperou e hoje ela é uma grande, uma grande mulher, que apesar de tudo ela teve a chance de como fala? Poder falar pra todos os amigos dela que ele se levantasse não se recaísse mais.

E você achou importante?

Eu achei importante porque eu também só...Eu era usuária de droga eu to aqui dentro, eu estou me levantando porque quando eu usava droga eu me recai também eu tava me recaindo, tava me acabando nas drogas, então agora aqui não tem droga não tem nada pra gente.

E aí o fato dela ter conseguido até entrar em uma faculdade isso te anima?

É me anima né, porque ela foi atrás do futuro dela, que ela conseguiu correr atrás e conseguiu.

Se ela conseguiu a gente também pode né?

É que nem se ela conseguiu a gente também pode né, porque a gente ta aqui pra mais uma oportunidade da vida.

Alguém mais quer falar? Não? Então eu queria saber assim, essa é a última pergunta, se alguma de vocês sentiu mudança, alguma mudança em vocês mesmas depois de ter participado da escola aqui da UIP? Fala J., pode falar não precisa ter vergonha.

Eu senti uma grande mudança ainda mais pelo estímulo que a professora nos da pela fichas que é interessante, pelas fichas que é interessante que mostra sobre saúde, sobre cidadania tudo que fazia a gente aprender a conviver mais com a sociedade tudo isso né.

Ah, eu aprendi que eu tenho uma chance de voltar pra sociedade, de cuidar do meu filho isso que eu aprendi porque a senhora E. me ajuda muito nos conselhos.

Mais alguém quer falar alguma coisa? Gente alguém quer falar alguma coisa sobre o projeto? Não?

O projeto é muito bom, tudo de bom o projeto ajuda, sem o projeto não ia dá a ficha da Esmeralda.

Ajuda no quê?

Ajuda a gente a aprender mais, ainda mais sobre saúde, foi a ficha que eu mais gostei que eu não sabia nem um pouquinho, pelo menos a metade das doenças né? Então as fichas me ajudou a saber e eu posso passar pro meu filho também dos caminhos da...Como é que se chama aquele negocio lá professora E.? Os caminhos, as portas de entrada, as portas de entrada igual eu não sabia as unhas, nariz, a boca, ouvido eu não sabia dessas portas de entrada que a gente podia pegar doença por esses lugares, as fichas me ajudou a saber que eu não sabia nem um pouco. Do aborto também teve a ficha do aborto também eu não sabia que era tudo aquilo de jeito, arrancava a cabeça do nenê essas coisas assim.

(Professora) - É um vídeo que a gente coloca pra completar o aparelho reprodutor feminino, masculino, a gente coloca pra elas verem as imagens do vídeo, fica mais ilustrativa a aula soma a fita né? Como o universo delas, o universo feminino fica mais interessante; se vocês quiserem depois conhecer esse material, o material a professora C. trouxe eu achei interessante.

A idéia é essa mesmo né, é ampliar. Mais alguma coisa meninas? Não?

ANEXO D.

Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 02

10/03/2004

Meninas eu queria que vocês dissessem o nome de vocês, a idade e em que série vocês pararam de estudar?

Posso começar?

Pode.

Bom eu me chamo J.

Pode segurar quando for falar.

Eu me chamo J. na rua estava cursando o 2º colegial.

E quantos anos você tem?

Tenho 18 anos.

Eu me chamo S. tenho 17 anos e estava cursando o 2º colegial.

Eu me chamo K. tenho 18 anos estava cursando o 2º colegial.

Meninas quais foram os temas que vocês já trabalharam na escola aqui; aqui dentro da UIP vocês já trabalharam família, justiça, trabalho. Quais os temas que vocês já trabalharam?

Nós trabalhamos Justiça e Cidadania e estamos trabalhando família, família. Saúde também.

Saúde.

Eu não fiz nenhum desse porque eu não tava aqui ainda, eu cheguei faz pouco tempo.

Ah tá, e você está estudando...

A gente fez Justiça e Cidadania, Família e Relações Sociais a gente tá terminando.

Tá e aí eu queria saber um pouco o que vocês aprenderam assim de mais importante na escola daqui da UIP até hoje, que vocês lembram assim que é uma coisa que marcou e que vocês não vão esquecer mais.

Eu aprendi, que, porque eu não sabia que a mulher assim no mundão tinha direito das coisas na sociedade então eu aprendi bastante direito que a pessoa tem numa sociedade, isso é legal. É também no caso quando a gente vai pra audiência a gente ignora tudo que eles falam só entendi quando fala que é internado; deu bastante pra aprender com aquele dicionário que teve, trouxe um pouco mais de conhecimento porque a gente lá fora, acha que nunca ia ter chance de ta conhecendo essas palavras.

Lá fora também eu ia pra escola assim, nem ligava pra fazer as lições, aqui não, eu me interessei mais aqui, eu aprendo a me dar com as outras, dividir as coisas, lá fora não, eu nem ligava pra essas coisas.

Por quê você não ligava?

Ah, eu era muito egoísta.

E agora?

Agora eu aprendi né?
A gente aprende a conviver em grupo.

Vocês fazem bastante trabalho em grupo?

Fazemos, aí tipo assim eu tenho uma opinião forte assim, aí chega na hora do grupo eu tenho que sei lá me guardar um pouquinho, deixar as meninas pensar, porque às vezes eu quero fazer sozinha, porque eu tenho opinião forte.

Sei.

Ai eu aprendi tipo mais ouvir elas, colocar em prática tipo não ser egoísta de fazer sozinha, dividir as idéias com elas.

Entendi. Você acha que isso pode ajudar no quê?

Tipo lá fora assim, me dar mais bem com a minha família, porque eu sou assim eu tenho um... ah, não sei eu sou muito cabeça dura e agora tipo eu acostumei a respeitar os outros em pouco mais tipo de respeitar a opinião dos outros cada um tem sua opinião, ninguém tem que pensar igual a ninguém né.

E você já tinha assim, vamos supor uma opinião que era sua e que você só acreditava naquela opinião, aí você começou a ouvir argumentos das suas amigas e aí já aconteceu de você mudar de opinião?

Aconteceu.

Conta.

A gente tava fazendo algo sobre acho que doação, não lembro qual que foi, de doação aí a professora falou assim; de doação de órgãos, aí professora eu não vou doar os meus órgãos não sei o que, aí a professora falou assim pra mim: “E se fosse sua mãe”? eu falei: “Ah professora! Se fosse minha mãe era diferente”. Tipo eu já mudei de opinião eu me coloquei no lugar, mais ou menos parecido com isso ai tem que mudar porque aí eu estou sendo egoísta, pensando só em mim, porque a gente não se coloca no lugar dos outros quando você se coloca, ai você tipo vê.

Você então agora resolveu que você vai doar?

Sim.

Vai.

Vou.

Bom é...O que é mais que eu quero saber. Eu queria saber de vocês assim se vocês vêm alguma diferença da escola daqui da UIP se comparada à escola lá de fora?

Tem bastante diferença.

Qual que é a diferença?

Assim por causa das matérias né.

Sei.

Mas no mundão assim a gente não aprendia essas coisas assim de família, essas coisas.

O que vocês aprendiam?

Nós aprendia mais assim em relação matemática, aprendi bastante conta né e em português aprendi coisa, mas eu nunca pensei assim que eu ia aprender coisa assim, viver em grupo essas coisas.

E você acha isso importante?

Eu acho muito importante.

Por que?

Porque assim a gente vive em grupo né? A gente tem que viver em grupo aqui se a gente não viver em grupo não tem como, tem que aprender a viver né; eu acho assim, acho interessante.

Você acha que a escola daqui da UIP é diferente da escola lá fora?

É diferente.

Por quê?

Ah, lá fora os professores nem liga pra ensinar a gente, eles não vai lá ajuda a gente, nós aprende coisa diferente, lá fora é só mais matemática, português, matéria diferente lá fora, aqui não você aprende cidadania, relações sociais, como você tem que tratar as pessoas, como se deve tipo assim se comportar se você vai pra uma audiência que nem ela tava falando, às vezes eu... não duas vezes que eu fui pra audiência o juiz falou uns negócio lá que eu não entendia, a professora do ano passado ainda a C., passou um monte de coisa pra mim a professora D., coisas que eu não sabia, saúde também coisas que eu não sabia.

E vocês acham que aqui na escola da UIP vocês não aprendem português, matemática, ciências, história e geografia?

É sobre isso que ia falar, tipo assim você resumindo tudo, juntando tudo é quase a mesma coisa porque a gente fez um probleminha lá da Berenice é matemática e tem um monte de gente assim que tem maior dificuldade pra fazer e era simples era uma divisão justa que nem fala né? A gente fez forma geométrica, geometria a gente ta fazendo português quase todos os dias, história, interpretação, acho que resumindo tudo é mais simples, mais é as mesmas matérias, é porque tipo que nem a professora fala pra vocês não esquecerem e é uma , você está lembrando porque às vezes que nem a professora pede sei lá, um desenho ai você vai lembrar de alguma coisa lá da escola que a professora deu através da forma geométrica, lembra de matemática.

É o tema. Você também trabalha as diferentes disciplinas né? Então na verdade você não deixa de trabalhar. Agora eu queria saber, vocês estão aprendendo alguma coisa a mais do que vocês não sabiam, que vocês estão aprendendo algo que vocês não sabiam, que vocês ainda não tinham aprendido na escola lá fora?

Com certeza.

Eu estou aprendendo.

É, o que?

Essas coisas, as matérias que nós estamos tendo aqui dentro, nunca...Na escola eu nunca aprendi isso, na escola que eu estudava.

Então você acha que tem aprendido coisas novas?

Coisas novas, o que é muito interessante, muito importante pra uma pessoa saber.

A gente aprende mais a conviver com a sociedade lá fora né, você tipo não tem muita noção quando você ta aqui dentro presa, tipo você para pra pensar em todas as pessoas lá fora, assim que você aprende a conviver com elas, você sabe que você vai ter que conviver com elas de uma maneira ou de outra.

Lá fora eu nunca aprendi a conviver com as pessoas, nunca teve essas matérias de você se comportar com a família não, aqui não às vezes eu prefiro até a escola daqui e, mas tipo assim a professora significa mais melhor, lá fora os professores não tão nem aí, passa na lousa se aprendeu, aprendeu.

Copiou, copiou, aqui não, é passo a passo assim treina em sala.

Tem umas meninas que tem bastante dificuldade, a professora espera a gente tipo na hora da leitura elas têm um pouco de dificuldade a professora respeita: “gente não vamos rir, vamos respeitar a colega”. Porque tipo ela tá em outra série, então da pra todo mundo, mesmo você estando no 2º colegial ou na 1ª série dá pra você acompanhar, a professora passa na lousa espera a gente às vezes da uma ajuda, copia.

Como é que é essa história de ajuda?

Tipo assim que nem tem minha colega, ela tem muitas dificuldades aí tipo ela copia uma letrinha, às vezes eu copio pra ela, quando ela tá muito atrasada, quando tem grupo assim a gente deixa ela falar, assim pra ela se soltar um pouco mais, porque tem muitas que se sente constrangida né, porque sabe mais e outra sabe menos, mas tipo dá pra todo mundo acompanhar porque é bem devagar assim, acho que dá pra todo mundo aprender.

E ai, vocês ajudam umas as outras?

Sim.

Mas mesmo assim ela dá as idéias, não deixa de participar.

É, a gente tenta deixar mais...Tipo que nem a professora fala assim: “levanta a mão quem quer falar”. Às vezes ninguém levanta a mão quando a professora tipo né, foi não quer falar.

E a gente na sala trabalha em grupo se a pessoa não sabe nós vai lá senta em grupo explica não deixa ela lá sozinha se matando não, nós fica junto delas.

E você acha que isso é importante por que? Trabalhar em grupo e ajudar uma colega que tem um pouco mais de dificuldade.

Você tipo aprende a respeitar a próximo tipo é a coisa da diferença né, que ela não vai deixar de ser humana só porque ela sabe menos do que você tipo.

Respeitar o tempo dos outros.

Isso vocês aprenderam na escola aqui dentro?

Aqui dentro, lá fora, fazia o meu e olhe lá.

E olha que vocês estudaram bastante já estão quase terminando, vai acabar rapidinho.

Tomara.

Né, a hora que voltar. Meninas eu quero que vocês me falem sobre isso aqui.

Portfólio.

Como é que é a história desse portfólio, dessa pasta pra quê vocês organizam isso, o que isso significa pra vocês; as pastas são muito bonitas eu vi na sala de aula a pasta de vocês, são muito caprichadas. O que significa isso, o que é isso, o que vocês pretendem fazer com isso aqui?

A “profe” sempre fala que é o espelho de cada pessoa eu não, eu sempre gostei de deixar tudo em ordem minhas coisas, ah eu fico pensando também pra mim levar pra fora mostrar pra minhas amigas o que eu aprendi o que não aprendi, adoro o portfólio.

Você vai levar?

Vou levar.

Vou, pra minha mãe pra ela ver que eu estou estudando aqui dentro, lá fora eu nunca pensei em fazer desenho, pintar essas coisas sempre porque na escola é muito corrido. Só às vezes a gente tinha artes né, aí tipo eu tenho maior paciência, faço desenho na folha assim maior caprichada, nunca parei assim, lá fora nossa, eu ficava correndo e chegava em casa deixava o caderno lá, nunca parei pra fazer um desenho, aqui tipo a gente aprende um pouco mais, tipo organização; a professora reclama se não tá direitinho, ela fala nossa ta...Pra dar incentivo pra gente fazer, tipo eu acho legal assim a gente parar pra dar...Tipo pra assim o seu livro assim, porque muitas vezes que a gente escreve redação né, escreve todo mundo correndo pra querer terminar primeiro né, aqui não, a gente escreve devagar, a professora tipo, a gente acaba de

fazer ela fala:”Da uma lida vocês mesmas, vê se vocês encontram assim...”. Ela vai ditando assim e que nem quando acontece de errar, a professora não vai falar: ”Aí ta errado”. Não ela fala assim...Ela tipo...ela explica entendeu? Às vezes a professora, eu também acho legal tipo assim você vai escrever um texto, aí fala: “prof. como se escreve isso aí?”. Ela explica, ela escreve na lousa, pra quem não sabe, então é legal.

E você? Fala da sua pasta.

Ai eu sou bem caprichosa, eu adoro deixar minhas coisas bem organizadas e eu tenho bastante mimo com as minhas coisas, não gosto que ninguém fica mexendo e quando eu sair daqui eu quero mostrar pra minha família.

Por quê você quer mostrar pra sua família?

Ai sei lá, eu acho assim que a minha mãe vai gostar bastante de ver que to continuando assim uma menina caprichosa, que ela sempre achou, minhas coisas sempre organizadas.

Essa é a sua?

É.

É eu estou vendo mesmo, está bem caprichada, aí você pode contar um pouco pra sua mãe também sobre o que você aprendeu né?

É.

Pode contar pra ela algumas coisas que vocês aprenderam né, para os irmãos também, pra quem tem irmão, mesmos os amigos né, lá fora.

É.

Meninas e as oficinas?

As oficinas nós aprende...É nas oficinas mesmo que nós aprende mais a trabalhar em grupo, a dividir as coisas eu gosto das oficinas.

Você gosta, qual que você gosta mais?

Gosto quando a “profe” da aula.

Ah, você gosta da aula da “profe” é isso que você gosta?

Da oficina.

Eu quero saber qual é o tema que vocês gostam mais?

O que eu gostei muito foi o da bailarina, porque aí a gente tinha que criar um homem e interpretar foi muito legal, porque todo mundo assim ficou bem descontraído na aula, aí tipo meu grupo fez um homem gay aí ele tipo, homem gay vem chegando aí todo mundo imitando assim nossa foi muito engraçado.

Foi muito divertido na minha sala também.

Que nem, voltando ao assunto do portfólio, no último domingo minha mãe teve aqui eu mostrei pra ela, ela começou a ler, negócio do conselho tutelar do...Essa coisa ela falou assim: "Nossa lá fora você nunca ia aprender isso, muito legal". Tipo ela olhou assim, ela falou: "É bom que sempre vocês estão ocupados fazendo alguma coisa, é alguma coisa que vai trazer um pouquinho de cultura pra vocês, porque lá fora você nunca ia pensar nessas coisas". Catar, sei lá, alguma coisa sobre direito e dar uma olhada né, aí ela achou legal.

- Sim, mas e agora que vocês estão tendo essa escola aqui que vocês estão aprendendo tudo isso; lá fora; por quê você fala lá fora a gente nunca...

A gente não dá valor.

A gente não dá valor, a gente não quer procurar estudar, ler e agora que você aprendeu tudo isso, quando você for lá fora será que você não vai mais querer procurar saber? Ir atrás das coisas, estudar?

Quando eu sair lá fora eu quero terminar meus estudos, nossa eu me arrependo muito de ter feito isso, vindo pra cá.

Não de ter vindo pra cá, no começo quando eu vim pra cá ficava só chorando, agora não, eu aprendi várias coisas novas, que eu nunca ia aprender lá no mundo, e quando eu sair lá fora eu quero terminar, arrumar um emprego, ajudar minha mãe, fazer curso, fazer várias coisas, aprender mais e mais.

É, e dos temas assim, o tema família, justiça, qual que vocês gostaram mais?

Eu estou gostando do família.

Eu também.

Eu também gosto mais do família.

Por quê? Qual é a coisa que você aprendeu sobre a família que você acha que foi mais importante?

Da minha família...A valorizá-la porque você tá lá fora, você não dá valor pra sua mãe e nada, tipo quando você tá aqui dentro que você vê quem são os seus amigos de verdade quem que vai tá com você até o fim porque muito fácil lá fora você fala:" Ah mãe eu vou sair com meus amigos, minhas amigas". Quando você tá aqui dentro, você para poxa meu pai mandou alguma coisa pra mim, minha mãe, quando você vai desenhar a casa, tipo nós desenhamos nossa casa aí você fica emocionado porque você lembra da sua mãe e quando você tem que escrever tipo alguma coisa sobre ela, todo mundo, a maioria das meninas fica tudo triste, fica emocionada, porque você aprende a valorizar né, você sente saudades.

Lá fora eu e meu pai discutia direto. Os meus amigos falava direto, amigo não colega, falava que ele não gosta de mim, foi a primeira pessoa a vim me ver, aí que eu aprendi a dar valor pro meu pai, pra minha mãe, meus irmãos nossa eu amo eles.

E você porque gostou mais do tema família.

Ah, eu gostei porque eu nunca chamei minha mãe de mãe, sempre com o nome dela e agora a partir do momento que eu vim pra cá assim eu comecei a chamar ela de mãe, ela começou a vim me visitar, eu achei bem interessante assim.

E vocês acham importante assim, por exemplo, esse tempo que vocês estão aqui é... E vão ficar aqui pensando tudo, vocês acham que é importante a educação durante esse tempo que você estão aqui na UIP?

É muito importante.

Por quê é importante?

Eu acho assim porque se a gente não tem educação com as outras pessoas, a hora que nós sai fora a gente vai...

Você preferia ficar aqui sem ter a escola ou assim desse jeito como está a escola?

Eu preferia com a escola porque tipo você não esquece tudo que você aprendeu lá fora, foi sempre, está relembrando, porque que nem tem menina que fica um ano, três anos imagina se a gente ficasse a gente sai daqui toda assim, tipo perdida assim lá fora seria outro mundo diferente pra gente, aqui não a gente ta sempre aprendendo coisas novas e o tempo passa rápido também. A gente se distrai bastante no período que ta em aula, eu tipo assim no meu caso, se tivesse aula eu preferia que tivesse aula o dia inteiro, porque aí você está aprendendo cada vez mais cultura assim, a trazer mais conhecimento pra gente.

Eu preferia a escola também, já pensou nós ficar o dia inteiro sentada naquela quadra, só pensando besteira.

É, quando você está na quadra, você tipo viaja muito seu pensamento, uma menina te provoca você perde a cabeça com ela muitas vezes. E você estando na sala de aula não tipo sei lá você viaja, você quando uma menina te chingar você vai pintar o seu desenho, você vai tipo sei lá né, escrever alguma coisa se você está o dia inteiro à toa você arruma problema que nem existe, você arruma pra sua cabeça, mas se você está na aula não sei, você fica mais calma.

Você fica mais calma.

Fica, lá fora; vai lá faz suas lições seus trabalhos.

E aprende né?

É, e aprende.

Aprende coisa importante?

Aprende.

Agora eu quero saber uma coisa, o que tem nessa escola, que vocês já passaram por aqui que vocês não gostaram que vocês acharam chato que podia ser diferente alguma atividade assim que foi chata deu sono, cansou.

Eu acho que não tem nenhuma pra mim assim.

Pra falar a verdade eu gosto de todas.

É, eu também.

Nenhuminha, que você fala: “não agüento mais essa aula”?

Eu acho que não dá tempo de a gente falar eu não agüento mais, porque cada dia é uma coisa, encerra então no outro dia já é um tema novo, não dá tempo assim da gente enjoar. Ta bastante diversificado, assim então eu acho que não dá tempo .

E vocês têm alguma sugestão assim, alguma coisa que vocês queiram aprender e que vocês ainda não aprenderam, algum assunto?

Ah, eu adorei quando a gente fez teatro, lá tipo eu adoro. Se tivesse mais tipo oficina assim que tivesse interpretação uma coisa assim é bastante legal.
Teatro é bom também.

Vocês gostam de teatro?

Eu gosto.
Eu adoro.
Quando eu tava lá fora, eu fazia teatro.

Ai que legal.

Eu fazia teatro.
Eu fiz teatro duas vezes aqui, eu adorava o teatro.

Vocês queriam que tivesse mais atividade de teatro?

É.
Eu acharia que tinha que ter mais módulos tem muito pouco.

Como? Mais temas?

Mais temas, eu já vi 5.
Vocês estão a mais tempo né?

Ah, você já viu 5?

Já.

Já viu Educação, Trabalho, Saúde, Justiça e Família; eu vou explicar porque é assim...Como aqui é uma UIP vocês deveriam permanecer aqui no máximo 45 dias, é o artigo 108 do estatuto, e aí então essa escola foi pensada pra UIP, então ela foi pensada em 5 temas pra desenvolver em no máximo 45 dias. Aposto que você ta mais. Quanto tempo você está aqui?

4 meses e 10 dias.

- É por isso.

130 dias né?

É por isso que você está repetindo a atividade porque na verdade a escola foi pensada pros 45 dias da UIP, então como você está mais, acaba que começa a repetir de novo, mas deveria; na verdade você não deveria estar todo esse tempo aqui, você sabe né?

Sabia.

É porque talvez não tenha, não tenha...Já saiu a sua?

A assistente fala que não tem vaga.

Então é porque ai seria internação né? Aí lá ta cheio então fica aqui. É então gente esse é um problema que é grave né? A gente até discute isso com as pessoas que são Diretores e tal, pra gente tentar resolver, porque você já deveria está cursando o ensino regular de novo, não mas o projeto.

É a minha mãe já falou que achou que, a duas semanas veio, na última semana que ela veio ela falou que eu tinha que ir lá pro internato pra terminar os estudos lá, as matérias que você faz é muito bom, você não aprendia lá fora, mas tem que terminar logo seus estudos.

É então, mas isso é uma coisa que a gente sempre está discutindo viu com todo mundo porque a gente tem essa preocupação também com vocês porque é importante né? É meninas eu queria saber assim agora, o que mudou na vida de vocês depois que vocês começaram a estudar aqui na UIP?

Minha vida mudou bastante.

O que mudou?

Assim que nem a hora que eu for sair daqui, ir embora eu quero arrumar um serviço, quero terminar meus estudos, quero ficar mais com a minha família.

Lá fora eu só pensava em sair, não ligava pra escola, eu ia pra escola de vez em quando, a minha mãe falava comigo eu não ligava, aqui não eu aprendi a dar valor pra tudo isso, quero sair ajudar minha mãe, fazer curso, nossa até minha mãe me chamava pra ir pra igreja lá fora eu não ia, aqui eu frequento os cultos, eu adoro os cultos daqui.

Você frequenta?

Frequento adoro.

Você pode passear um pouquinho também, quando você sair da unidade, de vez em quando, mais também tem as outras coisas que são importantes né?

Passear eu quero, mas balada assim não quero mais não, o que adianta você ir só uma noite se divertir no outro dia está triste de novo, não quero mais balada.

Você pode, você estuda, você trabalha, você tem sua família e de vez em quando também, você pode dar uma voltinha com as amigas também né?

Dar uma voltinha.

Que é um pedaço do lazer assim né, passear um pouco.

Assistir um cinema assim, coisa saudável, não como eu tava fazendo antes.

Isso tem que ser coisa saudável, que passear é saudável né? Dá pra passear de um jeito saudável. E você?

Tipo assim depois que eu vim pra cá, eu aprendi a valorizar tudo que a gente tem. Lá fora a gente tem tanta coisa boa assim a nosso favor só que você não vê quando você tá lá fora, você tem uma escola tipo gratuito, você não dá valor nisso, seu pai e sua mãe te dá as coisas, você tipo quer aí sempre o melhor só que uma roupa de marca não vai te trazer felicidade, não vai te trazer liberdade. Quando você está aqui dentro, você dá quando você tá lá fora não valoriza nada principalmente a família, você nunca dá valor quando você tá lá fora. Você tem que tá longe deles pra você aprender a valorizá-los, tipo assim.

Lá fora também minha mãe, eu tenho 4 irmãos. Aí tipo assim, quando minha mãe recebia, só queria as coisas pra mim, sempre queria coisa de marca tudo, aqui não eu aprendi que não é roupa que te faz, só a pessoa.

Vocês davam muito valor pra isso lá fora?

Dava.

Nossa.

Pra essa coisa de ter coisa de marca essas coisas?

Eu queria pra mim, ela falava que tinha meus irmãos, eu só pensava em mim, mas agora não eu nem ligo mais.

O que vale pra você agora?

O que vale é eu tá perto da minha família, não preciso ter coisa boa, porque tipo assim se eu tenho coisa pouca tá bom pra mim.

A gente quer mais do que a gente precisa pra viver, quando você está lá fora, que nem meu caso eu num...Me dava bem com a minha família mas não estava junto com eles, que conheci um rapaz tal e foi minha ambição que me trouxe pra cá, porque eu sabia o que ele fazia e eu fui atrás dele, eu me aproximei dele né, tipo porque ele me dava de tudo, eu tinha um namorado antes que ele que era simples que nem eu, minha família só que não, eu fui egoísta aí hoje eu vejo o presente o que vale. Vale muito mais uma rosa, você cata e me dá uma rosa, é simples, mas é bonito. Ele não. Ele me dava as coisas de marca essas coisas assim, no começo também tipo eu nem ligava tanto, mais depois foi minha ambição assim sabe, eu queria sempre ganhar mais coisas dele e tá aqui.

Eu também, eu não precisava roubar pra tá aqui, minha mãe me dava de tudo, eu vim só porque eu era ambiciosa, queria mais coisa, mais e mais por isso que eu vim parar aqui.

Mas tudo bem, acho que é importante agora a gente pensar o que de fato é importante pra gente não é? E depois vocês estão aqui, mas vocês estão aprendendo, é um tempo que vocês tem pra pensar sobre as coisas não? Não é tempo perdido.

E quando eu sair lá fora eu não vou falar pra ninguém ah, aquilo lá era horrível não. Às vezes eu paro e penso assim foi até bom vim pra cá.

Por quê?

Porque? Ah a vida que eu tava levando nossa era sem futuro, aqui não eu aprendi a dar valor pra tudo isso, pra minha mãe, minha família.

E vocês meninas que mais vocês querem falar sobre o projeto, a escola, sobre a UIP, sobre todas essas pessoas que estão com vocês aqui todos os dias.

Eu queria falar da “profe”. Ah, tipo assim eu mais gosto de ter aula assim até quando tem final de semana, por causa da “profe”. Porque é sempre assim, a “pro” ela tipo ela não é “pro” assim sabe? Tipo ela é maior amiga assim, ela coloca as fofocas em dia, ela fala tipo, ela é muito divertida meu a professora.

Quando você ta na sala assim, às vezes da maior saudade de fora, ela para e conversa com você.

Ela é bastante amiga.

Ela vê o que está se passando. Lá fora não, não tinha nada disso, tava na sala chorando a professora nem ligava. Elas não, conversa com você aqui dentro, da maior apoio é uma pessoa amiga pra mim, “profe” C., “profe” D. que eu tive aula já.

Vocês gostam bastante, a gente percebe aqui na UIP a relação entre vocês e a professora.

É que nem elas não têm preconceito da gente, porque tem muita gente que aí eu acho que pensaria duas vezes pra vim da aula pra gente. Nossa delinqüente, ai menina da Febem, ela não, elas trata a gente normal, que nem a “pro” fala: “Vocês devem pra sociedade, não pra mim”. Aí tipo ela se torna amiga, companheira da gente, acho legal.

(Coordenadora Pedagógica) - Agora eu pergunto que nós não somos devedores para com a sociedade, cada um de nós, se cada um de nós se dentro daquele mínimo cumpríssemos a nossa parte, será que não estaria um mundo melhor? Só que existe níveis e níveis e cada um tem sua experiência de vida, eu acho que com todas essas aulas que vocês estão tendo de cidadania vocês estão tendo condições de sair lá fora e reavaliar melhor a vida não é?

Com certeza, que nem a “profe” sempre fala pra gente assim: ”Vocês não tem que estar se culpando. Ai poxa eu estou na Febem, eu to Febem”. A professora falou pra gente outro dia, eu fiquei pensando que a gente é escolhido por Deus, que Deus está dando uma chance pra gente. Nem todo mundo tem o privilégio de ter uma nova chance pra recomeçar do zero e a gente ta tendo pra pensar em tudo que aconteceu. Se a gente agiu errado, então a gente ta tipo tendo privilégio de parar pra pensar um pouco, você ta lá fora, muita agitação, muita correria, coisa que eu nunca tinha parado pra pensar nisso assim, tipo se eu aprontar eu vou ter que pagar um dia ou outro, aqui você pensa.

(Coordenadora Pedagógica) - E você sabe que você que é o responsável por isso, acho que é a consciência da gente como ser humano né? Eu percebi as aulas hoje, é isso, esses são valores que a gente nunca vai perder.

É.

- Isso aí meninas vocês querem falar mais alguma coisa importante, assim que vocês queiram falar? Não reclamaram de nenhuma atividade queria que vocês reclamassem, falassem que a atividade era chata.

Não! Eu gosto.

- É, eu queria que elas reclamassem de alguma atividade eu falei poxa nenhuma deu sono, não é possível, nenhuma deu tédio.

(Coordenadora Pedagógica) - Tem 78 lá cobrando, quando é que você vem para entrevistá-los?

ANEXO E.**Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 03****10/03/2004**

Como é a escola aqui da UIP pra vocês, então vocês...Querem falar um pouquinho daí a gente vai...

Gostaríamos.

Então primeiro eu queria que cada uma falasse o nome, há quanto tempo está aqui na UIP e até que ano estudou tá bom?

Bom nome é L. já mais de 3 meses e alguns dias uns 20 dias que estou aqui na UIP e você quer que eu fale o que acho da PEC?

Isso pode ir falando à vontade L.

Eu acho o PEC assim um...

Você estudou até que série L?

Eu estudei até a 7ª série

Tá.

Eu acho o PEC assim um dos projetos... Um projeto maravilhoso sabe que é a forma mais educativa e divertida de se ensinar, a gente pode até tipo... A gente aprende mais, a gente aprende sobre todas as matérias desse projeto, a gente aprende português até matemática a gente tem aprendido e outras matérias. Eu acho legal eu gosto do projeto.

Podemos continuar, quer falar mais um pouquinho L. ou vamos passar?

Vamos passar.

Vamos lá.

Meu nome é D. tenho 17 anos estudei a 5º série eu to aqui na UIP a 4 meses. O projeto pra mim é um projeto de incentivo porque ficar aqui dentro assim sem ter o que fazer tal só lá na quadra, fica ruim é incômodo assim, então eu acho que foi um bom acontecimento o projeto porque também incentiva a gente sobre o que é justo ou injusto, aprende sobre as leis, assim, que ocorre com a gente o que a gente tem de direito, o que a gente não tem de direito, o que, por exemplo, o que a gente pode fazer, com quem a gente pode contar quando a gente sair daqui de dentro é um bom incentivo na minha opinião.

Vamos continuar um pouquinho?

Pode?

Pode.

-Bom meu nome é C. tenho 16 anos, to aqui na UIP a 2 meses e uns dias, estudei até a 8ª série. Bom, sobre o que acho sobre o projeto PEC, pelo menos pra mim ele tem tido grande influência, assim no meu aprendizado, isso porque... Coisas que eu desconhecia eu to aprendendo através desse projeto, por exemplo, eu tinha alguns conhecimentos sobre leis, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, mais eram conhecimentos assim poucos e aqui pude me aprofundar nesses conhecimentos, conheci meus direitos e to aprendendo a conviver em grupos através das aulas, não somente estar aqui na Febem convivendo com as meninas, mas através das aulas eu tenho aprendido é a conviver com as pessoas tenho aprendido sobre a família, sabe essas aulas tem trazido grande incentivo de como a gente viver em meio à sociedade, como a gente se comportar, assim com as pessoas e esse projeto tá trazendo grande conhecimento e o fundamento dele, os conteúdos dele são ótimos inclui várias coisas que pode fazer a gente se tornar uma nova pessoa porque sinceramente na minha opinião são os conteúdos desse módulo sempre falo quando eu vou conversar com a assistente ou com alguém que eu estou conversando eu falo que eu tenho mudado através das aulas porque eu tenho aprendido muito em cada aula, cada dia que passa, cada aula que tem pra mim tem sido um...Uma grande experiência porque cada coisa que eu aprendo cada aula nossa vai ficar guardado pelo resto da minha vida e quando eu sair daqui vou querer passar o que eu to aprendendo aqui vou querer passar para as pessoas que eu tiver junto, que conviver ao meu redor porque nossa! Se a gente seguir tudo que a gente tem aprendido aqui, a gente consegue viver em sociedade viu, porque antes eu não seguia nada assim eu não sabia nada disso eu só sabia algumas coisas mais... por isso que às vezes até não conseguia conviver em grupo, sociedade, mas agora graças a esse projeto tenho aprendido bastante.

Ai que legal, Você quer falar?

Meu nome é A. tenho 16 anos tava cursando 8ª série, logo quando cheguei aqui primeiro eu to aqui a 1 mês e 1 semana e logo que eu cheguei aqui eu pensei que esse projeto pra mim não ia dar em nada assim porque eu achei que não era uma coisa interessante ficar falando sobre umas coisas assim que pra mim não dava valor lá fora, não tava nem aí só que aqui dentro a gente vai aprendendo e a gente vai evoluindo com essas coisa e muitas coisas a gente vai poder tirar de dentro do projeto do PEC pra gente se tornar um bom cidadão lá fora, porque a gente já está aqui foi porque a gente não soube cumprir nossas tarefas lá fora então a gente ta aqui não porque a gente não quis. Eu acho que foi uma coisa que a gente procurou né, quem procura acha; mas o PEC é uma coisa que pra mim tá sendo de bom incentivo assim porque eu to aprendendo bastante coisas sobre a história sobre músicas, muitas oficinas assim que eu to achando muito legal e tipo também tem a parte da leitura e a interpretação de textos que eu sempre gostei de fazer coisas de português, matemática assim divisão justa foi um texto que eu adorei assim porque foi uma coisa que eu me intervi bastante, pra chegar no final e achar que não era nada daquilo que tava vendo, mas eu acho muito legal porque muitas meninas não gostam assim porque não é aquela coisa vamos estudar biologia, vamos fazer uma matéria de química não. Vai entrar muitas matérias dentro do projeto você vai ta aprendendo não da mesma forma, mas de uma forma bem melhor porque é bem mais explicado pra você, então eu gosto bastante do projeto.

É assim um... Tem muitas meninas que não ligam assim, pelo que a professora ta falando, quando ela ta explicando tal, na menina tem uma menina que é de 1ª série ela não sabia ler não sabia escrever só que ela copia assim da lousa tem hora que ela da o palpite dela assim,

não é aquele palpite assim: Nossa que beleza né? De bater palma, a gente se diverte com ela, mas ela participa, a gente se diverte com ela.

E ela se sente à vontade? Porque às vezes quando não sabe ler...

É assim o fato de ela não saber ler, ela...

Que nem as oficinas mesmo, quando ela não sabe ler a professora fala “Ó você não sabe ler então você desenha”, então ela desenha tudo e ela pega e fala assim; para todo mundo ver, porque a gente faz oficina aí explica um pouco cada um fala o que fez né, aí ela pega fala assim: “Ó esse daqui...” que nem hoje foi a oficina do que a gente mais gosta, os pequenos prazeres do que a gente mais gosta. Aí, ela pegou falou assim: “Ah eu gosto da minha casa, eu gosto do parquinho, eu gosto de ficar um pouco na rua e eu gosto disso e daquilo” a tá bom, normal. Aí, não sei o que ela falou na hora de fazer o que a gente mais gosta... Ela começou a desenhar “eu gosto de bala, eu daquilo eu gosto daquilo outro” e assim ela participa. Eu acho que é um bom incentivo só que têm algumas que não tão nem aí, que quando a gente sair daqui, a gente já vai sair uma pessoa mais instruída eu mesmo vou sair de maior, então eu posso tirar assim como um exemplo de vida. Na UIP eu fiquei 4 meses no interno eu posso ficar mais de 1 ano até, então eu tirava meu eu errei uma vez paguei pelo meu erro não foi ruim porque então eu aprendi várias coisas lá dentro; a gente aprende o artesanato com a senhora J., a gente aprende várias coisas aqui dentro então quando eu sair lá pra fora já vai ser uma outra coisa, já vou falar “eu não vou errar, porque é assim, assim” é gostoso ficar aqui dentro, entendeu; não que eu goste estar presa não, eu gosto daqui porque, porque aqui a gente faz um monte de coisa, a gente aprende um monte de coisa, eu não sabia fazer quase nada.

Deixa eu... Só perguntar uma coisa, você tava falando dessa garota que não sabe ler e que, no entanto ela tem uma participação e que é legal uma participação dela, vocês acham que é diferente da escola porque na escola fora daqui é separado por escolaridade tal, cada uma tá numa série e aqui não é no PEC mistura vocês de várias séries diferentes né? O que vocês acham disso? Ela trouxe como uma coisa positiva. Vocês acham que isso é legal, que funciona bem? É diferente?

Eu acho que funciona bem porque aí tá... Se ela tivesse numa sala só com pessoas de 1ª série quem ia pode instruí-la pra ajuda? Quem ia pode ajudar ela assim? Quem ia pode ela tá raciocinando, não é assim ó vai ler pra ela tentar explicar pra ela de uma maneira que ela entenda. Aí eu acho legal ter pessoas de varias séries assim.

Vocês gostam de ajudar aqueles que não está alfabetizado.

É.

É gostoso?

É legal.

Tem algumas meninas que tem aquele esforço que quer ajuda, agora têm outras que...

E na minha sala também tem uma menina, ela tem de 1ª série e tem a T. que é de Magistério, ela tá cursando pra ser professora, fazia curso no SEFAM aí então é assim. Eu acho legal essa mistura assim de classe porque eu to na 5ª vamos supor se a A. fosse da minha sala ela ia ser da 7ª a outra do 1º, a outra do Magistério então coisas que a gente não sabe elas sabem, então elas passam pra gente.

Há uma troca entre vocês, não só o professor que trás, uma está trazendo pra outra?

Nossa opinião assim; que nem a gente tá aqui conversando sobre o PEC, conhecimento.
A gente tem aprendido a conviver em grupo.
E a convivência também é legal.

É uma família.

Uma ajuda a outra.
Uma tá errada a gente corrige, sabe? Ah é super legal, nossa muito dez.

Como é que a sala de aula influencia depois o resto da rotina de vocês aqui na unidade, vocês ficam bastante tempo em sala de aula ou fazendo oficina né, mais vocês ficam bastante tempo também no dormitório, vocês tem... Enfim vão tomar banho, vão jantar, tem outras coisas, como é que... O que vocês aprendem na sala de aula influencia o comportamento de vocês fora da sala de aula? Como é que é?

Influência.

Aí tipo, no começo quando eu cheguei aqui a gente fez... acho que 1 mês e pouquinho de aula quando eu cheguei que foi com a professora I., eu cheguei no final de ano já aí então era aquela coisa assim, aí normal, com meu jeito assim eu agia normal, era um pouquinho rebelde que eu ainda sou um pouquinho assim espoleta gosto de fazer bagunça, aí então eu já agia normalzinha aí veio as férias, aí nas férias tudo muda vai mudando as pessoas, vai mudando assim as meninas tem algumas meninas que são legais, tem outras que não são entendeu, aí então tem hora que a gente fica nervosa com aquilo, já quer partir pra agressão aí a gente para e pensa poxa meu não é assim, não foi assim que a “profe” falou, que nem a gente tem regras normal de convivência dentro da sala então, não agredir ninguém, respeitar a professora, respeitar o próximo, então a gente para e pensa assim, não tem as normas de convivência na classe vamos fazer lá fora também.

Não tá de acordo com que a professora ensina pra gente.

Igual o que a gente aprendeu no módulo justiça e cidadania que tipo... Pra você obter os seus direitos, você tem que ta cumprindo seus deveres, porque aí se não vai adiantar nada pra você futuramente. Por exemplo, eu estou gostando de estudar porque eu aprendo muita coisa sobre leis e eu pretendo me tornar uma advogada quando eu sair daqui eu vou prestar vestibular vou... Pretendo me tornar uma advogada então eu acho bem bacana assim, porque uma coisa que eu não sabia sobre lei assim a gente ta aprendendo, e a professora explica, influencia conversa bastante com a gente, abre espaço pra gente falar sobre nossa vida, nossa convivência com a família, então eu acho muito legal.

Tem muitas que não gostavam da escola lá fora, tá gostando aqui pôr causa do projeto.

Então tem uma diferença que vocês percebem da escola lá fora e a escola aqui dentro?

Tem mesmo.

E qual é a diferença? Como vocês podem falar da diferença?

Tipo lá fora eles ensinam pra gente aprender uma certa coisa, a gente aprende matemática ou aprende português ou aprende ciências, agora aqui não, aqui eles ensinam a gente a ser cidadão, a ser pessoas respeitadas pelos outros e aprende a conviver com a comunidade lá

fora, já a escola de lá de fora não é assim eles ensinam você pra ser professora, advogada, pra saber matemática, português, ciências então tem uma grande diferença; uma pequena diferença né.

Decolada da vida mesmo né? Vocês são aqui de SP ou não?

Eu sou de SP.
Eu sou do interior.

Da onde?

Monte Mor.

Monte Mor, você me falou na sala de aula.

Eu sou de Garin

De?

Garin, interior.

Ah tá. Vocês falaram uma coisa que é seguinte tem alguns garotos que eu entrevistei meninos de outras unidades que eles não conseguem enxergar as matérias então eles falam: “Ah faltam as matérias, falta geografia, falta matemática e tal” e vocês falam que... Vocês percebem que vocês aprendem isso. Como é que é?

Geometria. Falaram de geometria esses dias.
Qual foi o módulo que a gente aprendeu que a gente tava olhando o mapa.
É o deslocar da nossa família
Da onde vieram nossa família
É que eu to com a Justiça e Cidadania aqui.
Nesse módulo família a gente ta aprendendo bastante...
Aqui ó, as diversas origens familiares.
A gente ta aprendendo bastante história e geografia que sempre ta falando de estados da onde migrou a nossa família, sabe ta incluindo bastante geografia e história.
É porque vai falar das origens familiares, não tem como falar... Minha mãe veio da Bahia, mas como alguma pessoa vai falar onde que fica a Bahia então a gente ta estudando geografia porque a gente pode apontar no mapa.
Sobre módulo família e relações sociais que a primeira ficha foi a origem da família, então na música ele fala assim meu pai era paulista meu avô pernambucano, meu avô mineiro, meu tataravô baiano.

É linda essa música.

Então o professor pegou o mapa explicou pra gente... Mostrou pra gente assim, eu sei que tava na 5 e então eu aprendi sobre isso, mas que nem a P. não sabia, então ele pegou o mapa colocou lá o mapa enorme colocou e falou: “O pai dele era paulista, então isso quer dizer que era de S.P, o avô dele é pernambucano, então Pernambuco já fica bem em cima aí já volta é mineiro, ai um pouco mais pra cima já é o baiano, aí então a gente estuda um pouco de cada, que nem...”

Família patriarcal, família escrava muito legal.
A segunda ficha...

Coisas novas pra você?

É, novas.

Porque estudar nossos antepassados, porque eu acho que todo mundo os brasileiros tem uma origem de um negro escravo, de um índio, de um senhor patriarca, todos nós temos assim.

É uma mistura né, o brasileiro é uma mistura de raças.

Sobre as matérias também, além geografia que teve nesse módulo, teve a geometria.

Matemática que teve na justiça e cidadania, divisão justa né?

É uma divisão impossível, quem olhasse assim via que era impossível, mas a professora mostrou pra gente como era feito.

Da geometria eu gostei, porque a gente desenhou uma casa, cada um desenhou assim a casa dos seus sonhos, aí eu desenhei a minha casa, aí as meninas desenharam as casas delas, e falou assim “Não, vamos ver qual é a figura que mais aparece ali em geometria ”Na minha geralmente aparece mais o retângulo, o quadrado, o retângulo.

O meu é mais retângulo e quadrado.

Aparece um pouco de triângulo aqui, então a gente...

Na nossa sala a professora mandou a gente desenhar a nossa casa, não a dos sonhos.

A casa dos sonhos ou a nossa casa.

Fui mostrar pra minha mãe, a minha mãe perguntou: ”O que é isso na janela do meu quarto?”.

Aí você falou o que?

Ele pensou que era um raio assim, eu peguei e falei assim “Não. É o reflexo da vida”.

O que representa pra vocês o portfólio?

Ah como as professoras geralmente dizem, no começo, quando a gente vai fazer o portfólio eles falam: “Ó seu portfólio é o seu espelho”.

Como se diz, o caderno é a cara do aluno.

É.

Se tiver aquela caca...

Se for aquele portfólio relaxado aí a gente é relaxada.

Aí elas olham assim pra nós “Nossa a menina não tem cuidado né meu” ela não é conservada com as coisas dela”.

Vocês escolheram personagens né, pra colocar na...

Igual a minha assistente falou hoje pra mim que o meu portfólio ta muito bem organizado.

Na capa de todos os módulos a gente faz um desenho, que nem o meu eu ainda não escrevi, mas é o “Família e relações sociais”, as oficinas que a gente faz, o módulo “Justiça e Cidadania” e aqui são algumas coisas que a gente faz, que nem no carnaval a gente fizemos as máscaras.

Ah tá.

O meu patriotismo, da família, relações sociais.

O patriotismo é mesmo verde e amarelo aqui.

O espelho do meu sobrinho na Justiça e Cidadania.

Legal, pena que eu não vou poder folhear todos os portfólios, porque eles estão bem bonitos. Que vocês acham que é a utilidade do portfólio, eles são úteis os portfólios na vida de vocês.

São.

Pra que?

Pra guardar todos os nossos conhecimentos.

Informações.

Pra guardar nossos conhecimentos, porque quando a gente vai embora a gente leva né? Aí então chega lá fora a gente fala não, eu não to lembrando daquilo direito que eu aprendi, então eu vou voltar lá e vou ler de novo né? Sabe o que eu aprendi na UIP? Aprendi que nós temos nossos direitos e que quem tem que garantir nossos direitos é a nossa família, e agora o resto eu não lembro, aí eu vou lá a família, o governo e a sociedade.

O legal vai ser quando a gente tiver na escola e o professor tiver falando: “E as leis? Alguém conhece alguma coisa de lei?”. Nossa eu vou pra casa vou olhar meu portfólio, foi olhar meu portfólio.

Vocês tinham o hábito de usar dicionário?

Tenho.

Eu sempre tive.

Mas antes de vir pra cá, vocês tinham esse hábito?

Eu tinha esse hábito, eu gosto muito de ler.

Ah tá.

Igual eu gosto de conversar com uma senhora, sobre livros.

Vai fazer uns 4 anos que eu...

Hoje até a professora comentou na sala que as meninas, ela comentou com as outras senhoras que tava lá nos visitando, que as outras meninas não tem o hábito de ler a literatura que eu gosto de ler, Camões, Vinicius de Moraes, Agatha, Artur aí minha professora fica até meio espantada assim, Artur Azevedo uma menina...

É a maneira da gente viajar né quando a gente lê a gente viaja pra vários lugares.

Você se imagina um dos personagens dentro do livro é muito legal eu adoro.

Nossa eu não era acostumada a ler dicionário. Agora e hoje descobri que... Esqueci o nome é... Marco Aurélio, o nome do...

É Aurélio

É Aurélio ele é pai de um dos maiores cantores da música popular brasileira.

Sabe que eu não sabia disso

Eu também não sabia.

É pai do Chico é ele que é um historiador, mas ele que fez o Aurélio?

É tio.

Ah é o tio e o avô que é o historiador?

Ta na família, ta no módulo.

Ainda bem que as professoras, estavam lá pra poder explicar né, porque senão ia ser aquela confusão.

Agora eu também não sabia, não lembrava qual que era o parentesco dele.

Mas é legal assim o dicionário porque às vezes você fala uma coisa e não sabe nem o significado, mas toda hora você fala assim, aí depois você pensa: “Eu estou falando uma coisa, eu nem sei o significado, só pra me achar e vai lá e olha no dicionário, ah não tem nada a ver comigo.

Tem hora que eu não paro dentro da classe assim aí tipo eu começo a conversar com meu pensamento aí eu falo uma palavra meio que mirabolante aí eu falo “Professora me empresta o dicionário”? Ela pra quê? “Pra mim procurar uma palavra”. Vou lá procuro a palavra. Ah, mas isso não tem nada a ver com que eu pensei né meu? Nada a ver. Eu falei a palavra, mas eu nem sabia o significado dela.

Escuta deixa eu perguntar uma coisa; vocês estão trabalhando os temas? Então passaram por justiça e cidadania, família?

E relações sociais.

E relações Sociais e aí vocês não viram ainda saúde.

Ainda não, a gente ainda ta na família e Relações Sociais.

E oficinas vocês...Quais oficinas vocês participaram e vocês...Eu queria que vocês contassem um pouco das oficinas se vocês acham legal se vocês gostam?

Eu gosto das oficinas que a gente pode representar.

Nós temos oficinas de máscaras.

Temos da bailarina, a minha máscara também é patriota.

Tem a coisa do nome.

Conviver com a diferença.

Recortar a história.

A importância do nome.

Recortar a história.

É quem não se comunica, se estrumbica e o recortar história ainda não está comigo, o professor L. ficou com ela.

E do... e a oficina da análise do filme da Helen Brocovit.

Uma mulher de talento.

Eu já assisti.

Aí a gente fez sobre o dia internacional da mulher.

Nossa o meu aparece o filme inteiro contado aqui.

Eu gostei assim... Eu mais assim de coisa que da pra expressar, que nem o das máscaras coisa assim de desenho.

Eu gosto do que a gente interpreta tipo o da bailarina que a professora colocou outro dia “Vamos interpretar?” Aí do outro lado tinha lá os homens, aí cada um imitava, tinha o homem sério, o homem calmo eu gostei bastante.

E que a maioria das minhas oficinas ta no outro portfólio.

Então as oficinas vocês gostam?

Ah eu gosto.

É bem divertido.

E o que é gostoso assim das oficinas? Qual parte das oficinas que é bom?

A parte dos aquecimentos, eu gosto mais da parte do aquecimento que assim a gente não começa já escrevendo, já falando sobre o assunto, tem dia assim oficinas que a gente começa fazendo exercício, tem dia que a gente faz uma representação que nem aquele a gente tinha que falar... Tinha que expressar pra outras meninas só que a gente não podia falar, a gente tinha que usar gestos, números, lutas isso, aí eu até interpretei uma grávida ganhando nenê, o marido do lado estressado chegando no hospital, as enfermeiras batendo papo e eu lá passando mal e elas não me atendiam. Aí foi super engraçado. Aí, tem dia que a gente faz assim aquecimento com é assim tipo, relaxamento assim tem hora que a gente brinca que nem esse dia a gente fez uma brincadeira de telefone sem fio, foi até com a professora R. não foi tu. A professora R. e a professora D., aí a gente sentou todo mundo assim, a gente fez telefone sem fio, a professora dava uma frase, a gente tinha que ir falando. A única que chegou certa foi dia 8 de Março dia internacional da mulher.

É muito legal essa brincadeira.

O resto não chegou nenhuma certa, então eu gosto assim mais da parte dos aquecimentos e na hora de se expressar assim também, a última, penúltima oficina que eu fiz foi sobre a gente fazer um manual, tipo um primo da gente tava chegando de longe e aí a gente tinha que fazer um manual, de um rádio.

Instruções do som.

E ele tinha que ligar o cd, então o ano passado eu fiz e não consegui, esse ano eu fiz e eu consegui.

Eu também não consegui, porque eu não sei... A única coisa que eu esqueci de falar coloque o cd com a parte escrita para cima, foi a única coisa que eu esqueci, aí o seu E. tava sendo o primo aí ele pegava o cd... Ué, mas que lado eu vou colocar e colocava do lado errado, aí eu fui desclassificada me deu uma raiva.

Tem alguma coisa que vocês não achem tão legal assim das oficinas?

Aí é difícil falar, não puxando o saco, é difícil falar porque eu gostei de tudo até agora.

E difícil falar que assim depende do dia se a gente ta legal se a gente não tá, tem dia que eu chego lá falo não professora vamos fazer logo aí fico lá só assim, quando não to de bom humor já não participo fico quieta, tem dia que dá uma preguiça.

Ah é? Tem dia que vocês tem preguiça em dinâmica?

Nossa.

Ah eu não sei assim eu faço tudo, mas com preguiça ou não.

Eu faço tudo, mas com preguiça, com preguiça ou não a gente faz.

Com preguiça ou não eu to lá me esforçando.

Aí baixa aquela preguiça assim, você fala ah não, não vou fazer aí você encosta assim no lugar e fica.

Aí tem hora que você fala “Ai falar sobre a minha família de novo” Aí você encosta e fica só ouvindo os outros falarem.

Principalmente a gente que já estudou isso o ano passado.

Vocês estão repetindo o módulo?

Eu e a Daniela.

Mas vocês não acham que ao repetir, vocês podem ver de um jeito diferente ou como ela falou teve uma atividade que ela não conseguiu da primeira vez aí quando chegou da segunda vez ela conseguiu, não da pra olhar a coisa talvez de um jeito diferente. Como é?

Assim, às vezes eu vejo de um jeito diferente porque eu fiz isso o ano passado, pôxa eu já sei, aí a professora entrega a ficha eu olho eu já sei posso ir respondendo a professora fala “não” tem que explicar pra sala, você sabe, você fica quietinha que tem que ensinar para os outros, ajuda eu a expressar para os outros entendeu? Ah não “profe” eu quero fazer logo eu quero terminar logo, aí ela via eu já terminei, aí eu encosto lá e fico, falo professora já terminei ela fala “ta bom ,ta bom”.

Eu acho porque todo mundo tem um ponto de vista diferente, então a gente tem várias maneiras de analisar uma coisa, você não vê uma formiguinha andando e fala ó está formiguinha está andando, você vai parar bem e falar “ela está andando para fazer alguma coisa” então eu acho que todo mundo vê de um ponto de vista diferente.

Tem vezes que as professoras são assim né alguns casos, elas estão explicando lá e a gente tem que falar o que a gente entendeu, aí a gente que sabe fica com a mão meia hora lá, ela: “Não você não vai falar, você fez o ano passado, você já fez o ano passado tem que da oportunidade para as outras”.

Lógico.

Era o meu caso.

Na minha sala às vezes a professora também faz isso, ela tipo comenta assim eu já levanto a mão eu e a K. que também é da minha sala: “Aí “profe” a gente sabe, a gente sabe. Não espera aí, deixa a outra dar opinião depois vocês dão as suas que eu sei que vocês sabem.

Porque ela faz isso?

Pra dar oportunidade pras outras porque não adianta a gente saber levantar a mão e falar as outras vai falar “Então eu também já sei, ela acabou agora”.

E dando oportunidade pra outra você pode tá adquirindo mais um conhecimento nas palavras que ela falou lá.

Na explicação dela que a gente vai aprendendo uns com os outros.

Tem coisas assim que mudam também, que antigamente a gente falava muito na gíria, aí as professoras é falava aquelas palavras assim difíceis aí, a gente acostuma e começa falar palavra difícil também palavra que a gente nem sabia o que significava.

Você acha que seu jeito de falar, o seu vocabulário mudou depois que você...

Mudou, nossa mudou bastante.

É?

O meu também, eu cheguei aqui eu falava bastante gíria agora eu falo pouco.

Eu nunca falei gíria.

Agora eu falo, mas entre amigos assim, por exemplo, conversando, mas não com a professora mais que teve uma época que entrava dentro da sala da professora: “A senhora tá ligada, aquela fita lá que a senhora mostrou pra mim semana passada”.

Ta tirando professora, agora não a gente pega e fala: “Professora, a senhora lembra aquele módulo que a senhora deu na semana passada, a ficha da pra senhora explicar”. Aí, dentro da sala já não é mais a gíria, a gíria assim rola ainda, apesar de que já faz 4 meses que eu to aqui já era pra mim ter parado né, mas rola porque sei lá.

Rola né?

É rola

E a gente ainda acrescenta mais as palavras mágicas, por favor, obrigado, com licença.

Tem aquela de agradecida.

Eu só não curto esse negócio de agradecida, mas tem hora que você fala: “O L. na hora do intervalo se você não quiser seu suco você me dá? “Ah, tá bom”. Aí, chega lá fora: “Valeu em mina firmeza ela é uma mina firmeza”. Aí, de vez em quando rola esse firmeza.

A gente esquece.

Aí você fala assim: “Você tá ligada, sabe aquela fita que eu te falei que te falei semana passada”. Aí, rola assim um pouquinho, só que entre amigos, dentro da sala já não rola mais.

Mais pra mim, nunca foi da minha índole falar gíria.

Da minha foi, que eu sempre... Meus amigos, minhas amigas sempre falaram na gíria então eu cheguei aqui meu vocabulário não era português era gíria pura.

Ó... índole olha que palavra difícil.

Mas não é bom, aprender palavras novas.

É bom, nossa como é bom você falar assim e as pessoas não entendem direito.

Aqui na escola cada um é um ritmo diferente ela já é quietinha, aquela ali já é filosofia.

Mas eu acho que a C. quer falar, ela ta se balançando acho que ela quer falar, vamos deixar a C.

A quietinha, a filósofa e as mais espoletas.

É muito dez mesmo.

Vocês estão todas na mesma sala de aula?

Não

Aqui é cada um de uma sala.
1,2,3,4.

Ah, você estão também em dormitórios também diferentes?

Não.
Não, nós estamos no mesmo.
Nós duas no mesmo.
Eu tenho que agüentar ela né.
Elas no 1 eu no 2 e ela no 3.

Ah tá, mas vocês convivem diariamente?

Nós temos até nossos apelidos
Bob esponja, timão.
Timão, do Timão e Pumba e costelinha.
Apelido carinhoso.
Tem o Pumba também.
Tem hora que a gente passa e fala: “Vamos inventar um apelido pra tal de L.? Vamos.” Mas não são aqueles apelidos feios, são aqueles apelidos carinhosos de desenho né? Ai já fala assim vamos lá falar pra ela, que nem tem uma amiga nossa T. ela é um pouquinho avantajada né? Aí a gente colocou o apelido dela de minnie, mas é um apelido bonito né? E eu e a C. e Timão e Pumba porque a gente vive junto. Timão e Pumba é do Rei leão.

É eu conheço.

Eles vivem juntos né? Então eu e a C. sempre vivemos juntas né?
A A.
Porque eu sou quadrada e amarela
É o Bob Esponja, porque ela é quadrada e amarela e a L. é costelinha porque ela é magrela.

Vocês assistem esses desenhos aqui?

Não
De vez em quando.
Dia de final de semana
É que é assim, quando chega o final de semana no domingo assim principalmente aí, a gente aí, a gente acorda pra tomar banho né? Ai então vai por forma ai senta lá na forma, os funcionários ligam a televisão, a gente assiste aí, depois a gente termina de tomar banho ai, a gente desce.
Na minha casa eu era viciada em desenho.
De tarde a gente sobe pra ver filme.
A gente assiste bastante filme aqui dentro.
Repetido, mas assiste.
Ah, mas é legal.

Meninas deixa é... Vocês têm alguma sugestão alguma coisa que vocês gostariam a gente vai ta fechando agora, a conversa tá ótima com vocês, mas a gente tem que ir fechando.

Sobre o PEC a minha opinião seria assim aumentar mais os módulos porque são só 5 né, que é a justiça e cidadania, família e relações sociais, saúde, educação.

E trabalho né?

Mas aí ia ter que diminuir o tempo de composição desses módulos porque...

Aumentar os módulos assim diferenciar.

Pra não fazer de novo porque são 5, vamos dizer a gente termina os 5 faz os 5 ai a gente tem que iniciar de novo o justiça e cidadania então assim é minha opinião, seria aumentar os módulos pra gente estudar outras coisas diferente. Agora as oficinas talvez você não tem todas ainda.

A oficina ainda não.

Tem várias oficinas na verdade, são dez oficinas né que podem ser dadas e talvez você não tenha passado por todas.

Eu acho que já passei por quase todas.

Ah é?

Eu to na 9, deixa eu ver.

Ta na 10 de um lado é a 9 do outro a 10.

Ah talvez você tenha passado também por todas as oficinas.

O Recontar histórias, e oficina 10 trabalhar em equipe, eu já passei por todas também. Eu acho assim não pelas oficinas que as oficinas são gostosas de fazer assim é uma coisa que a gente faz brincadeira.

Não tem nenhuma oficina que você não ache tão boa, todas são gostosas?

Eu gosto de fazer todas.

São diferentes porque essa de recontar histórias é uma história que você leu, você pensa que é aquele final, quando você chega no final você: “Nossa que diferente!”.

É aí você tem que contar assim do modo que entendeu é gostoso eu também gosto de escrever, mas assim sobre os temas tal os módulos na minha opinião deveriam aumentá-los ter várias outras opções.

Tá então uma sugestão que você faz?

Ah eu já acho que os nossos textos têm bastante português porque a gente faz uma leitura, uma interpretação eu acho que poderia ter um pouquinho mais de textos matemáticos, que eu gosto muito de matemática.

Devia ter mais matemática?

Alguns textos matemáticos vamos calcular porque é... Eu acho bem legal assim eu gosto.

Eu já gostaria que tivesse mais história, geografia, porque a gente ta entrando no módulo família e Relações sociais a gente já usa mais história e é legal a gente rever dados, antepassados e tudo mais.

Ah legal, C. você quer sugerir também?

Pra mim eu acho que tá bom assim, porque aqui é VIP né, é pra ficar 45 dias, mas agora tem meninas ficando mais porque tá sem vaga nas outras unidades, mas assim quando começar surgir as vagas, vão mandando as meninas aí, a casa vai ficar com menos meninas, vai voltar a andar normalmente, então eu acho assim que ainda não é necessário aumentar porque de qualquer jeito vai surgir as vagas, as meninas vão embora e vão ficar sem fazer. Vai ter módulos que vai ficar sem fazer porque com 4 meses e meio com certeza vão embora eu to com 2 meses aqui, eu só fiz o Justiça e o Cidadania e o Trabalho né e agora ta sem vaga na unidade que eu vou. A minha assistente falou, mas eu acho assim que até eu ir vai dar pra mim fazer todos os módulos sem eu repetir, se eu repetir vai ser o primeiro só e não vai ficar módulo pra trás sem fazer entendeu? Eu acho assim que não deve aumentar.

Eu dei minha opinião assim pra aumentar sabe porque? Porque assim vamos supor eu faço todos os módulos os 5, aí um dia Deus me livre se caso acontece de voltar pra UIP e já ta em outro módulo, entendeu? Eu não ia aprender o que eu já tinha aprendido.

Por quê você ta falando em voltar pra UIP? Não precisa voltar pra cá não.

Se um dia eu voltasse, que não seria mais o caso, quando eu sair vou ta de maior não vou vim mais pra cá.

Será que aqui é tão gostoso então?

Não é ruim, mas também não é a maior maravilha do mundo.

Eu vou sair daqui a 1 ano e meio, vamos se dizer já vou estar de maior porque eu faço 18 agora em abril então eu não vou voltar mais pra cá, mas assim se eu fosse um dia aprontar de novo e tivesse que voltar pra cá, então eu ia ta aprendendo uma coisa que eu não tinha aprendido ainda, não ia ter que repetir o que eu já tinha aprendido.

Porque tem muitas meninas que voltam né?

Tem muitas que volta.

Mas você falou uma coisa importante o PEC existe exatamente para meninas não voltarem pra cá, pra passar só uma vez.

Tem aquelas que apesar de serem inteligentes não sabem utilizar a sua inteligência.

Mas se caso voltar, aplica de novo nelas Justiça e Cidadania, e se elas voltarem de novo aplica de novo Justiça e Cidadania, até entrar na cabeça dela e ela nunca mais voltar, ser uma boa cidadã e aprender viver na comunidade.

Vai aplicando os módulos até ela aprender, quando ela aprender, ela não volta mais.

Lá no internato já podia ter módulo diferente só que não; vai ser matemática, matéria mesmo, então lá eu já vou ficar meio estranha meu. Eu só estudaria módulo lá porque a maioria dos módulos é sobre a nossa opinião que a gente tem que dar, se ta certa e ta errada a professora corrige então você já muda sua opinião.

Você está esperando vaga aqui mesmo do lado?

É.

Agora lá não, a gente vai ter matemática, português.

História, ciências, geografia.

Aí já é uma coisa mais desgastante assim.

Mas vocês acham que vocês estão diferentes saindo daqui?

Ah eu acho que vou sair daqui bem diferente, outros pensamentos.

Novos aprendizados,

O modo de vida já vai ser diferente, a gente vai parar pra pensar: “Não foi isso que eu aprendi”.

Vai dar valor às pequenas coisas da vida que a gente não soube dar valor lá fora.

É, que nem hoje a oficina de hoje foi as pequenas coisas que a gente gosta. Então, na minha folha assim eu separei é um quadradinho assim né ai você vai no meio dos materiais: coca-cola , brinco, bala, chiclete, ir pra quermesse, ir pro salão e várias coisas. Aí, eu coloquei na hora a parte sentimental que é meus filhos que eu tenho três.

- Três filhos?!

Gêmeos e um de 2 anos.

E que idade tem os gêmeos?

Seis meses.

Poxa parabéns, três filhos.

Aí, eu coloquei filho, meu namorado, minha família meus amigos “alguns” né? Os vizinhos que a maioria é tudo Zé polvinho, Zé polvinho é fofqueiro, que mais que eu coloquei; de dançar, de ouvir música, ai eu já separei, mas eu fiz aquela melação, a professora: “Lê o seu D.”. Eu olhei assim pra ela: “Tem certeza”. E falou: “Tenho”. Aí eu comecei não parei mais. Hoje nós fizemos...

E vocês já eram bastante falantes antes de vir pra cá?

Nossa!

Sempre fui comunicativa.

Eu também.

Eu adoro conversar.

Eu sempre fui comunicativa toda palestra que tinha, tava eu lá com a mão assim, deixa eu responder, eu, eu, sempre fui assim, sempre gostei.

Comunicar com as pessoas que me da mais prazer.

Por quê a L. fala?

Porque quem não se comunica se estrumbica.

Ei senhora, eu gosto assim de conversar mais eu gosto de conversar assim em grupo assim eu não gosto de conversar muito, eu gosto de conversar assim entre duas pessoas que aí ela vai me contando da vida dela e eu vou contando da minha vida.

ANEXO F.

Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 04**03/06/2004**

Eu estou aqui na UIP (...) conversando com as meninas. Eu vou perguntar e aí vocês seguram o gravador pra falar perto, porque depois fica mais fácil pra transcrever ta? Eu queria saber o nome de vocês, em que série vocês estavam estudando antes de vir pra cá e quanto tempo faz que vocês estão na unidade.

O nome inteiro?

Não precisa.

L., eu parei na 6º série. Vai fazer quanto tempo eu estou aqui? Vou fazer 4 meses e tenho 17 anos.

Ah legal, a idade também é legal.

A., estou a quase 4 meses na casa, tenho 16 anos e estava cursando a 7ª série.

Meu nome é L. e eu também parei na 7ª série, eu tenho 16 anos e faz quase 4 meses que eu estou na casa.

Meu nome é C., tenho 16 anos, parei na 6ª série, estou na casa a 2 meses.

Meninas vocês já estão aqui faz um tempinho né, na UIP? Então vocês já viram quais temas na escola?

Todos os temas, todos os módulos.

Todos os módulos?

Todos.

Os cinco?

Eu estou vendo de novo.

Eu cheguei a ver Saúde né, Educação Ponte para o Mundo e agora eu estou vendo esse módulo né que a gente ta fazendo que é Família e Cidadania também que foi antes desse módulo que a gente ta vendo agora de Família.

Eu todos, Justiça e Cidadania, Educação Ponte para o Mundo, Trabalho em nossas vidas, Saúde uma questão de Cidadania, deixa eu ver... O outro é... Educação Ponte para o Mundo.

Que beleza.

E de novo, agora nós ta no Família, acabou Justiça, ta no Família agora.

Então você está vendo o mesmo módulo pela segunda vez?

É, e o que eu mais gosto, a gente começou hoje o Família.

Você gosta de estar estudando esse tema de novo ou você acha que de novo está muito cansativo? Gente aqui todo mundo pode ser sincera. Você acha que está cansativo estar vendo de novo ou você preferia estar aprendendo uma outra coisa?

Eu gostaria de estar aprendendo outras coisas também.

Por quê?

Ah gostaria de estar aprendendo outras coisas porque isso daqui eu já estudei de Família, que nem eu falei de Família eu gosto, agora eu queria saber um pouco mais de ficha nova, as matérias novas também, ia ser mais legal também.

E você sabe por quê está repetindo né o tema?

Porque a gente estamos provisória, na unidade provisória sempre...

E o projeto foi feito pra 45 dias né, que teria que ser o período máximo de permanência aqui na UIP né?

Sim senhora.

Então é por isso. Mas alguém está repetindo, não?

Eu estou repetindo.

E daí como é que vocês estão achando isso?

Aí tudo que eu já vi eu estou revendo de novo né? Tanto que não fica tão difícil pra eu poder fazer de novo, mas eu gosto do módulo. Eu não vejo diferença nenhuma que eu já fiz tudo né? Só que eu acho assim que eu estou vendo, mas eu estou vendo pra mim aprender de novo, ta sendo interessante de novo , sei lá, eu coloco de uma outra maneira pra mim ta vendo o módulo entendeu? Só que eu vejo a mesma coisa, fala Justiça e Cidadania, só que mesmo assim eu dando a entrevista assim eu falo: “Eu acho que Justiça e Cidadania pra mim é ótimo, Família, Educação Ponte para o Mundo, Trabalho”. Eu estou vendo tudo de novo, mas eu acho muito bom eu rever de novo pra mim não esquecer. Eu acho que era bom eu ta revendo de novo.

Você acha que reforça?

Reforça. Porque às vezes a gente pode ta querendo falar assim...Que nem no módulo Família eu falo muito, ah minha família está me esquecendo, eu to vendo o módulo Família de novo “oche” vou dar valor pra minha família, vou lembrar do que aprendi no módulo, no módulo passou isso. Ah é isso aqui mesmo! Então eu to aprendendo tudo de novo eu acho que ta sendo bom pra mim.

E eu queria saber o que vocês acham da escola, aqui da UIP?

Totalmente diferente da do mundo.

Totalmente.

Você acha diferente por quê?

Ah porque no mundão os alunos não respeitam os professores. Não quer saber de fazer nada, agora aqui dentro não, a gente faz, porque as matérias são diferentes. Não que nem no mundão; no mundão tem matemática, português, história, agora aqui não; aqui a gente aprende tudo junto, tudo misturado e fica mais fácil pra gente aprender.

Mas você acha que aprende história, geografia, português?

Aprende, aprende.

Como que aprende?

Porque no módulo Justiça, Família e outros também falam de temas que falam de matemática, geografia, ciências; agora não é que nem no mundão é diferente.

E o que você gosta mais?

Do módulo?

Não, da escola do mundão. Você acha que você aprende mais com a escola lá fora ou com a escola aqui da UIP?

Eu estou dando mais valor aqui dentro, porque lá fora eu não dava valor.

Por quê não?

Não gostava de ir pra escola.

Você achava chata?

Achava, não suportava olhar pra cara do professor, porque ele não ensinava direito, eu era meio revoltada, agora aqui dentro não, eu estou me esforçando mais.

E está aprendendo?

Estou aprendendo.

O que você está aprendendo? Alguma coisa assim que pra você está sendo mais importante?

Que a gente tem direitos, tem deveres também e responsabilidades. Não deve fazer mal pros outros, porque acaba vindo a onde a gente tá, que essa vida não é pra ninguém.

E vocês meninas, vocês acham que a escola daqui da unidade é igual à escola que vocês estudavam lá fora?

Não.

Qual que é a diferença que vocês percebem?

Ah eu vejo que aqui a atenção é mais voltada pra nós que somos adolescente, a gente pode até ter uma oportunidade melhor porque conforme a gente vai aprendendo aqui a gente vai tendo um prazer até de quando chegar lá fora poder ensinar os outros. O que a gente aprendeu aqui dentro que foi importante, porque lá fora a gente não tinha assim essa idéia de o que é Família, o que é estar preso, o que é cometer um crime, porque lá fora a gente não tinha essa idéia, agora quando a gente tá privado da liberdade, a gente pode entender as coisas de uma maneira diferente, porque a gente olha as coisas diferente. A gente olha a família da gente, porque a família da gente gosta tanto da gente? Não é porque a gente tá presa, porque o amor já vem desde criança, afeto né? A família sempre teve isso e eu também entendo como as amizades a gente não dá valor ...A gente dá valor pras amizades lá fora e aqui dentro a gente não dá tanto valor. As meninas que estão aqui dentro... É muita briga, intriga porque é um ambiente fechado, mas conforme a gente vai se conhecendo, a gente pega uma amizade, mas a gente vê sempre que a amizade não é...A gente não deve dar mais valor à amizade e sim mais à família, a vontade de estar lá fora. Aquela vontade de querer sair com os amigos pra balada. Querer sair fazer coisas erradas, fazer coisa escondida, da vontade de fazer. E aqui dentro a gente tem essa vontade de sair lá pra fora e talvez voltar a fazer as mesmas coisas, mas com o módulo a gente tá aprendendo que não se deve fazer isso lá fora, porque voltando pra cá vai ser a mesma coisa o pensamento vai ser o mesmo. A gente já está aprendendo aqui né? Vale a pena tá aqui eu gosto muito de tá aqui. Eu aprendi a gostar, gostar de tá aqui dentro é muito bom. Eu não sei porque eu estava comentando isso com a professora de artesanato, a professora J., que é um prazer tá aqui dentro, porque eu tô aprendendo muito coisa, eu tô aprendendo tanto no módulo, como eu tô aprendendo com as professoras, com os funcionários a gente tá fazendo agora um projeto de um jornal e a gente tá tipo...É interessante porque toda noite que eu vou dormir eu penso assim: "É tão importante a gente tá fazendo isso é pra gente ganhar sabedoria né"? E os funcionários a gente pode chegar nos funcionários e comentar com os funcionários como se a gente estivesse fazendo uma reportagem né? E é interessante, porque aí eu vou guardando, eu vou guardando, guardando mensagem na hora que eu for solta, vou soltar tudo no lápis e vou fazer mesmo, eu quero ter essa oportunidade, eu acho muito bom.

Você falou que está gostando, que está achando muito bom ficar aqui dentro, você preferia estar aqui ou você preferia estar lá fora?

Com certeza eu gosto de estar aqui, eu aprendi tanta coisa, porque dá vontade de eu fazer um teatro, dá vontade de eu fazer uma música... É vontade. Só eu não tinha aquela prática eu não ia lá fazer a inscrição, às vezes até a minha família fazia isso por mim, mas eu não tinha aquela responsabilidade de ir, eu gostava sabe, mas outras coisas me chamavam mais atenção que aquilo e aqui dentro não; aqui a gente tem que fazer e a gente aprende a gostar. Isso que é importante.

É porque aqui você aprende a dar valor pra outras coisas. Mas você quer sair ou não quer?

A minha única vontade de sair é pra poder mostrar pra minha família a outra T. que eu sou, que eu era uma T. e hoje eu sou outra.

Só pela sua família? E por você T.?

Por mim também eu quero mostrar que eu sou capaz de ter um trabalho e de ter uma família que gosta de mim realmente do jeito que eu sou e não do jeito que elas queriam que eu fosse e mostrar também pra sociedade que um dia me discriminou por ta aqui dentro, porque eu também cometi um delito que eu acho que hoje me arrependo do que eu fiz, eu me arrependo da vítima até, me arrependo de muita coisa realmente.

É eu acho que da escola do mundão pra escola daqui de dentro da unidade é muito diferente, porque a gente aprende, é mais sentimental o módulo que a gente vai aprendendo passa mais pela parte do...Sei lá, a gente aprende assim fala do Justiça e da Cidadania, a gente tem os nossos direitos, os nossos deveres a gente aprendeu a ter respeito, responsabilidade. A responsabilidade é o que eu mais quero ter no mundão, quando eu for embora eu vou falar: “Meu Deus como eu não tinha responsabilidade”. E eu vou aprender a ter minha dignidade, aprender no negocio do trabalho que eu aprendi no módulo Trabalho, ser digna, ter a minha humildade, tem que trabalhar, tem que se esforçar e a família também. Dar valor pra minha família, do justo, sobre tudo que é...Eu gostei muito mais que eu falei pra senhora lá dentro da sala de aula, que do vôo cego, eu achei aquela ficha ótima, porque ela pode falar um pouco de cada uma de nós e pode ta passando sobre o negócio da internação, da gente ficar com a venda nos olhos, porque a gente não podia enxergar que a gente estava internada. A gente não podia ta acreditando que a gente estava ali numa unidade. Depois a gente vai acostumando, vai passando e a escola eu achava que nunca ia ter escola aqui dentro. Eu achava assim não tem escola. A primeira vez que eu fui na sala de aula eu vi tudo certinho até me empenhei pra desenhar tudo depois eu comecei estudar o módulo achei...Chorava muito porque não dava valor pra minha família e daí eu fui aprendendo então eu acho que educação tudo que fala no Educação também fala muita coisa; módulo ensina bastante coisa pra gente, ensina realidade. Eu to revendo pela segunda vez. Assim eu entrei na sala de aula eu comecei a falar assim: “Ai será que tipo... o que vai acontecer? Eu não sei o que eu vou estudar”. Você fica naquela sabe assim com medo. Aí comecei a me apropriar, dei entrevista a primeira vez assim sabe tava me apropriando de tudo, só que agora tendo a oportunidade de ver o módulo pela segunda vez eu me sinto mais aperfeiçoada de tudo que eu aprendi, eu to agradecida muito a todas as pessoas daqui a professora que incentiva muito a gente.

Você está com fama de professora já que eu estou sabendo.

Nossa! Ah tipo assim porque eu me aproprio bastante nas coisas que eu faço; tudo que eu faço eu me coloco no lugar. Igual eu aprendi muito com a minha professora, não só com a minha professora, mas com todos aqui: monitor, coordenação, todo mundo; porque o direito da gente é tirado quando a gente deixa de agir com nossas responsabilidades. Na Justiça e Cidadania foi o melhor. Um dos melhores pra mim, um dos melhores temas e Família que emociona muito a gente, a professora R. nossa assim ela é um exemplo pra gente, tudo sabe assim; ela explica, todas as professoras também sabe assim, eles vem dispostos a educar a gente como se fosse um filho deles; não é assim eles não vai chegar aqui e falar: “Vocês tem que fazer isso e aquilo” não. É diferente da escola do mundo, porque lá fora não é tudo isso, eles falam que é, mas quem ta lá fora... Eu prefiro assim ta aqui dentro, eu acho que se fosse pra eu chegar assim na frente do juiz hoje, tudo que eu falei aquele dia pra ele foi mentira realmente, mas se fosse pra eu chegar hoje, falar assim se eu to preparada ou não pra sair; eu não estou. Ainda não, porque eu tenho medo de sair lá fora e voltar pra vida que sabe, que eu estava levando. Eu prefiro ficar aqui mais um tempo; to com saudade da minha família, moro longe, mais prefiro ta aqui vendo tudo que to vendo de novo, passando minhas experiências, estar compartilhando com as pessoas, porque eu achava que minha vida era aquilo lá, diversão, sair hoje voltar amanhã, mas não. Comecei estudar, hoje até minhas avaliações estão melhores, é só ter uma oportunidade.

Agora você já ta aqui estudando faz um tempo com as meninas né, aqui na unidade e porque você disse que tem medo de sair?

Ah tipo assim porque é difícil, quando a gente ta aqui dentro a gente ta protegida de tudo lá fora né? Mas na hora que sair lá fora, aí vem tudo fácil na mão da gente e a gente ta acostumada com a vida do crime, é difícil sair dessa vida, procurar ajuda. Eu tenho vários endereços de ONGs, procuro saber sobre endereço porque eu não quero ser a mesma pessoa que eu fui antes, porque se eu continuar no meu erro... Quem sabe eu posso nem voltar pra Febem posso morrer lá fora, porque a vida do crime pra entrar é fácil mas pra sair é totalmente difícil, igual a professora... Ó o primeiro dia que eu cheguei aqui, foi dia 16 de fevereiro. Eu entrei na sala e a professora pegou e falou assim pra mim, chegou né em mim e falou assim: “Ó A. tudo eu posso fazer, mas nem tudo é lícito fazer”. Falou pra mim, então até hoje eu guardei comigo, eu tenho isso comigo e eu acho que quando eu sair vai me ajudar muito eu pensar na hora que eu tiver tipo assim os cinco minutos que a professora faz diferença na sala ajuda muito, aqui tipo eu vou pensar em brigar com alguém, falar alguma coisa a mais eu já paro penso, respiro profundo assim, penso em tudo que eu reví, penso na minha vida, porque eu não quero fazer as mesmas coisas que eu fazia antes, não quero agir da mesma forma, não quero ter as mesmas atitudes.

E o que você acha que precisa pra você lá fora para que você não volte pra vida que você não quer voltar?

Primeira coisa eu sair do ambiente que eu estava né? Voltar estudar é... Sabe, voltar a ser outra pessoa, sair entendeu? Por a ética em prática sabe, aqui a gente fala um monte de coisas humanas e é o que realmente eu vou fazer lá fora, vou procurar ajuda se não eu vou voltar pra esse mundo que não dá futuro pra ninguém.

E a escola lá de fora se você comparar com a escola daqui?

Ah aqui é 100%. Aqui é melhor porque aqui as professoras como eu disse, elas são não sei, mas parece que ela educa a gente como se fosse as mães delas. Elas olham pra todas assim como se tipo “nossa minha filha não faz isso” elas começam a explicar as coisas verdadeiras, não tipo ensina matemática, português, aqui também tudo mundo fala sobre isso, mas elas ensinam muito mais, elas ensinam a gente sair preparada pra sociedade, sair lá pra fora e ver de uma forma diferente, ela faz a gente... Nossa eu chego chorar na sala, tem vezes assim que a professora está explicando, eu abaixo a cabeça e começo a chorar ela fala: “Nossa P.! O que ta acontecendo?” Eu falo pra ela: “Ai professora porque realmente do jeito que a senhora se coloca no lugar de mãe, eu me coloco no lugar de filha e aqui é tudo pra mim”. Eu acho que tipo assim se eu sair daqui, eu falei eu vou voltar aqui porque eu quero agradecer muito todo mundo aqui os professores, os coordenadores, a senhora N. nossa é uma pessoa que eu amo muito, todo mundo aqui que nossa ajuda a gente muito aqui não sei nem o que falar; agradeço.

E gente na fala de vocês assim eu percebo que um tema que fica muito forte é o tema Família. Porque que vocês acham que vocês gostam tanto, é o tema que vocês mais gostaram ou não?

Foi.

Porque mexe muito o sentimento da gente. Fala muito da gente ter o valor, que só aqui dentro a gente aprende ter valor e as professoras do jeito que elas se colocam com a gente, a gente

sente que ela tá sendo uma parte da gente também; ela explica, ela vem com uma vontade assim como se ela fosse...Oche vou ensinar minha filha né. Uma vontade assim...

De fazer a gente mudar, o módulo Família é assim tipo assim, igual eu aprendi bastante que família não é só laço de sangue mas sim um vínculo afetivo, aqui eu estou entre uma família, então eu estou dando o máximo de mim sabe? Porque com certeza minha família não queria que eu tivesse uma destruição. Lá fora não dei valor pra minha família porque se eu tivesse dado hoje eu não taria aqui. Então hoje eu estando aqui tô dando valor pra todo mundo que tá aqui que eu vejo como se fosse uma mãe, olhar pra um como se fosse minha irmã e tudo. Não estou com aquela maldade, que tem muita gente que fala não eu estou na maldade não sei o que, não eu não estou. O módulo Família sabe acho que mexe muito com a gente, faz a gente pensar no que a gente fez lá fora e fosse tipo assim...Se o que eu cometi lá fora, tivesse acontecido com uma família minha? Não é verdade, porque Deus vê assim, a gente pode ter um B.O, pode falar é isso é aquilo, mas Deus vai só de uma forma, que a gente tem que se colocar no lugar dessas pessoas.

A “profe” E. né lá na sala, as meninas até comentam: “Pô a “profe” E. pega no pé cara que não sei o que”. Aí a gente comenta: “Ah, mas ela pega no pé porque ela quer ver a gente melhor né? Ela faz de tudo pra que quando a gente saia daqui a gente seja outra pessoa”. Ela tava dizendo até esses dias que quando viu a outra menina sentada, ela disse que é burrinha porque não adiantou ela aprender tudo que ela aprendeu e voltou pra cá o que adiantou né? Ela vê até que o esforço dela não foi de nada, porque ela fala, ela fala, ela fala, ela fala e às vezes tem menina que não entra, então quando ela vê a outra pessoa voltar, aquela mesma pessoa voltando ela fala: “Não acredito”. É como se tivesse no meu lugar, eu me esforço, eu tento aprender ao máximo, eu tento saber até ensinar as outras meninas, mas quando a gente vê assim a pessoa com aquele esforço de tentar ensinar, tentar ensinar e aquela pessoa não aprender, pra pessoa não vale de nada né? É que nem pra mim eu quero aprender, pra mim quando chegar lá fora até comentar o que aconteceu aqui dentro porque eu gosto muito do que eu aprendi e é um conteúdo que a gente guarda pra gente.

(Professora E.) - Voltou porque, mas tem umas que voltam, e falam assim: “Ah professora eu estou voltando porque eu vi Justiça e Cidadania até a metade eu quero ver o resto”. Eu falo: “Pelo amor de Deus, vai procurar uma escola lá fora e continuar seus estudos lá fora”.

Reincidência realmente é um caso muito sério, quando a menina retorna né? E a gente fica com medo delas estarem retornando exatamente porque gostaram: “Aí eu gostei tanto que eu voltei pra ver, pra discutir mais um pouco, pra participar mais um pouco“. Não! A gente espera que a escola lá fora continue dando conta do recado e segure os seus alunos lá né?

Isso.

Ah eu não quero voltar não. Tipo assim eu quero se eu tiver oportunidade de entrar em contato com alguém daqui, tipo igual tem ficha que tem pessoal que dá um depoimento. Eu quero dar o meu depoimento, quero comprovar, quero vir aqui comprovar que eu mudei que eu sou uma nova pessoa, que, viche, eu estou realizada realmente e sair daqui tudo que eu aprendi não foi em vão.

Mas sabe? A gente tem medo também de sair daqui e não voltar mais e perder os estudos que a gente tinha aqui, porque o estudo lá é totalmente diferente. A gente não aprende da maneira que a gente aprende aqui dentro. Eu tenho até medo de sair lá fora de novo e ter que voltar pra escola. Os professores que não entendem, que querem explicar de qualquer jeito, explica de uma tal maneira que é tão diferente do que a gente viu aqui e o módulo nossa é totalmente diferente. O módulo mexe mais com a gente e agora o que a gente faz lá fora é português,

matemática, tudo no normal, agora o que a gente aprende aqui dentro é totalmente diferente, a gente...Até as professoras assim vem com aquela vontade de vim pra ensinar, agora não as professoras do mundão não tão nem aí, eles vêem quer ensinar daquele jeito empurra, e fala:”Aí o pode copiar”.

Uma coisa assim que eu nossa mais gostei que eu acho legal assim, aqui tudo a gente aprende. Tem oficina sabe, a gente...Eu acho muito legal, a gente socializa as idéias, conversa com todo mundo. É tipo assim os professores aqui acreditam na gente, aqui eles acreditam na gente, lá fora não. Lá fora se você aprendeu, aprendeu, se você não aprendeu já era vai passar de ano e ta passando, aqui não você errou vai corrigir, chama atenção tem que chamar mesmo, porque eu acho assim, lá fora não eles vem: “Aí não sei o que “. Aqui não, aqui já chega, fala assim: ”Não é desse jeito”, coloca você nas situações assim, provoca, tem gente que provoca a gente. Na hora assim a gente fica naquele nervoso: “Aí meu Deus do céu porque que ela ta provocando eu, aí essa professora não gosta de mim, aí não sei o que tem”. Mas não. Ela gosta porque se ela ta provocando, tipo assim porque ela quer que a gente entra no espírito. Então o que eu mais gostei as professoras se colocam, faz a gente se colocar no lugar e ela se coloca no lugar de ensinar e a gente aprender cada vez mais, cada vez mais ter vontade de aprender, se eu tivesse oportunidade de aprender sobre mais, sabe assim não que seja pouco, tudo que eu aprendi. Nossa Senhora! Sabe eu agradeço todo mundo, mas se tivesse oportunidade de ver mais coisas, mais temas assim eu acharia muito legal.

Tipo, fala.

Pode falar.

Fala.

Não eu ia falar se fosse pra eu escolher entre a escola do mundão e aqui eu preferia acabar meus estudos aqui dentro da Febem. Eu preferia acabar aqui dentro, porque lá no mundão com certeza se eu tivesse lá agora eu não estaria estudando, eu preferia acabar meu estudo aqui dentro.

Mas quando você sair você pretende voltar pra escola?

Eu pretendo voltar, mas não adianta eu...Eu vou pra escola eu passo de ano só por passar de ano e não ter aprendido nada. Então prefiro estudar aqui dentro que pelo menos aqui dentro os funcionários, professores dá mais atenção pra gente, porque lá na rua os professores não dão atenção, só querem saber de passar lição na lousa, explicou uma vez só e acabou.

Mas você parou em que série mesmo?

6^a.

6^a série, aí se você...

Já era pra mim ter acabado.

Sexta série aí se você pudesse escolher terminar aqui dentro, 6,7^a,8^a, 1º, 2º, 3º colegial. Mais 5 anos pra terminar aqui dentro ou você terminaria lá fora?

Terminava aqui dentro.

Não acredito que você ficaria mais 5 anos.

Eu terminava.

Ah fala a verdade?

Eu terminava senhora porque se fosse pra mim escolher pra mim estudar mesmo eu preferia aqui dentro, porque lá fora eu não ia estudar senhora.

Mas você ficaria mais cinco anos dentro da Febem pra terminar ao invés de sair?

Eu ficaria, que nem eu falo pra professora e pro funcionário lá que eu quero continuar os estudos pra mim trabalhar de legista e eu quero continuar estudando.

Agora vocês podem sugerir pra professora de vocês da escola lá fora, se tiver ficando muito chata a aula, eu vou dar uma idéia, vocês levam o portfólio de vocês e as fichas e mostra pra ela e fala; “Nossa professora eu tenho uma idéia ótima pra ajudar nas suas aulas”.

Primeiramente 5 minutos né? Porque os 5 minutos relaxam totalmente a gente. Aí chega lá no portfólio olha.

A professora podia ir junto né.

Vocês têm que pensar que vocês podem ajudar a professora lá de fora.

Pode ajudar, mas só que professora como aqui não vai ter.

É o que eu penso, lá fora a gente quando tá lá fora a gente não tem essa relação com a professora de falar assim: “Ó professora não dá isso, não dá aquilo”. Ela já vira pra você “Quem da aula aqui sou eu, você não tem que criticar o que eu faço”. Eu até penso por isso que eu falo pra senhora sempre que eu gostaria de passar o que eu aprendo aqui dentro lá fora. Porque o conteúdo que a gente tem aqui dentro é tanto porque pelo que eu fiquei sabendo a UIP antigamente não tinha nada disso. Não tinha artesanato, não tinha agora esse negócio que a gente tá tendo de canto, não tinha portfólio, quem começou a ensinar isso faz uns 10 anos atrás que eu fiquei sabendo e começaram a fazer isso porque viam as meninas com aquelas caras mal, aquelas meninas tudo sabe bandida mesmo, e olhava pra meninas e falavam assim: “Essas meninas aí não vai ter futuro não”. E tinha gente que falava assim: “Não a gente pode mudar isso, vamos mudar” e brigaram por aquilo e eu vejo que hoje com a coordenadora senhora N., as professoras, os funcionários, que já vem trabalhando na Febem até a senhora M. que já está aqui há 20 anos. Eles vêm trabalhando aqui, a profe J. já trabalha a uns 10 anos, eles trabalham aqui há muito tempo, então eles vêem que essa parceria que eles tiveram não foi em vão, porque hoje eles olham ao redor da unidade e fala assim: “Olha como cresceu”. Tanto que a unidade hoje ela é num bairro nobre, que eu fiquei sabendo que o pessoal que mora ao redor aqui fez abaixo assinado, não queria a Febem de jeito nenhum. Imagina o que ele vai pensar da Febem que vai ter uma rebelião vai entrar na casa dele né? E foi o que eles pensaram, acho que foi o que eles pensaram, mas brigaram né? Falaram não, mas é que a nossa unidade é assim, assim, assim, é uma unidade de responsabilidade que vai assumir essa, esse compromisso, essa unidade vai transformar porque o que mais foi divulgado, o governador Geraldo Alckmin ele divulgou mesmo foi a Febem é o que ele tava mais divulgando né ultimamente e é o que ele tava mostrando que a unidade ela ia ser um desempenho, porque eles queriam fazer como se fosse uma escola aqui né? Fosse 2 andares né, e eles fizessem esse projeto, uma quadra, 2 andares pra ficar igual, porque aqui quem olha fala assim: “Pô isso aqui parece uma escola, que negócio de Febem”. Por isso que eu falo que antigamente eles olhavam como um modo assim Febem sabe e hoje não da muita assim

aquela audiência mesmo porque as pessoas vão olhar assim na televisão, não é mídia fala que a Febem cresceu, que a Febem tem escola, que tem jovens que tem ato infracional e que quer mudar. Eles não acreditam nisso, eles só acreditam que o jovem que comete o ato infracional da Febem vai pra uma cadeia, não vê esse incentivo da gente sair daqui, fazer uma vida lá fora, construir uma família, construir um convívio social entre a sociedade, ter um trabalho sabe? Poder até trabalhar em outros meios, que eu gostaria de fazer Administração de Empresa é o meu sonho. Eu não sei qual vai ser o meu futuro, mas já pensando né como diz aquele ditado: “O passo é o caminho”. Porque eu já estou dando o primeiro passo aqui dentro. Eu pensando dessa forma e eu creio se as meninas pensassem dessa forma também até a própria unidade podia crescer mais ainda, porque a gente juntando pra fazer coisas melhores eu tenho certeza que a senhora N., eu tenho certeza que os professores eles vão colaborar, porque a gente ta pensando em coisas boas, lá fora a gente não fica de ti-ti-ti, de maldade como as meninas vivem falando que a gente fazia lá fora e o que a gente deixava de fazer, mas tem o incentivo da gente ser outra pessoa, tirar aquele eu que a gente tem aqui dentro. Eu sei que eu sou a T., eu sei que ela é a L., que ela é a A., que ela é L., que elas vão olhar pra dentro sabe que cada uma delas vão olhar pra dentro e saber que tem uma menina ali dentro que é boa que é meiga, que é estudiosa, que pode trabalhar, que pode construir uma família e elas às vezes não olha lá pra dentro e falam: “Pô eu posso tirar essa pessoa que tá aqui dentro e mostrar pra outras pessoas e mostrar pra mim mesmo quem eu sou, não sou essa pessoa que todo mundo olha, que todo mundo tem medo cara, sou uma pessoa melhor”. Eu, às vezes, cobro isso de mim mesma, eu quero mudar, eu quero mudar, eu quero mudar.

Você acha que é possível?

Eu acho. Eu acho que é possível porque cada vez que a gente torna um sonho realidade a gente pensa que a gente pode ser capaz e eu não tenho esse poder de tornar meu sonho realidade, mas eu posso sonhar e sonhar não paga pedágio né? É muito bom sonhar e eu sonho muito e posso tornar isso realidade, tenho certeza. Eu confio e eu tenho fé que a melhor coisa que eu tenho hoje em dia é fé, acreditar naquilo que eu posso fazer amanhã, eu vou fazer, eu determino sabe, eu parei de fumar aqui dentro eu falei: “Eu não vou mais fumar, eu não quero mais fumar”. Eu falei: “Lá fora, eu vou chegar lá fora não vou fazer mais nada de errado”. Eu determino sabe? Porque às vezes é uma vontade que a gente tem de dentro da gente que a gente tem que jogar pra fora essas coisas é muita coisa ruim que tem dentro da gente. A gente lembra que a gente fez um assalto, que a gente roubou, que a gente matou, isso na nossa cabeça pesa e quando pesa a gente fala assim: “Pó será que as pessoas vão me olhar lá fora e não vão chegar falar assim pô e aí essa mina é firmeza”. Vão, mas qual vai ser o meu caráter? E falar assim olha eu sou uma nova pessoa e mostrar também que eles são capazes que o mundo do crime lá fora ta levando o que? Tá levando morte, ta levando o pai morrendo, mãe morrendo, muita gente sofrendo, porque se eu mato um pai ou uma mãe hoje um irmão meu que fica sofre também. Quer dizer eu vou usando droga eu vou enchendo o bolso dos traficantes de dinheiro e eu vou me acabando, eu vou ficando louca porque a droga destrói o nosso cérebro deixa a gente louca, quer dizer eu já usei droga, tem coisa assim que eu não me lembro, eu me acho inteligente, mas tem coisa que eu não me lembro, a droga um pouco destruiu, mas foi o mundo que me trouxe isso. Foi o conteúdo do mundo que é pesado a gente não tem nada de bom pra gente agradável no mundo. Se a gente não buscar, porque o que tem de graça na rua é tudo de ruim. E tem uma menina na rua na esquina chegando pra você vamos estudar? Vamos jogar um futebol? Vamos participar de um campeonato? Não! Só tem gente lá na esquina falando assim: “Aí vamos usar droga? Aí tem uma boca lá que vai abrir vamo traficar?”. Lá no mundo é só isso que tem, aqui dentro a gente percebe, tanto com as professoras, com os funcionários a gente ganha sabedoria como conversando com as próprias

jovens, sabendo da vida dela, talvez eu tinha uma vida lá fora que pra perto de umas é uma regalia pra elas porque eu tinha uma casa, tinha uma família e eu larguei tudo de mão e tem pessoas que não tem pai aqui dentro, não tem mãe, vive em orfanato, vive sofrendo ai na rua por isso que ta aqui. E eu não, eu sai da minha casa por quê? Porque eu era revoltada, porque eu achava que minha mãe não gostava de mim, que meu pai...Hoje minha mãe, sabe onde minha mãe ta? Ta em Portugal, minha mãe falou assim: “Eu não vou deixar minha vida por causa dela”. E eu hoje posso dar valor até mesmo pra ela, perdoei ela pelo que ela fez. Eu acho que é o papel de toda mãe cuidar de um filho, agora também é papel do filho cuidar de uma mãe. Eu entendo muito pelo esse lado, eu acho que todas essas pessoas que compreendem o que é amor eu acho que elas têm que demonstrar aquilo, não é só amor de namorado, amor de vida, amor de droga, que gostar de fumar pedra tem muita gente que gosta, mas ninguém gosta de procurar uma casa de recuperação pra se curar. Mas tem pessoas que gostam de você que te pegam lá na rua e fala assim: ”Vamos pra aquela casa de recuperação, você quer?”. Talvez você queira mais a força de vontade não é grande, então o que acontece até mesmo que eu creio em Deus eu acho que Deus pega você pela mão e te coloca aqui dentro pra você aprender o que você ta fazendo aqui dentro. Eu estou aprendendo o que eu to fazendo aqui dentro, eu não acredito que eu to aqui dentro só pra uma passagem, eu creio que eu to aqui dentro pra aprender alguma coisa e eu vou levar isso pra muitas pessoas o que eu aprendi aqui dentro eu creio nisso, eu acredito.

Se eu tivesse conhecimento como eu estou tendo agora eu não estaria nesse lugar, porque antes eu achava assim que as leis do ECA aí vai prejudicar o menor, aí o Conselho Tutelar vai me pegar me levar pra Febem. Aí eu ficava com aquele medo né? Mas depois que eu vim pra cá comecei ver que os adultos mal intencionados que usam contra a gente, porque sabe que a gente tem um monte de benefícios, sabe que tipo assim foi criada a Febem não tipo pra deixar a gente no esquecimento. Não, lá fora todo mundo pensa aí porque Febem não tem escola, não tem isso não tem aquilo, porque você vai ficar lá, você fica um tempão lá e nunca vai sair, mas não. Quando a gente sair daqui, a gente sai tipo assim com uma nova cabeça, novas atitudes. Quando eu cheguei aqui nossa... Sei lá cheguei assim com aquele medo falei aí meu Deus do céu e agora acabou minha vida. Acabou nada. Eu comecei enxergar a realidade ta começando aqui dentro, não que eu goste daqui, não que nossa a Febem é uma maravilha também não é né? Porque eu to longe da minha família, longe de quem eu amo, mas tipo assim se eu tivesse lá fora taria mesmo na destruição, prefiro tipo dar mais um tempo aqui pra dar uma acalmada lá fora. Porque se eu sair tipo assim tem horas que eu penso “Aí meu Deus do céu se eu for embora tiver lá na minha casa como que eu vou olhar assim, encarar a sociedade de novo?” Não vai ser fácil, vou ter que lutar vou ter que saber, procurar ajuda.

Eu penso lá fora ter que ensinar pro meu irmão o que eu aprendi aqui. Porque meu irmão tem 11 anos, eu penso em sair daqui mostrar meu portfólio pra ele, falar o que eu aprendi, que é totalmente diferente, mas falo pra ele: “Não vem, não vai fazer isso, deixa que eu te ensino”. Eu passo ensino pra ele, eu passo, ensino pra ele eu falo: “O esse aqui é ótimo”. Eu ensino pra ele certinho do jeitinho que a professora K. me ensinou, eu ensino eu vou tentar, eu vou falar: “Ó o PEC é assim é um projeto ele mostra tudo”. Vou falar sobre a Família, sobre o Justiça e Cidadania, sobre Educação, vou tentar explicar tudo, ele vai adorar porque meu irmão ele é muito assim, ele gosta muito de estudar, mas ele vai adorar porque ele fala que não gosta muito da escola lá de fora né. Eu vou falar pra ele só não vem pro lugar, deixa que eu te ensino. Eu vou passar experiência pra ele, mas eu queria muito passar pra pessoa no mundão lá pro pessoal da escola aquilo que eu aprendi aqui, eu queria levar meu portfólio lá e falar: “Ó podia passar isso aqui”.

Claro eu acho...

Eu quero comprar um caderno né pra fazer um portfólio.

Eu acho que se a aula da professora lá fora tiver muito chata vocês podem dar umas idéias novas pra ela.

Mas aí aonde ela vai falar: “Aí jamais não sei o que”.

Viche se aqui dentro como professora você não é considerada imagina lá fora eu vou chegar e falar pra minha professora: “Não, não é assim”. Tipo não que ela esteja ensinando errado, mas que tem uma forma muito melhor assim sabe de ter ensinado.

Eu acho que devia ser assim ó depois que eu saísse daqui, podia ser assim eu saísse voltasse pra minha casa, mas pudesse vir pra escola da Febem entendeu? Porque é muito bom os módulos daqui, tipo assim se eu saísse pra minha casa mas viesse na escola da Febem pra poder estudar.

Podia mesmo.

(Professora) - Aí que mora o perigo viu?

Se fosse pra eu ficar 5 anos aqui eu vinha só pra Febem, vinha pra estudar e voltava pra minha casa que o estudo ia ser mil vezes melhor aqui do que lá fora, mil vezes.

Meninas eu quero que vocês contem um pouco das oficinas, que você começou a falar sobre as oficinas.

(Coordenadora Pedagógica) - Eu trouxe a E. pra que ela também dê os depoimentos dela porque é uma menina que já ta um bom tempo aqui né E? Quanto tempo você já está aqui?

Vai fazer 3 meses.

(Coordenadora Pedagógica) - Três meses. E assim a gente pode observar e é possível comprovar a evolução dela e eu já presenciei uns depoimentos dela muito ricos então eu acho que ela pode ta complementando também, talvez você possa ta fazendo a mesma pergunta que você fez pra meninas, pode perguntar você.

Seja bem vinda E. A gente ta conversando sobre o projeto o que a gente aprendeu, o que marcou, o que a gente gosta, o que a gente não gosta e aí você pode se sentir à vontade pra dar sua opinião também E. agora eu queria saber um pouco sobre as oficinas você participou de alguma oficina?

Participei.

Qual?

Participei de rádio, sobre poesias, sobre jornal, poesias.

Várias oficinas né?

É várias oficinas, mas assim dos módulos que eu aprendi porque quando eu entrei aqui na Febem bem dizer eu não sabia de nada não sabia se...Eu podia escrever, mas eu tinha muita dificuldade entendeu? Eu já...O professor já queria me ensinar eu já não queria entendeu? Eu já num tava...Eu tava assim bem pra baixo porque quando eu vim pra cá eu vim assim fazia pouco tempo que a minha filha tinha nascido. Eu vim de resguardo. Tudo pra cá então foi um

choque muito grande então eu tinha desistido de tudo né, tava numa coisa assim. Mas depois eu fui cair na realidade né? Pensei comigo nada vem acontecer sem a gente fazer entendeu? Eu pensei comigo se eu to aqui alguma coisa boa vai ter que acontecer pra mim porque eu penso assim tem mal que vem pra bem entendeu? Se a gente não aprende muitas coisas boas lá fora pelo amor então a gente vai pela dor que está aqui dentro entendeu? E eu lá fora tinha muito o sonho de ser alguma coisa e nunca corri atrás daquele sonho entendeu? Então depois que eu vim aqui dentro eu compreendi comigo do módulo Família agora que nós entramos de novo, de Justiça essas coisas tudo eu aprendi. Eu aprendi comigo no módulo Família agora mesmo que eu tava conversando lá embaixo com a professora as meninas pegaram e falaram assim...Igualzinho eu falei pra meninas pra gente falar Família eu acho uma palavra muito forte pra mim é entendeu? Porque eu acho assim pra gente ter uma família é uma coisa que Deus dá um dom pra gente ter uma família é uma coisa que sempre falta uma palavra pra aquilo, por mais que você fala da sua família sempre falta uma palavra eu penso comigo. Você pode fala amor, esperança, tudo dentro de uma família, mas sempre falta uma palavra eu acho que família a gente tem que construir. Jovens aqui, igualzinho nós jovens quer culpar o pai, a mãe pelos atos que a gente faz, mas eu penso que não, só o pai e mãe que tem o trabalho de educar o filho, mas sim também o próprio filho também se educar e poder dar bastante exemplo pro pai, porque a gente tem capacidade entendeu? Porque eu penso que eu tenho capacidade por causa que apesar de todas as dificuldades que eu passei na minha família, porque minha família não é aquela família, mas eu nunca deixei de sonhar de ter uma família entendeu? Eu penso comigo que eu posso eu tenho muito pela frente, eu sou jovem ainda, eu posso fazer a família que eu quero entendeu? Se a gente não teve uma família agora a gente pode ter pela frente entendeu? É uma coisa que...Um sonho que eu tenho comigo e não vou desistir entendeu? Apesar das minhas dificuldades que eu estou passando agora, estou passando por um caminho que não ta sendo fácil, mas eu acho assim que compensa eu passar por tudo isso, compensa. Eu estou achando que é uma coisa assim que compensa e eu agradeço muito a Deus porque eu estou aprendendo muitas coisas na minha vida, pra eu ter uma família eu tinha que aprender muitas coisas, porque família é uma responsabilidade muito grande na vida da gente, pra gente ter uma família, ter um filho, educar o filho a gente tem que ser uma coisa assim... Não adianta nada, igualzinho eu tenho uma filha e não viesse pra cá continuasse lá fora o que eu ia fazer? Voltar a usar droga de novo, o que eu ia fazer? Quem ia ser eu pra dar um exemplo pra minha filha, eu não ia ser ninguém, porque eu não tinha um bom exemplo pra dar pra minha filha entendeu? Então eu estou aqui dentro muitas coisas que eu não vim aprender lá fora, que é procurar uma escola, que é a escola que trás o beneficio pra gente ter alguma coisa, pra gente ter um futuro a gente tem um futuro, mas sem estudo a gente não tem um futuro.

Que série você parou E.?

Parei na 6ª série. Então sem estudo a gente não tem...

Você que está escrevendo aquele texto legal não é?

Qual?

Que você tinha mais dificuldade agora seu texto está bem legal, conta um pouco como que foi isso.

Sobre o texto da Mônica como funciona?

É.

Foi assim eu...Veio assim na minha cabeça pensando ne? Eu andava aqui pelos cantos pensando, eu vou conseguir fazer, eu tenho que aprender alguma coisa, eu me achava muito burra, eu acho que eu não consigo, eu não posso, eu pensava comigo entendeu? Eu cheguei a refletir por muitas coisas que assim eu vi na televisão também. Não sei se é bobagem, mas é na minha cabeça, eu cheguei a refletir que tem muitas pessoas deficientes que faz aquilo que quer, e eu que tenho a mão boa, a perna boa, posso ser o que eu quero, porque eu tenho uma irmã ela é deficiente na mão assim física, ela terminou tudinho os estudos dela, ela terminou fez o 3º, terminou tudo entendeu? Eu pensei pô a minha irmã ela é deficiente, ela era pra ta assim deprimida não querer ser alguém na vida, mas ela não. Ela é deficiente, ela correu atrás do que ela quer, porque eu não posso? Eu não sou diferente mais do que ninguém entendeu? Eu pensei comigo e foi a hora que eu fui refletindo sobre os estudos e colocando lá na folha, o que eu aprendi? Aprendi bastante assim conviver com a sociedade entendeu? Saber ter diálogo pra conversar com as pessoas entendeu? Ter ética em tudo que eu vou fazer assim ao redor assim, conversar, ter união com o próximo entendeu? O que eu aprendi comigo. Eu acho que pra mim ser alguma coisa lá fora, pra mim não voltar fazer meus atos que eu fiz que me levou aqui, eu tenho que ter tudo isso, ter ética, ter união com as pessoa lá fora, saber compreender, saber respeitar a opinião do próximo que ta do lado.

Isso você acha que você aprendeu aqui na escola?

É aqui eu aprendi bastante. Eu aprendi muitas coisas aqui dentro, coisa que eu tinha mais comigo aqui, que eu tinha muito o meu defeito, que até a minha assistente falou pra mim. É me achar diferente, eu acho assim: “Aí eu não sou melhor que aquela menina, ela é melhor do que eu” sabe? Achar que eu sou sempre baixo daquela pessoa nunca sou alta e aqui eu percebi uma coisa todo mundo é igual basta você querer pra você... Se você quer alguma coisa você consegue aquele objetivo entendeu? É uma coisa que eu estou comigo, ta difícil pra mim ta aqui dentro? Ta, mas muitas pessoas...A professora falou assim: “Nossa eu nunca vi uma menina alegre aqui dentro da Febem, dando risada, cantando”. Porque tem hora que eu canto, dou risada, porque é o problema? É, o que eu posso fazer com o meu problema? É uma coisa assim que eu numa... então lá tinha uma oração tipo assim: “Não posso modificar meus problemas, eu não posso modificar os problemas meus o que eu tenho que fazer agora é erguer a cabeça e seguir em frente “. E pra que eu realize as coisas boas pra mim eu tenho que procurar coisas boas, eu procurei coisa ruim o que me trouxe? Me trouxe tristeza, dor, mágoa, angustia, entendeu? Não foi uma coisa boa, então eu pensei comigo que chegou na hora de eu parar. Sou eu mesmo que estou fazendo eu sofrer entendeu? Sou eu mesmo que estou procurando aquela coisa de cair e quebrar a cara, se machucar de novo, de ser burra é. Eu mesmo que tava procurando ser burra, porque eu não queria coisa melhor pra mim lá fora entendeu? Então se eu estou com essa oportunidade...Eu estou longe da minha família aqui, mas agora chegou a hora de eu me colocar no meu lugar, mostrar pra mim que eu sou capaz daquilo, de ser alguém, poder da um estudo bom pra minha filha, mostrar pra ela que eu não sou aquela pessoa que eu imaginava. Eu posso ser uma pessoa melhor do que aquilo entendeu? Que veio fazer eu escrever aqueles negócios e cada dia mais que passa mais eu estou crescendo entendeu? Mais eu estou crescendo eu estou percebendo, porque aqui dentro você aprende a lidar com muitas coisas, saber respeitar a opinião da menina que ta do lado. Tem vezes que a menina fala com você e você não gosta, você tem que aceitar entendeu? Coisa que a gente lá na comunidade não aceita a pessoa fala uma coisa pra você, qualquer coisinha que a pessoa fala pra você, brigou com você, você já quer ir pra briga entendeu?

Então eu aprendi a gente ter um diálogo é melhor do que você partir pra briga ou agredir uma pessoa eu aprendi comigo entendeu?

Entendi.

Conversar com a pessoa é a melhor coisa que tem e a pessoa ela vai se sentir mais assim: “Nossa a pessoa ta conversando comigo, porque aquilo?”. Não precisa ter agressividade, eu aprendi muito assim entendeu? Porque lá fora o que a gente não tem é o diálogo, qualquer coisinha a pessoa fala com a gente a gente ah, já fala entendeu? Aqui eu aprendi você ter respeito e respeitar a opinião das pessoas entendeu? E também que se eu colocar na minha cabeça que eu não sou capaz de nada, eu não consigo, ah eu não vou fazer porque eu não sei fazer, porque a professora J. também ta de prova que crochê mesmo lá fora, eu pegava crochê pra fazer assim: “Eu não vou fazer eu não consigo, eu não posso”. As palavras que eu tinha mais na minha cabeça é isso. E é uma coisa que eu consegui fazer aqui dentro é aprender fazer um crochê, fazer uma toalhinha de mesa, uma coisa que eu não me achava igual mulher, eu não me sentia como mulher, pra começar eu não me sentia, eu achava assim eu não sou mulher, eu não consigo pegar fazer um negócio como mulher, mulher senta faz um crochê faz alguma coisa eu não consigo entendeu? Mas não. Aqui tão fazendo eu acreditar cada dever que eu faça aqui dentro dessa unidade, aqui dentro eu estou aprendendo cada coisa eu vou embora daqui eu vou levar cada coisa comigo do que eu aprendi entendeu? Porque coisas que eu vejo aqui eu não sou ninguém pra julgar ninguém que ta em volta de mim, mas eu vejo não adianta eu abrir esse pedaço de papel aqui e pegar um lápis e escrever nele eu vou ser isso, eu vou ser isso, aquilo. E não adianta eu sair no portão pra fora e voltar a fazer os mesmos atos eu penso comigo. Eu acho assim você tem que escrever no papel, mas o negócio que ta em você, mostrar que você pode, que você é capaz entendeu? É aquilo que a menina tava falando na sala de aula, não adianta: “Ah eu não quero”. Mas não adianta você pegar um pedaço de papel e escrever o que você quer ser, você vai mostrar pra pessoas que eu quero ser boa só porque o meu relatório sobe lá pro juiz, pro juiz ver não essa menina ta sendo boa, essa menina ta sendo aquilo, eu não estou fazendo isso de vim dar uma entrevista pra subir meu relatório pro juiz, pro juiz: “Nossa essa menina ta boa!”. Porque não adianta o juiz vai ler, eu vou voltar a fazer a mesma coisa.

Ele nem vai ver a sua entrevista.

Então nem vai ver. Leva o relatório lá ver o que tem que ver, a assistente lê tudo a menina ta boa, saio lá fora faço os mesmos atos. Eu não estou cumprindo com as minhas palavras, não tem que mostrar pra pessoas que ta em volta de mim o que eu quero ser, eu tenho que mostrar pra mim mesmo, pra eu ser alguém entendeu? É uma coisa que eu aprendi comigo.

Então a E. aprendeu um monte de coisas, agora eu queria ouvir um pouco as outras meninas o que foi que vocês aprenderam na escola aqui que nem a E. ta falando que foi assim...Que é a coisa mais importante que marcou e que fica e que vocês aprenderam aqui na escola e que vocês acham que fica pra sempre?

Eu aprendi que tem que ter mais responsabilidade na minha família, que antes eu não tinha responsabilidade não me preocupava com elas agora eu me preocupo.

Ah tem uma coisa que eu acho super importante, que nas oficinas e na aula mesmo a gente aprende muito até nas folhas que o CENPEC manda pra gente, as fichas ne, que ta escrito lá é grupo tal, telefone tal, endereço tal. Aí é bom quando a gente lê essas fichas que a gente pode aprender aqui dentro e chegar lá fora e praticar isso, pegar aquela ficha olhar o número e

endereço falar assim: "Pô porque que eu não posso ir lá e fazer, buscar o grupo travessia?". Que às vezes vem aqui nas fichas chegar lá fora e telefonar e falar pô eu quero participar desse grupo tal, porque eu não sou daqui de São Paulo eu sou da baixada eu moro em Santos. Que nem o CENPEC ele trabalha aqui em São Paulo eu sei que tem grupos que trabalham aqui em São Paulo, se eu chegar lá em cima eu tava comentando com a profe E., como que eu vou chegar lá e comentar na escola que eu quero um grupo tal assim e lá em cima não tem, eu pego o telefone ne ligo pro grupo, tipo reúno os jovens né? E é muito importante eu aprender isso porque ela fora eu não sabia de nada disso que eu podia reunir um grupo na escola, chegar na diretora falar assim: "Ó esse aqui é meu direito ta no ECA eu quero meu direito garantido aqui". E o que eu quero é quando chegar lá fora pode fazer isso se é que eu vou ser de menor ainda quando eu tiver lá, porque eu vou poder falar assim: "Ó diretora eu quero ter um grupo aqui de teatro, eu quero ter um grupo assim, assim, eu quero meu direito". E outra também eu posso telefonar pro grupo Travessia aqui de São Paulo, outros grupos que tem aqui né? E telefonar pra cá e pedir pra que esse grupo venha pra cá e de um jeito, porque eu também quero participar, só porque eu sou lá de Santos eu não posso participar?

E deve ter alguns grupos lá em Santos que você pode se informar também.

Isso. Agora lá tem uma Febem que eu fiquei sabendo que é de meninos né? Até os meninos mesmos ligar pra uma assistente social lá em Santos ne, quando tiver lá fora e falar: "Olha eu sou ex-interno da Febem quero mostrar né, eu quero também desenvolver esse trabalho, eu sei que tem meninos que vão sair daí e também vão querer exercer esse mesmo trabalho tem como né...". E essas coisas que é importante a gente aprender aqui dentro e exercer lá fora, mas exercer com responsabilidade, chegar lá fora e cumprir com aquilo ir lá buscar, que é o que...A recuperação da nossa mente são grupos de convivência que a gente tem de teatro, grupos de desenhos, sei lá. Enfim a gente tem um monte de grupo lá fora que mostra que é cultura, que é lazer, que distrai a gente de tudo que é tipo de violência que tem lá fora, eu vou me colocar nesses grupos, vou me infiltrar ali pra eu poder mudar esse meu jeito, vou mudar esse meu jeito meu hábito aqui dentro chegar lá fora outra pessoa e entrar nos grupos, esquecer da velha pessoa.

Porque no grupo também vai ter um monte de jovens que vai ta lá com você.

Vai ser interessante.

Vai até poder fazer novos amigos também.

Isso eu chegar e falar. Poder até não ter vergonha de falar que eu sou ex-interna da Febem, falar pra eles: "Pô eu sou ex-interna da Febem". Eles vão abrir aquele "zoião" e falar:"O que? Você é ex-interna da Febem?". Eu sou cara ,aí os cara falar assim:"Como que é?". E poder falar: "Pô lá tem um grupo que é assim, assim, assim, eu estou aqui hoje porque eu aprendi ser assim, assim, e eu acho que vai ser interessante eu chegar lá e falar isso pra essas pessoas que vão ta lá. Que nem a senhora falou esses novos amigos, essas novas amizades. Talvez até o que eu aprendi passar pra eles vai ser até um basta que de repente ta na vida deles que eles estão cansados eles falam não basta. Depois da história que ela me contou agora chega eu quero outra vida, tem muito jovem lá fora que não sabe do que eu sei e querem aprender, a senhora entende?

Claro.

É o que eu quero mostrar, eu quero mostrar realmente por isso que essa minha vontade de mudar é tremenda, eu não sei explicar pra senhora qual é a minha vontade, a vontade não é só mostrar pras pessoas. É vontade de mudar mesmo chegar lá fora e mostrar que eu posso mudar realmente.

E vocês moças o que foi que aprenderam, uma coisa que vocês aprenderam que vocês querem levar e que vocês acharam que foi uma das mais importantes aqui na escola?

Que foi mais importante? Responsabilidade, levar responsabilidade lá pra fora porque é o que eu não tinha, responsabilidade e muito assim respeito eu não tinha muito respeito com as pessoas. E vou saber dar valor na minha família, passar mais tempo com a minha família, ficar assim mais envolvida com ela, não ficar me envolvendo com coisas erradas porque eu acho que não é pra mim, mas eu acho que eu tenho medo de um dia eu sair daqui e não querer voltar estudar e eu ter que voltar de novo. Porque eu não vou estudar, não vou ter um serviço, porque a escola lá é diferente já tava acostumada com a escola daqui. Já peguei a escola daqui de repente eu vou lá pra fora a escola é totalmente diferente, os professores.

Você falou que tá com medo de ir pra escola lá fora porque você ta gostando muito daqui, e se você chegar na escola lá fora e você...Porque ela não...Você sabe que ela não vai ser igual mesmo a escola.

Não vai ser igual.

E daí como é que você pretende encarar isso?

Aí se eu tivesse muita autoridade assim de chegar na professora e falasse eu queria que a senhora passasse isso, isso, isso aqui que eu aprendi, que foi o que eu aprendi quando eu tava errada, que eu cometi meu ato, eu podia chegar e falar assim: “Professora passa isso aqui, por favor, me explica assim”. Porque é muito difícil eu ter que encarar de novo matemática, português, ter que se esforçar sozinha, fazer prova totalmente diferente, aqui a gente faz uma avaliação que é o que a gente pensa, o que a gente acha, não o que a gente tem que colocar no papel que a gente leu no livro uma semana pra depois fazer a prova entendeu? É o que a gente sente, é o que a gente pensa do que a gente achou do módulo, a avaliação é totalmente diferente, agora a avaliação lá eles dão o papel uma caneta e fala: “É isso aqui você leu a semana inteira, você estudou a semana inteira”, mas no outro dia você ta lá você esquece. Você esquece, porque não é de você, saiu do papel da caneta que eu tava escrevendo lá, eu escrevi lá, se eu tivesse atitude de alguma coisa e chegar na professora e falar é isso aqui que eu quero aprender, passa isso daqui pra mim, se fosse totalmente diferente, mas eu vou tentar encarar se eu não conseguir encarar eu vou voltar.

Não imagina, você tem que falar com jeitinho assim: ”Professora você não acha que de repente seria legal isso aqui ó, tenho uma idéia boa pra te dar”.

Eu digo assim como a senhora tem esse projeto do PEC podia abrir pelo menos uma escola assim, um projeto PEC pra gente poder ta indo.

Então, mas você sabe que a escola; muitas vezes a escola não é legal mesmo ne, mas você sabe que a escola ela é fundamental pra você conseguir alcançar os objetivos que você tem na sua vida ne, muitas vezes eu acredito que a N. também, muitas vezes a gente tava lá na escola e a gente: “Aí que saco”. Porque tem hora que é chato mesmo ne? Muitas

vezes eu também me vi nesta situação, mas é uma coisa assim que você tem que encarar pra conseguir alcançar os objetivos que você tem na sua vida porque se você não encarar, sem a escola vai ser muito mais difícil não é? Nem sempre...Na vida nem tudo é uma maravilha não é? Eu sou a favor de que a escola seja mais interessante sim eu acho que tem movimentos quem ta na área de educação pra que a escola seja assim um espaço mais interessante, mas de qualquer forma sempre vai ter uma coisa que a gente vai encontrar na nossa frente que a gente não vai achar das mais bacanas ne, mas mesmo assim são coisas que de vez e quando a gente tem que encarar né?

Sabe o que eu acho que tem professor lá fora até que ensina sobre outras coisas, mas eles vão passar assim uma idéia diferente assim, não só ensino fundamental, mas assim trocar umas idéias com os jovens assim, às vezes porque eles não têm tanta experiência assim, mas ah fala um pouquinho do que acontece lá fora sabe ne.

Mas você sabe se tiver um grêmio na sua escola, um grêmio, quando você estudava não tinha um grêmio estudantil? O grêmio ele serve pra isso, pra você participar com um grupo de alunos e vocês darem mesmo sugestões do que vocês gostariam de estar aprendendo na escola, é pra isso que serve o grêmio a gente também pode começar a participar um pouco mais dessas coisas que são organizadas.

É por isso que é bom ter aprendido aqui dentro, porque chega lá fora eu vou falar assim, ah eu quero participar disso e eu posso saber o que é, eu não sabia como chegar e falar eu quero fazer um negócio. Eu não sabia explicar como é que eu queria, agora eu posso chegar lá e falar eu quero fazer um grêmio, eu quero fazer um grupo que...Sei lá tem jovens que tá dentro da escola tão usando droga, tão fumando cigarro, estão maltratando o pai e a mãe e não sabem que aquilo vai correr um perigo enorme até de eles morrerem, como eu não pensava assim e eles não pensam como que eles podem mudar, eles não tem assim a perspectiva de vida, eles não pensam assim eu quero ser alguém. Tem pessoas que tem, mas tem pessoas que não. Que tão na escola, que tão enganando pai e mãe, que sabe não quer nada com nada. Então está na escola não para aprender, pra zuar, pra brincar, até mesmo 1º,2º,3º colegial eles tem assim, são até mais velhos, tem pessoas que tão no crime. Eu conheço pessoas que tão no crime e tão estudando eu acho que eles não têm essa noção às vezes do que é. Nós que passamos pela Febem e temos outra oportunidade que até o juiz mesmo da pra gente de poder passar isso lá fora pra eles, falar: “Ó cara se você fizer isso, isso e isso vai acontecer isso, você vai sofrer isso, as conseqüências são essas o que tem de bom lá é que a gente aprende bastante”, mas mostrar pra ele que se ele aprender comigo ele vai poder mostrar pra até as pessoas que ele pode ser feliz no meio onde vive. Eu não sabia que eu era feliz onde eu vivia, olha onde eu estou, sou feliz aqui dentro? Até sou, mas pô é tão mais legal a gente poder tá lá fora tendo contato com mais gente saber viver outras situações não sempre as mesmas que a senhora N. ela propõe de tudo pra gente, eu acho que ela briga pela gente sabe? Tanto que quando ela ver o pessoal falando assim:”Esse lugar é o inferno, esse lugar é chato, não sei o que.”. Às vezes fala baixinho aqui, reclama resmungando ela defende: “Porque pô a gente corre atrás de tanta coisa pra elas não ficarem só na mesma coisa” e tem menina que ainda acha que isso não é bom, que não é legal, eu converso com as meninas sempre eu falo: “Pô vocês acham que isso aqui não é legal cara?”. Quando eu fiquei sabendo como que era a Febem, vocês têm que saber como que era a Febem antigamente, no jornal eu vou colocar lá. Eu vou falar assim: “Febem antigamente era assim,assim, assim”. E olha agora, eu acho que vão dar valor realmente quando conhecer a história, deixa comigo que a hora que eu colocar...

Eu quero ver, eu quero ver o jornal.

Eu vou colocar.

Senhora colocando assim que ela tava falando que assim sabe que eu acho que muitos jovens lá fora assim não correm atrás do objetivo também, vindo a parte dele e também a nossa parte, porque tem muitas pessoas que não acreditam em nós também entendeu? Porque acha que porque a gente roubamos, ou matamos, ou estamos vendendo droga ali, acha que a gente não tem capacidade de ser alguém entendeu? E aqui dentro que a gente vem buscar bastante é...Que tem pessoas que acreditam que nós somos capazes de ser alguém na vida, a senhora N., as professora entendeu? Vocês mesmos que vem até nós procurar saber...

Verdade.

Eu acho que isso aí é uma coisa que ajuda mais a gente crescer bastante também, é que a gente tem pelo menos algumas pessoas em volta da gente acreditando que a gente somos capaz de alguma coisa entendeu? Porque segundo as pessoas lá fora, porque eu já perguntei pra algumas senhoras aqui dentro, que tem pessoas lá fora que falam: “Nossa você trabalha na Febem? Você é louca, você é isso, você é aquilo”. Trata a gente como um bicho bem dizer porque tem gente na sociedade que trata a gente como um bicho.

Ah, mas lá fora é motivo de conversa né, trabalha na Febem então vai numa festa...

Eles não querem saber o conteúdo se você é uma pessoa boa, não chama você “Vem cá, você tem alguma coisa boa pra você me mostrar?”. A gente tem, mas precisa um pouco, a gente precisa um pouco de confiança.

Da atenção.

Porque igualzinho lá fora dentro da escola, igualzinho a menina tava falando ela tá com medo de voltar estudar de novo não sei o que lá, mas só que uma coisa eu penso comigo não sei se eu estou errada, mas eu acho assim pra tudo que você vai fazer se você vai entrar numa fábrica, se você vai fazer um serviço, pra tudo você tem que saber mexer naquilo. Não adianta você ficar aprendendo só isso daqui na escola você vai ter que aprender uma matemática, você tem que aprender alguma coisa, porque você depende dos estudos, mesmo que você esteja trabalhando numa fábrica, você sim vai ter que estudar pra aprender, fazer alguma coisa dentro da fábrica entendeu? Então é por isso que eu falo que a gente tem... Por mais que a gente... A gente não pode desistir do sonho, os estudos são pro resto da vida da gente eu penso, porque sempre alguma coisa tem nos estudo, prá começar eu tenho a faculdade, mas se for pra mim começar pra mim ser médica, eu terminei minha faculdade eu vou ter que voltar a estudar pra mim fazer algum trabalho de médico.

Vai estudar a vida inteira.

Vou estudar a vida inteira, pra tudo tem que ter estudo.

Porque eu, a N., a F. aqui somos todas da área da educação e estudamos e vamos continuar estudando até o fim das nossas vidas, pode ter certeza.

É isso que eu penso, não tem como você... Pra você querer ser alguém na vida é aquele objetivo você não pode desistir do caminho, porque olha comigo assim tem hora que eu penso no meu pai, meu ele sempre contou tipo uma historinha pra mim, tinha dois rapazes, então os dois carregavam as duas cruzes, mas o outro falou assim: “Nossa essa cruz minha tá muito pesada. Ai eu vou cortar ela um pouco pra ver se diminui o peso”. Aí chegou bem perto de uma ponte e tinha um buraco, o outro não cortou a cruz dele, o outro tinha cortado, o que o outro fez: “Ah eu vou colocar a cruz no meio pra mim atravessar o caminho”. E o outro foi colocar a cruz ele caiu, ele caiu foi pra baixo, igualzinho somos nós que estamos aqui, nós desistimos entendeu? A gente...Cada um de nós Deus não dá uma cruz sem a gente poder

carregar, porque eu acho que nós tem capacidade é isso que eu falo pra todas as meninas nós tem capacidade não adianta você quere diminuir a cruz, ah não eu vou curtir fazer aquilo. Nós queria ir pro caminho cheio de rosas nós viemos para aqui dentro entendeu? Agora tudo que nós sabe é tudo pela dor e eu vou valorizar muito isso aqui que eu aprendi porque lá fora o que eu aprendi aqui dentro eu vou poder dar uma educação muito boa pra minha filha. Ah eu posso falar uma coisa?

Pode.

Eu no módulo Educação eu aprendi, sabe que eu aprendi que foi interessante, as meninas tudo devem ter aprendido, que a “profe” E. chegou e falou assim...

Fala do módulo Educação.

Então no módulo Educação a gente tava aprendendo né que era importante a gente quando chegar lá fora ter um trabalho e tal e eu ficava assim: “O que eu vou ser? O que eu vou ser?”. Eu ficava pensando assim e de repente surgiu uma idéia na minha cabeça, porque eu sempre tive vontade de ser atriz né, mas sei lá uma pessoa uma vez me tirou essa ilusão, porque eu tenho tatuagem e ela falou um negócio que acabou com a minha vida, ela falou você não pode ser atriz da rede globo porque você tem tatuagem.

Ah imagina tudo mentira. Está assim de atriz de tudo que é lugar que é assim de tatuagem.

Eu morri na hora né, mas aí eu falei assim acho que...

Mas tem gente que fala tanta besteira né?

Aí falei sabe o que eu quero ser, eu falei assim eu quero ter uma loja de roupa de surf eu vou trabalhar numa loja de roupa de surf, vou estudar, vou terminar meus estudos, que a gente tava fazendo, vou chegar e fazer uma faculdade de Administração de Empresa criar meu próprio negócio. Fazer minha loja que vai se chamar Arco Íris Cores...É Arco Íris Surf Company e fazer as minhas próprias roupas ter uma confecção, me associar com uma confecção, me associar com cabeleireiro e dentro daquela loja ter uma cabeleireiro. Ter uma confecção, me associar com uma loja de cosméticos aí o cabeleireiro não custa muito e eu ia ter a minha própria confecção, tanto que minha prima ela quer ser cabeleireira ela tem 15 anos teve uma filha agora. Quando eu sair eu vou dar essa idéia pra ela né? Quem sabe da certo se não for o caso de ser atriz eu posso ser isso. Mas foi como a diretora uma vez me falou e eu nunca vou me esquecer ela falou assim: “As palavras o vento leva o que fica são as atitudes”. Isso eu guardo muito comigo e eu vou levar isso pro resto da minha vida, eu posso até tá falando tudo assim ó e o vento vai levando, mas o que fica são as atitudes.

Faltou você falar o que é que você vai levar, que você aprendeu aqui, que acho que você uma das coisas mais importantes aqui da escola e que você quer levar pra você?

Nossa foi com a senhora N. quando ela ficou de professora né? Por um dia que ela ensinou aí ela cantou até uma musiquinha pra gente tem até ela escrita aqui foi muito linda aí ela ensinou pra gente assim tipo, ela deu uma matéria pra gente falando assim que a gente tem que dar valor a gente mesmo. A gente não pode ir pela cabeça dos outros tipo assim Maria vai com as outras. O que ela faz de errado também vou fazer também? Não, eu tenho que ensinar ela não

fazer, não tem que ir pelo caminho errado e também outra coisa nossa nas oficinas eu aprendi é tipo prazeres pequenos da vida dar valor, tipo assim eu comia um chocolate eu achava que aquilo lá era nada pra mim, mas é o pequeno valor que se eu não der valor aquilo...Pra que eu vou dar valor pra coisas maiores se eu não dou nem pras pequenas. A senhora N. tipo assim foi professora por um dia, só que pelo dia que ela foi professora é o resto da minha vida então tá no meu coração, tá guardado comigo porque eu não esqueci até hoje, to até com a musiquinha dela que é linda, porque a senhora não canta senhora N.

ANEXO G.

Entrevista com as adolescentes da UIP F - Grupo 05

03/06/2004

O que a gente quer ouvir de vocês, o que vocês acham do projeto, se vocês gostam se não gostam. Enfim como que vocês estão aproveitando o PEC né? Então, a gente vai começar fazendo o seguinte, eu queria que vocês, cada uma de vocês, uma de cada vez se apresentasse ta? Então falasse o nome, até que série estudou, há quanto tempo estão aqui na UIP e de que cidade vocês são, se vocês são daqui de São Paulo ou vocês vieram de fora ta bom?

C.

C.

Comecei na 1ª parei na 8ª serie no começo da 8ª, sou de Mirassol, interior.

Ah ta, você estava estudando quando você veio pra cá?

Não, eu tinha abandonado a escola, abandonei não queria mais saber de nada aí eu vim pra cá eu fui sabe assim, fui vendo o valor que eu tinha deixado pra trás. Eu fui aprendendo que é na escola que está o meu futuro que lá que eu estou aprendendo muita coisa, que os módulos são muito importantes mesmo porque a gente aprende... Pô sei lá! Parece que a gente cria mais expectativa de vida, de sonhos. Parece que o sonho da gente aumenta, a gente cria outra personalidade aqui dentro, os módulos ensinam a gente mais coisa, ensina a gente trabalhar em grupo. Eu não gostava de trabalhar em grupo, era egoísta, eu era egoísta comigo mesma, com as pessoas que estavam do meu lado, não queria dividir com ninguém, agora sei lá, acho diferente né, procuro dividir o que eu sei com as outras meninas, é legal.

Você está a quanto tempo aqui?

Eu, vai fazer 3 meses dia 12.

Ah ta.

Faz 2 meses e pouco ainda que eu to aqui.

Vamos só rodar um pouquinho para as outras pessoas terminarem de se apresentar e aí a gente continua a conversa.

Eu me chamo G., parei de estudar na 6ª série, quando eu vim pra cá já não estava mais estudando, tinha abandonado os estudos e vai fazer 3 meses que eu estou aqui dia 16, gosto muito desse projeto.

Você veio da onde, ou você é da Capital?

São Paulo.

Ah ta.

Gosto muito desse projeto, tinha tanta coisa aqui que eu não sabia vim aprender nesse projeto. Aperfeiçoei as coisas que eu já sabia, mas não sabia tanto aperfeiçoei e gosto muito do projeto.

Eu me chamo J., lá fora eu estava estudando, era pra eu ter terminado o segundo, mas devido eu ter sido presa em setembro, eu repeti.

Em setembro, então faz bastante tempo que você está aqui?

Faz nove meses que eu estou presa.

Aqui?

Não, aqui eu vim pra... De Jundiaí, interior eu vim pra cá em janeiro, eu estou aqui na casa cinco meses.

E de setembro a janeiro você ficou aonde?

Numa cadeia pública.

Mas é... Em cela separada?

É no corro.

Ah, o corro é cela separada, e tinha outras meninas lá?

Ficaram três meninas comigo, só que uma delas não era da mesma cidade que eu, a minha cidade... Eu fui autuada em Jarinu, então o processo é lá a cidade é muito... Então o Juiz é mais...

Mas você é natural de Jundiaí, você morava em Jundiaí, mas você infracionou em Jarinu?

Isso.

Ta.

Então daí eu repeti a escola né? Aí eu vim pra cá e estou fazendo o modulo pela 2ª vez, o projeto.

No corro você não estudava?

Não.

Porque não tem atividade nenhuma?

Não fica o dia inteiro fechada assim.

Ficava o dia inteiro fechada, existe ainda esse corro lá?

Existe e eu estudava assim na rua assim só que eu não era muito assim de ir pra escola eu era bem preguiçosa, faltava, cabulava.

Você está com que idade?

Com 18 anos.

Dezoito ta.

Então tipo eu estou aprendendo, fazendo o módulo tudo de novo né? Porque da 1ª vez que eu fiz eu estava naquela coisa assim tipo maior empolgada assim, agora eu estou fazendo pela 2ª vez a gente já vê diferente.

Ah é, todas vocês já estão repetindo ou não?

Todos.

Todos.

Eu to no 2º, não é tipo eu fiz a 1ª vez os cinco agora eu estou fazendo já o segundo desse módulo desse novo portfólio é o segundo né, que a gente ta em Família, então só que é diferente hoje eu tenho outra opinião. Eu cheguei na UIP eu tava com uma opinião, quando eu ia responder minhas questões e estava comparando era diferente agora eu estou assim tipo eu diria mais calma assim.

Que interessante né você fazer essa comparação das respostas que você dava antes e agora.

É tipo mudou a minha opinião assim, algumas coisas.

Você achou ruim o fato de você estar repetindo o modulo?

Agora no começo eu até achei, só que a professora ta diversificando assim ela ta tipo, um texto que ela não deu ela dá. Ela ta tipo tentando fazer isso pelo fato que não sou só eu né da minha sala.

Tem outras meninas na sala que estão repetindo o módulo já?

Por causa de não ter vagas na casa de internação né.

Vocês já estão com medida.

Eu vim já internada, fui internada em dezembro aí eu vim pra cá.

Você recebeu a medida já em dezembro?

Em dezembro.

Ah ta.

Meu caso é complicado, porque é interior né? O juiz não conhece muito bem as leis, então eles ignoram né? Eles esquecem a gente lá, faz as coisas da maneira que eles querem né?

É muito chato ter corro né, porque não era pra existir corro, já era pra ir direto pra uma unidade de internação provisória.

É horrível ficar numa cadeia.

Você ficou também?

Fiquei uma semana ela ficou mais tempo que eu.

Como é mesmo a cidade?

Mirassol.

Mirassol. Você ficou em Mirassol, no corro você ficou quanto tempo?

Fiquei uma semana.

E daí você veio pra cá?

Vim pra cá.

Ah ta, você veio direto pra cá porque é daqui de São Paulo né?

Eu sou de São Paulo também e fiquei um mês no corro.

Fala seu nome.

Meu nome é D. Parei no 2º grau, sou daqui de São Paulo, de São Bernardo e estou na casa já vai fazer 3 meses. Eu não estudava, não estava estudando porque eu não... Lá fora eu não... Meu interesse não era estudo, nunca me interessei pelos estudos.

Mas você fez até o colegial né?

Fiz, fiz, mas aquilo assim fazer porque era obrigação porque eu não gostava. Só que aqui dentro eu estou percebendo que esses módulos são uma coisa diferente do que o estudo lá fora, aqui dentro você se interessa mais porque fala sobre justiça, lei, família é uma coisa mais interessante que nas escolas não é os mesmos estudos aí a pessoa começa a se interessar mais.

Você acha que os esquemas são mais interessantes, porque você acha que eles são mais interessantes?

Porque os temas eles já vai logo na realidade, fala logo sobre os nossos direitos, que como eu entrei aqui eu não sabia dos direitos que nós tinha. Nós jovens infratores não sabia que nós tinha o direito de estudo, que nem muitas pessoas fala que num tem vaga, num tem escola, só

que aqui dentro você vê que aqui nada é impossível, que os estudo é uma coisa fundamental pra nós.

Mas você teve essa visão depois de vir pra cá, porque lá fora...

Lá fora não me interessava pelos estudos coisa alguma. Aqui dentro não, aqui já a pessoa começa a se interessar mais pelos temas do PEC, que os temas que desenvolvem mais, lá fora não, lá era as coisas básicas.

Que nem lá fora assim, o professor ele não dá aula com aquela motivação, ele não dá aquela incentivação assim pra gente, aqui não os professores eles têm paciência, eles fazem aquela cautela, a gente não tá privado da liberdade lá fora, mas aqui dentro o que a gente aprende mesmo que é ir pra uma escola, porque os professores eles ensinam muito, pegam no pé bastante. Eles fazem a gente enxergar um outro lado da vida.

Vocês gostam dos professores daqui?

Eu adoro a minha professora assim sem palavras ela é...

Parece que já vem pra cá estímulo, já pra incentivar mais nós, que eles incentivam mais nós. Se não fosse muito por causa deles e dos temas acho que ninguém se interessaria, agora por causa dos dois motivos fica mais assim, você fica com mais vontade de aprender.

Eu acho que tem uma outra coisa, vocês falaram dos temas, vocês falaram dos professores, tem uma outra coisa que vocês podiam falar que é assim; de como é feita a aula, de que forma é a aula, quer dizer têm muitas características diferentes, níveis de escolaridade né? Até os trabalhos em grupo, então eu queria que vocês ressaltassem um pouco do que vocês gostam, da dinâmica da aula entende? Não só necessariamente da temática que vocês já colocaram que é muito boa.

Olha, eu gosto muito do jeito que a professora ensina a gente, porque é legal você ter uma pessoa que tá te incentivando, te falando: “Não, acredita em você, vai porque você tem futuro”. Lá no mundão não, lá os professores eles dão aula, eles sabe... Não dá com aquela motivação, só tão lá pra ensinar e pronto, aqui não, quando a gente não aprende eles pegam no pé. Eles ensinam bastante mesmo pra gente ficar ciente das coisas, da vida porque o módulo também eles ensinam muita coisa que a gente não sabe, não sabia.

Que a gente ignora.

É, não tinha valor lá fora, coisa que a gente nem sabia porque o professor lá fora eles não dão as coisas que eles dão aqui dentro. É muito importante, é muito legal ta aqui dentro pra saber muito dessas coisas mesmo, nossos direitos; o que é uma família pra gente; saber mais sobre saúde; saber muito mais sobre as outras coisas que a gente vai aprendendo. Os professores têm paciência, porque tem que ter paciência mesmo, eles têm paciência, têm cautela com a gente.

O que vocês estão aprendendo com as aulas? Como é que vocês contariam isso pra mim?

Ah eu estou aprendendo muita coisa, coisas que eu não sabia lá fora, coisas que eu não sabia que tinha dentro de mim.

Mas fala objetivamente uma coisa que você fala: “Isso eu aprendi”.

Ética eu aprendi, no meu primeiro módulo quando eu fiz todos os módulos eu ignorava essas coisas, a gente fez um debate. É um tema, ficha do primeiro módulo que coloca assim, tipo uma pessoa ta precisando de coração e tem uma pessoa entre a vida e a morte tipo se você doaria o coração, tipo se eu doaria o órgão da minha família. No primeiro módulo eu coloquei não. Aí nós estamos vendo ética. A gente acabou esse módulo agora, aí a professora falou assim tipo: “Lê ética”. Eu li né e comecei a pensar né, falei: “Nossa e se fosse a minha mãe lá que tivesse precisando”. Lógico que eu ia querer que alguém doasse um órgão pra ela né? Aí tipo que eu achei mais assim que eu estou revendo que eu achei assim mais importante é ética, ética e a moral assim, porque tudo se torna diferente se você se coloca no lugar do semelhante, tudo muda.

Como é importante né, se colocar no lugar do outro né?

É bastante diferente assim, tipo que eu gosto muito na sala assim que é... A gente chega, a gente coloca uma frase né, tipo são cinco minutos de silêncio, aí a gente coloca uma música, a gente relaxa, fica pensando, a gente faz uma oração.

É sempre assim essa rotina?

Sempre, aí a gente reflete sobre a frase assim, tem dias que parece que a frase que a professora põe é pra você assim, parece que tem aquele dia que é pra você assim é bom também a maneira assim. Hoje eu tipo vejo diferente, porque tem muitas meninas na minha sala que tem um pouco de dificuldade e é gratificante você estar ensinando pra ela, você estar explicando pra ela e ela saber fazer assim, você escreve no papel e vê ela copiando assim, aí é muito bom eu acho assim ser professora assim nesse sentido, que lá fora eu não tinha vontade de fazer nada assim dessas coisas, agora então outro dia eu comentei com a professora, que se eu conseguir, quando eu sair daqui se eu conseguir eu queria tipo fazer magistério, alguma coisa assim pra mim dar aula só pros pequenininhos né, porque aí é gratificante você vê assim alguém fazer uma coisa que você ensinou.

Você está sentindo prazer em poder ensinar né?

Isso. Também eu acho que não tem nada aqui com a aula também, tipo quando eu vim pra FEBEM assim eu não tinha nenhuma motivação de nada assim. Agora não sei sabe, agora eu estou com vontade de sair, de mudar minha vida, de dar uma volta por cima, se eu não tivesse vindo pra cá, se eu não tivesse tipo caído pra me levantar mais forte acho que eu não teria conseguido, talvez nem taria viva hoje, não sei.

Foi uma coisa importante na sua vida então né?

Foi uma coisa que vai marcar e também foi uma lição eu diria né? Se não eu não iria valorizar nada do que ta lá fora, minha família, me valorizar, que é o modulo saúde que a gente viu esses dias. Hoje tipo se você não cuida do seu corpo, ninguém vai cuidar, ninguém é tipo... Tem muita coisa que a gente aprende só com o módulo mesmo, porque você para pra pensar.

Fala um pouquinho G.?

Ah, o que eu mais gostei também dos módulos foi o Justiça e Cidadania, aprendi muito.

Você já passou por todos né os módulos?

Já, só o que eu não passei é esse que vai começar agora, Família.

Ah ta, e o que você mais gostou foi Justiça e Cidadania?

É o que mais aprendi, o que achei mais importante pra mim. Todos foram importantes pra mim, mas o que mais achei foi o Justiça e Cidadania.

Por quê? Por quê ele foi mais importante pra você do que os outros?

Porque ele ensina a ser uma verdadeira cidadã, ensina a Justiça que o que tem direito do que eu posso fazer, eu achei muito interessante.

Vamos lá?

O tema que eu achei também muito super importante foi o tema Saúde. Nós teve uma palestra das doenças, da DSV, das doença transmissível, uma coisa que muitas vezes nós ta lá fora, nós não sabe que existe essas doença.

Você nunca tinha ouvido falar nisso?

Não. Nunca tinha visto essas doenças.

Na escola que você estudou, nunca teve esse tema?

Acho que já teve, mas não tão claro como foi a palestra, porque muitas vezes falava: “É, tem essa doença, essa doença”, mas nunca imaginava como é essa doença. Aqui nós teve essa palestra e muitas menina que tava ficou impressionada porque nunca tinha visto e estou vendo o tema saúde. É uma coisa que a pessoa aprende a se prevenir e prevenir o próximo também, não só si mais o próximo também, eu achei isso muito interessante as doenças, como se prevenir esses negócios.

Então vocês gostam da forma como é dada a aula?

Eu adoro.

É a forma diferente, aqui a forma da professora dar aula para nós é a forma mais em grupo. Cada um tem a sua opinião, cada um fala o que quer, respeita a opinião do próximo. Isso daí já deu a cidadania, porque na escola não era assim, cada um tem a sua opinião se a outra não concorda já fica quieto, isso daí é uma cidadania, estamos aprendendo aqui dentro mesmo.

Aprende a respeitar a opinião do outro né?

Do próximo, é o modo que nós tem aula aqui é isso é um grupo, nós é um grupo aqui dentro. Eu diria que nós somos uma família, porque assim eu sou bem egoísta. Eu não gostava de fazer nada em grupo, falava pra professora: “Não eu tenho minhas idéias próprias, vou fazer sozinha”. Agora tipo eu consigo socializar minhas idéias com elas assim, porque a professora fala: “Você tem boas idéias”. Aí, eu passo pra elas: “Ah você faz isso, eu faço isso”. Só que é o espírito de líder eu diria sabe? Eu sou bem assim falo: “Ah vamo fazer?”, “Vamo”, “Ah gente! Vamos fazer assim vai ficar bonito, o que vocês acham?”.

Você propõe você gosta de dar idéias?

Exatamente. E lá fora eu não conseguia lá fora eu sou assim egoísta, eu tenho as minhas coisas, ninguém vai mexer: “Aí ta fazendo errado”, “Não porque ta certo, ta certo”. Era assim, agora eu mudei assim.

Aqui dentro o que vocês podem ter de vocês?

Como assim?

Quero dizer como de vocês, por exemplo, essa sandália havaiana é sempre sua?

Sempre.

Ah ta você tem o seu armário?

Não.

Pode virar roupa da rouparia então...

É e vai pra outra.

Porque aqui é provisório.

A única coisa que fica com nós é as peça íntima que cada um tem a sua bolsinha lava, aí vai pra lavanderia seca e volta pro mesmo saquinho, só isso só, agora as roupas essas peças assim da Febem vai pra lavanderia, depois volta pra nós também.

Ta certo, mas vamos volta pro PEC aí, é que eu às vezes fico querendo saber como que são as outras coisas. Vocês falaram muito dos módulos né, os módulos são muito marcantes pra vocês; e com relação às oficinas culturais? Vocês já passaram pelas oficinas, já fizeram, que oficinas vocês gostaram? Como que é?

Uma oficina que eu não vou esquecer tão já, da bailarina.

Ah é! Como é?

Fiz assim que eu cheguei. A gente tipo fala o perfil da bailarina que ela é bonita, que ela é tal, ninguém fala que ela tem micose, é tipo os defeitos porque vê ela perfeita. Ai nós fizemos a oficina, o nosso objetivo da oficina era estar criando um personagem né, ainda eu lembro do meu grupo, nós fizemos tipo um gay. É tipo tinha que criar o homem, o homem engraçado, o homem velho, o homem isso, nós fizemos o homem gay. Foi tipo um teatrinho assim, tinha que representar, a professora escrevia uma linha do grupo e a gente representava, foi acho que a oficina que eu mais gostei assim de todas.

Que foi a da criação de um personagem.

É. Acho que assim a oficina melhor de todas que nós fizemos.

Eu estava perguntando pra vocês das oficinas aí quem estava falando?

Eu.

Aí você estava contando uma oficina e tal.

E também uma oficina que eu gostei foi de poesia, porque é o momento assim que você pode... Aqui a gente não pode ter um diário, alguma coisa parecida né? Aí então foi um momento assim que você podia expressar o que você sente assim, ainda eu fiz um poema sobre separação, uma oficina também que foi muito legal foi a do bombom.

Como foi a oficina do bombom?

A do trabalho em grupo.

A oficina do bombom foi a que eu mais gostei também.

Foi a melhor oficina que a gente teve.

A melhor oficina.

Uma das melhores né. Assim a gente fez um trabalho tipo tinha que ter a união de todas, uma brincadeira foi com a bolinha, aí nós tinha de uma forma rápida da bolinha passar na mão de todas e chegar na ultima no mínimo tempo. Nós dividiu tipo em 2 grupos nossa sala, aí tipo nossa era muita correria, e na hora... Aí no final o objetivo foi tipo uma ta ajudando a outra, aí no final da oficina teve o bombom, você recebia o bombom, você ficava assim, fizemos uma roda e ficava com o bombom na mão, sua colega te ajudava a abrir e você tinha que ajudar a abrir o da outra e assim sucessivamente né, aí na hora de comer o bombom foi todo mundo rápido né.

Era um bombom mesmo de verdade?

Exato, então uma ajudou a outra, na hora de comer o bombom foi aquela coisa... Aí a gente viu tipo o que é ta em grupo né? Tipo a união, aí a gente teve mais união no momento, porque na oficina foi um pouco difícil, uma socializar com a outra, a idéia, porque todo mundo queria: “Não vamos fazer assim porque vai mais rápido”, mas na hora de comer o bombom todo mundo colaborou, então aí foi legal.

A oficina que eu mais gosto assim, que eu mais gostei foi a de poesia assim, que aí da pra você enfeitar, tem o trava língua também, tudo que a gente faz eu acho legal assim, porque dá pra gente criar do jeitinho da gente né? A gente enfeita, faz um monte de coisinha assim.

Personalizar né os trabalhos?

Isso. E também dá pra gente expressar o que a gente sente, que aqui é difícil assim, eu gosto muito de escrever né? Aí no dia da oficina assim quando tinha poesia eu já colocava tudo pra fora assim sabe? Eu gosto.

Uma oficina que eu gostei também foi a oficina “Concordo e discordo”. Eu achei uma coisa muito interessante porque nós colocamos lá no tema assim: “Concordo que faça isso na classe, discordo que faça isso na classe”. Aí começou aquele debate, as coisas que gostava e as coisas que não gostava. Até a “profe” entrou nesse ritmo, foi uma coisa muito importante, porque cada um concordava com uma coisa das suas idéias, as outras já concordavam com outras coisas, cada um tinha a sua opinião, eu gostei dessa oficina foi interessante, porque todo mundo participou, todo mundo deu suas idéias, pra mim foi muito interessante.

Cada um pode expressar sua opinião livremente?

Pode expressar sem ninguém interromper.

Quem mais? Vocês duas ainda não contaram uma oficina que vocês gostaram.

A oficina que eu mais gostei foi “Juntando força”, porque na oficina a gente aprendeu muita coisa, aprendeu a ter igualdade um com o outro, aprendeu ter união, fazer trabalho em grupo, em conjunto, aprendemos a ter senso crítico das coisas, aprendemos a fazer muitas coisas assim é... Que mais, tava na cabeça escapuliu.

Tudo bem.

Escapuliu... Não porque eu gostei muito da oficina porque na oficina aprende muita coisa, a gente aprende a ter união, coisas que a gente não tem, a gente tem que ter união e nessa oficina foi o que eu aprendi muito. Oficina “Juntando força” e a oficina do bombom que até ela estava falando, que teve que abrir lá né? Então foi muito legal, eu gostei de todas as oficinas sabe, todas.

Gostou de todas as oficinas?

Todas, todas, todas não tenho o que reclamar de nenhuma das oficinas, gostei de todas, eu gosto de tudo que é passado aqui, porque a gente aprende muita coisa que a gente na sabia lá fora, a gente se reencontra aqui dentro.

Aqui dentro eu acho que o melhor momento que nós temos é pra mim na minha opinião é a hora da escola.

É a hora da escola.

Porque aí você não fica... A gente fica no pátio, aí uma vai jogar bola, uma vai brincar, uma vai fofocar e sempre sai uma fofquinha, porque mulher é uma coisa né? Quando você está na sala você distrai. Se ficou na quadra sentada eu não gosto de me socializar com o grupo não. Eu sou sozinha aí eu sento e fico pensando maldade, aí eu penso “Ai eu vou me livrar daquilo”. Eu estou na escola, eu esqueço de tudo, tudo, tudo, tudo eu fico calma assim, ah não sei, se eu pudesse que nem eu falei pra professora outro dia, podia ficar o dia inteiro estudando e porque assim a gente pega um amor pelas coisas da gente. Eu morro de ciúme do meu portfólio, aí eu vou sentar, aí não vai por o pé no meu portfólio, tenho o maior ciúmes assim sabe? É uma coisa assim que a gente, um bem material que a gente dá valor aqui dentro assim, porque lá fora, ninguém dá, porque meus cadernos, chegava da escola deixava lá, a minha irmãzinha mexia eu nem ligava, mas aqui eu tenho ciúmes das minhas coisas assim sabe?

Você quer contar, a única que não falou foi a G. né da oficina. Você quer contar alguma oficina que você tenha gostado?

Ah eu gostei de todas, mas tem uma que eu mais gostei que foi a de criar um meio e fim da história que tem uma ficha que vem... Uma vem até a metade e você tem que criar o final e a outra você tem que criar o meio da história, nossa eu achei muito divertido, muito legal, mostrar que eu posso também pensar né? Que às vezes eu realmente não pensava que eu podia criar coisas e nessa oficina eu vi que eu podia criar também. Achei super interessante e gostei muito.

Tem alguma coisa que vocês não gostam, gostaria que fosse diferente, alguma sugestão em relação às oficinas e os módulos?

Ah eu queria, não seria bem as oficinas, ah sabe o que eu queria? Uma biblioteca pra nós, alguma coisa assim, um livro, uma ficha, alguma coisa que a gente pudesse tá lendo no final de semana, porque durante a semana ainda passa mais rápido aqui, mas o fim de semana a gente fica o dia inteiro na quadra assim, da vontade de ler um livro, alguma coisa parecida e não tem assim.

Quando é que vocês podem ter o livro na rotina aqui da casa?

Final de semana.
Final de semana a gente podia ter.

Mas vocês podem hoje ter o livro no final de semana é isso que eu estou perguntando?

Não a gente não tem acesso a livro.
Não temos acesso.

Vocês têm acesso a livro na sala de aula?

É. Quando sobra um tempinho assim, às vezes a professora deixa uns livrinhos infantis pra gente dar uma olhadinha, que nem eu li Esmeralda, tipo eu não sou daqui de São Paulo, não conhecia a realidade daqui, aí a professora tava passando um projeto sobre a Esmeralda aí eu cheguei na sala: “Professora N. a senhora deixa eu ler o livro?”. Aí ela falou: “Eu tenho poucos, mas eu vou te emprestar”. Me emprestou o livro aí eu li assim tipo nos intervalos assim, porque tem que nem o horário de almoço, aí a gente fica esperando o horário de aula.

À noite vocês não podem ler?

Pode só que geralmente é assim, segunda-feira a gente tem culto, terça-feira nós não fazemos nada, quarta nós temos culto, quinta nada e sexta... E terça nós escrevemos carta então à noite fica difícil, seria tipo bom pro final de semana né? Que nem a senhora N. ela tipo falou que se tivesse alguém pra registrar, adolescente pegou tal livro, vai devolver tal dia, então teria que ter um controle, porque é muito difícil aqui, seria muito legal, gibi, uma revista. Turma da Mônica, gibi porque eu adoro gibi, eu adoro ler e escrever, matemática eu sou péssima, mas em português vai.

Vocês acham que vocês estão escrevendo melhor e lendo melhor depois que vocês vieram pra cá?

Eu estou.
Bem melhor.

E vocês percebem isso?

A gente percebe, eu percebo porque lá no mundão eu não tinha incentivação de nenhum professor sabe, nenhum professor olhava pra mim e falava: “Eu acredito em você”, “Você tem futuro”. Nenhum dos professores me olhava e fala isso, agora não, eu me espelho muito na professora que eu tenho, porque a minha professora ela é excepcional, a professora ela me ensinou a ter um outro lado, me ensinou a ter um senso crítico melhor, me ensinou a enxergar

de um jeito que eu não enxergava, então é importante pra gente ter professor que ajuda a gente, dá aquela motivação pra gente.

Mas vocês percebem que ao ler vocês estão lendo melhor, estão lendo mais rápido, tem uma diferença assim? Isso que eu estou perguntando é...?

Sim.

Bem melhor.

Vocês notam essa diferença?

Ah eu noto, porque antigamente eu comia vírgula, lia sabe rapidinho, aqui dentro não eu já leio com mais calma, vejo sinal por sinal, vou indo bem devagarinho, lendo bem certinho aqui.

E tem palavras que vocês ainda não sabem o significado e tem menos palavras que vocês não sabem o significado agora, esse tipo de diferença vocês percebem?

Percebo também.

Vocês aprenderam palavras novas?

A gente procura no dicionário né?

Vocês lembram quando teve dicionário jurídico, não sabia nada do que estava escrito lá, agora mais ou menos eu sei. Bastante coisa da pra decorar, tipo com as fichas assim da pra gente aprender. Você lendo ela você aprende escrever melhor, porque você substitui algumas palavras, umas pelas outras, pra ficar mais bonita a escrita, assim mais formal e os módulos são melhor pra expressar o que a gente sente, as idéias que a gente tem, que a gente queria.

Teve um tema também que é da até mais apoio pra gente continuar. Foi o tema da Esmeralda é uma coisa que pelo menos eu não sei delas, mas eu me espelho nela, que nem ela não estudava só foi ela entrando aqui dentro vê o que ela passou aqui dentro hoje em dia aonde que ela já tá? Foi tudo por causa dos estudos e o que ela teve aqui dentro, pelo menos eu penso assim, que eu posso sair daqui um dia, sair com certeza vou querer sair daqui, eu vou querer meus estudos porque aqui dentro que eu estou vendo como é importante os estudos, porque quando eu tava lá fora pra mim os estudos era nada menos que ir pra escola e nada, agora aqui dentro eu estou vendo, eu me espelho nela no tema da Esmeralda, foi um tema muito importante.

Marcou pra você o tema da Esmeralda?

Mostra a realidade né, muita coisa que... É a vida de cada uma da gente lá fora, mostra um pouquinho não é aquela rotina, mas mostra um pouquinho de cada uma lá fora, muito legal ver a vida da Esmeralda, ver também de outros internos né que tem a ficha de outros que conseguiram se levantar, que foram pra jornada e conseguiram ter um futuro melhor, vencer, ter uma vida digna agora sabe, é muito legal porque a gente vê, vai vendo o dia-a-dia.

Lá fora eu diria que falta incentivo, lá fora é muito...

Lá fora tipo ninguém olha pra você assim, cada um olha pra sua vida assim ninguém cuida do outro, aqui é diferente assim, o carinho tipo uma com a outra assim, você pega muito com a professora, com o funcionário assim, a gente vê as coisas diferentes aí é... Não sei como explicar é uma coisa assim sabe.

Aprendi a valorizar sei lá.

A gente vive em regas né, lá fora a gente não sabia respeitar regra, pra gente não tinha limite né?

Nada tinha limite.

Aqui pra gente é tudo no limite.

É nada tinha limite?

Nada tinha limite.

Na relação com outros, com a família?

Eu era muito estúpida, aqui eu aprendi a ser mais calma.

Principalmente com a família né?

Eu era muito egoísta, eu aprendi sabe a dividir agora as coisas, eu estou aprendendo muita coisa, os módulos é o que ajudam bastante a gente, porque mostram o dia-a-dia, a rotina de cada um sabe? Que eu acho que eles pegam um pouquinho de cada um e colocam lá pra gente fala: “Nossa, olha ta aí”.

Acho que o módulo que mexe com todo mundo, pelo menos na minha sala foi o que mexeu com todo mundo é o Família, a gente não fez novamente ainda, mas você monta uma família que você conhece, você pensa na sua casa com as formas geométricas, é uma coisa assim...

Eu pelo menos na outra vez que eu fiz, eu parei... Eu desenhei a minha casa assim, aí eu parei fiquei olhando sabe fiquei pensando falei: “Nossa, tudo isso eu estou perdendo, ta tudo lá fora”.

Outro módulo também que eu achei muito importante mesmo foi o Educação ponte para o mundo. Muito importante mesmo, porque ali a gente aprende a dar valor na escola, na educação, aprende a dar valor nas coisas que a gente perdeu lá fora, é o ponto da massa que ta ali, que a gente vê mesmo que a educação é importante pra qualquer um, pra qualquer cidadão, pra qualquer criança no mundo é importante, a gente vê que tem muitas crianças por aí que são analfabetas que não tem escolarização.

Hoje até pelo analfabetismo muitas pessoas até pra ter um emprego de gari, ou sorveteiro tem que ter estudo.

ANEXO H.

Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 06

10/11/2003

Eu queria que vocês dissessem um por vez ta, porque está gravando, o nome, quantos vocês têm e há quanto tempo vocês estão aqui na UIP?

Meu nome é W., eu to na unidade a 3 meses, sou aluno da professora A., tenho 17 anos.

Meu nome é M. eu to na unidade, dia 23, vai fazer 2 meses, estudo com o professor J., tenho 17 anos.

Meu nome é J., estou na unidade há 20 dias, tenho 18 anos, sou aluno da professora Y.

Eu queria pedir só pra vocês quando eu perguntar sobre o projeto que vocês falem um de cada vez, porque como está gravando depois pra eu escutar o que vocês falaram...Se falar mais de um ao mesmo tempo, eu não consigo entender o que vocês falam ta? Eu queria saber como que é a escola da UIP?

A escola da UIP pra mim é muito importante porque no nosso relatório né? E a cada dia que passa a gente vai aprendendo cada vez mais e assim nós vai ficando esperto, aprendendo coisa que nós não aprendeu lá fora a gente aprende aqui dentro.

Como você acha que é a escola lá?

Bom, eu acho que a escola da UIP é muito importante sim porque os alunos, vários alunos daqui não teve aprendizado lá fora. Entrando aqui dentro tem uma segunda chance que da pra passar de ano, tem possibilidade de passar de ano aqui dentro e ter um futuro melhor, sair da vida do crime, parar de roubar, traficar etc..Eu acho muito importante, muito bom.

O ensino da escola é bom senhora e tem bastante coisa, tem bastante trabalho em grupos na nossa sala e muitos alunos igual ele comentou pode aprender, que não teve chance de aprender na rua o aprendizado que tem aqui na escola senhora.

Vocês estão no tema Educação, algum de vocês viu algum outro tema, além de Educação?

Educação, Cidadania e Trabalho.

Ah, é Trabalho, você chegou a ver também?

Tema de Famílias.

Famílias também? Vocês já viram Família, Trabalho, Educação e Justiça e Cidadania é isso?

Justiça ainda não.

Justiça só com o tempo, ou seja, nós ainda estamos trabalhando o anterior, o Educação, ainda vai chegar Trabalho e como é o outro...e Família.

Família, é verdade. O que vocês aprenderam com esses temas, algumas coisas que vocês lembrem assim, que marcou que vocês aprenderam?

O que lembra pra mim principalmente é o tema Educação né? Que é muito importante pra ajudar os adolescentes, aprende a educar, porque educação tem que carregar sempre né? E o tema Família também foi muito importante eu gostei muito e to aprendendo.

Mas tem alguma atividade que você lembra assim que marcou, alguma idéia que ficou assim na sua cabeça, alguma idéia legal?

Eu não lembro não.

Você lembra?

Eu lembro do tema Saúde, do corpo humano, nós começamos a fazer umas brincadeiras e falava os nomes dos órgãos em inglês tal e isso marcou bastante, ou seja, é bem melhor pra gente aprender desse jeito brincando do que aquela aula séria. O professor está comentando com os alunos, explicando como é que ta, nós fizemos a brincadeira, nós vamos fazer até um rap dos órgãos humano do corpo.

E vocês fizeram o rap?

Não, nós não chegamos a fazer porque o professor teve curso e não deu pra trazer, mas em breve nós estaremos fazendo.

Então da próxima que eu vier eu quero ouvir o rap.

Isso vai ouvir sim, vai ser muito bom.

Legal. E você lembra de alguma idéia bacana?

Tema Família senhora.

O que você lembra?

Foi pedido pra cada família que a gente estudou: família patriarcal, família indígena, montasse um grupo na sala é como se fizesse pensar que era a família, família patriarcal, família indígena. Foi muito legal senhora, marcou bastante.

E aí da pra perceber as diferenças?

Da pra perceber as diferenças senhora.

É legal. Deixa eu perguntar uma coisa...E o portfólio, vocês têm o portfólio?

Temos, senhora.

Como é que é esse portfólio?

Cada um tem um módulo, ainda estamos trabalhando dois módulos é Família e Cidadania que ta, mas ta tudo junto os outros. Só que aí a professora vendo tal, tem a pasta, que é o portfólio que nós vamos guardando tudo organizado. Aí fica na mão do professor aí quando nós vem ele da e tal e nós começa a estudar.

Vocês que organizam a pasta?

Nós que organiza as pastas.

E vocês acham que a pasta é importante pra vocês?

Sim senhora.

Por quê?

Porque ali a senhora encontra tudo que a gente ta aprendendo na unidade. Isso aí um dia ou outro a gente pode pegar e lembrar. Não tivemos estudo, o que a gente não teve na rua, está aprendendo na unidade.

E aí vocês querem levar essa pasta, quando vocês saírem daqui?

Eu gostaria de levar senhora.

Pra quê?

Pra poder rever, pensar melhor sobre as coisas, entendeu senhora, seria bom poder levar. Eu gostaria muito de ficar comigo os portfólios, porque vai ser necessário daqui pra frente, ou seja, eu posso ta indo pra outra unidade, chegar na outra unidade: “Pô não lembro daquele negócio”. Vou ver no meu portfólio lá pode ter e pode me ajudar muito e também quando eu sair se eu puder ta levando pro mundo, chega lá fazer alguma atividade na escola que eu não me lembre, porque saindo daqui você é obrigado a está estudando. Aí eu posso levar porque daqui têm outras coisas que os professores da escolas Estaduais do meu bairro não passaram...Muitas coisas eu não sabia to aprendendo aqui dentro e isso pode ajudar muito a gente levando os portfólios.

E você?

Voltando aquele assunto do rap, a sala do meu colega não fez o rap, mas eu fiz o rap.

Ah e aí como foi?

Foi agora que eu fiz o rap.

Você fez o rap sobre o que?

Sobre a escola.

Mas o tema Saúde também do corpo humano ou não?

Não, foi só do tema escola.

Ah é ficou legal?

Ficou.

Qual que é a idéia principal do rap?

Pra deixar a vida do crime né e voltar pra escola, se a senhora quiser eu dou até uma palhinha agora.

Eu quero.

Zona Leste minha quebrada
Sofrimento e humildade esqueça a vida bandida
Respeite a liberdade, trabalhar e estudar que faz anunciar...

Muito bem legal eu gostei, bonito, bonita a música. Deixa eu perguntar uma coisa pra vocês. Eu queria saber se durante as aulas, se vocês participam, se vocês falam o que pensam?

Muitas vezes a gente participa. Assim, fala, da opiniões. O professor até acha legal ele nos ensina, nos ensinamos ele, todos participamos e assim nós vamos levando a aula tal.

Vocês perguntam, vocês podem fazer pergunta?

Pode.

Pode falar o que pensam?

Pode falar, tem conversa com o professor e aluno sobre o tema, sobre outras coisas isso aí senhora; em debates a professora pergunta o que a gente ta pensando sobre o tema que ela ta explicando, se a gente quer introduzir mais alguma coisa sobre aquele tema.

E tem alguma atividade que vocês não gostaram, que vocês acharam chata, que vocês acharam muito chata?

Até hoje o módulo Família, não vou falar que eu não gostei, mais eu achei meio complicado.

Por quê?

Porque eu não entendia muito, módulo Família patriarcal, indígenas e assim por diante, essa que eu ainda não peguei muito.

Você não conseguiu entender muito bem.

Não, eu to entendo, mas bem pouco.

Ta.

Pra mim esse módulo família foi muito importante.

Por quê?

Família patriarcal, família indígena.

Por quê?

Família escrava, pra mim teve alguma coisa importante sim, eu aprendi alguma coisa eu e meus colegas de sala. Nós estudamos todo mundo junto, a professora também foi muito importante pra mim eu gostei muito.

E você lembra de alguma idéia assim que ficou desse tema pra você? Quando você pensa em família você pensa no quê?

Ah, quando eu penso em família eu penso na família escrava, como eles eram antigamente né? Uma família que não tinha nada, nem um pão pra comer, pra ter pão tinha que trabalhar então eu fico pensando nisso né.

Bom eu penso na família... É que eu achei muito legal é a família patriarcal não só aqueles que é de sangue e sim eles adotam aquela pessoa, aquela pessoa vai convivendo com eles, são considerados como se fosse da família e assim são as outras. O que eu gosto muito também o professor estava explicando é a família... Ou seja aquela que... Igual nós faz aqui no pátio, não são outras famílias, um exemplo, de sangue e tal, aqui nós fazemos aquelas que moram mais perto, ou seja, zona sul, quem é da zona sul tem lá o seu canto, zona oeste, zona norte e assim por diante. Isso que eu achei muito importante e eu gosto muito desse tema.

Por quê; deixa eu ver eu entendi, por quê o pessoal das diferentes zonas é como se fossem uma família?

Sim, isso.

Mas isso não significa que não possa ter uma relação com a outra zona?

Não, isso não impede nada. A única coisa que você não pode é ficar brigando, essas coisas tem que ser humilde, ou seja, igual a uma família normal.

Aqui na UIP tem 6 famílias, baixada, oeste, zona leste, sul, rural; a rural é uma família que tem todas, zona leste, zona sul. Então todas são unidas umas com as outras sem briga, sem nada, a gente procura tirar uma cadeia de lazer, pra falar a verdade, pra ter atividade; boneca é o que mais tem aqui.

Então não são 6 famílias, no fundo, no fundo, é tudo uma família só.

Uma família só.

É um brincando com outro.

Legal.

A única tristeza é que nós tá preso, mas nós...

Mas eu acho que é o momento que vocês tem que aproveitar pra ficarem mais unidos ainda, não é?

É, nós vê o valor da liberdade como que é lá fora né? Porque é um brincando com o outro, e sendo que lá fora a gente podia fazer isso, e o que nós faz aqui a gente só faz um pouquinho só, porque tem que parar pra ficar formado essas coisas, e lá fora não a gente não precisa fazer isso, a gente tem brincar direto, então podia dar valor à liberdade.

Como que é ficar formado?

É ficar formado, os funcionários manda ficar formado.

Sim, mas o que vocês fazem quando ficam formados?

Nós fica quieto, não pode conversar, fica formado com a mão no joelho, ainda não pode conversar, não pode brincar um com o outro.

A formação senhor é cedo na hora de entrar pra sala os funcionários falam: “A formação”. Aí monta uma fileira de formações, mão sobre os joelhos e continua na sala. Nessa formação não pode ser conversado, tem que ficar quieto, aí os funcionários vão chamando e na hora de almoçar e na hora da janta, á noite eles pedem formação.

E você tem alguma coisa da escola que você não gosta, que você gostaria que mudasse?

Não senhora, tem uma coisa que eu estudei na família indígena que marcou muito senhora.

O quê?

A coisa mais difícil pro índio é tomar uma injeção.

Ah é porque eles têm medo?

Eles têm medo de injeção.

Ah você vê. Você tem medo de tomar injeção?

Não senhora.

(Educador) - Medo a gente não tem, mais gostar ninguém gosta.

É ninguém gosta senhor.

(Educador) - Outro dia eu tomei duas injeções aqui, cara eu pensei que eu era valente, eu não sou não cara, saiu lágrima do olho velho, jogo duro. Vocês estão todos com medida socioeducativa, sentença, já todo mundo com sentença?

Eu não senhor.

(Educador) - É que eu perguntei nas salas também a maioria das pessoas...

Eu me encontro sem sentença.

(Educador) - Você ainda não tem medida socioeducativa?

Não senhor.

Eu queria saber se vocês trabalham em grupo na sala de aula e se vocês gostam de trabalhar em grupo?

Trabalhar em grupo pra mim é coisa mais legal do mundo.

Pôr que?

Ah porque você cria uma coisa melhor, uma coisa bonita.

Ah fica mais bonito.

Fica mais bonito.

Porque fica mais bonito?

Ah porque um dá idéia, outro dá outra idéia e vai, às vezes até briga, não põe isso, não aquilo e já começa a briga, mas aí é uma briguinha normal, uma briguinha banal.

Faz parte.

Faz parte do tema.

Então você prefere do que trabalhar sozinho?

Prefiro, em grupo é melhor.

Eu acho que a gente trabalhando em grupo fica tudo mais esclarecido, porque ali a gente tira dúvidas, ou seja, eu sei uma coisa, o rapaz sabe outra que eu não sei, eu posso tirar uma dúvida com ele, aqui tudo é em grupo, nas salas de aula, no pátio, nas atividades. Nós estamos tendo atividades faz tempo, um monte de coisa e eu acho muito importante porque além de ajudar a gente trabalhando em grupo, a gente pode tá conversando, esclarecendo uma dúvida um com outro é isso que eu acho.

Como colegas disseram em grupo a gente aprende mais né senhora? Se entende, debate, até chegar uma união.

Onde vocês aprenderam a trabalhar em grupo?

Isso vem desde da rua mesmo senhor, nós é tipo tem grupos que a gente forma que não têm o mesmo debate que tem, como a gente aprende na sala de aula aqui na unidade.

Eu aprendi a trabalhar em grupo, desde lá de fora né, que eu tenho o grupo de dança, já vai fazer 2 anos esse ano agora. Vai fazer 2 anos mas só que eu to aqui dentro, mas os moleques vai fazer a festa lá, e vai curtir o grupo, os moleques tão me esperando e se Deus quiser a gente vai levar o grupo pra frente.

O grupo ele envolve geral tudo, família, amigos, parentes. Isso é relação do grupo, ou seja, dentro de casa até na sala de aula, eu aprendi desse jeito, o grupo não seja só porque ele da família é um grupo, ou seja, ele é meu amigo fica do meu lado, nós 3 somos um grupo, nós 5 formamos um grupo isso é um grupo tem que ter união, isso é o básico.

Vocês sentiram alguma mudança assim vocês mesmos depois que vocês começaram a participar da escola e das discussões sobre os temas, aqui em sala de aula? Assim se vocês sentiram alguma mudança depois que vocês vieram aqui pra essa unidade começaram a participar das atividades discutir os temas?

Ah muda muito porque... A gente não estudava não tinha escola, não tinha é que na UIP aqui tem uma escola né? E ajuda muito no relatório, então mudou muito.

Mas por causa do relatório?

É mais por causa do relatório né? Porque se você não estudar, não fizer nada, no seu relatório vai subir, vai subir...agora se você estudar...

Mas e pra você como pessoa, você não acha que isso é importante? Esquecendo um pouco o relatório.

Ah pra mim é importante...

Formação mesmo, a formação.

Também é importante porque aprende, aprende se envolve muito, aprende, pra mim é importante.

E você? Você pensa bastante no relatório também ou...

Bom, certa parte aqui todo mundo tenta participar mais pelo relatório, mas têm sempre alguns que pô, o relatório sobe bem, sobe ruim, tanto faz eu to participando. Eu não tenho motivo pra falar que meu relatório sobe ruim ou não, eu penso que aqui na escola a gente tem muitas oportunidades, ou seja, esse módulo Educação a gente tem um modo de se expressar com a pessoa conversar direito, da cidadania, Famílias isso é o básico, ou seja, a família. A gente tem que começar a tratar a família direito, educação, a gente tem que ter respeito pelo próximo, saber conversar, se expressar o que tá sentindo é isso.

Até que série você estudou, antes de entrar aqui?

7ª série.

Até a 7ª série?

Isso.

Você aprende a respeitar senhora. Se comunicar melhor é... temas que você, como eu não tinha visto na rua, aprendi a ver aqui senhora, que eu não cursei até a 8ª série, as coisa que eu vi na unidade aqui senhora, na rua eu não tinha aprendido, mesmo tendo cursado até a 8ª série.

Até a 8ª série?

Até a 8ª série senhora.

É porque eu acho que é assim o relatório é claro que você tem uma preocupação com o relatório, mas é importante que além do relatório você também tenha uma preocupação com você como pessoa mesmo né? Porque se eu tivesse aqui também teria, eu acho que é normal ter uma preocupação com o relatório, mas eu acho que é importante também pensar um pouco em você como pessoa né?

Porque o que tá aprendendo aqui, vai seguir junto com a nossa vida, é sim por um lado importante o relatório, porque não faz nada na sala de aula, mas sempre está... aí você também tem que pensar que você está aprendendo novas coisas aqui, então você vai usar um dia na sua vida senhora.

Deixa eu perguntar... Algum de vocês já passou por alguma unidade além dessa?

Não.

Ah porque eu queria saber se tinha alguma diferença né, de alguma outra unidade, se comparada com essa aqui.

Nós não tem.

É assim, e a relação de vocês com os profissionais aqui da unidade é uma relação bacana ou não é tanto?

Bom a relação sempre foi boa, porque a gente dando respeito pro profissional, ele vai tratar a gente com respeito também, ou seja, digno de merecer aquele respeito e assim nós vamos levando, cada dia um respeitar o outro.

E você acha que o projeto, a escola aqui na unidade ajuda pra que essa relação seja boa?

Ajuda bastante porque aqui a gente estamos aprendendo a se relacionar com os próximos, ter educação, ter respeito, seja tudo que nós basicamente não tínhamos lá fora, a gente está se reeducando aqui dentro.

Então você acha que isso ajuda na relação com as pessoas?

Ajuda bastante.

E entre vocês também?

Isso.

E você fala alguma coisa? Quer falar alguma coisa? Como é sua relação com o pessoal que trabalha aqui na unidade.

Pra mim é boa, eles são muitos legais com a gente, é igual ele falou se você der respeito, você vai ser respeitado.

Então vocês acreditam na relação de respeito?

Sim.

E você?

Que aqui funciona assim, se a gente respeita os funcionários, eles vão fazer uma melhoria pra gente também entendeu senhora? Não adianta... Não é aquela coisa igual na rua tiro, drogas, morte. Aqui a gente tá aprendendo a se unir mais a se relacionar mais com outras pessoas e ter respeito não só com o agente mas com os funcionários.

E o que vocês fazem quando alguém desrespeita vocês se isso acontece?

Conversa.

O funcionário desrespeita vocês ou se algum outro garoto desrespeita vocês como vocês procedem, o que vocês fazem?

Ah, a gente conversa, debate, é tudo modo de conversar, aqui não tem briga.

Bom aqui se um funcionário desrespeita nós que raro acontece isso, ou quando nós desrespeitamos o funcionário ele não faz nada, simplesmente manda nós fica de coco na parede, pronto ali nós fica umas 2 ou 3 horas e vamos pro conviveu de vovô. E quando acontece de um menor desrespeitar, vem o mais velho da família ou seja tá lá no pátio, chama ele e você fez isso, isso tal? “Fiz”. Tá bom seu castigo vai ser, vai comer tantos sucos, vai fazer isso ou vai ficar destacado da família, ou vai ficar na barba do funcionário, aqui não tem briga, raramente.

(Educador) - Explica tudo isso aí de coco na parede e ficar descolado da família e na barba do funcionário. A gente sabe mais ou menos, mas a gente quer saber o que vocês pensam disso.

Coco na parede, você fica virado pra parede com a cabeça encostada.

E aí os funcionários pedem pra vocês fazerem isso?

Pedem pra nós fazermos isso.

Ah tá.

E como é uma coisa que você desrespeitou o cara na mesa. Você tá comendo aquele seu negócio acabou ou tem um restinho, você fala: “Ah, eu quero o seu”. Você tá dando uma de vistão, vão comer 6 daqueles, ou seja, pão dei uma de vistão no pão vai comer seis pãezinhos não comeu vai pro destaque, ser destacado da família, não pode falar com ninguém e da barba é igual. Tem um rapaz aí ele tá na barba, ele não fica no convívio, não conversa com ninguém. Ele fica no seguro dos funcionários, se acontece alguma coisa com ele só quando nós fizermos.

Mas esse negócio da comida o castigo quem dá são os próprios garotos?

Os próprios adolescentes.

O funcionário não dá esse castigo da comida dá?

Não é nós mesmo que fazemos.

É entre vocês?

É entre nós.

É tipo assim senhor: eu tô lanchando meu suquinho. Aí eu não terminei ainda, tô na metade senhor, eu vou e quero tomar o do senhor também, só que o senhor tá de vistão, aí eu vou pegar todos e ter que tomar todos os suquinhos.

(Educador) - Vão ter que tomar todos?

Todos os suquinhos.

(Educador) - Isso não vai dar certo cara, meu pai fez isso comigo quando eu era moleque cara, eu queria comer o negócio lá mais que todo mundo ele falou você vai comer o pacote inteiro agora e comi o pacote inteiro.

E queria mais.

(Educador) - E queria mais e apanhei do meu pai ainda pôr causa disso, cara.

Aqui quando você entra na UIP, os funcionários passa as regras.

Vocês não fazem as regras, nenhuma delas?

Eu faço, eu faço. Quem faz a cadeia é o menor, se o menor brigar, se desrespeitar a cadeia vai ser daquele jeito, agora se o menor ele parar pra pensar: “Não eu vou estudar, vou respeitar”, vira uma cadeia de lazer é o que eu penso, uma cadeia de lazer, que às vezes as mais cheias... Eu vi isso na televisão, uma rebelião.

Mas foi aqui?

Não aqui tá ocorrendo tudo bem, aliás, aqui tá melhor, aqui tá até lazer, uma cadeia de lazer. Então é essas as regras, respeitar e cumprir as normas também.

E os castigos que vocês tem que os funcionários dão como esse de coco na parede...

Que os funcionários dão?

É.

Tipo no convívio nosso, tem uma formação né, que você tem que ficar em silêncio, se o mais vê que você não está fazendo silêncio, tem o castigo de tomar o copo d'água.

Tomar copo d'água?

É, você tava conversando na formação, depois que você tiver lá no convívio, todo mundo tá conversando, o mais velho vai chegar em você e vai falar: “Você tava conversando”. Aí você vai voltar e tomar três copo d'água, cinco, sete, não tem nada que...

O mais velho que você fala é o mais velho da família?

É o mais velho da família, cada família tem o seu mais velho.

Tem o seu mais velho.

Quando tá ocorrendo alguma coisa, o mais velho de todas as famílias se reúnem para debater sobre aquele assunto e quando o menor...

O mais velho é o mais velho de idade ou mais velho que tem mais poder?

Que tá mais tempo na casa.

Mais tempo na casa?

Cortando esse assunto dos menores, tem o castigo que o funcionário dá também, ou seja, ele manda fazer uma “quadraza” pra nós queimar o cigarro. Aí tá lá todo mundo queimando o beek, o que ele faz ó tá bom pega o cigarro, o beek todo mundo fica sem fumar, mas é difícil acontecer isso, mas quando acontece... O funcionário dá o castigo e o menor só vai fumar à tarde.

Quer dizer que o funcionário tira o cigarro de vocês?

Tira o cigarro.

Tira de todo mundo?

Tira de todo mundo.

E se vocês pegam na família?

Sempre tem aqueles arrastões 6 ou 7, 150 paga por eles.
Eles estão falando do mais velho, eu sou o mais velho da Zona Leste.

Sei.

Da família, mas eu não gosto de fazer isso, eu penso assim o menor já tá preso porque tá preso, vai ficar fazendo isso com o menor ainda eu acho que é humilhação, então eu não faço isso.

Deixa eu perguntar uma coisa pra vocês. É... Que idéia vocês levam daqui da unidade quando vocês saírem? Assim, vocês estão aqui, estão participando da escola todos os dias vocês estão indo para a aula, vocês discutem temas que tem à ver com a vida de vocês né? E aí, o que isso vai ajudar quando vocês saírem daqui, vocês tem alguma idéia que vocês pensaram aqui dentro pra fazer quando sair?

A primeira idéia que eu tenho é pra falar aqui, é pra não vir pra cá, nunca entrar numa FEBEM, nunca entrar numa FEBEM e eu vou falar né que eu estudei, aprendi algumas coisas e que o barato é louco e o processo é lento como diz o ditado, e o fato não é... eu falo pros moleques que não é bem isso que eles pensam.

3 coisinhas básicas eu vou levar daqui, eu vou levar pra rua igualdade, humildade e procedimento.

Que você aprendeu aqui? E que a escola ajudou?

A escola ajuda a ser humilde, ter procedimento e aprendi o convívio também.

Então o que eu vou levar daqui são muitas lembranças boas e ruins, as boas é que eu aprendi, respeitar é... Tudo isso respeita, ser leal, honesto, amigo, assumir quero ser sincero com a pessoa e as ruins é que essa nós paga no pátio com os funcionários, ou seja, os castigos e tudo que eu passei de lá de fora até aqui dentro, ou seja, um dia que o cara chegar até mim: “Ah vamos fazer tal coisa?”, na verdade eu sou sozinho eu dou um conselho. O conselho pra esses caras não adianta, entra pôr um e sai pôr outro. Isso é o que o é legal daqui.

Bem eu penso assim né, não vir mais pra cá, levantar a vida, não quero ver mais a minha mãe em fila de FEBEM, não só a minha como as outras e uma lembrança que eu vou levar daqui vai ser uma lembrança muito boa que é a do coral.

Como que é o Coral?

Coral é um grupo de moleques, a gente canta todo mundo junto: “Você é assim um sonho pra mim”.

Você gosta de música?

Eu gosto de música.

E todo dia vocês tem coral ou não?

Todo dia de terça, quinta e sexta.

Tem professor?

Tem é professora. Professora ótima também, já vai desde a liberdade, eu tenho uma foto ainda já dei pra minha mãe ela ficou contente, aí a hora que eu tiver lá em casa eu vou olhar a foto e falar: “Os moleques que eu nunca mais vi”, mas tudo bem faz parte.

Ah você pode encontrar com eles.

Eu prefiro ver eles lá fora do que aqui dentro.

Tem mais alguma coisa que vocês queriam falar sobre o projeto, sobre a escola, sobre a unidade.

Sobre a escola eu não tenho que falar nada, os professores é tudo bom com a gente, não tenho nada a dizer, sem comentários.

O que eu tenho pra falar da escola, a escola aqui é muito boa, o projeto é ótimo tá dando muito pra nós aprender alguma coisa, levar pra outra escola, ou seja, quando nós tiver no mundo, aprender mais com aqueles portfólios.

Você acha que a escola daqui é diferente da escola que você frequentava lá fora?

Não é tão diferente é a mesma coisa, só a diferença que aqui a gente tem mais respeito do que lá fora. Essa é a única diferença a gente aprende a mesma coisa.

A mesma coisa, os conteúdos são os mesmos são os mesmos?

As mesmas coisas e muito mais do que lá fora, que lá fora tem coisas que a gente não aprende só vai aprender quando está aqui dentro.

Aqui é uma turma boa de falar.

Então tem os temas aqui. Certos temas que lá fora eles ensinam pela metade, ou seja, aquilo pra eles tá bom, o professor lá fora não quer ensinar, quer ganhar o dele e pronto. Aqui não, eles quer ensinar, ajudar, ver você crescer na vida, ver você sair daqui de dentro com a cabeça erguida e isso eles se esforçam bastante e pedem pra nós se esforçar também. Porque não basta só do professor e sim do aluno colaborar, é isso que eu gostei muito, tô gostando pela força que eles estão me dando, os funcionários da unidade, os professores, o professor dá atividade no pátio e tudo, agora sim que vai melhorar que nós vamos voltar a fazer mais serviços, porque tinha cortado um tempo agora essa semana talvez volte.

Que serviços?

Bom, trampo de boneca, a gente fazia boneca, pulseiras, trampo de linha.

Sem ganhar nada?

É sem ganhar nada. A gente fazia por lazer mesmo, pro tempo passar, por exemplo, eu já fiz um, mandei de lembrança pra minha mãe que ficou muito feliz. Agora eu vou continuar fazendo pra mandar, vê se eu faço e assim a gente vai levando.

Porque cortaram?

Cortaram porque teve uma rebelião aqui, só que tá tudo resolvido, nós continuamos...

Foi quando?

Eu acho que foi o mês retrasado, acho que foi em outubro, aí cortaram tudo, até cigarro...

A escola também?

Não, a escola não cortaram, cortaram as nossas atividades. Nós andava com cigarro dentro do bolso, agora nós não anda só com 4 cigarro pôr dia. Tinha tempo de boneca, cortaram boneca, cortaram a linha pra nós fazer a pulseira, cortaram quadra, tudo, agora de uns meses pra cá nós vem fazendo uma colaborando com tudo, nós estamos retomando aos poucos até ter tudo de volta.

E teve algum motivo assim pra vocês ficarem bravos ou não, motivo específico?

Eu não sei o motivo porque eu ainda não estava na casa, só que falavam que é por besteira, discussão e tal, falam que é por isso, só que realmente eu não sei.

A senhora falou que eu gosto de música, eu gosto de música sabe por que? Lá no mundão eu já fiz uma abertura pro Sampa Crew no Credicard Hall.

Nossa, o que você está fazendo aqui menino?

Hoje eu to aqui, mas se Deus quiser quando eu sair daqui...

O que você está fazendo aqui, eu quero ver você na televisão.

Vou tocar no meu grupo de novo e dar felicidade pra minha mãe, vou dar o troco embora tristeza eu vou ser felicidade.

Eu quero saber de você que estudou até a 8ª série se você acha que a escola daqui é diferente ou igual a escola lá de fora?

É diferente senhora.

Por quê?

Igual o colega falou na rua eles ensinam de uma maneira dura, vai passa na lousa e da uma explicação, vai copiando isso, ta ensinando o que da aprendizagem que a gente tinha que aprender. Aqui não. A professora explica uma vez, se você não entendeu ela vem senta e explica pra você o que você não está entendendo, dá trabalhos extras pra você fazer, se você está com dificuldade no trabalho.

E lá como era na escola lá fora?

Explicação uma vez, se não entendeu já era.

E os assuntos, os assuntos que você discute aqui dentro são os mesmos que você discutia lá fora na sala de aula?

Os assuntos basicamente têm alguns que são iguais, as maneiras da explicação é diferente senhora.

Como que é?

Melhor do que lá na rua, aqui tem o debate entre a gente, a professora explica melhor lá não, a professora explica e tá explicado não entendeu, não entendeu.

E lá você discutia família, discutia trabalho, discutia educação?

Não senhora.

Não. O que você discutia na escola lá fora?

Os temas básicos tipo português, inglês, mas fora não me recordo de ter lembrado do tema família, português...

Por quê aqui vocês acham que vocês trabalham português, matemática, ciências, geografia e história?

Tudo de uma maneira só, tudo envolvido num conteúdo só. Melhor do que lá que era separado, tipo era mais carregado e você não aprendia nada, aqui é tudo unido, você aprende bem melhor do que lá senhora.

Você prefere?

Prefiro o sistema desse projeto do que o sistema da educacional da rua.

E você quer falar algo mais assim sobre a escola, sobre...

Agradecer pela chance que vocês deram com esse projeto.

Vocês não tem nenhuma sugestão de alguma atividade que vocês gostariam que tivesse no material e que não tenha, alguma coisa.

No momento ainda nós não tamo dando falta de nenhuma atividade, estão todas boas tá dando pra aprender, explicar, a gente não tá dando nenhuma falta.

Vocês ainda não têm nenhuma idéia?

Nenhuma idéia.

Mas quando vocês tiverem alguma idéia vocês podem falar com o professor de vocês que daí eles conversam com a gente, fala pô aí queria tanto discutir sobre esse assunto e não tem e aí vocês falam pro professor que aí o professor fala com a gente, ai a gente tenta colocar no material pra vocês.

A gente não pode ter aula de ginástica?

Ah até que série você estudou lá fora?

Na 6^a, mas eu queria aprender química.

Sexta série química?

Química, biologia.

Essa matéria você só vai ter no 1 °.

Só no 1° e no 2° né?

Mas em alguns colégios já começa a fazer mais ou menos como faz o PEC, começa trazer algumas coisas já nos conteúdos das outras matérias ali.

(Educador) - Porque a biologia, pôr exemplo, tem no módulo saúde, quem é que viu saúde? Acho que você viu. Saúde tem a ver com a biologia?

É, é biologia.

E tem a ver que é o corpo humano como funciona.

(Educador) - Sabe o que é biologia?

Não sei.

(Educador) - Bio é vida, logia é estudo, então é o estudo da vida, a saúde da a vida, biologia vocês já viram no módulo saúde é lógico que é muito mais. É o estudo da vida dos animais, das plantas, mas você já viu alguma coisa de biologia no módulo saúde e de química também, porque tudo que está acontecendo aqui no corpo da gente é química.

É química.

(educador) - Tudo é química, nosso sangue. São reações químicas que estão acontecendo, a sua respiração é uma reação química, você respira oxigênio transforma. As plantas pegam monóxido de carbono e soltam o oxigênio. Tudo na vida é química essa parede é química, a reação das moléculas que está acontecendo aqui dentro e não consegue furar, a parede é uma parede reação química tudo na vida, seu pensamento é uma reação química dentro do seu cérebro, que está acontecendo no seu cérebro.

Muito importante.

Genial... tudo bem gente não tem mais nenhum comentário, nada?

Não.

ANEXO I.

Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 07

10/11/2003

O que você está estudando agora?

Eu estou estudando módulos da educação.

Educação? Vocês também?

Nós, sobre rap.

Sobre rap? Ah, oficina? Vocês estão tendo, mas e o tema, assim na aula?

Não, tema sobre rap, assim, como é que ele sobreviveu, assim, pra ta numa fase boa, né senhora?

Ah, ta. É o mesmo modulo na educação, né?

É na educação também.

Você também? E o que você mais gosta, assim, dessa escola, assim, vocês gostam do PEC, do Projeto?

Há, é lógico que a gente gosta, né senhora, mais...aprontamos, agora né nós agora estamos nesses temas nós estamos se regenerando pra quando saí, pro mundão. A gente ta com a cabeça no lugar, saber o que é certo o que é errado, dividir os bom e os ruim, pra mim, pra mim ta bom.

Ta? Você gosta?Pra mim ta bom.
Eu também gosto.**(Supervisora da FEBEM) - Quanto tempo vocês estão aqui?**

Eu vou fazer uns três meses.

(Supervisora da FEBEM)- E você?Eu, uns vinte e poucos dias, mais ou menos.
Eu tenho um mês e quinze dias.**(Supervisora da FEBEM) - Então, é,...J. ficou menos tempo é o que passou por menos módulos, o D. deve ter passado por bem mais coisas e o J. também. É o D. já passou por todos?**

Família, educação, eu tava vendo educação, depois eu vi família, vixe, vários negócios.

Justiça, você já viu?

Justiça, já também, o primeiro que eu vi foi justiça.

E qual você mais gostou?

Ah, família.

Família?

Família é legal.

E por quê é? O quê que você mais gosta, assim, nas atividades F?

Nas atividades?

É, você gosta da dinâmica?...

Ah tipo assim, nas atividades, assim, eu gosto mais da atenção dos professores que tipo eles vai, dá atenção pra nós, entendeu, fala assim: “Ó, meu, nós vamos fazer isso e isso de atividade hoje, aí, nós faz”.

Vocês gostam? Gostam da ficha, acham legal, assim?

Nós tava, também, eu tava no meu grupo de atividade, assim, nós tava fazendo boneca, depois nós paramos e começamos fazer uma oficina de poesia.
Também fiz essa.

E aí? Vocês gostaram da oficina de poesia?

Há, a oficina de poesia ta boa.
Ta boa.

Poesia?

(Supervisora da FEBEM) - Mas, o quê que vocês estão fazendo nessa oficina?

Ah, aprendendo a poesia, que tipo assim, cada poesia fala um...
Trava-trovas, trava-línguas, um negócio assim.

(Supervisora da FEBEM) - Trava-línguas é aquela coisa do rei, a rainha, como é que é? O rato roeu a roupa do rei de Roma?

A poesia também fala um negócio assim, que, que já aconteceu, que não aconteceu...
É, tipo o amor, tal, tal, assim...

(Supervisora da FEBEM) - Uma forma diferente de falar, assim...

E durante as aulas, assim, vocês participam, como é que é? Como que o professor pergunta, vocês participam, ele dá atenção pro que vocês falam?

Os meus professores dá, os meus professores eles são assim, firmezona mesmo, meu. Dá mó atenção pra gente, se nós não sabe fazer o bagulho, ela vai lá, ensina, nós faz direito. Ela dá prova pra gente, certo, ótimo, quando é péssimo ela faz o necessário pra dá ótimo...

Também quando ela vai fazer o nosso relatório, ela fala assim: “Ó, D. eu vou fazer o seu relatório agora, então vocês, a sala, ficam quieto, por causa que eu vou fazer o relatório”. Aí, cada um respeita, porque, tipo assim, uma vez ou duas vez por mês sobe o relatório de cada um, como é que vai na escola, e tal, tal. Aí, nós fica em silêncio porque ela ta baseando o que ela viu, que, que ela vai ta avaliando do menor, então, isso é mais importante pra nós, entendeu? Por que ali, ela ta avaliando se nós tem possibilidade de sair ou não, ela também ta dando uma ajuda pra nós, ela ta vendo os nossos, quê, que nós tava fazendo, nossos, tipo, desenhos, nosso tipo de resposta de pergunta que ela faz, ela ta baseando se nós tem chance ou não tem.

(Supervisora da FEBEM) - Então, mas você acha que ela baseia isso de que jeito? D. em que você pensa?

Ah, tipo assim, se ela fala assim, pra mim assim ó: “Faz um desenho pra mim aqui, assim ó”. Aí ela baseia se, o que eu fiz no desenho, ela baseia se eu to bem se eu to mal, se eu entendo bem, se eu não entendo, eu acho assim, eu não sei o pensamento dela.

E você, expressa nesse desenho realmente...

Tipo assim ó, antes de nós vim pra cá, assim, a professora falou assim ó: “Agora, você vai fazer um desenho de um bairro, do seu bairro, como é que é o seu bairro, o real e o ideal”. O real eu coloquei como é que era tal, tal, rua esburacada, tal, tal, tal.

Bairro?

É, e o ideal, eu coloquei assim, como que devia ser, creche, escola, é, um monte de coisa, eu coloquei, aí ela prestou atenção assim, tal...

(Supervisora da FEBEM) - Então, mais aí pra você, o que você acha que de repente foi legal, nessa atividade de ta falando sobre o bairro ideal, você pode colocar aquilo que você pensava do seu bairro real e aquilo que você quer pro seu bairro ideal?

É, porque, tipo, tem uma escolha né senhora? De você ta ali, e falar assim, não, eu quero o meu bairro assim porque, tal, tal, tal...E não ter que ser desse jeito aqui...

E, que nem assim, o bairro do pobre e o bairro do rico, aí, tipo divide, assim, é tipo uma maquete que você fez, né?

(Supervisora da FEBEM) - O ideal tem que ser só o bairro do rico?

Não, o do pobre também...

Pobre tem que ter coisa boa também né? Não é só coisa ruim, né senhora? E no bairro do pobre só tem maldade, no do rico é mais a pampa, eles leva os bagulho à pampa mesmo. O pobre, só criminalidade, droga, se...sem a droga vai querer robar, matar, estrupar, fazer várias coisa errada.

(Supervisora da FEBEM) - Não tem só isso no bairro...

Tem coisa boa também, né.

E tem que pegar, aproveitar as boas.

É, mais é difícil né meu.

(Supervisora da FEBEM) - E aí nesses desenhos, nessas atividades, não dá pra pensar o que fazer pra conseguir chegar nesse bairro ideal? Chega a pensar nisso?

Chega sim.

(Supervisora da FEBEM) - Como que é, o que vocês pensaram nessa coisa do bairro ideal, como chegar nisso, tem que ter posto de saúde, ter escola?

É tipo assim, né, o importante não é nós querer, a comunidade querer também né senhora? Porque não adianta só um querer e todos não querer, ficar de braços cruzados, num fazer nada, todos tem que querer.

Tem que ser uma rede né?

Tem que ser todo mundo unido...

Todo mundo unido...e vocês sentem diferença da escola daqui, da UIP, pra escola normal lá de fora? Vocês estavam...Estavam na escola?

Vixe mano ó, a escola aqui é melhor de que da do mundão mano.

Porque é melhor J?

Há, porque dá mais trabalho, a senhora dá mais atenção, não é que nem lá, ta entendendo? Que você, ah, você faz seu bagulho aí e já era. Aqui não, a senhora vai na calma, perto de você, ensina como é que é. Se você não sabe como é que é a resposta, ela vai lá, dá a resposta. Sua cabeça vai mudando, abrindo mais um pouco, porque você ta com várias drogas na cabeça ainda, você num...Como capacidade de ler, aquele bagulho e fazer a resposta direito, sempre vai ter uma letra ali errado, duas, que a cabeça num bate bem meu, mas como a cabeça batia bem no mundão, eu entendo que as professora não era assim comigo. O professor: "Há, faz do jeito que você quiser aí mano". Eu fazia tudo errado, num sabia nem ler, nem escrever ainda direito, ela fazia pouco da gente.

Pedir pra ela aqui, ela ajuda nós, ela vê se nós tem possibilidade de voltar pra sociedade porque aqui, nós estamos numa situação ruim, entendeu? Mas elas tenta ajudar nós, dum lado ou do outro pra nós vê se um dia volta pra sociedade e num faz mais isso, começa estudar e vê o que faz da vida...

Elas ensina entendeu? Elas também ta aqui pra ajudar nós, também...

Mais, então, assim, fora a atenção dos professores, vocês gostam da escola daqui, assim, porque vocês acham o que, assim, que é uma escola mais...que aborda o conteúdo...

(Supervisora da FEBEM) - O Jarbas fala que tem mais trabalho, né J?

Tem.

Mais trabalho?

Tem, mais trabalho, tem, a professora ensina mesmo, né meu.

E vocês, refletem...

Lógico oh, o cara aprende mesmo viu mano. É aprende bastante meu, porque no mundão lá, num aprendi quase nada meu...

Aqui senhora.

Eu to entendendo até bem mesmo meu...

Aqui tem como a pessoa se regenerar, aqui não tem como a pessoa falar assim: “Eu vou sair daqui, vou, vou...”. Porque aqui a pessoa tem educação de escola, tem educação de monitor, é isso, tipo, ensina tudo entendeu? Como a pessoa, tipo, antes ao chegar aqui e depois sair...

Então, eles ensinam o certo o errado, ensina que você tem que pedir licença pro senhor licença pra senhora, pedir...

(Supervisora da FEBEM) - Então, mas parece que, na escola tem alguma coisa assim, que não é só você fazer aquilo que a professora ta mandando você fazer, mas parece que tem mais coisa, você pode ta pensando...

E então, né?

(Supervisora da FEBEM) - E, assim, esse exemplo que você deu da comunidade né, de repente...E o bairro que você gostaria e o bairro que você tem hoje, quer dizer, não é só fazer aquilo que a professora ta mandando, você ta pensando pra além da escola, né? De voltar, como fazer pra melhorar o bairro na hora de voltar pra casa, né? Pra ser diferente, né J.? Pra não ter...

Oh!

(Supervisora da FEBEM) - Não ter tanta droga, não ter tanto, depende de cada um, né? Vocês acham diferente essa escola de lá, de fora, da normal, né? Por causa da atenção, que tem mais trabalho...

A atenção e do ensinamento né senhora? Que aqui, o ensinamento é mais forte, pra mim é mais forte, eu não sei pros outros menor, mais pra mim é mais forte.

Pra mim é também.

É mesmo, é mais forte mesmo aqui, o trabalho, os de lá num vai dá muito trabalho não, só dá trabalhinho pouco.

Qualquer coisinha você passou de ano, lá é assim, na escola do mundão num sei se a senhora já reparou, lá qualquer coisinha assim...você fez um negócio assim você já ta passando de ano. Aí de repente você vai pro colegial você num ta sabendo nem o que você aprendeu...

Então, é, pra mim aqui é melhor, entendeu...pra mim é melhor.

E vocês têm portfólio?

Como assim senhora?

Portfólio...É vocês tem...Aquela posta, que vocês guardam todas as produções...

Todas as atividades que nós faz, todos os temas?

(Supervisora da FEBEM) - Que temas que você já fez Ju?

Eu, o módulo família, educação e outras coisas que eles citam né...

Qual que você gostou mais?

O módulo família e o da educação também...

Você fez qual J?

Ah, eu tenho duas passagem aqui, eu já fiz uma pá mais não recordei senhora. A primeira passagem eu já fiz o módulo família já...

A outra vez que você teve aqui, já, já tinha esse tipo de escola?

Tinha, já eu me amarrei, na mesma sintonia meu. Até, eu estudava até com uma senhora aí de tarde aí, meu, pô ela dá aula bem, meu. A senhora também era firmeza meu, dava as mesmas aulas...

Aqui é melhor também senhora que tipo assim, depende do tempo que a senhora, que a pessoa está fazendo, aqui eles passam filmes, aí nesse filme, nós vai basear no que aconteceu, no que não aconteceu, que...

(Supervisora da FEBEM) - Aqui tem mais coisas do que, além da escola tem filmes, tem outras coisas...

Pra nós basear se aquele, tipo assim, tem uma família aí passa um filme, por exemplo, o nome de um filme. Aí, de repente a professora fala assim: “Esse filme tem, vale, faz parte do tema família?”. Aí, nós fala: “Faz”. Aí começa, ela faz as pergunta aí, tal, tal, tal...Então nós tem que basear nisso aí...

(Supervisora da FEBEM) - Aí vocês começam falando a respeito do filme que foi assistido?

Do filme.

Aí, essas perguntas que ela faz, vocês refletem, como que é que é?

Reflete porque, tipo assim, né senhora, o filme é a realidade da vida né? É a realidade da vida...

Então dá pra refletir...

Ela coloca uma coisa a mais, ali do filme, pra ver se nós sabe responde, entendeu? ...Aí nós vai maquinar na cabeça e responde meu...

Também vê se nós presta atenção no filme...

No filme...ou se nós fica só de blá, blá, blá, mesmo.

E o portfólio assim, porque que vocês, o que vocês acham que é importante do portfólio essa pasta?

É importante porque você tem que botar os bagulho tudo lá dentro, né meu pra, o diretor aprovar né meu. Pra ver se o menor ta indo bem ou não se ele não tiver indo bem como é que vai fazer um relatório bom dele.

Sei.

E se ele num passa de ano também.

É não, mais, pra você assim sabe, não pensando no diretor ou no juiz assim, pra você, acha que tem alguma importância pra você se...

Ah, eu acho que tem, meu. Olha, eu to fazendo alguma coisa né? Da minha vida né? Além de droga esses bagulho bobo, esses barato assim, to fazendo alguma coisa assim né? Minha cabeça ta batendo né meu.

E também quando você sair no mundão, se pelo menos, se puder levar. Aí se mostra lá dentro da escola que você vai montar esse bairro aqui oh. Você aprendeu isso, isso e isso...e...tira conclusão vida do crime, vida da violência não tem nada a ver, porque lá dentro eu fui ensinado que é isso, isso e isso...separar o certo do errado e o bom e o ruim.

(Supervisora da FEBEM) - E aí, você acha que se, se gostaria de estar mostrando na outra escola, pra outras pessoas?

Eu gostaria, eu gostaria, pode demorar o tempo que for, que eu sair, se eu puder levar o meu papel, eu mostro, falo: “Oh isso aqui eu aprendi, tal, na escola lá, onde eu, na unidade que eu tava, aprendi isso, isso e isso”.

Às vezes a diretora pode basear que daqui é mais forte do que lá, porque aqui é mais... desenvolvido, mais...

Acelerado né?

Mais acelerado...

E, as oficinas, vocês gostam?

A oficina de poesia que eu to que eu tava fazendo eu, eu tava gostando sim.

Tem várias oficinas, oficina de pintura, de prática, um bocado de bagulho lá meu. Fazia boneco, colocava (...) antigamente tinha vários, você num ficava nem maquiado coisa, maldade na cabeça, tinha muita atividade. Tinha também atividade, trampo de linha, nós ficava, tipo, eu ficava, bastante hora no pátio né meu. Nós ali, nós num vai ficar bolando idéia saudável, sempre tem uma idéia má ali, que bate na cabeça.

Aqui é assim senhora, tipo...

(Supervisora da FEBEM) - E, é bom ter as atividades?

Pra mim, eu num vô falar aqui na frente da senhora, que a senhora às vezes é alguma coisa. Na frente da diretora, pra mim aqui, se eu fosse puxar a minha corda aqui nessa unidade tava bom.

Também tava bom pra mim.

Porque aqui você pelo menos, você num tem pensamento ruim, em outra unidade pode ter, porque lá, um negócio, esquisito, aqui não, aqui pelo menos você tem uma escola pra estudar. Você tem hora pra tudo, aqui pelo menos você ta sabendo que um dia você vai sair tal, desenvolvido. Lá não, lá, vai, de repente, você tem seis meses pra puxar lá. De repente a

cadeia vai, tem uns menor que tem um, tem um desapareço, levanta a cadeia, tenta fazer rebelião, você vai ficar mais tempo.

Aqui não, aqui você tem onde você aprende, aqui, tipo, as atividades que tem aqui você num tem como você ter pensamento ruim. Num tem desapareço com ninguém aqui, pode sair assim, umas briguinha aqui, ma pensamento ruim, assim, assim, aqui não.

Tem atividade de cozinha também, fazer comida.

É, culinária.

Os amigo aí faz computação.

Assim, que é, na aula, assim, fica misturado quem sabe com quem não sabe?

É, isso aí, meu.

É, tipo assim senhora, se a professora tiver ocupada e se o menor não entender aquilo, pergunta. Nós ensina, nós que lê, nós que sabe ler e escrever, nós vai lá.

Nós ajuda.

Eu escrevo. Se não sabe escrever, eu mesmo escrevo, que eu, e outro menor lá da sala, que eu sou da sala nova, nós vai lá e escreve, que eles não sabe ler nem escrever.

Aí, quem sabe ler e escrever...

Ajuda.

Senta do lado, vai, ajudar...

Dá um apoio. É num querer se esquivar, né, da escola também.

Tem uns lá né, também num dá nem vontade né, a professora vai lá, né, faz o melhor por você.

É, as professora aqui, né, num tem nem o que falar delas entendeu? Porque minha professora aqui, é muito atenciosa com nós, entendeu? Professora tem condições da senhora explica isso aqui? Aí ela vai, explica.

Você ta passando mal na sala de aula, ela vai lá, chama o monitor, leva você na enfermaria.

E, que série que vocês estavam na escola?

No mundão mesmo?

Eu tava na quinta série, senhora.

Eu tava fazendo a quarta e quinta série lá, senhora.

Eu tava na oitava.

(Supervisora da FEBEM) - Vocês estavam freqüentando a escola?

Eu tava

Eu não tava não

Você estava na oitava? E você na?

Quarta e quinta, aceleração.

(Supervisora da FEBEM) - E você, que estava freqüentando a escola Ju., você, assim, ta sentindo a diferença?

Muita diferença mesmo. Porque na escola da rua, eles num dá muita atenção. Agora essa escola que nós temos aqui na UIP dá mais atenção. A professora já ensina mais, lá na rua não, a professora faz de qualquer jeito, num ta nem aí, elas nem liga, se não souber...Se não souber, ela passa de ano, se não souber assim, aqui não, aqui já tem já uma assistência a mais já.

(Supervisora da FEBEM) - E aí, você acha que a matéria, o jeito de aprender, é diferente?

É diferente, é mais interessante.

E, por que você gostou mais do tema família, porque vocês gostaram mais?

Ah, senhora, eu gostei mais do tema família, assim, porque, ele ensina tipo assim, fala como que você tem que se desenvolver com a família.

E num ser né?

E num ser com a família.

Respeitar uns os outros.

É, dá mais atenção a eles do que os outro de fora, entendeu?

Dá atenção pra eles do que o colega entendeu? Porque tem menores assim, que dá atenção mais pelos colegas do que pela família entendeu?

Isso e outras coisas entendeu? Pra mim, foi bom por causa disso aí, entendeu? Respeitar pais, irmãos.

E eu quando sair daqui, eu vou ver se eu dou mais atenção pra eles, eu tenho certeza que eu vou dar atenção mais pra eles.

Pra mim, acontece mais o que ta acontecendo, entendeu?

(Supervisora da FEBEM) - E tem, acho que, assim, também acaba mostrando que tem famílias diferentes, né?

É.

Um das outras, cada um tem uma família, uma família não é igual a outra.

Sim senhora.

E você, gosta mais do família, porque?

Ah, porque também né? Como que deve trata a família né? A mãe, o pai principalmente, os irmãos também, as avós, os avôs, as tias e tal. Com muito respeito né? Igual que nem, que nem ele falou aí, na rua já tem uns menor que já dá mais atenção pros amigo do que pras mãe, pros pai.

É o que gosta mais da amizade, da amizade.

Não vou fala assim, né, que nós vai pelas cabeça dos outro. Ninguém vai pelas cabeças do outro. É o gênio mesmo que, tem que ir vai, nunca uma pessoa pode falar assim: “Ah eu fiz um assalto e ele que me levou, né”. Nunca pode fala assim, nunca pode acusar uma pessoa.

A pessoa tem que falar assim, eu fui porque eu quis, porque eu quero.

(Supervisora da FEBEM) Não tem capacidade de pensar e escolher, né?

É

E o que vocês acham, assim, vocês acham que, está tendo alguma mudança, assim, em vocês com o que vocês estão estudando. Que mudança que vocês acham, assim, que teve, teve alguma mudança, se não teve, porque que não? Por que vocês acham, assim, que essa escola é diferente, que é mais legal, ta ajudando, assim, vocês, enquanto pessoa, assim, sabe?

Eu acho que ta dando mais pra refletir mesmo a mente, né? Num ponto assim ta dando, não totalmente, né, que é difícil, né meu.

E não deixa a cadeia pesa, né senhora? Porque aqui a gente aprende, pelo menos você aprende de manhã e à tarde tem as atividades, pra você fazer. Então, não tem pensamento ruim, então, como é que eu tenho uma visita uma terça sim uma terça não. Da minha mulher todo final de semana vem minha visita. Então, não tenho que pensar besteira, pensar em fazer rebelião, pensar em pegar funcionário, pensar em pegar professora. Então, pra mim ta bom, aqui, entendeu? Eu se pudesse ficar aqui nessa unidade, dessa unidade aqui eu não tenho do que reclamar, eu não tenho o que reclamar; porque aqui, eu sei que, eu vou sair mudado daqui. Num sei se eu for pra outra unidade, qual vai ser os meus pensamento lá, entendeu? Porque aqui meu pensamento é um, lá pode mudar.

E qual é o seu pensamento, assim...É de sair daqui, o que você pensa, assim, o que você, já tem um projeto, sabe?

Ah, meu pensamento é assim, né senhora, sair daqui, continuar trabalhando no meu serviço que eu tava trabalhando, criar meus dois filhos.

E no quê que você trabalhava?

Eu trabalho de lotação senhora. Continuar trabalhando, criar meus dois filhos.

Você tem dois filhos?

Tenho dois filhos senhora, um casal. E passar a bola pra frente, né? Nunca mais fazer o que é errado, porque antes de pensar em fazer o que é errado, eu tenho que pensar na minha mãe e nos dois filhos, pensar neles, muito bem, porque antes, se eu pensasse antes de fazer o errado, eu não estaria aqui.

(Supervisora da FEBEM) - Que idade tem os seus filhos?

Minha filha tem dois anos e seis meses e meu filho tem três meses.

Quantos anos você tem?

Eu tenho dezessete, vou fazer dezoito senhora.

Dezessete? E você, o que você, assim, mudou alguma coisa...?

Meu projeto... não muito ainda né? Porque minha cabeça ainda não ta batendo muito bem não mano. Eu ainda penso ainda muito no mundão mano, ainda ver o meu filho também né mano.

Que eu tenho um filho também, mas também o cara tem que pensar antes de fazer né meu. Porque você sabe que tem vários bagulho aí que vai lhe atrasar meu. Você mesmo roubando, você sabe que vai ter um desacerto um dia né meu, né. Então, eu tive um desacerto eu tenho que segurar a minha bronca agora né meu, né que, sair, refletir e num ir pro lado do crime agora né mano, é só mesmo.

Você tem quantos anos?

Vou fazer dezoito amanhã.

(Supervisora da FEBEM) - Opa, parabéns.

Parabéns! E você?

Quando eu sair daqui eu vou refletir mais também, ajudar minha família, quero arrumar um emprego também e pensar mais antes de fazer o que é errado, também, né? Que o que eu fiz é errado, isso eu sei, mais também agora, é tarde pra se arrepender.

Mas se você vê que é errado, né, e tentar não fazer mais, né? Daí já...

É.

É, saí já regenerado né.

Isso que importa né.

Quantos anos você tem?

Tenho dezessete.

Dezessete, você também tem filho?

Não, não senhora.

Você gosta, assim, das atividades, você gosta como? Em grupo, como que é, você gosta mais de estar trabalhando em grupo ou quando é uma coisa mais de estar refletindo sozinho?

Grupo né, grupo.

É porque tem assim, uns lá pra você fazer em grupo e tem lá pra você faz sozinho.

(Supervisora da FEBEM) - Ah, você gosta mais de qual?

Em grupo mesmo, porque é mais atento, fica mais alegre, ta um grupo ali conversando tal, tirando várias parada e já era.

Ah, e você Ju?

Eu gosto de fazer em grupo também, que é bom saber o que os menor ta pensando também né, sobre aquele tema.

Então, as atividades também é importante pra nós, pra nós também, aí nós já pensa um pouco, né, esquece as maldade, esquece a rua. Ficar lembrando da rua assim, faz a cadeia pesar, começa pensar na família, nos irmãos, aí num vira, a escola é pra distrair mais a mente.

E o módulo saúde vocês já estudaram?

Já.

E aí, vocês gostaram? Do saúde?

Já, eu gostei.

Eu num sei se eu já estudei, tipo, mas eu num to me recordando.

Fala sobre...Fala sobre sexo, vida sexual.

Ah, já deu.

Fala sobre droga.

HIV, tal.

Prevenção sobre doença sexualmente transmissível.

Fala de diabete, também, né, diabete.

Fala sobre várias doenças.

É, fala sobre como cuidar das suas coisas, como cuidar do corpo, você gostou?

Eu estudei higiene senhora.

Higiene.

(Supervisora da FEBEM) - É, quando, o quanto que é bom, né, pra que serve tomar banho, cuidar do corpo, pra saúde, né?

Lavar as mãos.

Lavar os alimentos pra num pegar doença.

Lavar a mão toda hora que for pegar na alimentação, tal.

Vocês querem falar mais alguma coisa? Do projeto que vocês deixariam, assim, de mensagem do projeto? É (...) se vocês pudessem (...) modificar alguma coisa, nessas aulas, o que vocês modificariam? O que vocês acham que mudariam, pode falar sem ficar com receio de que...É, vocês acham que tem alguma coisa que poderiam melhorar?

É, poderia ter mais alguma, alguma, um negócio que fala de matemática, né? Que matemática também é bom pra nós também.

Matemática?

É, matemática, ciências.

Ciências, também, geografia, pra nós conhecer tipo assim, o que aconteceu antes, antes do Pedro Álvares Cabral, antes e tal.

Outras matérias, sem ser essas aí que tão passando.
Só passa mais sobre esses temas aí, de trabalho, esses barato aí.

(Supervisora da FEBEM) - Então, mais dentro do tema de trabalho, dentro do tema de família (...) Sempre tem alguma coisa de matemática (...) Algum problema.

Que fala assim, quantos dia tal...quantos anos passou.

(Supervisora da FEBEM) - É, alguma coisa tem, né, não é aquela matéria formal que tem na escola é porque é um pouco diferente, né, todas as....

Na escola nunca teve esse tema aí, família, mano, falo a real mesmo, nunca tive.

Vocês tiram dúvida, durante a aula, a professora, vocês tem muita dúvida quando vocês estudam?

Tira, tira dúvida.

Tipo assim, senhora, tira nossa dúvida assim, tipo assim, faz um texto. Aí, cada um faz a sua pergunta. Aí a professora fala assim: “Oh, agora cada um vai fazer o seu modo de pensar”. Aí um grupo vai, se separa, aí a professora fala: “Você, vai D., vai fulano, vai cicrano, soa a resposta”. Aí a professora vai explicando cada resposta, de cada um, entendeu? Tipo, eu respondi uma resposta, a senhora respondeu outra, ela respondeu outra, aí a professora vai, o D. escreveu isso, isso e isso, porque ele acha que é isso, isso e isso, a senhora respondeu de um jeito. Ah, porque ela acha isso, isso e isso.

Todo mundo ouve a resposta de todo mundo.

É, de todo mundo.

E todo mundo participa, como é que?

Todos.

A participação é bem legal, todo mundo gosta de participar?

Participa.

Participa também, né senhora, porque todo mundo quer, quer se regenerar, né entendeu? Ninguém quer essa vida, porque sabe que não compensa.

Se vocês quiserem, ler um livro, vocês podem ler um livro, como é que é?

Ah, só se tiver lá mesmo, o livro, porque na biblioteca eu mesmo nós num vai não.

Num vai não.

Num deixa não.

Não podem usar a biblioteca?

Ah pode, pode, mais ela num traz pra nós lê.

Na sala de aula, ela não leva, na sala de aula ela não leva, tipo, livro?

Não.

Oh, na minha sala, levou, duas vez só, tipo, lê o livro e faça um resumo do livro.

Aí, ela levou duas vezes. Aí, tipo, levou aqueles livrinho, pequenininho, assim, aí, falo assim: “Oh, você lê o livro, faz o resumo, e depois eu vou começar a fazer as perguntas”.

Foi, duas vezes.

(Supervisora da FEBEM) - Mais, aí, vocês lêem o livro que horas, na hora da aula?

Na hora da aula, que tipo assim, aqui nós é, cada dia, um dia antes ela avisa: “Oh amanhã nós vamos ler um livro e tal, tal, tal, amanhã, nós vamos fazer isso, tal, tal, tal”. Aí nós vamos fazer hoje, como nós acordamos um pouquinho tarde, nós vamos fazer aqueles, aqueles negócio que ta ali fora ali.

Maquete.

É, aí, num deu tempo, de nós fazer.

(Supervisora da FEBEM) - É, que é aquilo do bairro, do bairro ideal?

É.

É, tipo o tema educação, escola, tal. As ruas tal. Aí, num deu tempo de fazer, eu acho que amanhã nós vai começar a fazer.

E daí, quando vocês querem ir na biblioteca, como é que é consegue?

Só na hora que nós vai assistir o filme.

O quê?

Assistir o vídeo.

(Supervisora da FEBEM) - Mas, vocês nunca foram na biblioteca pra ta lendo?

Não.

Pra ta lendo, não.

Tipo assim, dá vontade de ler aí você não tem...

Não tem nada, nós só, só passa mais lição. Assim mais pra ler assim, pra pegar um livro pra ler, assim. Eu mesmo, teve uma pá de dia aí, que num...

Também não, também num li nenhum livro da biblioteca.

Mas porque você não quer?

Não, porque a professora num leva pra sala.

Mas você pode pedir pra ela, pra ir lá?

Não sei se pode. Eu acho que ela não tem autorização pra fazer isso, entendeu senhora? Se ela tivesse autorização, eu acho que ela deixaria sim.

Você acha que o material, que o conteúdo do projeto que você ta tendo aqui, que essa escola que você ta tendo aqui, te ajudou?

Ajudou. Eu acho que ajudou, ajudou que os meus pensamento são outros, entendeu? Eu fiz quatro meses, eu tenho, entendeu, três meses que eu to aqui, nessa unidade, então, pra mim, meu pensamento é outro, meus pensamento são outro.

ANEXO J.

Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 08

08/03/2004

Eu queria que vocês dissessem um de cada vez o nome, quantos anos vocês tem e quanto tempo vocês estão aqui na Unidade? E também quantos temas da escola aqui vocês já viram? O tema que vocês estudam aqui à tarde pode segurar, fala nesse negocinho aí vai passando.

F., 17 anos, tem 1 mês e 2 dias que eu estou aqui e quantos temas já tem? Quantos mais ou menos?

A gente ta no segundo agora.

No segundo.

Qual que você lembra, que você já estudou?

É projeto Educação e Cidadania e família.

Meu nome é W., tenho 18 anos, estou na unidade 1 mês e meio mais ou menos, já vimos o 1º módulo, módulo família, estamos iniciando agora o módulo Saúde.

Meu nome é C., estou na Unidade em média 20 dias e já terminamos que nem o W. falou o 1º módulo Família e estamos iniciando o próximo hoje, Saúde.

Meninos, sabe o que eu queria saber? Eu queria saber assim é... O que vocês já aprenderam aqui nesse tempo, que vocês viram esse tema que foi a coisa que mais marcou assim?

Repete pra gente essa fala.

É eu queria saber assim da escola aqui.

Certo.

O que você aprendeu que marcou assim, que você lembra que você acha que foi o mais importante, o que você aprendeu?

Ta certo, o mais importante que eu aprendi tipo no módulo Família foi a questão do afeto que gera a base de uma família o afeto. Creio eu que o mundo; eu enxergava o mundo com outros olhos tipo outra impressão agia de uma certa forma aqui dentro a gente sente falta de tudo lá fora, então a gente aprende como é que é, tem que valorizar sua família, o afeto, a importância do afeto entre a família, por exemplo, a família nossa é o alicerce da nossa vida né? Pô a gente ta começando agora e eles são que tão ensinando a gente, o mundo as coisas do mundo, o que devemos fazer o que não devemos fazer, e a gente... Nós tentamos, nós todos, aqui uma certa independência com a nossa idade, por isso a gente veio parar aqui. Hoje ta sendo difícil pra caramba mais apesar de tudo eu agradeço a Deus porque eu estou aprendendo muita coisa aqui dentro sim, muita coisa meu.

Você acha que é importante?

É importante certo que aqui não é lugar ideal pra gente aprender essas coisas, mas já que estamos aqui meu, ta sendo bom pra caramba aprendi bastante, coisa assim meu, hoje eu enxergo o mundo com outros olhos, aqui dentro eu desenvolvi meu lado critico das coisas entendeu? Ter a minha própria opinião. Sei o que eu pretendo fazer agora e agradeço a Deus sim por estar aqui agora.

E o que você pensa em fazer assim agora?

Tipo eu tenho o 3º colegial né, tenho o 3º colegial.

Já terminou.

Não eu estou no 3º colegial, eu quero sair daqui agora fazer minha faculdade, meu quero fazer Administração, eu pretendo fazer e começar minha vida tudo do zero, agora tudo que for fazer vai ser com cautela, independente do que vai ser feito, vai ser com cautela sim meu.

Porque você já praticamente acabou a escola.

Praticamente, pretendo evoluir muito, porque estudo eu gosto pra caramba de estudar meu, me dedico aos meus estudos pra caramba eu quero evoluir o máximo possível, enquanto eu puder estudar, enquanto eu tiver aprendendo pra mim vai ser ótimo eu gosto bastante.

Que bom. E você, me conta o que você aprendeu que foi o mais importante aqui na escola?

Bom o mais importante foi na parte da família, família patriarcal e família escrava né? Além de ser negro eu vi ali que a família escrava sofria muito diante da família patriarcal, além de ter família eu não tenho intimidade muito grande, não gosto da minha família, tenho alguns atritos familiares.

Mas você tem amigos, por exemplo?

Tenho, minha família atual é os meus colegas né, irmãos, mas tenho amigos lá fora, além de ser morador de rua né, uns 3 anos eu tenho amigo lá fora e umas meninas de rua também.

Sei, mas não importa, são seus amigos e são as pessoas em que você confia.

É.

Não é?

Claramente, não importa.

E que série você parou de estudar?

Parei na 7º série.

Os meninos aqui estão bons, já estudaram bastante. E você me conta; o que você aprendeu, que você vai sair daqui e vai levar?

Eu aprendi sobre a família patriarcal e as diferenças das famílias patriarcal pra família de hoje. A família patriarcal tinha modos diferentes e hoje já tem vários modos de ser, de fazer ser como na família patriarcal, as mulheres só podiam ser... Elas eram ensinadas para ser dona de casa, esposas e mãe, e hoje já tem seus próprios afazeres e ...

As mulheres que lutaram pelos seus direitos.

Pelos seus direitos, só isso.

E que série você parou de estudar?

8ª série.

Então pessoal aqui já é bem estudado o pessoal. É eu queria perguntar outra coisa pra vocês, vocês já estudaram em outra escola quando vocês estavam privados de liberdade sem ser essa? Já estudou em outra escola?

Escola Estadual de São Paulo?

Escola de Unidades?

Já, já.

Já. E era igual a essa?

Não.

Como que era?

Era nossa, diferente, porque não tinha apostilas era caderno a gente copiava da lousa. Às vezes a professora tinha até medo de explicar, porque em UI é diferente então não tinha aquele conhecimento aquele né grau que tem aqui, que os professores eles né, explicam até o último momento com aquela paciência entendeu? Os professores da UI é diferente.

E você acha que o que você esta aprendendo aqui é mais importante do que você aprendeu da outra vez ou você acha que é igual?

Mais importante.

Você gosta da escola daqui mais do que daquela ou daquela mais do aqui?

A sim, aqui.

Por quê?

Porque aqui fala de umas coisas mais necessárias pra mim entendeu? Família eu particularmente não sabia nem o que era família patriarcal, família escrava, não sabia essa diferença em nenhum momento e lá não iam explicar pra mim esse tipo de coisa ia explicar coisa diferente, matemática, português.

E aqui vocês acham que vocês aprendem matemática, português, história, geografia?

Matemática até agora não, mas geografia, historia, professor conta muito a historia, professor W.

No colegial já é mais complicado que tem um negócio mais evoluído, diferente então eu sinto falta daquilo entendeu? Porque eu gosto de estudar pra caramba na área de exatas eu gosto pra caramba, a senhora citou matemática, eu sinto falta pra caramba aqui.

E aqui você acha que por enquanto não aprendeu a matemática?

Porque o que a gente vê aqui é coisa de 5^a, 6^a, 7^a série, coisas que eu já sei entendeu? Então pra mim está sendo uma revisão uma coisa básica, tipo não vai servir de nada pra mim, eu quero mais e aprofundar mais o que eu já sei entendeu?

É talvez aqui seja importante então pra você pensar em algumas coisas.

Aqui nessa Unidade ta sendo tipo um tempo pra mim; acho que eu sento aqui reflito sobre tudo que eu fiz que eu deixei de fazer, me arrependo de muitas coisas que eu fiz também que eu deixei de fazer também essas coisas. Esse momento pra mim ta sendo todo meu. Eu estou aprendendo muita coisa aqui né, coisas básicas do ser humano, agora em questão de estudo essa coisas, pra mim está sendo muito fraco, eu quero evoluir, eu tenho que ter uma evolução aqui ter uma estabilidade aquilo e sempre aquilo entendeu? Eu quero evoluir bastante, aqui pra mim está sendo fraco pra caramba.

Você está achando fraco porque você terminou o 3º colegial.

Certo, eu quero evoluir e aqui está estabilizado o negócio.

Mas você consegue, se achar que tem uma parte de historia, mesmo você já tendo a ...

Com certeza, tem muitas coisas que a gente ne aqui hoje são pedaços de coisas míseras que eu não vi lá no passado e que eu não sabia eu estou aprendendo aqui sim. Aprendi bastante coisa aqui em relação de família essas coisas assim, nossa meu eu aprendi pra caramba coisas que eu não sabia eu aprendi.

E você? Você acha que você aprende matemática, português, historia, geografia?

Matemática não, mas português, história e geografia sim o básico sim.

É porque a escola aqui ela é diferente, ela não trabalha as disciplinas separadas, na verdade a idéia é trabalhar um tema e ai junta todas as disciplinas nesse tema, entendeu?

Certo.

Essa é a idéia. Acho que até na família tem uma atividade que é de matemática, não tem uma atividade que trabalha formas geométricas?

Tem.

Então isso aí é matemática, entendeu? Agora me conta uma coisa e o portfólio, você tem portfólio?

Como?

A pasta, aquela pasta.

Tenho sim.

E aí? Você gosta da pasta, você vai levar a pasta quando você sair daqui?

Vou, vou levar.

Vai por quê?

Porque é uma prova que eu estudei aqui, do que eu aprendi.

Tem bastante trabalho na sua pasta?

Tem, tem bastante.

Você acha que a pasta é importante?

Com certeza.

E você, sua pasta, você tem pasta?

Tenho, tenho pasta sim, inclusive sair daqui pretendo levar ela comigo sim meu, porque aqui dentro em certos momentos a gente teve oportunidade de expressar o que a gente tava sentindo, o que a gente pensa. A gente teve tipo uma certa liberdade ali naquela folha e ali eu escrevi muita coisa pra mim que surgiu de dentro de mim e que eu achei bacana pra caramba. Eu quero levar pra guardar de recordação sim meu, isso aqui vai ser uma historia e tanto pra mim.

E sua pasta, você tem pasta?

Tenho, tenho pasta sim.

E você gosta de arquivar seus trabalhos na pasta?

Sim, sim gosto.

Por quê?

Porque é uma forma de organização pessoal, dali dos nossos trabalhos né? Que todo dia eu pego folheio um por um e lembro né, daqueles outros dias.

Ah, você vai relembrando?

E estudo até mais uma vez, se vejo ali depois no outro dia que não ta certo, eu vou lá e reformo.

E na outra escola que você estudou, na outra unidade tinha pasta?

Não, tinha pasta não.

Não tinha?

Era um caderno e só, um caderno normal.

Era um caderno normal?

Caderno normal.

Você não quer contar mais se você sente diferença da escola de lá pra escola daqui?

Sente diferença porque que nem eu disse lá os professores além de demonstrar medo para com os próprios adolescentes eles iam lá dentro com aquela é... Como é que se chama; se pode falar?

Vontade.

Vontade interior de si do todo aquele conhecimento que se tem dentro da pessoa em prol da outra pra própria. No caso dos adolescentes que nem eles chegavam escreviam aí ou até mesmo o adolescente porque tem mesmo na sala de aula aqueles anterior né, aí pegava gritava com todo mundo, saia da sala, lógico todo lugar aí ela sai da sala e não da mais aula, aí então entendeu? Não era uma coisa assim que ela criava aquele entusiasmo de dar aula, era por obrigação eu acho né.

E lá você podia...Aqui você pode na sala de aula expressar sua opinião e falar o que você pensa?

Livremente, livremente.

E lá?

Lá não, não dava espaço ela só, por exemplo, é teve de geografia ta? Aí ela colocou lá e quem descobriu o Brasil e não sei o que, aí foi falando das histórias aí já incluiu história né de lá pra cá como é que se foi indo, não sei o que. Então se fosse aqui no caso ela ia dar um espaço pra alguém falar alguma né? Alguma idéia no caso né? Não é essa a palavra adequada, mas deu pra entender né? Alguma idéia, lá não escreve tudo isso entendeu? Acabou a aula tchau.

Entendi, então aqui você tem mais espaço pra falar?

Lógico, livremente.

Você acha?

Acho, os professores são mais atencioso aqui com a gente.

E que atividade vocês não gostaram?

Que eu não gostei?

Pode falar, que vocês acharam chata, ou se vocês tem alguma sugestão de atividade, que vocês acham mais legal pra estar incluindo.

Ah, uma atividade que teve, que não tinha nada a ver, uma atividade de mãe é assim colocou lá mãe querida, mãe formosa.

Você ouviu a musica da mamãe?

Eu ouvi.

E o que você achou?

Eu achei muito infantil pra minha idade gente.

Antiga, antiga.

Nada a ver.

É meninos essa música é do tempo da minha bisa.

Aí colocou pra gente o que é mãe pra você é, ué gente a mãe é tudo na vida de qualquer pessoa. Existe alguns casos que a mãe né, faz o que faz com o filho, filho toma ódio da mãe, mas é claro que nós amamos nossa mãe em primeiro lugar né? Eu achei muito infantil.

É a música, ela é muito antiga, mas aí faz comparação com aquela musica Mama África.

É Mama África deu certo.

Pra mostrar a evolução da mulher né, aquela mamãe querida, aquela mulher que é submissa tal, ai a Mama África já é uma mãe solteira que tem que fazer mamadeira e trabalhar.

É verdade.

Não é? Essa foi a idéia.

Ter paciência de ver não sei o que.

A sua opinião é que coloque uma música um pouco mais moderna?

Mais moderna naturalmente.

Ta, ta ao invés da mamãe querida, que Mama África é moderna.

Não, a Mama África tudo bem, mas mamãe querida não sei o que, aquela infantilidade.

Conta você agora se tem alguma coisa, eu vou levar sua sugestão ta, conta uma atividade.

Em questão de atividades são legais sim, mas eu acho que deveria ter umas atividades profissionalizantes meu, porque a gente já tá aqui, tipo assim nesse veneno vamos dizer, a linguagem dos menores põxa a gente precisava de uma oportunidade de vida meu, uma oportunidade de mudar né, que nem eu como vários menores que como eu tem vontade de mudar a gente fica nessa rotina, não vai ter como a gente mudar, vai ficar sempre nisso entendeu?

- Porque assim, eu vou te explicar, o profissionalizante tem na UI né.

Ta certo.

Porque aqui como vocês deveriam ficar no máximo 45 dias a gente acha que não dá tempo de trabalhar um profissionalizante, mas tem um tema que se chama trabalho é que você ainda não viu, tem um tema que chama trabalho que daí discute assuntos sobre o trabalho, o que é o trabalho. Agora o profissionalizante como aqui é UIP a gente acha que o profissionalizante não caberia aqui, mas na UI tem profissionalizante.

Ta certo.

Eles são mais extensos né, geralmente os cursos são de 3 meses, aí não dá tempo de passar aqui na UIP. É só por isso, porque a gente também acha importante um profissionalizante.

Ta certo.

E você tem alguma sugestão, alguma atividade que você achou chata, você gostou da mamãe querida?

Não.

Por quê?

Ah, não sei.

Você não gostou?

Não.

Você achou antiga também?

Muito antiga.

Aí não falei que você não gostou. E você gostou?

Também não.

Não?

Muito antiga.

Parada.

Negócio muito monótono.

Sabe o que eu acho assim, veja bem pra chamar a atenção dos adolescentes atualmente tem, por exemplo, porque não usar o rap né? Existe raps que é a apologia do crime, vamos deixar esses a parte, mais também existe raps que podem ser usados na escola entendeu? Chamando a atenção nesse tipo de ritmo na musica e também ao mesmo tempo dando aquela né, escolaridade aquela coisa, envolvendo o rap entendeu?

Entendi.

Por exemplo, é um rap da mamãe chama atenção dos meninos entendeu? Vamos fazer um grafit é de alguma forma da mamãe né, vamos fazer um desenho, uma tatuagem no papel da mamãe entendeu? Levando isso que é, por exemplo, eu não curto rap, mas eu já...Que nem eu disse que eu já fui preso na UI né, então meu envolvimento com os meninos foi muito grande, então eu vi ali que se colocar lá, por exemplo, é um advogado uma historia vamos supor, um advogado com sua esposa com os seus filhos um dia estava andando de carro e bateu o carro e não sei o que e não sei o que lá, não vão chamar atenção porque isso, nem só na situação deles no momento; vamos colocar lá 2 meninos estavam usando drogas entendeu? Aí não sei o que pararam de repente começaram a ver que aquilo não era pra eles é sem querer envolvia religião, mas vamos supor que é uma pessoa, chegou nele falou sobre Jesus e ali ele foi vendo e conseguiu se recuperar das drogas entendeu?

Entendi.

Porque essa de mamãe, de né...

Talvez o tema da mulher porque na verdade a gente quis mudar, quis mostrar a mudança da mulher que lutou pelos seus direitos que hoje é uma mulher que trabalha que não fica só em casa cuidando da casa entendeu? Talvez trazer um pouco mais pra realidade de vocês, é essa a sua sugestão?

Porque não existe só um tipo de família, tem olha aqui ele. Vamos supor o W. tem a família né biológica, mãe, pai, tia, tio. Eu não tenho minha família biológica entendeu? Ele tem; tem meninos que também não tem porque morreram, tem meninos que tem...Adotivo que eu já conheço uns aqui na própria unidade, então colocaram lá entendeu? Só família biológica, família, mãe e filho, pai e filho entendeu? Não colocaram aquelas famílias adotivas né, tem meninos que conviveram em abrigo desde criança, teve um menino que eu conheci entendeu? Uma pá de coisa que você tem amizade em todos os lados, atingindo...

Nós fizemos um resumo geral disso, família não é só família biológica, família engloba uma união de pessoas. Se rolar, se tiver um afeto entre eles aquela união já vai ser uma família independente do local, de cor de raça, independente, houve união, houve um afeto é uma família.

Que nem a gente aqui no pátio. A gente tem uma união, tem um afeto um pelo outro isso já forma uma família pra gente, nós mesmos formamos nossa família tal, tal.

Isso, é a idéia que a gente ta querendo passar pra vocês, é essa a idéia que a gente quer passar, por isso quando você falou “aí eu tenho um grupo de amigos” que eu falei é pode ser considerada sua família.

Sua família.

Vocês gostam um dos outros, vocês confiam um nos outros não é?

É.

Que a idéia é que não precisa ser só a biológica não é?

É.

Agora mais uma perguntinha que eu quero fazer; o que vocês querem levar daqui quando vocês saírem daqui? Qual é o maior sonho de vocês quando vocês saírem daqui?

Em relação à unidade ou em relação aos nossos objetivos do mundo?

Em relação aos objetivos do mundo.

O único objetivo que eu tenho é sair daqui e mudar minha vida, começar estudar, exercer uma profissão e ter uma família, como todo mundo, como todo ser digno e honesto né? Porque toda maioria aqui é tudo criminoso que nem eles falam, todos vão pelo lado mais fácil, escolhe o atalho da vida, eu quero trabalhar honestamente, começar minha vida do zero tudo de novo.

Você acha que a escola aqui ajudou pra você pensar nisso?

Com certeza, principalmente a professora, porque aqui dentro tipo assim, a gente é menosprezado a gente não tem aquela atenção necessária entendeu? Na sala de aula com a minha professora meu, a única pessoa na unidade que demonstrou atenção por mim tipo buscou em mim aquela confiança entendeu? Depositou a confiança dela em mim, isso me ajudou pra caramba meu, me senti valorizado com isso, despertou em mim minha capacidade, minha vontade, minha ambição de ser alguém na vida meu, ela me auxilia pra caramba meu.

A professora?

A professora.

Você acha que ela é a única pessoa aqui dentro da unidade?

Ela e seu F., ela e seu F. tão tentando me ajudar pra caramba, porque eu tenho maior diálogo com os dois entendeu? Eu acho o que falta aqui dentro é isso meu, aquela atenção, atenção, atenção aos menores porque a gente senta no pátio, a gente fica num canto sem fazer nada tal, tal, aí fica naquela rotina, eu acho se tiver alguém pra chegar na gente, falar você tem que fazer isso, assim, assado meu, o mundo é assim vocês têm que seguir esse caminho tal, tal, sempre eu; ajuda pra caramba meu, não a gente ficar no canto largado, isto daí atrapalha pra caramba meu. Então as únicas duas pessoas na unidade que me ajudaram pra caramba, me estimularam, me ajudaram muito foi o seu F. e a professora V. meu, essas duas pessoas.

Você acha que ainda tem essa coisa de deixar vocês no canto largados?

Eles tentam dar uma certa atenção, mas não é a atenção que a gente precisa realmente entende? Buscar lá no fundo o porque que a gente veio pra cá, quais são os motivos, eles não, eles só falam o básico. Agora tentar buscar lá no fundo o porque que você veio aqui, o que te trouxe a fazer isso entendeu? Tentar mudar esse quadro acho muito melhor eles mudaram assim, você vê que tem menores que passaram 5; 6 meses numa unidade, então vai da gente também né meu; só que a gente precisa de uma ajuda sim, com certeza meu a gente precisa de uma ajuda.

E você acha que um projeto de Educação assim numa unidade como essa ele ajuda nessa coisa?

Ajuda com certeza, porque esse projeto que a gente viu sobre família aqui, me ajudou pra caramba meu, foi tudo relacionado, a nossa vida, nossa adolescência está sendo voltada a nossa família porque eu falo assim...Minha família meu, assim que eu nasci eles se tornaram o alicerce da minha vida, eles me ensinaram o que eu deveria fazer, eles me alimentaram, eles que me vestiram, eles que cuidaram de mim entendeu? Então é isso o essencial, eu me sinto valorizado com isso, me sinto valorizado sim. Então a gente sente o direito de ser alguém na vida, não tipo um adolescente não tem ninguém pra ajudar ele meu, ele se sente perdido no mundo fica sozinho pra lá e pra cá vagando no mundo o que ele vai fazer da vida dele? Nada meu desde que ele tenha o psicológico muito forte meu, ele opine por alguma coisa e batalhe por aquilo, mas lá não meu, você ta sozinho no mundo, você quer opinar pela coisa mais fácil meu. Você quer roubar, quer matar, quer traficar, pra você construir sua vida entendeu? Eu acho que esse projeto família foi muito bom pra mim sim, muito bom sim, que nem no mundo eu era muito orgulhoso também meu. Eu tinha um certo orgulho não dava atenção pra ninguém, queria ser independente tal e aqui dentro meu o orgulho que a gente sentia acaba, acaba que você fica fraco mesmo, você começa a chorar por tudo, você começa a lembrar de tudo daí você acorda pra vida sim meu, aqui eu despertei meu lado crítico. Lá fora tipo era influências, influências atrapalham muito meu, as influências, agora você tem seu lado crítico meu, você sabe o que é melhor pra você o que vai ser pior pra você, você sabe o que tem que fazer entendeu?

Você tem uma coisa formada que é uma opinião sua.

Com certeza, isso é o essencial do adolescente, ter sua própria opinião meu. A sua própria opinião, não depender dos outros totalmente dos outros entendeu? Que muita gente...Chega um amigo que te fala uma coisa e você faz aquilo, agora que você vai ver, você para nesse lugar aqui entendeu? Então você tem que ter sua opinião e se interagir com sua família meu, tem afeto com ela, ter um diálogo saudável que é a melhor coisa, porque lá fora meu, eu não valorizei minha mãe como ela merecia, hoje eu sinto pra caramba isso daí meu. Eu tenho que demonstrar pra ela de todas as formas, agora o que eu sinto por ela; tarde pra caramba meu, tarde não ajudando pra caramba nunca é tarde.

É

Mas é chato meu poxa eu podia ter feito isso lá fora, quando eu estava do lado dela, agora que eu estou aqui dentro vou fazer isso meu, isso machuca pra caramba.

Mas o importante é fazer.

É com certeza.

Porque às vezes você pode ficar aqui dentro também e não fazer, não pensar.

Também isso.

Acho que nunca é tarde, acho que o importante é a gente pensar o que a gente pode estar melhorando não é? E sair daqui, se você sair daqui já com essa opinião própria, com essa consciência....

Isso.

Você é uma pessoa que está no 3º colegial quer dizer você está terminando, você está com tudo aí, a hora que você terminar... Vocês todos já estão em séries bem avançadas já sabem o que é uma escola, já sabem ler, escrever, o mundão tá aí, as portas vão estar abertas entendeu?

Tá certo.

Então eu acho que essa consciência já é importante. Outra coisa que eu queria perguntar; Vocês trabalham muito em grupo na sala de aula?

Tipo assim, na sala de aula eu por ter 3º colegial eu tento ser mais individualista, porque a gente vai fazer um trabalho fica aquele negócio tal, tal. Então eu sou individualista até um certo tempo, eu faço minhas obrigações eu terminei, eu vou auxiliar os outros que não sabem.

Você ajuda?

Eu tento dar uma ajuda sim com certeza, e o que eu sei não é muito, mas é o suficiente pra ajudar eles que até então não sabem como eu sei, que não é muita coisa também, mas eu auxilio bastante sim meu, eu auxilio sim, eu acho que é bem legal isso.

É legal?

Com certeza.

Agora me conta você...O que você quer fazer, o seu sonho quando você sair daqui?

Meu sonho?

É

Bom meu sonho profissional é ser professor de matemática e línguas.

Aí que delicia.

Porque eu amo inglês, espanhol, matemática também né, meu sonho profissional, bom o que eu quero fazer quando eu sair daqui é estudar muito entendeu, mas ao mesmo tempo vem aquela desanimação das drogas e outra não vou conviver com a minha família, porque é o seguinte eu sou homossexual, então quando eu assumi pra minha família, foi um espanto.

Imagino.

Entendeu? Foi aquele negócio então, eu sai da minha família com 8 anos de idade, convivi em abrigo por muito tempo, fugia, voltava, então assim é a minha vida, então eu não sei aonde me apoiar pra conseguir estudar, voltar aos estudos, não sei entendeu? Não sei particularmente eu não sei.

Você não tem que se sentir deferente porque é homossexual é como qualquer outro menino que tem que se apoiar e tem que sair daqui e tem que procurar; não tem diferença nenhuma, qual é a diferença?

Eu paro assim às vezes e falo assim: "Porque eu? Porque eu não nasci com atitude de homem?". Eu sou feliz, particularmente eu não sou feliz, porque eu não sei atualmente entendeu? Eu falo que a minha opção sexual é homossexual, mas eu não sei atualmente qual é a minha opção, eu não consegui colocar ainda entendeu? Encaixar na minha memória que eu tenho que ser... Porque isso foi mais ou menos uma obrigação a ser, porque foi parentes meus; que as minhas atitudes afeminadas começou a falar que eu era homossexual, homossexual, e aí me agredia minha família. Meus pais me batiam entendeu? Meu pai eu nem conheci nunca na vida, minha mãe me batia porque meus tios falavam que eu ficava rebolando, porque eu tinha atitude de afeminado né. Então eu sai da minha casa né, assumi obrigadamente o que eu nem sei o que eu estava assumindo. Eu falei pra minha mãe que eu era bicha, gritei de nervoso em uma discussão, ela jogou tudo as minhas roupas falou assim: "Se você, você vai ver qual é a sua opção". Então eu disse assim, se ela não me aceita do jeito que eu sou, ela não me ama, então eu sai da minha casa, foi difícil, voltei aí sai, aí ela falou que eu tinha que ser homem dentro de casa entendeu? Então não tava me sentindo livre e vim para São Paulo, eu usava droga até os 12 anos.

Você é do interior?

É.

Da onde?

Sou de Jales, então eu não usava droga até os 12 anos de idade, foi quando eu se envolvi com outras pessoa aqui em São Paulo né, comecei a usar droga, aí comecei a se envolver também com atos infracionais e infelizmente... Hoje eu não quero mais, porque eu estou cumprindo nessa unidade, que eu estou com a medida socioeducativa de internação, sanção por 90 dias. Então eu estou cumprindo essa medida pelo fato que eu quebrei a semiliberdade entendeu? Porque o Juiz me deu a semi, eu entendi o porque, ele me deu a semi porque não podia me mandar pra família entendeu? Mas tinha que cumprir a medida e não queria mandar logo pra internação porque ele pensou que eu tinha uma chance né, e eu fui pra semi, acabei quebrando, 2,3,4,35 vezes e vim com internação sócio, mas eu não vim com outro BO, eu vim a busca coercitiva que é a busca e apreensão e vou cumprir, particularmente ainda não sei o que eu vou fazer.

Você ainda está um pouco confuso.

É, não sei, não sei, não tenho a mínima idéia, mas eu quero ser professor.

Ah, isso é importante se você tem esse lado no final.

É tem, lá no final tem.

Agora você precisa ver o que você vai fazer, pra você chegar lá.

O começo pra mim seguir, entrar na pista né, como se diz o outro.

Isso pra entrar na pista, mas vai entrar a gente acredita viu.

Se Deus quiser.

E você conta pra mim, se você pensa em alguma coisa especial quando você sair daqui.

Eu, quando eu sair daqui primeiramente eu quero arrumar um emprego, terminar meus estudos né, eu estudo a noite.

Também está na 8ª né?

8ª.

Está quase acabando.

Quero poder terminar meus estudos e fazer um curso profissionalizante pra mim poder ser advogado.

Ai, o povo aqui é chique.

E poder construir uma família.

Ai, que legal!

Ser um cidadão honesto daqui pra frente.

E você acha que um projeto de Educação assim quando vocês estão aqui na UIP é importante, assim ter a escola todo dia. É importante porque você acha que é importante ter escola e ter educação aqui na unidade?

É importante porque ajuda a gente a pensar no mundo lá fora e ter mais, como é que se diz? Certa cautela.

É uma certa cautela no que a gente possa fazer lá fora e não cometer mais besteiras, como nós cometemos né, e é isso né.

E as oficinas, vocês estão fazendo oficinas à tarde?

À tarde?

De manhã, de manhã.

Eu estou na informática, você me viu lá, no jornal.

Conta.

Falar nisso eu queria depois se pudesse fazer uma entrevista, básica pra colocar no jornal.

Ta, ta eu aceito ser entrevistada.

Mas é serio, é porque eu deixei ainda, não tive a idéia de ter o espaço educação, porque eu tive trabalho, eu tive espaço lá no jornal, polícia tudo e não coloquei educação, mas fala a pergunta.

Conta eu quero saber...Conta o que você acha da oficina, se você acha...

De informática.

Isso.

Como eu já tinha...

Você, conta que você estava fazendo um jornal no computador.

Bom, vamos lá como eu já tinha um conhecimento básico da informática entendeu?

Você aprendeu aonde? Na escola?

Não lá fora, no abrigo, me deu o curso entendeu? Me deu o curso e eu fiz, aí como eu gosto de computador, amo computador eu pedi pro F. me colocar na informática, passou até na frente de alguém de alguns meninos, aí o professor disse que o curso daqui é básico, ensina a ligar, desligar, digitação. Aí eu fiz a carta pra minha mãe e não tinha mais nada pra fazer né, aí eu pensei: "Eu não vou ficar aqui 10 dias né e não ter um resultado bom". Que eu gosto de fazer as coisas com resultado mental, que era o conhecimento da informática, eu queria o resultado né, de elogio pelo que eu já tinha feito, que eu né coloquei pra colher, aí me deu a idéia como eu já tinha feito a oficina uma semana antes.

A oficina de jornal?

A oficina de jornal em grupo, o W. também estava no grupo. Eles, o grupo família, eu fiz o carnaval.

É, beleza.

Aí, então eu me inspirei no, num né...Então vamos fazer jornal né, aí eu fiz o jornal, fiz, não terminei ainda. No começo ia ser um jornalzinho, pequenininho, mas aí eu fui colocando, colocando, que eu vi que tava...Tá lá com 16 a 17 páginas.

E você acha que a oficina de jornal, ajudou a pensar.

Ajudou.

Ajudou como?

Ajudou porque eu não tinha nenhum conhecimento de jornal.

Ah, é.

Nenhum conhecimento, eu é...Meus pais assinam jornal porque minha mãe é professora ela assina jornal, então eu lia jornal, horóscopo, eu ia lá no horóscopo eu vou ver como vai ser a semana entendeu? Aquela coisa de adolescente entendeu? E no abrigo também tinha revistas entendeu? E no abrigo também eu lia aí então eu vi que fazendo o jornal era bom, eu vi lá no dia lá que eu entrei na oficina de jornal, também no grupo foi bem questionada, tem brincadeiras, discussões, polêmicas né é muitas dessas coisas no grupo, ajudou.

Parabéns, depois eu faço questão de te dar uma entrevista. Conta você das oficinas. Você tem feito as oficinas de Projeto?

Então eu não tenho feito muito, porque eu fico mais na parte de assistência, que eu sempre ajudo os professores, os funcionários entendeu? Então praticamente eu não fiz as oficinas, até então eu estou na informática agora, só que a informática é básica como ela disse, ela fez o jornal ta ficando bacana pra caramba. Eu só faço tipo cartas, digitação, vou auxiliando também o pouco que eu sei pros outros menores que não sabe e a gente fica nisso eu e ela sempre ajudando os outros menores que a gente sabe um pouco mais que eles só.

Mas você participou do jornal?

Particpei ela inclusive estava no meu grupo também, eu ele que montou o jornal sozinho, porque os outros ficavam na minha sala, eu e ele debatendo, debatendo.
O outro que desenhou né, o R.
Fazia os desenhos, a parte de dissertação era eu e ele que fazia sempre.

Legal.

Ficou legal.

Jornal é importante né?

Poxa ficou bem legal é um lado criativo né meu, você começa a criar, criar, você começa a se empolgar vai surgindo uma coisa aqui, uma coisa ali, você encaixa tudo; que nem ele tem uma mentalidade legal pra fazer essas coisas, então a gente debatia pra caramba, chegava a uma conclusão, passava no papel, pronto tava legal.

Todo mundo tem. Os meninos têm aquela inteligência, basta querer conhecer, conhecer, conhecer, entendeu? Porque a maioria deles é...Se influenciam pelos colegas, amigos. É porque nunca o menino entra no crime sozinho, fazer usar droga sozinho tem que ter sempre aquele amigo, que leva, que ajuda, porque eu fui também com um amigo e eu a 3, 4, 5 meses atrás dizia que ele era meu melhor amigo entendeu? Me traiu de todas as formas, roubou-me tudo que eu tinha, pouquinho que eu tinha, mas se ele precisou, melhor que eu, faça bom proveito, mas um dia eu tenho vontade de ver só ver, parar e ver porque eu quero saber o porque, porque eu nunca fiz isso com ninguém, uma traição entendeu? Colega assim eu confiava muito nessa pessoa, essa pessoa me traiu de todas as formas possíveis e por ela eu comecei a usar droga, por ela não com ela né; porque foi com ela, mas seja o que Deus quiser.

Meninos alguém quer falar mais alguma coisa sobre a escola, sobre o que aprendeu, ta em aberto, se alguém quiser fazer algum comentário.

Mudou, mudou o que?

Aqui, depois que você chegou aqui, começou a participar da escola.

Bom eu cheguei já tinha a escola, eu cheguei dia 16 de fevereiro então já tinha a escola, tinha começado a uma semana eu acho, que eu me lembre, não lembro, mais ou menos isso né? Eu cheguei no dia, na semana, não lembro o dia exato, no outro dia eu fui pra aula, eu lembro que eu fui pra aula, professor W. Então como eu fui nascido em...Uma família Evangélica entendeu? Então ele é filósofo né, então ele questiona, critica religião, então aquilo me começou a ...Ódio contra ele aí viu que...Aí ele falava assim, Jesus não, não sei o que, essa coisa de filósofo e eu discutia com ele, questões nada a ver a doutrina, ele falava de pastores, pastores safados que vão lá dá o dinheiro, que é verdade existe isso mesmo. Aí eu comecei a me ofender, comecei a discutir com ele a questão do pastor lá que tinha...Mas isso aí senhor quem vê é Deus, não é o senhor que tem que ver se o pastor é isso, aí um dia eu perguntei pra ele: “Porque os filósofos eles criticam tudo que eu não sei até agora”.

O que ele falou?

Eu não lembro mais, mas foi bem, ele disse assim, não prestei bem atenção porque ele disse assim: “Bonita pergunta, ótima”. Ai deu o recreio, aí eu não lembro, não lembro sabe, ele conta altas historias, ele mexe com o público de cada um ali.

ANEXO L.

Entrevista com os adolescentes da UIP M - Grupo 09

08/03/2004

... A gente abrevia, chama de PEC que é esta escolarização que vocês tem no tempo que vocês estão na unidade de internação provisória. Aí vocês falam e se apresentam né?

(Supervisora da FEBEM) - Eu sou C. e eu trabalho na FEBEM mesmo, trabalhei com supervisão de unidade e agora eu acompanho esse projeto que é o Educação e Cidadania.

Meu nome é J. estou aqui a 1 mês e 20 dias.

1 mês e 20 dias e qual sua escolaridade?

Minha escolaridade? 8a série completa eu to fazendo o 1º colegial.

Já estava fazendo?

No mundão eu não estava estudando, comecei a estudar aqui agora senhora. Meu nome é P. eu to aqui a 3 meses e só isso.

Você estudava lá fora

Estudava.

(Supervisora da FEBEM) - **Está a quanto tempo aqui?**

3 meses e 14 dias.

Que série você estava lá?

Eu tava no 1º colegial.

1º colegial. E você?

Meu nome é A. eu to aqui a 30 dias.

30 dias?

Isso.

E qual sua escolaridade?

Eu parei na 7a série.

7ª.

(Supervisora da FEBEM) - **Aqui você está fazendo a 7ª?**

Bom aqui...

Fala.

To fazendo a 7ª série, pelo menos aqui tem uma coisa de bom né? Que coisa que eu não me interessava na rua. Aqui dentro a gente se interessa em alguma coisa e tal. A gente não vem pra sala de aula não pra passar o tempo, a gente vem pra sala de aula com intenção de aprender o que a gente não aprendemos na rua, o que muitas vezes assim não aprendemos porque nós não quisemos porque oportunidade várias... Oportunidade surge, mas nós que não se agarra a oportunidade estamos procurando se agarrar na oportunidade aqui dentro, procurando melhorar assim tal é um projeto interessante que ta... Família indígena, família nossa, família atual, família patriarcal, família escrava é um trabalho onde desenvolve. Eu aprendi aqui dentro também a gostar da minha própria família, coisa que lá fora eu não dava valor pra minha família, eu num assim... Eu mesmo num... Pra família era uma pessoa qualquer, aqui a gente aprendemos todos nós que estamos aqui somos uma família, aqui a professora passa pra nós a união, se unidos todos juntos. Aqui a professora passa várias atividades, ela trabalha em grupo que pelo menos na minha sala de aula que é a sala A, a turma vai trabalhando sempre em grupo, o que mais nós sempre mais procura é trabalho em grupo, nós nunca faz individual é sempre em grupo, quando um não sabe outro vai lá explica. A professora sempre trabalha com nós em grupo assim; então fica uma a aula interessante que você não sabe só a sua opinião, vê a opinião da classe inteira é assim que ta desenvolvendo o trabalho.

Qual é a grande diferença assim que você sente da escola aqui da escola normal?

Bom a diferença da escola normal é quando eu ia pra escola normal. Não ia com vontade de estudar eu ia pra escola normal bagunçava, aprontava tudo e todas. Tem uma diferença aqui todo mundo é igual, na escola normal não; tem aqueles melhores alunos, piores alunos, aqui não; aqui a professora trata todo mundo igual, todo mundo é bons alunos e na escola normal raramente tem aquele negócio de assim saber a opinião de um, opinião de outro. Aqui não, aqui a opinião de todos vale no mesmo objetivo, aqui todo mundo tá estudando pra chegar no mesmo objetivo. Ninguém aqui tá sendo melhor dos outros, todo mundo ta convivendo no objetivo onde tem que... todo mundo vem pra cá com o objetivo de uma coisa: Aprender a estudar tudo. Tudo que tem de bom assim; igual as oficinas principalmente, eu to gostando muito das oficina de meio ambiente, jornal e de poema são as três oficinas que eu fiz até agora.

A. você esta falando bastante do grupo né, da forma como vocês estão trabalhando em sala que é sempre no grupo, produzindo coisas em grupo, você acha que pra chegar nisso você também pode colocar aquilo que você sabe, aquilo que você pensa ou passou por cima disso já vai direto no que o grupo produz?

Não, no grupo assim a gente põe tal, quando eu falo em grupo quer dizer assim a opinião minha e de todos que estão na sala de aula, nunca é só a opinião de todos, assim a opinião de todos em fala minha, não a minha opinião. Vamos supor, se eu dou uma opinião e não ta certa chega outro: “Oh não ta certa”. A sala inteirinha vai ver, se não tiver certa eu tenho que mudar minha opinião e procurar uma opinião certa onde todos vão concordar com a opinião.

Então você está dizendo que pra chegar no resultado de grupo cada um tem que se manifestar, cada um tem que se ouvido e tem que ouvir o outro né? Pra chegar numa coisa que o grupo tenha como dele né? É isso?

O grupo unido nós discute todo mundo junto assim tá um falando os outros tá tudo prestando atenção. Se um não concorda ergue a mão pede licença, conversa com outro tal.

(Supervisora da FEBEM) - Isso é importante na sua vida?

Ah pra mim eu penso que é importante porque pelo menos aqui tão dando valor no que eu penso, na minha opinião. Aqui tá sendo assim então, opinião de todo mundo, todo mundo que tiver na sala de aula tem sua opinião então nós reúne todas opiniões que sai uma opinião só.

(Supervisora da FEBEM) - E o tempo? Como vocês estão entendendo essa história da forma de trabalhar em sala de aula?

É o que eu tenho visto assim na sala de aula aqui que muitas das coisas que nós aprendemos aqui nesta aula da FEBEM é bem diferenciada das escolas que eu estudava lá no mundo porque lá eu aprendia matéria de matemática, português, ciências, história e aqui eu tô aprendendo algo que fala sobre educação, família, sobre algo que não é passado na maioria das escolas, foi esquecido, algo que é importante pra nossa vida nosso dia-a-dia que tá esquecido. Às vezes tá até dentro de uma pasta e eles não coloca pra nós, eles não apresenta pro nosso dia-a-dia como aquilo que é importante, e aqui nós estamos vendo que é importante pra nossa vida, a organização da família que nós somos uma família, que a família não é representada apenas por parentes, por amigos também, quer dizer família aonde se convive dois ou mais pessoas no mesmo lugar, ali já se forma família.

Cria um vínculo de amor assim, não necessariamente família, mas um vínculo de sobrevivência assim.

Já se criou uma família, então é isso que nós estamos aprendendo aqui; tá entendendo? Nós não estamos aprendendo o que se aprendia na escola só $2+2$ é 4, 3×3 é 9. Não, nós estamos aprendendo algo que é importante pra nossa vida que nunca foi mostrado, que pra mim nunca foi mostrado nas escolas normais sobre as organizações de famílias. Às vezes aparece assunto no meio da conversa, no meio das opiniões que nem eu mesmo sabia, nem muitos alunos na classe sabia e então aprendendo ali a senhora tá entendendo, então eu acho assim o ensino fundamental, muitas das vezes até melhor que vários ensinamentos que tem aí.

Você acha que ele favorece você a refletir valoriza você mesmo?

Favorece, muitas das vezes favorece porque assim às vezes a professora ela não ensina também só aquela matéria, família é isso, não ela mostra que a família é isso, mas que pra gente conviver na família a gente temos que ser assim, a gente temos que tirar às vezes coisas que não agrada pessoas que estão na nossa família pra não haver... Como se fala, não desorganização, pra não haver uma desunião entre a família. Então aí você aprende a necessidade de você mudar em algumas coisas, você mudará sua vida a senhora tá entendendo? Tipo assim se você rola, você vê que aquilo prejudica sua família, o menor acha que vai prejudicar a família dele e não deve fazer aquilo mas porque tá prejudicando o vínculo familiar dele tá entendendo? Então muitos menor já tem um outro tipo de pensamento de vida por meio de aprendizagem deste módulo que tão passando pra nós do PEC.

Qual é a diferença assim que você sente daqui pra escola lá de fora sem ser o conteúdo assim?

A diferença é que...

Sem assim falar do conteúdo que você já me falou né, sem... Das questões sobre o acolhimento, se você se sente à vontade de tirar suas dúvidas, dialogar tranquilamente, essa coisa assim, você sempre senta, assim uma pessoa que sabe mais com uma que sabe menos, que favorece essa...

O que existe aqui nessa escola que é diferente da escola do mundo que antes lá existia a classe assim, esse aluno é melhor e esse é burro, esse não sabe nada, muitos professores dizia assim: “Esse aluno não tem jeito”. Agora aqui é diferente, se a professora vê; pelo menos a minha professora, um exemplo, não sei dos outros professor mas eu acredito que é todos aqui assim. Ela vê que o aluno ta fraco em leitura, fraco em alguma coisa aqui na escola aqui, ela cata ela ajuda a senhora ta entendendo? Ela tira alguns minutos de atenção pra aquele aluno pra poder incentivar ele, pra caminhar junto com os outros alunos. Não existe diferença entre nós. Ela ta ensinando a igualdade pra nós ta entendendo? Se ele sabe, eu também tenho o direito de aprender, ta entendendo? Eles que tem que passar pra nós e muitas escolas não tem, que ele é aluno nota 10. Ele é aluno nota 5, não tem que ter isso. Tem que ser o mesmo aluno, eles têm que trabalhar duma forma assim se ta ensinando isso todos têm que aprender não pode ficar nenhum pra trás, se ficou um pra trás os outros alunos ali mais a professora vai ensinar ele, vai ajudar ele pra ele ir pra frente também não vai deixar ele pra trás.

E isso faz com que ele tenha vontade cada vez mais, não se sinta constrangido de saber menos né?

Isso sim.

Eu queria ouvir um pouquinho o P. Como você está?

Bem eu aprendi aqui também igual...

Quais são os módulos que você teve já?

Que eu tive foi módulo saúde, que vai começar a passar de novo agora e módulo família.

Família e Saúde?

Que o módulo saúde foi a coisa mais importante que eu aprendi.

Saúde?

É, que eu jogo futebol, conforme você joga seu futebol corre bastante; fala sobre a pulsação, sobre os batimentos mais fortes fala um monte de coisa o módulo saúde. Fala sobre o corpo humano, porque você tem que cuidar do seu corpo, que é a física e sua mente, você tem que cuidar bem, fala umas coisas importantes, o módulo família a mesma coisa também.

Fala sobre tatuagem, que tem que ser feita com cuidado não é isso?

Piercing, tatuagem, precisa bastante cuidado pra não da infecção, doença que é câncer, esses tipos de doença assim que pode prejudica você.

(Supervisora da FEBEM) - Até doenças sexualmente transmissíveis tem que se prevenir.

Em torno também da família foi o mais importante que eu aprendi porque lá fora nunca chegaram e falavam: “Oh, faz uma redação, fala sobre sua família como é que é você e sua família”. Não falava isso, lá na escola antigamente chegava era assim; chegava minha mãe e deixava na porta da escola e tinha aquela turminha que nem ia pra escola direito: “Ah, vou ficar nas duas primeiras depois eu subo”. Agora aqui não; aqui você já tá fechado mais pelo menos alguma coisa você tá aprendendo, que agora você aprende a dar valor a sua família, que isso que se fala sobre famílias escrava, família indígena, família patriarcal, que a família de antigamente patriarcal que se fala que era a família que mais ruim aquela família, que o pai que era o patriarcal que colocava o filho pra trabalhar e tudo e agora nossa família, que ta tendo agora não é mais disso, os filhos já tendo mais aquelas ousadias de poder sair fazer o que quer.

Mais liberdade né?

Mais liberdade até agora o que eu vi aqui dentro, a professora falava sobre a liberdade e eu perdi essa liberdade.

Até hoje existe ainda, aqueles modelos de família patriarcal.

Tem de tudo assim.

A evolução né, as gerações vão mudando né, então...E assim também cada tipo de família é uma família, a patriarcal segue um conceito, a indígena segue uma tradição então isso aí é bom pra você valorizar, um exemplo, não é assim pai e mãe né, na família indígena assim, eu tive até o prazer de conhecer de conhecer uma comunidade indígena na Amazônia, então é super legal porque é uma família gigante porque todo mundo é da mesma família, todos que estão ali são da mesma família... É uma união muito bonita. Eu queria que você falasse um pouco de temas, e as oficinas?

Oficinas.

Que você lembra assim que você já fez?

Oficina que eu já fiz, poesia, jornal sobre meio ambiente essas três.

Vocês até agora falaram bastante coisa do que foi mais forte pra vocês, por exemplo, as coisas que vocês consideram que o projeto passou pra vocês ou então a própria metodologia do Projeto mostrou pra vocês né, que é essa coisa de partilhar, discutir, fazer coisas, produzir, ouvir o outro, trocar sua opinião tudo isso. E alguma coisa que não tenha sido fácil pra vocês? Que não seja boa, tem alguma coisa que não ficou muito bem, que não bateu muito com que vocês esperavam, ou que vocês não entenderam, que não gostaram, qualquer coisa assim, disso que vocês já viram?

Dificuldade nenhuma assim, mas até agora não tenho dificuldade nenhuma em aprendizagem. É assim a não ser que não tivesse uma pessoa adequada a senhora ta entendendo? Com conhecimento bom pra passar pra nós, se você, uma pessoa que não soubesse passar conhecimento pra nós, a gente poderia até fica perdido, mas a professora está nos orientando bem, ta nos ensinando direitinho esta sempre seguindo bem.

Vocês gostam de usar a ficha, que o material são fichas que são distribuídas, como é que é vocês gostam? Vocês colocam as fichas dentro do portfólio né? Vocês acham legal esse material das fichas e o que vocês acham do portfólio, o que o portfólio representam pra vocês assim sabe?

E uma coisa que da pra conservar nossos trabalhos, não suja é uma coisa muito boa pra gente. Que na escola você pega seu caderno e faz de qualquer jeito, arrancava até folha com matéria, agora não, com portfólio a professora cuidando conversando.

Você que organiza que faz a capa!

Não, não a capa... Que desta vez a professora trocou que era uma ficha que a gente mesmo fazia, agora ela que fez. Agora ela que ta organizando mais.

Mas vocês que guardam?

Não aí ela pede pra fazer um desenho.

Ah tá.

Igual ela entregou hoje outras fichas que teve que mudar agora.

Aí você coloca dentro do portfolio, ela só guarda.

Ela só guarda.

Mas você que cuida, se você quiser ver você pode ver ?

Aí chegou um dicionário que a gente ia desenhar na capa e depois ia escrever sobre o dia das mulheres, dia internacional das mulheres.

(Supervisora da FEBEM) - Ah, vocês estavam discutindo sobre o dia...

A gente ia discutir um pouco sobre isso, aí chamaram... A gente já tava conservando tudo ia fazer os desenhos na capa.

Já criou o conhecimento entre nós... Ontem eu tava conversando com a senhora porque o dia da mulher, ela falou só duas palavras, só que eu já entendi o texto inteiro né? Tipo o dia da mulher ela tipo tinha passado pra nós, que o dia da mulher foi porque antigamente a mulher ela não tinha tanto direito, aí desde aquele dia que ela começou a conquistar o direito dela a senhora ta entendendo? Aí foi dado o dia pra ela, o dia da conquista dela, ta entendendo ?

**(Supervisora da FEBEM) - É, uma conquista difícil né.
Vocês estudaram a família patriarcal, vocês viram que...**

Lá fora isso daí sobre a mulher, porque foi uma coisa, foi trágica também pra conseguir isso porque morreram mulher dentro de uma fábrica, porque botaram fogo em 1857 também, aí só em 1910 aí conseguiram na Dinamarca parece o 1º Congresso, pra fazer conseguir esse dia internacional da mulher, aí conseguiram também, mas foi uma luta de anos e anos também.

Fala um pouquinho você, você tem dificuldade?

Dificuldade igual ao J. mesmo falou que dificuldades nós não temos , que tem uma pessoa lá que passa pra nós tudo né? É o que nós fala na sala de aula, nós faz sempre em grupo então se uma pessoa ta com uma dificuldade chega outra, outro que tem mais ajuda, que sabe mais chega e passa a certa dificuldade. Se alguém não entendeu a professora tá explicando pra outra pessoa, o aluno que não entendeu não precisa chamar a professora. Chega no rapaz que tiver do lado, fala: “Não entendi tal coisa”. O rapaz que ta do lado não nega de ensinar se ele não sabe também ele procura saber e procura saber pra passar pra outra pessoa. E no portfólio a professora faz então nós colocar tudo em ordem o que nós fazemos, tudo certinho, então tem dia que a professora pega e fala: “Vocês pega o portfólio, olha e vê se ta tudo em ordem tal”. Todo mundo da sala de aula pega e olha, dá uma olhada assim em tudo que aprendeu tal, tipo uma revisão do portfólio novamente, aí nós olha tudo que nós aprendemos.

(Supervisora da FEBEM) - Agora tem uma coisa que eu gostaria de saber, o que é o portfólio?

O portfólio é assim pra nós é uma boa porque é o modo de nós organizar nossas coisas. Não bagunça, não suja e outra coisa também a senhora tá sempre passando pra nós... Que escreve, que fazer uns desenhos, que fazer 157, 533 alguma coisa. A professora já avisa: “Oh, assim, assim, o portfólio não pode desenhar, não pode escrever 157 nada”. Tem que cuidar porque esse negócio tem que ir para o relatório, esse daí é onde vai colocar tudo suas fichas, todo seu trabalho (...)

Já aconteceu essa possibilidade ou não, de mostrar o portfólio de vocês?

Não, a única pessoa que eu mostro o meu portfólio é pro Seu F., pros funcionário, pro pessoal da sala de aula.

Outra coisa que eu queria saber de vocês 3, vocês já puderam contar o que vocês aprendem em sala de aula, tantos os temas os conteúdos, tudo como a forma de trabalhar, vocês já puderam contar isso pra mais algum profissional da casa sem ser o Seu F. e aquele profissional que tá na porta?

Já sim senhora.

Já pra quem?

Pra assistente, passo bastante pra ela, ela falou se eu tava gostando da escola, aí eu falava que sim, que tava sendo bom, que eu tava sendo mais responsável também às outras coisas e ela gostou de saber disso.

Você explicou como que é pra ela?

Ela falou como é que é o nosso estudo daqui aí eu falei que era muito mais diferente do que o lá de fora, que lá da história, ciências, aqui não. Aqui é sobre o corpo humano, sobre a família, eu tava conversando com ela, ela fica falando: “Agora você vê como é que era a família de antigamente você vai começar agora a dar valor pra sua”. Dependendo dos estudos aí que você começa a dar valor pra sua família, então eu não dava valor pra minha família, depois que as professoras foi falando as coisas, como era a família, pensei bem que era a família que eu tenho é muito importante.

(Supervisora da FEBEM) - Toda organização familiar que houver, não só a da gente, tem que ver também a organização familiar do outro né, percebe que é diferente, mas também é importante pro outro é uma organização diferente, mas é dele. Você já mostrou seu portfólio pra alguém?

Não, só pros funcionários também.

Em janeiro vocês fizeram atividade?

Em janeiro tinha é fazer bonecos tinha futebol, volei, redbol... Eu mostrei pra minha técnica que é a dona A. e como minha família é muito longe e parece que minha sogra mudou pra São Paulo, ela veio aí minha técnica deixou eu conversar com minha sogra. Eu falei pra minha sogra tal né, que tava fazendo atividades aqui que tava estudando, minha sogra ficou contente por saber disso então a técnica num ponto também ela procura ajuda a gente, a se... Como se diz, a pegar o ritmo da matéria então nós mostrando pra ela, ela olha assim, ela pra nós o que a gente deve seguir, o que a gente não deve, muita gente fala: “Ah, eu vou fazer isso aqui bem feito, que vai pro meu relatório”. Não, eu mesmo penso o seguinte: eu não sou movido a relatório, eu faço aquilo porque eu to interessado em fazer aquilo, então eu vou até o fim, se eu não sei alguma coisa eu chego na professora e pergunto: “Professora eu não entendi”. A professora vai... muitas professoras que eu vejo aqui elas tem paciência, elas explicam, ela procura assim; não tem diferença nos alunos, todos os alunos são igual se um dá vamos supor, uma resposta está melhor do que a outra é resposta do mesmo jeito, ta tudo...

(Supervisora da FEBEM) - É a resposta que ela pode dar naquele momento.

É.

Uma outra coisa, vocês acham que seria importante além do horário da aula; vocês poderem conversar esses assuntos do tema, das oficinas fora? Em outros horários, poder se dedicar algumas horas a mais a esses assuntos que vocês tratam na sala de aula?

Eu pelo menos penso assim se pudesse tirar, vamos supor, um horário pra reunir todas salas de aula e todos os professores e com os alunos. Fazer perguntas sobre o tema, mas pergunta que você faça e anote a pergunta que você fez, a pergunta e a resposta da pergunta. Aí vai ser o seguinte, um trabalho em grupo então quer dizer o grupo inteirinho vai estar ciente da dúvida de um e a dúvida de outro, já vai ter a resposta.

Discussões entre salas?

Isso, às vezes, vamos supor, eu tenho uma dúvida numa sala e tem outra então ele pode concluir minha dúvida e eu posso concluir a dele é assim que eu penso. Muita gente não vê a

hora de acabar a sala de aula pra ir embora, mas vai embora como se ta aqui dentro, se estender mais o momento da aula dá na mesma, num ponto vai ser melhor que vai aprender mais, mas tinha que ter mais assim... Eu penso assim, tinha que ter mais aquela reunião em grupo, todos pra conversar sobre o tema e sobre outros tipos de assunto, que nem trabalho em grupo, em conjunto. Tipo assim sair duas salas de aula, vai trabalhar aquelas duas hoje, saí outras duas, que não da pra sair todo mundo, se sair todo mundo vira aquele converseiro, um que pergunta junto como o outro aí não dá, não tem como fazer um trabalho em grupo.

E vocês acham que em outros horários era bom que você pudesse conversa sobre os temas, sobre oficinas?

Seria bom assim se tivesse um horário a mais, tipo pra fazer um resumo assim do que ta acontecendo, do que ta sendo trazido pra nós que sempre tem na sala de aula tem isso sim, mas toma espaço da gente criar outro conhecimento a senhora ta entendendo? E o espaço da gente criar outro conhecimento ta sendo tomado pra uma repassagem daquilo que já passou a senhora ta entendendo? Então podia ter uma hora a mais assim tipo uma vez por semana uma hora a mais da aula pra poder ta passando o que passou, o que nós aprendemos ta entendendo? Se faltou alguma coisa, se alguém ficou perdido em algum ponto pra ta passando pra ele, pra ele não ficar pra trás, ta entendendo? Isso aí é bom senhora.

Eu acho que sobre isso também podia ter, tinha que ter que nem apresentações também sobre os trabalhos, pra pessoas também, uma oficina pra quem não sabe ler e escrever direito.

Então essa oficina ela já existe, ela vai começar a ser desenvolvida agora no horário; junto com as oficinas do PEC, vai ser desenvolvida né, eles já foram capacitados, já tem o material; que é uma oficina pra ajudar na leitura e na escrita né, é uma oficina de letramento que nós chamamos...

Mas eu acho bom assim também que na aula das professoras assim ela passa por dia uma ficha com o lado A e o verso. Naquela ficha a gente vai e aprende que já é aquela ficha do dia que a gente aprendeu. Aí depois do intervalo é tipo ela sempre busca passar pra nós alguma coisa de matemática, alguma coisa tipo ela sempre passa pegadinha assim tipo você foi é...Numa padaria, no seu lado direito você contou 23 árvores, na volta do seu lado esquerdo quantas árvores tinha? Sempre ela passa alguma coisa pra ta criando outros tipos de questões ta entendendo? Pra mente da gente também não ficar parada, pra ta sempre aprendendo alguma coisa.

Como que é a rotina da aula?

A rotina da aula quando nós chega na sala de aula tem uma oração, nós fazemos a oração em seguida nós pegamos o trabalho né, que vai discuti naquele dia, discutimos o trabalho em grupo entre a classe inteira, cada um da classe vai ter uma resposta a professora discute com nós entre as resposta tal. Aquele que concordou com a resposta do outro, que não concordou com a resposta do outro, que não concordou e a professora busca sempre na gente entusiasmo é ...Falando pra gente que quando a gente sair desse lugar pra gente pode voltar a estudar, porque isso daqui é uma passagem, vamos dizer assim é um momento ruim na nossa vida, do mesmo jeito que tem momentos ruins, tem momentos bons, nada é pra sempre, sempre vai passando de momentos e momentos. Pelo menos eu tenho esperança de quando sair desse lugar, poder voltar a estudar, terminar até o colegial se for possível e graças a professora ela ta cada vez mais...Cada matéria que ela ta passando, cada conversa que ela vai tendo com nós ela vai animando nós. Cada dia que passa ela vai animando nós a fazer a matéria, ninguém em

sala de aula evita entrar em conflito com o outro amigo porque não sei se vocês sabem, vamos se dizer, nós ta preso na FEBEM, FEBEM é o que? Muito conflito tem aquela rivalidade: “Ah eu sou melhor que não sei quem, eu sou melhor que não sei quem”. A partir do momento que nós saímos do pátio o que teve no pátio é no pátio ali na sala de aula já é outra coisa.

Essa forma de trabalhar dentro da sala de aula ajuda a enfrentar os conflitos e resolver melhor ou não?

Como assim?

Essa forma de trabalhar, você mesmo falou, muito trabalho em grupo né, de ouvir o outro, de respeitar o outro de ser ouvido né, ouvir a professora, falar, poder falar com ela, isso ajuda a ameniza a diminuir os conflitos, a possibilidade do conflito ou não, é uma coisa que não tem nada a ver?

Ajuda porque, eu pelo menos penso assim né, nós tamos no pátio, vamos supor, eu nunca falei com o P., estou no pátio nunca falei com o P., entrei na sala de aula vou falar com ele, então chega no pátio eu já tenho uma certa conversa com ele.

(Supervisora da FEBEM) - Essa certa conversa é pra que a gente estabeleça relações de outro jeito, que a gente comece a se relacionar de jeito diferente melhor né, porque o conflito até pode fazer parte, o que não pode é...De repente as explosões se pode evitar.

Vários menores que tem aqui é cabeça fraca, qualquer coisinha que falar já quer brigar. Os menores você sabe como é que é cabeça e pescoço. Não ia ser desse jeito: “Ah, eu vou matar aquele cara”. Aí ta em outro lugar, igual funcionário que manda aqui, ta em outro lugar os menores, fala uma coisinha boba os menor já quer matar eles. Não tem pensamento, é um querendo destruir o outro, é o que eu penso. Eu queria sair daqui pra um lugar muito mais melhor que aqui assim pra estudar, não se envolver com esses outros menores que quer pensar em coisa ruim, é o que eu penso, porque lá fora eu já tive muita coisa ruim. Eu quero melhorar minha vida, não quero mais coisa ruim dentro de uma cadeia preso, é uma decepção...Aqui não pode lugar, conflito assim: “Aqui eu não vou te catar mais você vai ver quando chegar numa UI Tatuapé vou te matar não sei o que lá”. Então você tem que falar: “Então ta, vamos ver”. Já fica naquilo um debatendo com o outro, chega depois aí um vai pra um lugar outro vai pro outro, a maioria que fala isso tudo vai pra...Ta estudando nem briga com o outro tem mais.

Quantos anos você tem?

16.

16. E você J.?

Tenho 18.

18, e você fez quando?

13 de dezembro do ano passado.

13 de dezembro do ano passado. Você está aqui dentro a 1 mês e 20 dias, você ficou 49 dias...

Fiquei mais ou menos 49 dias e meio. Aí depois fiquei aí depois fiquei mais uns 5 dias na UAP e depois eu vim pra cá.

Você ficou 49 dias na delegacia?

É no...Depois fiquei mais 5 dias na UAP e depois vim pra cá.

J. em que cidade?

Santa Bárbara do Oeste.

Você é de lá?

Eu sou de lá.

Isso que eu ia perguntar de onde vocês são, você é de Santa Bárbara do Oeste,você ?

Eu sou de Presidente Prudente.

E você?

Eu sou de Piracena, divisa do Mato Grosso.

Piracema?

Piracena.

Piracena. Você tem quantos anos?

Eu tenho 18.

18 também? Quando você fez aniversário?

Dia 27 de janeiro.

27 de janeiro? Você é de Presidente Prudente né? É a primeira vez?

É a primeira vez.

Tomara que seja a última.

Espero que seja a última.

Eu já tive encaminhado pra São José de Rio Preto na FEBEM, mas eu não cheguei a entrar na FEBEM eu fugi antes de chegar na FEBEM. Eu posso dizer assim a primeira passagem numa FEBEM porque eu não cheguei a entrar numa FEBEM. Então pra mim ta sendo uma experiência que eu to aprendendo no dia a dia aqui, coisa que eu não sabia que se passava aqui dentro eu sei igual o P. mesmo falou, o negócio de um falar que vai matar o outro, isso

daí pra mim não existe. O que nós procura discutir, principalmente dentro da sala de aula, um fala que vai bater no outro na hora eu olho pras pessoas e falo: “Em vez de vocês ta brigando, porque vocês dois não se une, em vez de brigar se unir os dois”. Muita gente fala não sei o que eu quero fazer tal coisa, aí nós pega e fala assim: “Quer fazer tal coisa, não faça sozinho se une mais, mais um ou em grupo que você vai conseguir chegar no seu objetivo; sozinho você nunca chega ao objetivo, você precisa da ajuda de um ou outro”. Por isso que eu sempre falo em grupo, porque eu mesmo depois que eu cheguei aqui eu não ia conseguir viver aqui sozinho, quando eu cheguei, eu conheci uma pessoa e a pessoa passou pra mim como que deve conversar na casa, como que deve fazer, aí dali eu já conheci outras pessoas, eu fui conhecendo; agora eu peguei amizade com todo mundo, principalmente, brincadeira é brincadeira, quando nós desce pra quadra é todo mundo unido, ninguém entra em conflito no futebol.

A., então é uma coisa do grupo que você este me falando que te dá uma certa força?

Da uma certa força porque eu mesmo falo, eu não tenho capacidade de fazer nada sozinho, eu confesso, coisa que eu não sei eu procuro ir atrás de uma pessoa que sabe. Então quer dizer, não adianta eu bater no peito e falar: “Não eu sou o melhor, eu faço sozinho”. Eu não faço isso, eu sempre preciso dos outros e tem que ajudar os outros pra ter uma vida melhor.

E você já tem uma...

Acontece assim antes de eu vir para a FEBEM, de eu ta preso, de acontecer alguma coisa na minha vida assim, tinha um primo meu que tinha passado na Febem, na UAP de Campinas. Aí foi pro mundão e houve assim tipo uma discriminação porque ele já tinha passado na FEBEM tinha sido preso, aí quando eu cheguei aqui, sempre ficou na minha mente quando eu fui preso, nossa agora eu vou ser discriminado por algumas pessoas, porque querendo ou não pra algumas pessoas é você é um FEBEM, vocês já foram preso, você já roubou alguém sempre é discriminado. E em algumas aulas que nós tem passado assim, conversando com alguns professores a gente temos aprendido assim que a gente não tem que mostrar...É provar pro mundo que a gente somos discriminado a senhora ta entendendo? A gente tem que mostrar que a gente somos uma pessoa mudada, que a gente podemos superar aquilo, que tamos querendo colocar a nossa frente pra gente debater a senhora ta entendendo? A gente podemos vencer aquilo que ta lá fora, aquilo que tá nos esperando.

Vocês já têm uma medida, vocês já tem uma medida definida?

Eu to 6 meses preso.

(Supervisora da FEBEM) - Já veio definida?

Veio nada, nada, nada.

6 meses.

Então eu fiquei 3 meses em Presidente Bernardes, fiquei 3 meses lá e fui pra semi- liberdade. Consegui pegar uma semi-liberdade, aí chego lá na semi-liberdade lá bateram no moleque, dois pedrinha brigou. Aí, tinha os mais velhos que era nós os maiores e vim pra cá e até agora nada meu, deu três meses de sansão e zero sansão e me deu mais 45 dias de internação.

– Tem a internação sócio-educativa de 6 em 6, não podemo ficar 3 anos na Febem.

Você pegou de 6 em 6?

De 6 em 6 relatório de 6 em 6 tá escrito assim no papel.

Você já tem medida? Você ainda não tem medida?

122, já.

(Supervisora da FEBEM) - É artigo 122?

É artigo 107 e 122 que aquele tipo...

(Supervisora da FEBEM) - Então já ta com internação?

O meu já tem internação determinada de 1 ano e 8 meses.

Tá determinado o tempo?

Determinado, só que meu relatório favorece, que vai o primeiro sobe em 6 o resto é tudo de 3 em 3 então já...

O dele não foi determinado de 6 em 6 meses com direito...

É que é assim, meu advogado; minha advogada que é assistente do meu pai, que eu poderia sair até com 9 meses porque primeiro sobe o relatório depois com 3 meses sobre a reavaliação que o juiz pede né, do primeiro relatório, porque sobe primeiro exemplo, falarem né alguma coisa.

Querem deixar uma mensagem, falar do próprio projeto?

Eu queria falar que eu gostei dessa entrevista foi importante, essa conversa, nós dialogamos, foi uma coisa que muda agora nosso dia- a- dia que passar, foi bom saber mais sobre o trabalho PEC porque um tinha um pensamento e outro tinha outro. Cada um tinha um pensamento diferente, agora cada um sabe o pensamento do outro fica mais fácil agora para saber o estudos do PEC, achei bom.

Também essa entrevista que nós tivemos pra nós foi bom porque nós podemos apresentar pra vocês coisas que vocês não sabiam, que era interessante sobre o trabalho que nós buscava o objetivo que nós estamos buscando nesse trabalho que é aprender. Essa entrevista pra mim foi assim, foi uma coisa que eu mesmo não esperava até nos 30 dias de casa, eu não esperava que a professora ia chegar em mim, vai você lá, você fala o que você aprendeu e sobre o que ta acontecendo em sala de aula. A professora mesmo falou, se você quiser falar mal do grupo, você fala mal do grupo, mas não tem como eu falar mal do grupo, se nós estamos fazendo trabalho um ajudando o outro igual na sala de aula mesmo, tem pessoas que não sabe ler e escrever, eu mesmo escrevo, eu não sei escrever muito, eu sei ler, mas não sei escrever muito bem, então quer dizer o que sempre uma pessoa vê que eu erro uma palavra, chega e fala: “A palavra é outra”. Aí eu vou apago faço outra palavra.

Aí tipo essa oficina que vai começar a ser desenvolvida aqui vai te ajuda muito né?

Isso daí vai ser bom, é uma coisa que a professora busca na gente também é mostrar pra gente quando a gente sair daqui, a gente ter uma forma de arrumar emprego que não vai ter esse preconceito. Igual ao P. e o C. tava falando, não vai ter esse preconceito quando nós sair daqui porque não vai constar. Eu mesmo perguntava direto pra professora: “Professora quando eu sair daqui meu nome vai constar em delegacia em outro lugar que eu fui preso tal?”. A professora falava: “Não seu nome vai sair daqui limpo, como uma pessoa qualquer”. Então isso daí traz pra nós a vantagem de arrumar um emprego bom, um emprego honesto, pra nós sair dessa vida porque o objetivo de muitos que ta aqui não é voltar pra cá mais, eu mesmo meu objetivo é sair daqui e não voltar mais. É esse meu objetivo viver em paz como todo mundo ta vivendo lá.

E você quer deixar alguma questão?

É assim, eu penso que também é bom, isso que nós tamos conversando a respeito do PEC que ta servindo pra nós, porque assim vocês sabem que tem professores passando fichas para nós e tal, mas não sabem se nós estamos caminhando bem com aquele tipo de estudo, se nós estamos se adaptando bem.

É porque o projeto foi feito pra vocês né...

Então no caso por isso que eu to achando bom essa reunião que ta tendo pra gente ta falando pra que ta servindo pra nós, pra nossas vidas ta entendendo? Pra nossa mudança, pra nossa melhora no dia de amanhã.

As pessoas colocam as dúvidas?

Na sala de aula assim se a professora abre espaço assim perguntando as dúvidas, as pessoas perguntando: “O professora eu não entendi aparte tal, tema”. Aí a professora vai explicar, quando a professora não explica ela fala: “Fulano tal você pode explicar pra ele”. Aí o aluno ergue a mão: “Não, eu explico sim professora”. Aí explica tal, dentro da sala de aula nós trata a professora não como uma funcionaria da Febem, nós trata ela como uma professora, dentro da sala de aula também, uma coisa que nós procura é pensar o seguinte, nós procura, nós ta fazendo cursos.

A. é diferente tratar com a professora, você falou: “a gente trata a professora como uma professora não como uma funcionaria da Febem”. É diferente esse trato?

É diferente que a funcionária da Febem muita gente trata com mais medo, que vai tratar funcionário da Febem, qualquer coisinha que você vai falar pra ela, neguinho pensa: “Não, tenho que medir as palavras que eu vou falar pra ela, que ela pode me bater né”. É isso que acontece entendeu? Agora a professora não, a professora ela abre espaço, qualquer dúvida que você tem sobre o tema, você chega nela e pergunta a qualquer hora.

Te deixa com liberdade de expressão, você sente vontade de tirar dúvidas, de falar o que você pensa, respeita sua opinião.

Isso, todo dia que a gente senta na sala de aula a professora já fala: “Oh, tema de ontem foi educativo e tal e tal, tal, que vocês aprenderam”. Aí nós fala o que nós aprendemos e depois ela começa a aula, então ela já fala: “Alguma dúvida vocês erguem a mão e pede”. Aí cada um faz sua pergunta.

Às vezes, tem funcionário da FEBEM que a gente até assim já conversa um pouco. A gente assim uma convivência, mas só que às vezes a gente não tem tempo pra conversar, falar algo que ta sentindo, desabafar na solidão. Tipo eu me sinto às vezes só de conversar com alguém e às vezes não dá por motivo assim de medo do funcionário ver, do funcionário achar ruim a senhora ta entendendo? Agora já com a professora é diferente às vezes a gente conversa desabafa alguma coisa ta entendo? Mostra pra ela que a gente somos ser humano também a gente temos sentimento precisa de alguém pra conversar.

Você só sente essa liberdade dentro da aula?

A maioria das vezes dentro da aula mais dentro da aula.

Se você chega num funcionário explica sobre sua família o que você pensa, o funcionário não quer saber disso, ele ta ali pra fazer o serviço dele e você ta ali pra cumprir as normas da casa essa é a intenção do funcionário. A professora não você chega: “Ah professora, na minha família tem dificuldade de tal coisa”. Aí professora vai ter aconselhar: “Oh, você saindo daqui, você faz tal coisa a melhor coisa que você tem”. Embora eu mesmo a professora me aconselhou. Eu sou separado da minha família, eu moro com a minha sogra e com minha mina, então a minha professora procurou, quando eu saí daqui eu procuro minha família é uma coisa que eu aprendi que sem família a gente não é ninguém, porque a família é uma coisa importante na vida da gente, então foi isso que a professora procurou passar pra nós, então nós considera a professora dentro da sala de aula uma família, mas a professora sim.

Alguém mais...

A professora é como se fosse assim vamos dizer, a Dona G. trata a gente como se fosse filho dela, então nós considera ela como se ela fosse nossa mãe é isso que nós considera Dona G., Dona A. Nós assim se tem alguma dificuldade que nós passa no dia-a-dia nós chega pá conversa com ela, ela explica pra nós, ela fala: “Não é só você que tem essa dificuldade outras pessoas também tem que procurar passar por cima dessa dificuldade de outro jeito”. Então eles mostram o lado bom pra nós. Essa dificuldade você vira as costas, ignora, saí andando, não ela mostra, se a gente tem dificuldade com algum funcionário entra num acordo e o que nós faz chega e conversa.

Vocês têm essa outra forma de se aproximar dos funcionários.

Ah, às vezes sim, às vezes não.

Vocês querem falar mais alguma coisa? Pessoal muito obrigada, gostei muito de conversar com vocês, foi muito bom mesmo.

ANEXO M.

Entrevista com professora da UIP F – Profissional 01

17/10/2003

Então E. e aí eu queria saber... eu pensei em algumas coisas assim de estar sabendo um pouco de você o que você acha do projeto Educação e Cidadania nas UIPs, o que você aprendeu, se você acha que teve...O que as meninas aprendem, se isso contribui ou não...São algumas reflexões minhas.Se isso contribui e aí às vezes eu penso em algumas coisas assim será que só a educação, você ter um projeto educativo será que isso dá conta de uma mudança, não. Não sei fica um pouquinho aberto eu queria saber um pouco sua opinião.

Bom eu penso assim a Febem é um espelho da sociedade tá, porque a gente tem aqui dentro das unidades da Febem é uma parcela da adolescência que está lá fora tá, então aqui ela está concentrada, aqui ela tá; usar a palavra preso é duro, mas ela tá contida né. Mas essa adolescência que está aqui dentro é uma amostra da adolescência que está lá fora né, os alunos que a gente tem dentro da Febem de onde eles eram? Eles eram alunos da rede.

Da escola pública.

Então tudo que a gente faz aqui, lógico esses alunos aqui eles estão precisando de mais atenção? Estão, porque foi justamente por não ter essa atenção lá fora né, que eles buscaram outros caminhos, abandonaram a escola, eu sou pela educação, eu acho que tudo que você tiver que fazer nesse mundo de melhoria tem que ser via educação. Ninguém constrói nada sem educar, sem educar as pessoas, então por quê nossos alunos rebeldes se tornaram tão mal educados? Porque faltou essa educação lá fora, então o projeto contribui, o projeto feito é assim...

Fala E.

Então a gente vê assim esses alunos que estão aqui dentro, eles são os alunos que estavam lá fora, eles merecem uma atenção mais voltada para um trabalho educacional? Merecem sim, porque é aqui que a gente vai tentar devolver né pra sociedade esses alunos um pouco melhorados. Se é que a gente pode melhorar né, a esperança que está aqui é que realmente a gente possa melhorar. Tem umas frases indígenas que dizem assim: “O índio ele não educa batendo porque educar não é bater, educar é educar”. Você não ensina através da violência quando você bate você está repetindo o comportamento deles, o que trouxe eles aqui pra dentro não foi à violência? Se você passar a ter uma forma de corrigi-los com contenção você vai estar reproduzindo a violência, então você vai corrigir como? Refazendo os passos da educação, o que foi que houve de errado? A preocupação da gente é assim quando eles são devolvidos pra lá depois de passarem por todo este projeto que é um projeto assim que quem preza pela educação acredita tá, então eu prezo a educação, então eu acredito. Mas quando eles vão lá pra fora existe um imenso faz de conta tá. Quem trabalha a educação muitas vezes lá fora, não estou generalizando porque tem lógico, tem professores muito bons lá fora, tem escolas muito boas, mas assim porque é que o índice de evasão escolar é tão grande? Porque que eles fogem da escola? Porque que tantos alunos vão embora, tantos alunos abandonam? Porque que o índice de analfabetismo ao invés de diminuir ele aumenta? Porque que a gente

tem tantos analfabetos funcionais? Porque a escola não está sendo interessante, a escola está expulsando seus alunos e eles estão encontrando com coisas erradas com muito mais interesse e aí quando os nossos voltam pra lá né, eles não encontram esta escola lá de fora que os receba. Quem é que os recebe de volta? É a marginalidade novamente então ele retorna e ele retorna pra uma sociedade que infelizmente está doente e que não está enxergando que o trabalho tem que ser via educação e pra se educar tem que ter muito amor pelo que faz. Professor que não tem amor naquilo que ele faz, no trabalho dele, que não trabalha feliz, que não está contente, ele passa a infelicidade. Então a gente vê assim aqui dentro da Febem, por quê a gente se dá tão bem com projeto como o PEC né Educação e Cidadania? Porque é nisso que você acredita. Se você não acredita nisso não dá pra você fazer de conta 8 horas por dia, no final de uma semana de 8 horas você é infeliz. Quem acumula infelicidade é mal humorado, é sabe...Então você tem que primeiro...Você enquanto professor, você tem que acreditar em todo o projeto e trabalhar sempre pra ver esse projeto está idéia de educar para cidadania cada vez mais desenvolvida né. Só que a gente sofre porque a gente vê elas lutarem, a gente vê eles voltarem pra cá e a fala das meninas é essa: “Essa escola aqui é mais legal”. Na linguagem simples delas: “Essa escola aqui é mais legal”. Porque que a escola lá de fora não é mais legal? Porque ela exclui, porque ela não trabalha o interesse do aluno né, porque não existe amor no que é feito, existe sim uma ou outra andorinha lá tentando fazer alguma coisa? Existe, como existia um grupo de professores, eu falo porque eu fui professora no Tatuapé, existia um grupo de professores no Tatuapé que prezava esse tipo de trabalho, construir junto com seu aluno né, motivar o seu aluno a partir do interesse dele, das coisas que ele gosta, daquilo que ele tem interesse, trazer a partir daquela cultura popular do aluno, trazelo para o conhecimento organizado, sistematizado da escola e mostrar que tudo que todo aquele conhecimento que ele tem não é inútil. É importante ele dar valor e ser sincero nisso porque quando você faz de conta, você finge, o adolescente percebe né. Então é aquilo que você viu na sala de aula; a gente tem dentro de uma unidade provisória, uma UIP a gente tem regras da UIP que a gente tem que respeitar porque senão a gente pode colocar a segurança em risco. Eu não sou uma pessoa que tem o domínio do que a segurança determina, o que é seguro e o que não é seguro, não tenho esse domínio. No entanto eu sou pessoa que sei até onde o meu trabalho vai e até onde vai o trabalho do monitor então eu não invado o espaço dele e espero que ele não invade o meu né, eu não crio situações pra constranger o trabalho da monitoria e eles respeitam o meu trabalho. Então a gente respeita e coloca isso pra meninas dentro de uma unidade provisória existem limites e elas vão ter que aprender a conhecer esses limites, que muitas meninas vem da rua sem parâmetro nenhum né. E é aqui dentro que ela vai aprender, então ela vai aprender o quê? Ela vai aprender que a educação começa 6 horas da manhã quando ela acorda, tem que tomar banho porque tomar banho é uma medida de higiene. É bom pra saúde delas e o Estado cuida dessa menina da hora que ela acorda até a hora que ela dorme né, ela agora está sob a responsabilidade do Estado. Se nesse dia a dia dela tiver, houver ações de pessoas que não pensam desta maneira o educar né, com disciplina, com rigidez, sem agressão, disciplina não é agressão, se existem pessoas assim aqui dentro ou dentro das Febens é impossível pra gente falar assim põem pra fora sabe, eu concordo eu discordo não eu simplesmente...Eu não posso, do meu ponto de vista de educadora eu não posso chegar e falar assim: “Aí não quero esse monitor não quero essa pessoa porque as meninas me disseram que ele bate que ele espanca”. Então eu não posso interferir se existe, que a gente sabe que existe né? Não são pessoas que pensam como eu penso e que prezam a educação e que aos poucos se eles existem elas vão vendo que dentro de um trabalho que você dá a responsabilidade e cobra a responsabilidade, onde você dá carinho e você recebe carinho, onde você dá respeito você recebe respeito; eles percebem que fica mais fácil de trabalhar. Então o monitor muitas vezes tá na sua porta e o papel dele acaba se invertendo, antigamente ele estava ali pra fazer a contenção, a disciplina e o silêncio hoje ele

está ali simplesmente porque...Às vezes ele até participa da aula porque ele percebe que elas, no caso elas aqui as meninas né eu falo pela unidade que eu estou trabalhando, que elas tem uma conduta tão responsável, tão responsável que elas se cobram, aqueles limites todos que foram combinados elas se cobram, pode acontecer de haver uma ou outra menina que quebra esta regra? Pode claro, vai ter como em qualquer outro lugar.

Como em qualquer outro lugar.

Comum até entre as funcionárias, pode ter um que não acredite que é via educação democrática que você conquista e consegue as coisas? Pode, mas essa pessoa também pode mudar de opinião. Então eu penso assim é muito bom trabalhar dentro de uma linha de trabalho onde as pessoas cultivam o respeito, desenvolve esse respeito e estão seguras do que fazem tá certo né? É muito triste quando a gente vê que a sociedade lá fora não reconhece todo este trabalho aqui dentro, então quando a gente liga a televisão o que é que vende? Febem com superlotação, Febem com rebelião, Febem com...Só que esta Febem que elas estão mostrando, esses seres humanos que eles estão mostrando eles são brasileiros, são brasileiros que a lei diz que merece uma chance de quê? Não de ficar depositado num lugar, mas de ser reeducado, de ser reconquistado para o bem par o lado bom da sociedade né. Então quando a televisão mostra sempre só reforça o ruim, o errado, o mal ela rotula toda a Febem, ela rotula todo o trabalho que é feito na Febem e rotula todo jovem, todo adolescente que por infelicidade venha passar aqui dentro. Então é isso que a gente fala assim: “A sociedade lá fora precisaria prestar mais atenção nas coisas que são feitas e como são feitas e parar de mostrar modelos europeus, modelos de não sei da onde, olha unidade de adolescentes de tal lugar essa funciona”. A gente sabe que na China adolescente é julgado pela mesma lei do adulto, que nos países do oriente médio adolescente é julgado pela mesma lei do adulto que aqui nós temos uma lei pra recuperar esses jovens cidadãos que muitas vezes nasceram sem a oportunidade, cresceram sem a oportunidade e ele tem o quê: 12, 13, 14 anos de vida. E não teve a oportunidade de ver o certo, se eu não conheço o certo como que eu vou fazer o certo. Filhas de alcoólatras, filhos de alcoólatras, pai e mãe sabem, famílias totalmente desestruturadas né, economicamente, emocionalmente com tudo né. Como é que cria uma criança com condições de encarar o mundo de encarar, de enfrentar o mundo, de saber o que é certo o que é errado? Então você vê assim sociedade que já alcançou um certo, uma certa evolução comercial de produtos, de riquezas, mas que em outros setores ainda está mil anos luz, porque há muito tempo em países da Europa que a educação tem que ser sócio-construtivista, você tem que agir e interagir. O erro é construtivo, o erro faz parte né, aboliu-se a agressão, a violência; os índios já não admitiam a violência né. Sociedades evoluídas entendem o ser em formação, em personalidade, um ser que está aprendendo e que faz parte do aprender errar. Como conviver no mesmo lugar, no mesmo país, no mesmo Estado. Evoluções em algumas coisas assim de ter computador, de ter computador num celular e ter uma educação tão retrógrada, tão agressiva, tão violenta. O professor nas escolas públicas muitas chegam na sala de aula e só vê o lado dele não vê o lado do aluno, que crianças na faixa dos 11 aos 15 anos tem todo aquele foguinho né. Que é a alegria própria da adolescência, da juventude, nós já fomos adolescentes a gente sabe o que é isso. É aquela coisa assim de você estar na...E muitas vezes somos nós os educadores que queremos o menino calado, sentado, comportado, fazendo tudo certo, mas como fazer tudo certo se ele nem sequer teve a chance de errar.

Diante de uma sociedade que oferece um mundo de coisas para se consumir né, você não tem uma educação à altura. O quê esses jovens fazem quando chegam na idade que eles podem enfrentar o adulto? Ele enfrenta com a força física, sem inteligência nenhuma, ele rouba, ele rouba sabe? E aí você pega esses meninos...Ele rouba, ele usa droga, ele procura, ele busca

uma felicidade imediata. Os nossos jovens, e isso é experiência também da Febem, eles não tem medo de morrer, eles tem medo de ver a mãe sofrer, eles tem medo do pai sofrer quando eles gostam e conhecem o pai né, mas pra eles...Eles não têm medo. É aquele que a gente vê assim no módulo Justiça e Cidadania. Fala muito bem isso no início quando questiona o que vem a ser liberdade, aquela liberdade, que elas estavam falando do vôo cego né, aquela liberdade que eu conhecia realmente era liberdade? O que é liberdade? Liberdade é eu poder fazer o que eu quiser? Quando elas chegam aqui e você leva esses seres humanos que não são desinteligentes elas são inteligentes muitas vezes mesmo aquelas usuárias de drogas, você viu a R. Uma menina muito inteligente abandonada, sofrida, mas uma menina muito inteligente, você pega meninas inteligentes que você fala assim: “Gente inteligência não é privilégio de rico”. São seres pobres de tudo, pobres de carinho, pobre de tudo né, mas que tem inteligência e que essa inteligência não foi bem usada. Então quando você começa a mostrar tudo isso elas concluem realmente a liberdade pra mim...Elas falam no final de...Isso é pra gente ficar arrepiada né: “Liberdade pra mim professora é eu conseguir um emprego e criar meu filho, será que eu vou conseguir?”.

Quando elas pegam a história da Esmeralda que é um exemplo vivo né? A gente fala assim, nós ainda não conseguimos trazer a Esmeralda na unidade pra elas trocarmos, mas o fato de ver no vídeo né, e de ter depoimento de funcionários que conheceram a Esmeralda e da Esmeralda estar viva né, ser matéria de jornal. Aí, isso faz com que elas falem assim: “Se ela pode nós também podemos”. E pode, porque a gente fala assim: “A Esmeralda é muito inteligente”. É, mas as meninas também são, como há muitas meninas que também são, então você fala assim é possível? É. É uma batalha do bem contra o mal? É.

Porque aí...Eu queria pensar assim com você, porque então você acha que essa proposta ela vem ao encontro desse novo olhar proposto pelo Estatuto né? Das medidas sócio-educativas e aí assim tem uma outra coisa que a gente sabe que é assim que aqui você até falou. Que queira ou não queira a gente sabe que aqui é contenção. Então assim será que ele consegue mexer um pouco aí também?

Mexe, mexe. Porque assim a partir do momento que aquele funcionário que está trabalhando, que tem idéia de que corrigir é a contenção. Ele percebe pelo trabalho do professor que o que faltou pra essa criança foi educar tá, ele reconhece que funciona muito mais do que bater, porque a violência só gera violência. Eu posso fazer uma menina fazer tudo que eu quero ameaçada? Posso, mas ela não vai fazer feliz, ela não vai fazer direito e eu tenho um inimigo. Na primeira oportunidade toda essa mágoa ela devolve. Você pode mudar um comportamento sem criar um inimigo, muito pelo contrário todo mundo muda, todo mundo percebe que existe uma maneira talvez mais complicada que requer estudo, requer reflexão, requer leitura, requer apropriar-se de outras...

Instrumentos.

É de outros instrumentos até pra você fazer essa mudança de conduta nesse ser humano que veio de uma vida inteira de agulhas e de sofrimentos. Então o próprio funcionário quando ele percebe o resultado que a gente colhe de um trabalho via educação você não tem aquele inimigo em potencial. A gente costuma falar assim no Tatuapé: “Pelo professor o aluno entra na frente de uma bala”. Sabe, ele entra mesmo. Ele tira o professor da rebelião, porque é aquilo que elas falam: “O professor não está aqui pra me bater”. Mas quem é que está aqui pra bater? Ela está aqui pra ser reeducada, agora existem pessoas que tem que mudar posturas, rever posturas. Até acho que a própria fundação vem revendo toda essa imagem que a Febem tinha né de mudar esse tipo de atuação. Muitas vezes a gente tem que aprender a lidar com a

malandragem né? Saber diferenciar quando é que a menina está...Quando que é verdade e quando ela está sendo malandra. Ela aprendeu a ser malandra sabe? Então você tem que também aprender isso, mas você não precisa usar a força pra fazer essas coisas.

Então assim a educação daria conta?

Eu gostaria que desse.

A disciplina também daria conta?

A disciplina não é necessariamente a violência tá? Disciplina é outra coisa, tem meninas que pedem disciplina, elas querem disciplina, eles querem ter horários, criar hábitos de vida é isso que faz o nosso tempo ser melhor administrado do que o delas, do que o da mãe delas entendeu? “Ah como que a senhora consegue trabalhar, criar os filhos pagar aluguel, ganhar seu dinheiro e ainda se divertir, ainda estudar como é que a senhora consegue?”. Porque você aprendeu a administrar o tempo tá certo? É diferente daquela pessoa que não aprendeu essas coisas né, então elas querem isso pra elas.

E aí precisaria da educação aqui dentro, mas também não só aqui dentro né?

Esse é um trabalho que...

Tem um trabalho lá fora.

Em sociedade é uma coisa que tem que acontecer um dia e que é via educação também ainda é via educação. Você consegue pessoas melhores na fila do hospital quando elas são mais educadas, você consegue funcionários públicos mais atenciosos quando eles são bem educados. Melhora tudo, todos os setores da vida melhoram quando a educação realiza um trabalho verdadeiro não um faz de conta.

Então E. e agora, daqui pra frente?

Nós aqui na UIP, nós vamos continuar tocando o projeto e lutando por aquelas coisas que a gente acredita né que garantam a qualidade do projeto né, porque não basta a dizer assim: “Ah lá tem o projeto Educação e Cidadania”. E todo mundo aqui fazer de conta né? A gente tem muita briga aqui entre nós né. Tem hora que a gente fala assim a gente tem que falar, a gente tem que reclamar. Vamos ver, vamos rever isso deu certo isso não deu né? Há algumas coisas que a gente já chegou a conclusão de que elas funcionam e que para a qualidade do trabalho da gente, a qualidade do projeto não dá pra fingir, fazer de conta né. Senão a gente cai naquela mesmice. Então a gente espera que a idéia educação e cidadania ou educação para cidadania, ela se estenda que nem uma onda né? Ela vá alcançando outras instâncias mesmo. Que seja inicialmente na Febem, começou com as UIPs, avance para os internatos, vá para as unidades de semiliberdade, alcance as crianças lá fora na escola, no ensino. A gente acredita e espera isso agora também lógico a gente fica revoltado quando vê matérias de televisão que Febem não dá certo, não dá certo, não dá certo.

É o que o povo gosta de ver?

É o que o povo gosta de ver, mas não é o que a educação precisaria mostrar. O povo precisa ver as coisas que também dão certo. É que nem aqui com as meninas da gente. Não adianta a

gente ficar contando história que acabou no buraco e jogou a terra em cima entendeu? Tem que contar histórias que deram certo né? É a idéia do conto de fadas. O príncipe não vem e casa com a mocinha, fala pra ela até da morte não é o final feliz que todo mundo busca né? (...) uma sociedade, não ser perfeita, mas para melhorar tem que ser via educação e assim: mostrando exemplos de coisas que deram certo. A televisão não ajuda, a imprensa não ajuda e às vezes a gente pensa assim parece que existe uma corrente que faz questão de não mostrar o que dá certo e sim só o que vende né? Essa é uma sociedade horrorosa que a gente tem lá fora que às vezes você fala assim: “Ela está vencendo, mas não vai vencer, ela não vai ganhar”. A idéia que cada vez mais o mundo se torne mais inteligente, mais democrático pra que as pessoas sejam mais felizes eu também penso assim.

Eu também.

E também penso em fazer um projeto, em fazer um projeto não, em fazer uma tese de mestrado nessa linha. E acreditar, se há conserto não é matando é educando aqueles que não receberam educação do nascimento do berço né. Se não receberam essa educação via papai e mamãe tem de receber de alguma forma de algum lugar né. Precisa criar instrumentos pra que essa educação aconteça, pra que o Estado se torne mais eficiente claro né uma delas, um dos instrumentos é o ECA que é o Estatuto da Criança um outro instrumento são os projetos sim que visam o resgate da cidadania.

ANEXO N.

Entrevista com professora da UIP F – Profissional 02

03/06/2004

Eu estou aqui na UIP (...) e queria saber o seu nome e a sua função aqui na unidade?

Professora R. dou aula no PEC.

R. me diz uma coisa, há quanto tempo você trabalha como professora na Febem?

Vai fazer 6 anos.

6 anos. E desses 6 anos quanto tempo aqui?

O projeto está implantado já o terceiro ano, vai completar 3 anos.

E antes de trabalhar aqui você trabalhava onde?

Febem Tatuapé.

Febem Tatuapé e lá era o ensino regular. R. eu queria saber o que você acha do PEC e queria saber se você sente diferença de quando você trabalhava numa unidade que não tinha o projeto e agora numa unidade que tem o projeto?

Um diferencial bem grande.

É. Porque? Porque R. que você sente essa diferença?

Exatamente por trabalhar com temas relacionados diretamente ao cotidiano do aluno e dar uma abertura muito grande pra se trabalhar com valores humanos. Os conteúdos; não que nos empecem de trabalhar com valores humanos, mas deixa o professor mais preso né? Até a questão da burocracia, de colocar em prática um planejamento de conteúdo. Já se trabalhava assim de uma forma bem criativa na unidade da Febem tentando trazer temas, assuntos relacionados ao aluno do cotidiano dele, mas não dá proposta como o PEC propõe né, com temas que trabalham a realidade do nosso aluno e o que se percebe a diferença é que o aluno ele fica mais interessado, mais participativo porque trabalha mais a realidade dele. Por mais que o professor faça um link entre os conteúdos abordados com a realidade dele, não trás tanto interesse e o PEC faz com que a gente trabalhe primeiro a realidade pra depois na contextualização trazer os conteúdos pragmáticos né, pra trazer mais um contexto histórico de alguma coisa e assim o que se percebe na prática é a mudança rápida do aluno.

Como que percebe?

Comportamento, vocabulário, principalmente na socialização as idéias, porque o PEC ele dá essa abertura do aluno socializar as idéias, falar do seu saber social e aí você trabalha a questão da alta estima, mostra pra ele que ele tem um saber social, todo mundo tem um saber social e aí trabalhando essa auto-estima ele começa a querer ter outros conhecimentos porque

ele já sabe que têm alguns. Começa a perceber que já tem alguns, se eu já tenho alguns eu posso aprender outros. Porque ele não sabe na realidade nem que tem saber social. Porque ele não sabe o que é isso e aí o projeto propõe ao aluno principalmente valorizar a própria vida e aí a gente faz esse resgate de cidadania. Esse resgate de auto-estima e ele percebe que já sabia muita coisa sim. Então se eu já sabia eu posso aprender mais, assim e sintetizando é isso trabalhar com valores humanos. Resgatar o ser humano, principalmente pra ele se interessar através da curiosidade e aprender o conteúdo da própria curiosidade.

E você percebe isso na sala de aula?

Na sala de aula. É interessante falar assim que ontem em sala de aula foi perguntado através das avaliações, que você mesma viu Claudia, pra monitoria a gente tem que ver a mudança do agora, quem quer mudar de vida, quem quer fazer novas escolhas de vida faz o agora, não pensa no amanhã. E aí eu perguntei pra monitoria como que eram essas meninas no pátio, porque eu mostrei as avaliações junto com elas, elas falaram que realmente o vocabulário, comportamento assim são coisas que elas estão socializando até no pátio (...)

Então você acha assim, porque a gente no começo a gente tinha uma dúvida que era assim será que...Porque a Febem é uma instituição de contenção né e aí a gente tinha essa dúvida será que é possível uma proposta educativa; desenvolver uma proposta educativa em uma instituição que foi feita pra contenção?

É interessante essa fala Claudia porque ontem uma aluna, pode citar nome? D. Ontem a D. falou assim: “Professora eu nunca me interessei de estudar tanto como eu estou me interessando agora”. Porque eu falei da evolução dela, eu falei: “D. me responde uma coisa?”. E a sala ouvindo tudo: “Se você não fosse obrigada a estar aqui na sala de aula, você estaria nesse interesse?”. Ela falou assim: “Olha professora eu confesso pra senhora que se eu não tivesse obrigado a estar aqui na sala de aula talvez por mim mesma eu não viria, mas com a motivação da professora a senhora motiva muito a gente é que faz a gente se interessar”. E essa foi a fala dela eu acho que faz um pouco a gente refletir do que você está falando e o próprio aluno chegou a conclusão, a reflexão da sala no tema Justiça e Cidadania que nós trabalhamos que o adolescente precisa de limites, precisa de regras que não pode deixar ele fazer as coisas exatamente como se tivesse em um vó cego, como o próprio tema propõe tem que dar a orientação pra eles. E elas chegaram a conclusão que se elas não fossem direcionadas também a isso elas também não iam ter esse discernimento de escolher sozinha e isso pra mim é muito interessante Claudia assim até como...Não só como professora educadora como mãe que a gente não pode largar simplesmente os nossos adolescentes, tem que dar direcionamento e falar: “Olha tua escolha, aqui estão os caminhos”. E a proposta do PEC é isso né? É você dar possibilidade de novas escolhas e falar: “Olha você já tem um discernimento de entender que você pode fazer as escolhas (...)”. O básico é isso.

E aí você acha que não choca com a coisa da contenção. Como que é a relação com o pessoal, com os funcionários que cuidam mais dessa parte da contenção e o projeto, se eles conhecem, se eles levam numa boa ou tem uns que não levam muito acham que não tinha que ter projeto educativo pra menina que cometeu ato infracional, você tem algum problema desse tipo aqui?

Olha você está fazendo uma pergunta que eu chamo, eu enquanto professora do PEC aqui estou na 3ª fase, já não estamos mas nesta fase das pessoas acharem que a proposta não é boa e que as meninas não podem estar socializando as idéias isso já não é...Não podemos mais

falar essa fala porque nós já legitimamos o nosso trabalho. A realidade é essa. Já perceberam que através de um trabalho realizado sério, de uma proposta de trabalho sério né através da conquista, do vínculo do aluno. Essa proposta que deixa o aluno mais livre pra socializar suas idéias, falar do seu saber social, falar de temas abordados. A gente já não vê mais resistência mais do monitor, o monitor novo que chega agora claro que se...né poxa dentro da Febem um tipo de projeto desse, como nós já ouvimos e você pode tá falando de um professor, um monitor hoje que ele já foi professor ele da aula à noite ele fala pra próprias alunas: “Valorize porque esse projeto não tem lá fora, vocês estão tendo algo muito valioso”. Então assim hoje eu já não tenho mais esse choque porque estamos n o 3º momento o 1º momento foi o choque o 2º a adaptação e o hoje estamos na aceitação.

Então você acha que essa fase já passou, existiu mas...

Passou. Isso assim o que acontece a gente tem que ressaltar que a Febem é aquela coisa rotativa sempre aparece um funcionário novo aquele que chega ele se choca porque ele tem aquela imagem né totalmente do aluno estar ali condicionada, fazer o que todos mandam né? Quando ele vê que na sala de aula a menina tira a mão pra trás, tem liberdade, pode expressar tudo com muita decência, com muita disciplina no sentido educacional de mostrar o que é educação, saber ouvir na hora de ouvir, saber falar na hora de falar tudo muito com educação e aí eles se chocam. Mas aí é que eles percebem a grandiosidade do projeto que é está formando cidadãos.

E as meninas assim quando elas saem da sala de aula que elas têm que por a mão pra trás elas não reclamam, nunca teve alguma comentário?

O comentário é: é o momento menos pesado né? Na sala de aula a gente não sente peso, na sala de aula a gente se sente livre pra falar e o professor até brinca e fala como livre. Porque quando vocês não querem fazer as coisas a gente fala: “Você tem que fazer” “Ah não professora”. Mas é outra situação, aqui a gente não precisa estar de mão pra trás, aqui a gente pode expressar e a gente tem a professora pra poder expressar o que a gente sente. Lá fora não, passou dos portões é disciplina . E o interessante Claudia, o que se registra que elas reconhecem que é necessário essas disciplinas porque elas chegam aqui e através do projeto PEC elas percebem porque norma de convivência e porque regras numa casa que elas estão cumprindo medida socioeducativa. Porque elas não souberam respeitar as normas e as regras lá fora e elas começam entender porque que tem que ter fora das portas da sala de aula essas regras, pra elas começarem a perceber que na sociedade também tem e que elas saindo daqui elas respeitem isso sempre precisar ser de uma forma indutiva, mas uma coisa normal como uma conduta ética mesmo que é o que a gente fala muito de ética no projeto. Por isso que você viu nas avaliações, questão de conduta humana mesmo de respeitar as normas da sociedade e elas aprendem isso em sala de aula e assim elas não reclamam mais. Elas sabem que a sala de aula é um momento de expressar o seu aprendizado, as suas curiosidades, os seus conhecimentos, as suas dúvidas é o momento.

E R. me diz uma coisa na outra unidade que você dava aula; porque aqui a gente sabe que as meninas participam a gente acompanha a sala de aula, a gente vê as meninas falando, elas dando opinião, quando você dava aula na outra instituição o grupo de alunos também tinha essa participação?

Olha assim o que acontece... pro professor é muito desgastante porque você tinha conteúdos pra dar e isso você tinha que prestar contas depois pro setor pedagógico né? Isso tinha diários

pra depois finalizar. O que era desgastante pro professor é que nós tínhamos que investir muito mais na auto estima e aí você se prendia a 45 minutos de aula, 55 minutos de aula. E aí eu particularmente eu não me importava eu tinha que resgatar primeiro a auto estima daquele menino só depois disso que era um desgaste muito sofrível é que eu ia trabalhar o conteúdo. Mas isso era muito desgastante pra mim porque eu tinha aquela cobrança do conteúdo e quando eu me deparava que eu tinha que fazer o conteúdo eu poderia perder uma sala porque eu não investi no ser humano e na unidade que eu trabalhei era professora de história né, tinha que dar os conteúdos de história e assim se eu não conseguisse trabalhar o resgate dos alunos trazer aquele vínculo professor/aluno eu não conseguia dar aula. Eles respeitavam porque é muito interessante você falar que a escola dentro da Febem pelos próprios adolescentes é respeitada, eles respeitaram, mas a motivação é outra questão. E aí eu percebi enquanto prática que se eu não trabalhasse a questão do resgate da auto-estima eu não conseguiria isso e isso era uma constante. Então assim a cada ano que entrava, a cada semestre né que entrava eu já me preparava psicologicamente eu tenho conteúdo pra dar, mas primeiro eu vou resgatar a auto estima o valor humano, buscar o vínculo porque se não eu não vou conseguir isto e aí sim aquele aluno ele se interessava até pelo vínculo que ele tinha ali, mas (...) é bem diferente a motivação do que tem dos conteúdos que eu trabalhava, da forma que se trabalhava antes né com o agora o abismo é muito grande.

Por quê?

Eu digo que é a metodologia de trabalho, porque assim se eu conseguia êxito em um, me considero uma vitoriosa nos 3 anos que eu trabalhei na unidade. É por causa da metodologia que você tenta ser criativa, faz vínculo né com conteúdo do cotidiano do aluno e quando eu vim no PEC é tudo aquilo que eu acreditava e quando você faz alguma coisa que acredita e tem uma metodologia de trabalho que tem um projeto que te dá abertura, é metodologia de trabalho e o projeto tem uma proposta muito boa né, trabalhar o saber social do aluno com conhecimento não deixar ele alienado com a atualidade, buscar uma contextualização histórica dar essa abertura você não fica preso...

E R. que dificuldades que vocês ainda enfrentam aqui na UIP?

Deixa eu pensar um pouco pra não ser injusta. A gente trabalha muito sobre justiça então a gente tem que pensar um pouco. O espaço.

O espaço físico né?

Sempre. Quantidade de alunos, assim o projeto já está muito claro na experiência que a gente tá, que está vivendo, vivenciando, que com 15 alunos dá pra se fazer uma proposta. Passou de 20 é impossível a gente já tem que adaptar toda uma realidade que a gente sente que a gente já sofre mudanças com o projeto e se o projeto deu certo vamos continuar nessas característica que tá e só acrescentar algumas coisas pra aperfeiçoar. Mas mudou a quantidade de aluno, você tem que mudar a metodologia e aí que eu te falo onde está o sucesso desse trabalho. Além de uma proposta bem feita de trabalhar a metodologia, trabalhos em grupos dinâmicos como se faz isso em sala cheia? Eu tenho prática de Estado lá fora também que não é só de Febem né e você tem que ser artista e a gente já foi artista com alunos hoje com 30 alunos como eu já cheguei ter 36 na sala de aula aqui dentro da unidade e você percebe que você ensina até um projeto maravilhoso como é o PEC no meio porque você tem que mudar a metodologia pra nossa realidade.

E a questão do espaço como que será que poderia melhorar?

É exatamente quando acrescentasse o número de alunos é a abertura de salas.

Precisaria mais sala de aula.

Com certeza é o único caminho não tem outro e até pra propostas das oficinas que a proposta são lugares mais atraentes, lugares diferenciados da própria sala de aula que a proposta das oficinas é isso né e a gente se encontra barrada nisso de montar um espaço criativo então tudo é questão de espaço e realmente número de alunos.

E R. apesar dessas dificuldades que vocês enfrentam aqui na UIP a gente conhece o grupo né de professores enfim o grupo da parte da educação daqui da unidade e a gente sabe sobre o trabalho de vocês os resultados, a gente sabe sobre a qualidade também. Eu queria saber assim na sua opinião o que faz, apesar das dificuldades que tem de ser uma instituição de contenção, o que faz essa grupo caminhar e ter tanto sucesso?

Eu vou falar com convicção isso o grupo ele caminha com sucesso porque individualmente a unidade tá com uma equipe que acredita no que faz eu tenho muita convicção, ama o que faz, acredita no que faz, abraçou o projeto sabe? É um projeto bem feito, apaixonante que nos fez apaixonar eu sempre disse isso, não basta ter um projeto apaixonante alguém nos fez apaixonar foi essa capacitação, foi essa sabe todo esse trabalho envolvido envolvente é por isso que da certo e só da certo exatamente por isso porque tem profissionais sérios que amam o que faz que acredita no que faz. E mesmo com as dificuldades que a gente encontra a gente tá aí arregaçando as mangas acreditando no projeto o êxito pra mim tá aí por isso que o grupo tá olha o individual cada um acreditando no que faz é que se completa o grupo.

Você acha que só um projeto igual o PEC dentro da unidade dá conta da recuperação desses meninos e dessas meninas?

Você me diz na questão da proposta de trabalho?

Eu digo assim da reinserção desses meninos e meninas na sociedade.

Não. É muito mais complexo. Nós estamos fazendo a nossa parte, mas a grande preocupação do educador que acredita e abraçou esse projeto quando ele sai das portas da Febem, porque a sociedade... Isso eu já estou percebendo que está acontecendo lentamente. A escola lá fora parece que já está se movimentando através da secretaria de Educação, do próprio Cenpec que está envolvido nisso. Mas a gente se preocupa muito com iniciativa como essa, porque é aquilo que eu te falei, você está empolgada em sala de aula porque tem alguém que motiva, alguém que acredita, alguém que incentiva e alguém apoiando. Quando ele sai dos portões, ele vai encontrar o mesmo mundo, o mundo do tráfego, o mundo das drogas. Não vai encontrar aquele referencial motivador então assim o projeto facilita muito falando pra reflexão, pra ele perceber outras alternativas e acredite eles querem mudar e elas querem. Só que quando elas saem desses portões, a sociedade ela não tem um projeto que está resgatando a cidadania lá fora nas escolas né? As próprias empresas né não se envolvem nisso pra resgatar a cidadania dos novos jovens. O projeto, claro que ele não vai dar conta isso é até utopia da nossa parte pensar que ele vai dar conta, mas acredito que já estamos fazendo alguma coisa, porque quem tem garra, quem tem uma estrutura familiar, quem tem vontade

pode ter certeza, de 15 da sala vamos acreditar que se 2 saírem já é uma vitória pra gente que acredita nesse projeto.

Eu queria deixar em aberto se você quiser falar mais alguma coisa sobre o projeto...

O que eu queria assim registrar é que foi muito importante, essa capacitação. Isso tem que ser registrado se a escola hoje a instituição escolar tá do jeito que tá é porque não está sendo investido em nossos professores; é muito fácil condenar o professor, é muito fácil falar que uma sala está desmotivada porque um professor não motiva, quem está motivando esse professor? E eu vou repetir a mesma frase que eu acredito: se o projeto PEC ele é apaixonante e eu digo que ele é apaixonante é porque nos fizeram se apaixonar por ele através de uma capacitação de profissionais que acreditavam nesse projeto que nos fez acreditar nele. Por isso e o que acontece na rede aí fora é isso essa falta de investimento no profissional né? Porque nós somos formadores de opiniões queria ou não; como eu vou motivar o meu aluno se eu não sou motivada então essas capacitações foram de muito proveito pra nós.

ANEXO O.**Entrevista com agente de proteção da UIP F – Profissional 03****03/06/2004**

Eu vou entrevistar agora um agente de proteção I. Ok I. vamos começar então, você é... Qual a sua escolaridade I?

Superior completo.

Você fez qual curso?

Administração de empresas.

Ah ta, faz tempo que você se formou?

Foi em 93.

E você está na Febem há quanto tempo?

Há dois anos, vou completar dois anos em julho.

Ah ta e você trabalhou onde antes, nessa área também ou não?

Não. Eu trabalhava num escritório de contabilidade né e depois a minha intenção era prestar concurso de nível superior né e eu estudei por um período e depois disso eu precisei, por algumas dificuldades financeiras, eu acabei prestando concurso pra Febem e acabei me mantendo nesse período de estudo.

Entendi, mas você já prestou concurso pra essa função.

Pra essa função?

Quando você entrou na Febem, você já entrou como agente de proteção?

Isso.

Que é o agente de apoio técnico né, que está mudando o nome dessa função. E você trabalhou em qual unidade I. antes?

Unidade no Tatuapé.

Que daí é UI né?

Isso.

Logo que você entrou você foi pra lá?

Diretamente pra lá.

E aí você ficou um ano lá.

Um ano.

E depois você veio pra cá; por que você foi transferido pra cá?

Porque a situação lá tava um pouco difícil né, assim, a casa não estava muito boa, então eu comecei a ter alguns problemas, inclusive é... Psicológicos, tal. Então eu achei que seria melhor eu pedir uma transferência, porque eu não estava me adaptando lá, a situação que estava vivendo no momento da casa.

E fala um pouquinho como que é... O que você acha que é a função da UIP, você que teve uma experiência de UI né que já é internação e a UIP tem uma outra característica né, que é uma internação provisória de 45 dias, não é isso, no máximo, às vezes as meninas acabam ficando mais na unidade, mas a idéia da UIP é de 45 dias; na sua opinião qual que você acha que é a função da UI, da UIP, desculpe.

Ah, eu vejo ela como uma unidade que vai preparar o adolescente pra a internação né. Quando ele chega, quando no caso as meninas né, quando elas chegam, elas vão ter aquele impacto da unidade né. Aqui é o primeiro contato que ela vai ter, depois ela vai então pra sua unidade onde ela vai ficar internada né. Então ela vai sentir mais ou menos o que é uma internação aqui.

Você acha que essa é a função da UIP e no caso das meninas que saem por exemplo que a UIP também ela é uma internação provisória e acaba que algumas meninas têm uma medida de meio aberto né, então ela teria aí uma outra função vamos dizer assim.

Assim no caso da... Dessas meninas que entram elas acabam é...Vem aqui e acaba tendo assim, como que eu poderia dizer, um impacto com elas mesmo né. Então elas vão ver que elas vão confrontar com o erro que elas cometeram entendeu? As coisas erradas que elas fizeram lá fora e vai ter um período de uma reflexão pra elas né, esse tempo que elas ficam aqui elas acabam tendo uma reflexão.

E fala uma coisa, então e aí... Me fala agora um pouco sobre o PEC que é o apelido aí do projeto, não sei se aqui tem esse apelido PEC o projeto de Educação e Cidadania, na UI não tinha o projeto né, era diferente a forma como eles garantiam a escolarização né? E aqui tem o projeto. Você não quer contar um pouco qual é a sua visão do projeto o que você sabe?

Olha, antes desse projeto, que eu peguei um pedacinho né, aqui a gente via as meninas assim com o tempo ocioso. Aí então nesse tempo que elas estavam ociosas, ficava uma situação assim como... Sabe como é a cabeça vazia, então normalmente só pensavam no que não devem e acabava muitas vezes tendo muito problema de disciplina.

Sim quer dizer que você pegou aqui a UIP, você esteve trabalhando na UIP quando ainda não tinha o PEC é isso? Quando não estava sendo implementado.

Não, ele não estava funcionando como funciona hoje né.

Entendi.

Então a gente via essa situação de um tempo mais de ociosidade e depois que entrou o projeto a gente vê que elas estão bastante ocupadas né? Então elas têm muitas atividades durante todo o dia né e isso tem sido assim muito bom pra elas né.

Você, por exemplo, qual a sua função aqui?

A gente faz o monitoramento né, a gente acompanha as atividades né e a gente fica normalmente cuidando pra que não haja problemas de comportamento né.

Ta. Fala uma coisa, como que é a sua rotina? Então vamos pensar, você fala que acompanha as atividades, mas é como? Você chega daí você vai até o dormitório, como que é, descreve um pouco exatamente aonde você acompanha as meninas de manhã até de noite?

Durante a semana, de segunda a sexta a gente chega e elas já tomaram seu café, já acordaram, já fizeram a higiene, já tomaram o seu café. A gente então só vai pegar elas e levar pras salas né? Então a gente acompanha elas, as turmas pras salas e ali onde são realizadas as atividades a gente fica fazendo o acompanhamento.

Você acompanha sempre a mesma turma de meninas?

Não, a gente vai sempre fazendo o revezamento né.

É o próprio coordenador da equipe é que vai dizer qual turma você vai acompanhar?

Isso.

Ta. E uma das coisas que vocês fazem da minha observação e das unidades que eu visitei que é importante da função é o deslocamento né das meninas de um lugar para o outro. O deslocamento ele tem algumas regras não é? O deslocamento está ligado à questão da segurança né? Você não quer falar um pouquinho dessas regras pra mim?

As regras que a gente tem aqui é normalmente logo levar elas pras atividades. Então a gente exige uma formação né? Então elas ficam em forma, enfileiradas né no pátio e depois quando a gente chama elas, elas então vão pedir licença pra saída e vão em fileiras, enfileiradas né pra sala de aula, normalmente assim.

Elas vão pedir licença pra quem?

Pra gente, nós que estamos acompanhando elas né e pras outras que estão do lado delas, os funcionários, enfim todo o corpo que estiver ali presente e elas vão então enfileiradas e a gente exige que elas vão com as mãos pra trás né pra qualquer problema a gente poder... Imediatamente poder verificar qual é a menina, identificar.

Essa é uma questão aí para o controle, melhor controle de vocês. E elas não podem conversar nesse período do deslocamento?

Não, não podem conversar.

Ta. Então o deslocamento vamos dizer, uns dos momentos de mais atenção aí que vocês... Elas são submetidas então a essas regras vamos dizer assim, e essas regras são antigas, elas não sofrem mudanças no decorrer do tempo?

Não, essas regras são antigas. Às vezes assim ela aparentemente começa a ter assim um certo relaxamento porque é comum do adolescente ficar testando né, então a gente tem que ficar o tempo todo mantendo elas né.

Elas têm que abaixar a cabeça?

Nos momentos de maior tensão é um exemplo se a gente vê se há alguma dificuldade uma briga entre elas, alguma coisa assim então a gente exige que abaixe a cabeça.

Que abaixe a cabeça, ah ta. E parece que tradicionalmente tinha essa regra de abaixar a cabeça, e de uns tempos pra cá isso foi mudando ou não, você confirma essa impressão?

A gente tem essas regras sim. Como eu disse no momento de maior tensão a gente exige, quando a casa ta tranqüila a gente exige... Não tem assim tanta exigência, porque as regras quem faz são elas mesmas né, se a gente vê que há um bom comportamento na casa, então a gente mantém as regras básicas, que são regras de enfileiramento, a mão pra trás, normalmente, e se a gente vê que algum problema de tensão então a gente exige que se abaixe a cabeça.

Entendi. E elas já sabem disso?

Já sabem disso?

Quando elas chegam, elas tem uma primeira conversa com a equipe técnica tal e vocês participam, por exemplo, porque essas regras como que elas são passadas pras meninas, qual é a equipe que passa ou são várias que passam?

Todos nós os agentes, nós já estamos instruídos no sentido de quando a menina chega, ela vai ficar durante um período dentro da unidade sem participar de nenhuma atividade, esse período é de 24 horas, então ela não participa de nada, ela fica simplesmente num momento de reflexão ali e terminado o período de 24 horas...

Aí ela fica com quem... Ah ta bom. Então vamos lá, onde a gente estava, que até você estava falando a gente estava falando das coisas das regras né, da formação das meninas, essa vez que eu entrevistei quatro adolescentes foi nessa sala mesmo, teve um momento da entrevista que elas estavam mais relaxadas e tal e aí elas começaram a brincar com a história desses comportamentos que elas ficam interiorizando né, porque esse negócio de ficar andando com a mão pra trás sabe, então elas brincavam entre elas e dando risada e quando eles saíssem daqui e elas fossem para o restaurante, depois elas iam abaixar a cabeça, esperar o garçom, avisar que elas iam levantar e elas falavam disso e morriam de rir, então eu achei também uma coisa interessante elas terem essa crítica...

Você me fez lembrar de uma regra que de repente talvez esteja ligado a isso que a gente está conversando, que é a questão do almoço, na hora do almoço sim a gente exige que elas abaixem a cabeça depois que terminar.

Depois que termina?

Terminou de almoçar, abaixa a cabeça.

Por quê? É pra que possa sair?

Não, porque elas não podem sair uma por uma, então tem que esperar todas terminar de almoçar. Então se elas terminam de almoçar e ficam com a cabeça levantada elas ficam se comunicando com os olhos. Às vezes pode sair briga, porque se uma olhou pra outra e a outra não gostou do olhar (...) aí na hora do almoço na mesa, elas podem estar brigando então pra evitar isso à gente fala: “Abaixa a cabeça, ninguém olha pra ninguém”.

Mas aí elas têm que ficar olhando pro prato vamos dizer?

Isso. Ou então elas abaixam, põe os dois braços e ...

Empurra o prato né, pra não dar de cara com o prato.

Isso.

Ta certo. E aí elas começam a sair depois que todas terminaram?

Quando todas terminaram então a gente retira elas do refeitório.

Ta. Como que é o relacionamento delas com vocês, agentes de proteção?

É um relacionamento assim, um tanto quanto... É, elas fazem a parte delas e a gente faz a nossa né, então elas cumprindo as regras direitinho, a gente fazendo com que as regras sejam cumpridas e fica por aí né.

Mas há uma aproximação, vocês... Elas se abrem, vocês têm diálogo ou é mais distante vamos dizer assim.

É um pouco distante né, é um pouco distante, mas mesmo assim acaba tendo aquelas que às vezes procuram a gente pra contar algum problema que está acontecendo né, então a gente acaba conversando.

Nos finais de semana e à noite vocês participam, vocês dão atividades pra elas, vocês... Como é que é, porque tem um horário que não tem professor, não tem analista técnico não é isso?

Então é nesses horários...

À noite, no final de semana, feriado, como é que então vocês... Vamos dizer que daí vocês não ficam só no deslocamento e na observação da porta da sala vocês fazem mais do que isso né, como que é?

As atividades que podem ocorrer no final de semana é assim, são filmes que normalmente são trazidos para a unidade pra que elas assistam, elas gostam muito né de ver filmes, tem também...

Vocês escolhem os filmes, quem escolhe os filmes que elas vêem?

Normalmente esses filmes são escolhidos durante a semana, na quinta ou na sexta-feira pelo setor pedagógico, pra ficar o final de semana sendo exibido pra elas e fora os filmes tem as atividades religiosas né que são os cultos evangélicos que vêm realizar.

Eles são... As meninas podem optar por participar do culto ou são obrigadas a participar.

Não são obrigadas, aquelas que querem vão.

Ta certo. E fala um pouquinho do projeto assim, você fica na porta da sala todas as aulas certo, então você deve ter assistido aula já de vários temas, vários tipos de oficinas e tal, você em geral fica prestando atenção nas aulas assim?

Presto. Às vezes quando são coisas assim que a gente percebe que interessa né, que são temas interessantes, normalmente todos são interessantes né, então a gente acaba participando né.

Ah é, vocês são chamados pelo professor, vocês tomam iniciativa, como que é?

Ah eu mesmo já aconteceu de eu tomar a iniciativa de fazer uma colocação.

Como foi, conta esse fato aí, conta essa história.

Uma determinada vez, a professora estava falando sobre o projeto família né.

Você fez um depoimento seu?

Um depoimento.

E foi legal, você gostou?

Foi bacana.

E as meninas, receberam bem a sua participação?

Isso, elas sempre... Assim a gente às vezes tem a oportunidade de conversar com elas, mesmo quando elas já estão formadas, então a gente vai dar, como que chama, aquele famoso sermão né? Porque eles estão fazendo uma outra coisa errada então às vezes a gente acaba passando alguma coisa boa pra elas em aconselhamento tal então elas acabam recebendo também esse momento né.

Você saberia dizer qual são... Porque o PEC são 5 módulos temáticos e são dez oficinas; você sabe dizer quais são os cinco módulos temáticos, quais são os cinco temas que são trabalhados?

Olha, eu teria um pouco de dificuldade de me lembrar deles, mas eu sei muito bem que tem o projeto cidadania né?

Isso, Justiça e Cidadania, têm outro que você falou agora, Família, Saúde, Educação, não só para ter uma idéia. Você já passou por alguma capacitação durante o período que você esteve na Febem?

Não.

E diga uma coisa, é comum a ocorrência de conflitos entre elas assim ou isso acontece com as meninas recém chegadas e depois de um tempo tende a diminuir, não ocorre mais, isso acontece em sala de aula e no pátio ou só acontece no pátio, em sala de aula não acontece, quer dizer como que é...

É uma coisa assim muito relativa né porque depende muito da menina, da pessoa.

É mais de um modo geral assim eu queria que você colocasse.

A gente percebe que é mais comum assim quando elas estão mais à vontade entendeu? Então se elas não estão ocupadas com alguma coisa...

À vontade que você fala é sem fazer nada?

Sem fazer nada ou então se elas começam a conversar demais, ou seja, se a gente dá muito espaço pra elas conversarem muito se comunicarem muito a tendência é acontecer esse conflitos né? Então na experiência que a gente tem, a gente evita que elas tenha muita conversa paralela, aquilo que elas estão né, fora daquilo que elas estão tendo como atividade.

Deixa eu perguntar uma coisa, como é que vocês... A gente percebe que tem uma integração boa entre os profissionais aqui da UIP e tal né. Então, eu queria saber como essa integração assim acontece e uma coisa mais no dia-a-dia, de vocês estarem conversando, por exemplo, vocês tem acesso ao pessoal do pedagógico, a equipe; vocês podem estar trocando ou também tem alguns espaços mais formalizados de reunião entre equipes?

Quando eu cheguei na UIP ela já tinha isso né, inclusive foi uma coisa que me surpreendeu bastante, que eu não vi nas outras unidades, na que eu trabalhei e nas que eu conheci. Então essa integração foi uma coisa que me chamou atenção e quando eu cheguei ela já existia né, e é uma coisa que eu posso dizer que é meio natural né, não é uma coisa forçada. Embora sejam feitas as reuniões que a gente participa normalmente, são reuniões mais específicas; então a gente participa da reunião de agentes pra resolver os problemas que ocorrem com a gente.

Sei. Que daí é o próprio coordenador de equipe que coordena.

O coordenador ou a direção, mas assim não há uma reunião pra gente resolver ou pra gente ver, agora eu acredito que isso deve acontecer nos outros níveis da UIP.

Mas você estava falando que há uma diferença, você notou na sua experiência no Tatuapé, nos relacionamentos com outras equipes?

Muito grande, uma grande diferente.

Nas outras era mais...

É uma coisa mais desorganizada é uma falta de... Faltava uma harmonia maior assim entre os departamentos entendeu? Parecia que não havia um conjunto trabalhando por um objetivo e aqui eu percebi isso.

Você percebe que tem um objetivo comum?

Tem um objetivo comum, então eu percebi mais isso aqui na UIP, isso foi uma coisa que me chamou bastante atenção mesmo, a gente percebe que há um esforço de todos os departamentos para o bem da Unidade.

Qual que você acha que seria a solução pra esses problemas gravíssimos aí da Febem. Você acha que tem solução?

Eu acho que tem.

Da sua experiência, como você vê que seria, quais seriam os caminhos?

Um dos caminhos eu vejo que seria separar né os adolescentes pelos níveis deles assim de perigo que eles trazem.

Mas isso não é de certa forma feita?

É feito, mas, por exemplo, eu estava numa unidade de primário grave, só que tinha os primários graves que tinham bom comportamento e os primários graves que tinham mau comportamento é lá na unidade isso acontecia, mas a gente percebia que continuava né. Então eles tinham muita dificuldade em fazer isso, então eu acho que isso é um problema pra Febem hoje, deveria separar imediatamente, tão logo fosse notado já deveria separar, outra coisa que eu vejo, se fosse possível, também separar eles por nível escolar. Eu acho que isso ajudaria. E uma outra maneira que eu vejo também seria um trabalho mais intenso com a família, porque eu acho que tinha que se trazer a família do adolescente. Na minha opinião tinha que se preparar à família do adolescente pra receber ele quando ele sair, pra ele não retornar. Dar condições pra essa família, porque às vezes essa família desse adolescente não tem condições nenhuma de receber ele. Então de repente ele vem aqui, num projeto maravilhoso que é o PEC, por exemplo, que passa tantas coisas boas, mas quando ele chega em casa a mãe não ouviu isso que ele ouviu aqui, o pai não ouviu o que ele ouviu aqui. Então eles continuam levando aquele mesmo ritmo que levou esse adolescente a ser o que ele é, então na minha opinião tinha que se trazer essa família pra que ela ouvisse essas coisas, ela fosse acompanhada, ela fosse preparada para quando esse adolescente sair ele estar ali, inserido naquela família que estaria preparada para receber e apóia-lo no sentido de que isso não viesse a acontecer.

ANEXO P.**Entrevista com auxiliar da coordenação pedagógica da UIP M –
Profissional 04****02/06/2004**

Hoje é dia 02 de junho de 2004 a gente está aqui na UIP. Eu queria saber seu e a sua função aqui na unidade.

Meu nome é M., mas todo mundo me chama de L. Eu trabalho aqui na UIP como auxiliar do coordenador pedagógico o F.

O L. me fala uma coisa; faz tempo que você trabalha na Febem?

2 anos e 4 meses.

Então você sempre trabalhou aqui na UIP?

Sempre na UIP.

E desde que você chegou aqui já estava desenvolvendo o projeto ou ainda não?

Já. Estava se não me engano, começou em 2002 né o projeto aqui. Eu sei que fazia pouquíssimo tempo. Eu entrei em março eu acho que em fevereiro alguma coisa assim que já tinha sido efetivado o projeto aqui na UIP.

E L. me fala uma coisa o que você acha do PEC?

Eu gosto do projeto, eu gosto porque eu acho assim ele consegue abordar tudo que os adolescentes mais necessitam, que é na...de orientação, eu acho que parte assim de matérias né do projeto que trabalha português, matemática, geografia, saúde, mas eu acho que principalmente na questão da orientação que eu acho que é um ponto principal pra eles. Por exemplo, na família, a importância da família, a importância da escola, a lei, a justiça, eu acho que são temas assim que vem ao encontro a tudo que eles mais precisam.

E você acha assim L. que o projeto ajuda a própria unidade assim você acha que contribui para que os meninos cumpram uma medida socioeducativa mesmo, porque a gente sabe que assim que a Febem ela é contenção né? Então tem aquela coisa da educação junto com a contenção. Você acha que isso é possível e que o projeto ajuda nesse sentido?

Eu acho que sim.

Por quê?

Porque eu já inclusive ouvi de alguns adolescentes que até pelo fato deles terem muitas dúvidas tá no que se refere à própria vida deles, até pelos temas que são trabalhados, a abertura do projeto da assim dos professores trabalharem textos, atividades eu acho que tudo isso vem a enriquecer tá. Eu seria contra, por exemplo, até pela condição da UIP deles

estarem 45 dias, como eu converso com eles quando eles chegam aqui na unidade, de repente é um fato...Nós recebemos adolescentes que vem do Estado de São Paulo inteiro tá e tem adolescentes que estão... desde o primário até o terceiro ano concluído. Então não teria como não ser dessa forma para fazer com que ele se sinta parte integrante do processo tá. Mas que ele saia daqui, que seja nesses 45 dias, mas com conteúdo com aprendizagem, tá? Então você consegue perceber, não seja 100% que eu acho que não existe projeto ou forma de trabalhar que se consiga atingir essa meta de 100% de êxito, mas eu acho que tem que passar para o adolescente. O ano passado era até possível a gente perceber; é sei lá, uma aproximação maior com o adolescente no que se refere assim ao aprendizado da sala de aula até porque eles permaneciam mais tempo. Agora talvez isso se perdeu um pouco, porque nós conseguíamos até o ano passado também como ele chegou e como ele saiu. Hoje ainda é possível, mas em uma proporção menor.

Por quê a rotatividade...

A rotatividade né? Então nós conseguimos perceber assim adolescentes que chegavam assim: “Não quero saber de nada, se lá fora não era obrigado a estudar porque aqui eu sou”. Aí depois começa a fazer as atividades do projeto e começa assim sabe, as discussões que tem em sala de aula são discussões ricas tá, de realmente fazer com que ele reflita sobre o que ele tem, o que ele valorizou, o que ele não valorizou e talvez com certeza tem coisas que ele vai colocar aquilo do próprio trajeto da vida dele, talvez na educação ou saúde. Na saúde eu acho um módulo muito bom tá, porque por mais que sejam adolescentes tem muita coisa que a gente percebe que eles não...ouviram falar, mas não sabem, nem como usar, porque usar. Então são coisas que eu acho que são muitas boas.

Então você acha que o menino o tempo que ele permanece aqui, você acha que ele aproveita esse projeto bem?

Bem.

Você acha que ele aproveita bem, mesmo estando em uma instituição, que é uma instituição de contenção?

Sim.

E aí você acha que essas duas coisas não chocam a educação? Porque antes não tinha escola aqui né?

Não.

A escola veio com o projeto?

Com o projeto. Até teve início uma ou outra atividade assim na área pedagógica, mas assim aula, aula mesmo pra todos os adolescentes foi com o projeto.

E os professores também vieram...

Com o projeto.

Não tinha?

Não. Pelo que o F. me fala Cláudia acho que tem um ou outro professor que já estava aqui na unidade, mas eu não me recordo se na época se esses profissionais eram contratados como analista técnico ou se era contratado na sua formação pedagogo, mas não necessariamente a tua função dentro da unidade seria só a educação em sala de aula. Eu sei que foram criadas algumas oficinas né como o F. falava que eles no caso pegavam os meninos assim que tinham mais dificuldades ou que tinham interesse para poder dar aula, mas não que era um currículo assim geral da unidade. Aqui na UIP pelo que eu sei foi feito isso com o projeto é o direto com o projeto. Eu acho que é o mais viável, porque se nós vamos ter 180 adolescentes, que estavam no 1º ano até o 3º ano concluído eu acho que é humanamente impossível você montar salas de aula com as séries específicas. Eu acho que isso seria realmente para UI. Eu acho que o projeto atende perfeitamente toda a necessidade que tem a UIP.

E você acha que os meninos gostam, ou tem muito menino que reclama de ficar o dia inteiro aqui?

Olha gostar, gostam tá? Eu não sei te dizer até que grau realmente é de gostar ou saber a importância que aquilo vai ter, que a sala de aula que o comportamento dele no geral vai ter na questão do relatório dele tá? Porque isso nós colocamos também, o que ele não é avaliado na sala de aula só se ele tiver bom comportamento. É avaliado também a questão dele ter interesse né? Como nós temos meninos que é totalmente...Eles não sabem ler e escrever nada, mas tem assim participação na aula né? E a questão acho que se trabalha muito em sala de aula, principalmente a questão do respeito entre eles, de repente não é porque eu estou no ensino médio, você está no primário eu...sabe, vou começar né tirar sarro, brincar essas coisas, mas eu acredito que para eles é muito bom tá? Para o adolescente em geral eu acho o projeto bom. E assim reclamar, tem reclamação né? Há aqueles que realmente não gostam, mas eu acho que é minoria eu não considero isso a maioria não.

Porque tem aqueles que já não gostam da escola, então já vem com uma coisa de escola que já não é muito positiva né?

Mas eu acho que até pelo próprio convívio. Tudo eu acho que a maioria gosta tá porque não é só aquela coisa, por exemplo, às vezes, fórmula de química. Por quê eu tenho que decorar aquela tabela se eu não vou trabalhar com aquilo nunca na minha vida? Às vezes eu discutir sobre família, sobre saúde, sobre educação, eu acho que vai me acrescentar mais do que outras coisas. Então até quando eles chegam na unidade que a gente conversa sobre o que é o projeto, como trabalha, as questões que são discutidas assim no geral, então você até percebe que já existe um interesse.

Ah na conversa inicial você já percebe?

Na conversa inicial. Eu converso com eles, que eles vão discutir a questão de família, da educação, o que eles tiveram de recurso, qual é a experiência dele né? Até realmente para estar orientando, eu acho que tem um interesse sim.

E não tem uns que estranham nessa conversa inicial quando você começa a falar da escola que a escola é diferente?

Não eles até...Que eu sempre converso com eles o seguinte, que eles vão, o tempo que eles vão permanecer aqui que eles vão estar todos os dias à tarde em sala de aula. Só que como nós

temos adolescentes nessa situação, nessa que vem do Estado de São Paulo inteiro onde cada Secretaria, cada projeto, cada um, cada escola pode adotar um planejamento de aula, de matérias, então foi feito esse projeto para que eles estejam em uma sala de aula, mas trabalhando de uma forma dentro daquele potencial que ele já tem ta? Dentro daquela formação tudo que é coisa que ele vai poder discutir para analisar e produzir alguma coisa né? Comento com ele que eles são matriculados na Secretaria da Educação numa escola que faz parte da rede aqueles que estavam estudando vão ter presença só que depende da medida que for determinada pelo fórum, pegar uma semi uma L.A eles voltam para o convívio deles. Se não eles vão para UI, eles vão estudar na série que eles estavam cursando ou pararam né? Então nessa condição que eles vão ficar esse período aqui. Então são todas essas coisas, a maior dúvida deles, são matriculados na Secretaria de Educação: “Senhora eu vou participar da aula aqui?”. É só que quando você sair dependendo do tempo que você ficar aqui, que você ficar na UI, no teu histórico não vai constar Febem, que é uma das coisas que preocupa: “De repente senhora eu vou ficar 3 anos na Febem quando eu sair no meu histórico escolar vai está lá ano tal Febem”. Não, você não vai, dentro da sala de aula vocês vão estudar português, matemática, ciências de uma forma diferenciada né, vai conhecer onde você nasceu, que região. São coisas que dá para vocês acompanharem e é para vocês participarem. Então tem bastante trabalho, então depende dos professores também, dependendo dos professores eles trazem muita matéria, muita atividade assim para estar reforçando tal assunto, isso eu acho que é de grande valia para eles, talvez de tudo eu acho que uns 60, 70% eu acho que é aproveitado por eles sim.

E por quê 30% você acha que não?

Porque uma coisa é fato, eu acho isso né. Eu acho que tem meninos que de repente eu acho que estão aqui hoje porque não tiveram oportunidade ou porque talvez não tinham a noção do que é você ficar privado de uma liberdade, e é o que eu costumo dizer para eles também eu acho que você só pode mudar tua vida a partir da hora que você quiser. Então você vai ter ajuda, a vida não é fácil para ninguém, mas tem alguns que dá para perceber isso, eu falo assim: “É tua primeira vez?”. Quando a gente vai fazer a matrícula escolar: “É tua primeira passagem na Febem?” “É, e se Deus quiser senhora vai ser a última, para nunca mais eu voltar em lugar desse, nunca mais eu vou deixar de ter a minha liberdade”. E tem aqueles que sei lá, a gente sabe que está nessa vida e que dificilmente vai sair. Talvez pela situação do desemprego, ou talvez até pela localidade onde mora, tem uma série de situações, mas eu acho que a grande maioria, eu acho que retorna de uma outra forma.

E você acha que o projeto contribui para o próprio comportamento deles aqui na unidade dos meninos?

Eu acho que sim.

Você acha que o fato assim deles estarem...Porque a gente tem um retorno muito assim às vezes dos próprios meninos, que eles gostam das atividades porque o tempo passa rápido, eles ficam o dia inteiro na sala de aula e tem até uns meninos que falam pra gente: “Antes eu ficava no pátio, aí eu ficava pensando besteira e agora não, agora eu tenho atividade o dia inteiro, o dia passa rápido”. Você acha que aqui na UIP também ajuda assim par o comportamento dos meninos para eles pensarem, para ficar um clima mais tranquilo?

Acho porque tem uma coisa Claudia acho que também sou da opinião que ficar no pátio sem fazer nada né, só conversando com os seus próprios grupos né, que eles chamam as famílias às vezes vai ficar naquela situação assim de não estar produzindo nada. Não está refletindo nada, não estão ajudando nada, e das atividades é o que eu coloco para eles; à tarde na sala de aula não é opcional. As oficinas também não são, isso a gente coloca que são atividades que da para fazer, da pra desenvolver...

É e aí a gente vê assim, quer dizer, a gente está em uma unidade, a gente tem um projeto que trata de temas que são interesses pros meninos e tal, mas aí pergunto pra você L.: Será que só um projeto educativo dentro de uma UIP dá conta de fazer com que esse menino...Dá conta da reinserção desse menino na sociedade?

Só isso não. Eu acho que vai muito além. Até quando eu comentei com o pessoal Claudia quando eu entrei aqui na Febem que até pela minha formação que eu sou assistente social porque eu não prestei para ser assistente social dentro da Febem. Eu trabalhei em instituição de carentes. Eu tenho consciência que precisa um trabalho sabe, de vários setores para você conseguir um objetivo, só dentro da Febem é impossível por mais que é aquilo que a gente fala, às vezes, dói você ouvir falar da Febem, o que você ouve falar da Febem na mídia: rebelião sabe é tortura, não sei o que. Às vezes as pessoas que a gente comenta o que tem dentro da Febem que a gente comenta do PEC, da sala de aula, das atividades que os meninos tem. Isso é uma coisa que eu acho que deveria ser mais divulgada até para valorizar porque a gente que trabalha aqui no dia-a-dia isso de certa forma dói. Sabe você fala poxa vê trabalho da sala de aula, vê o trabalho de alguns casos que a gente vê que o menino tem potencial, mas precisa ser trabalhado isso. De repente ele vai ficar...eu ouvi um comentário de uma amiga minha que ela é assistente social lá na cidade de Toledo ela estava comentando, fazia tempo que a gente não se encontrava que ela trabalha lá em uma instituição que ela acolhe meninos carentes e ela recebeu um adolescente que saiu da Febem, ela falou que ela ficou impressionada a quantidade de certificados desse menino. Quantos cursos esse menino passou o tempo que ele ficou aqui na Febem. Aí foi pedir ajuda fizeram currículo para ele e tal, mas ela falou que é assim que ela fala assim: “Gente eu nunca soube que isso existia”. O certificado, os cursos, o conhecimento desse menino que ele adquiriu dentro da Febem, mas ele saiu daqui ele foi procurar o que? Uma instituição para ajuda-lo na questão de trabalho ta? Muitas vezes tem outro adolescente que nós podemos fazer alguma coisa por ele, ele passou aqui foi para uma unidade de internação saiu não perdeu o vínculo com algumas pessoas que trabalhavam aqui sempre escrevia, mandava recado por outras pessoas saiu daqui. Esse menino mora em Itaquera, um dia ele saiu 3 horas da manhã para chegar aqui às 7 horas para encontrar uma professora e para encontrar o F. para pedir ajuda porque esse menino ele tinha feito na época ele tinha concluído um curso do Bradesco. Se não me engano de informática aí saiu à liberdade dele, foi procurado para que ele fosse na formatura, e tipo assim você tem que ir com uma camisa branca e uma calça tal e ele não tinha nada ele só tinha a roupa do corpo. Quando ele saiu, ele descobriu que uma namorada tinha ficado grávida e a mãe passando fome. Ele veio a pé de Itaquera até aqui para pedir ajuda, foi quando o F. consegui conversar com uma pessoa que tinha loja. Esse menino trabalha lá até hoje (...)

O que você achou dessa reportagem?

Eu achei a pior coisa, essa revista...A minha concepção dessa revista, nós sempre recebemos o exemplar. É uma revista de qualidade, as reportagens são muito boas, mas essa forma eu acho que foi uma coisa impensada, esse tipo de reportagem, que eu acho que ninguém que as pessoas que elaboraram essas entrevistas, essas reportagens eu acho que elas não pararam

realmente pra ter certeza daquilo que estavam escrevendo. Eu acho muito fácil você falar: "Olha o sistema prisional é isso a Febem é aquilo". Agora escrever é fácil, eu acho difícil você realmente comprovar tá? Eu acho que pegaram sinceramente pessoas...As pessoas que deram depoimento ao meu ver pessoas suspeitas para falar, suspeitas no sentido: "Eu posso muito bem culpar o mundo, porque algumas coisas na minha vida não deram certo". Fica difícil Claudia você colocar assim: "Olha funcionário da Febem é isso". Quando fala dos professores que os professores não tem qualificação, que são tipo assim você é o resto dos restos. Sabe gente eu acho que não é por aí, eu que não sei onde fica também a ética dessas pessoas tá, que fizeram essas entrevistas para estar falando isso. Tem uma das pessoas que deu a entrevista que ele já passou pela Febem, hoje ele está, segundo consta na revista, está bem estruturado tal. Mas até que ponto, com que certeza ele pode garantir que tudo que ele viu na Febem não serviu de nada para vida dele? Eu acho que serviu sim principalmente para aqueles que não voltaram. Então ele não voltou a infracionar, acho que dali ele tirou como objetivo um caminho a seguir. E uma das coisas que me revoltou muito porque a impressão que dá é assim, tudo de bom está lá fora, tudo de ruim que esses adolescentes até então tem vivência é aqui dentro da Febem. O que esses adolescentes passam lá fora? Que condições são dadas para que lês estudem, para que eles trabalhem? Uma das coisas que eu particularmente sou contra tá a condição assim eu acho que deveria ter um ensino com mais qualidade, assim de repente atender, uma das coisas que me chocam muito aqui dentro da UIP. Tipo assim você tendo aquele nível você não é reprovado, porque nós vemos aqui adolescentes que estão na 8ª série e cometem erros assim gravíssimos, não sabe ler, não sabe escrever, as dificuldades. Eu acho que deveria se preocupar sim com uma qualidade de ensino, coisas que uns anos atrás, tudo bem as coisas mudaram acho que tudo evoluiu, mas de uma forma assim também que qualidade, que concepção né? O que eu estou fazendo para estar melhorando sabe a critica, o ponto de vista desses adolescentes sobre as conseqüências, sobre as atitudes? A partir da hora que você tem uma opinião critica, você contesta, mas você vai em busca daquilo que é melhor sabendo de todas as dificuldades que você vai ter não é simplesmente sabe passar. E a outra parte? e a evolução, e o conhecimento que esse adolescente tem? Às vezes é difícil você ver adolescentes de 6ª, 7ª, 8ª. Outro dia um adolescente de um 3º nós estamos arrumando o material lá embaixo, aí estava mexendo no material e os outros dois eles começaram a se relacionar né? E eles escreviam a quantidade dos materiais para a gente poder fazer o levantamento. Quando eu peguei isso eu falei: "Não acredito que ele cometeu esse tipo de erro". Tudo bem todos nós temos sei lá uma dúvida, uma dificuldade, se perdeu uma palavra, se perdeu outra, acho que isso é geral, mas não daquela forma, o adolescente estava no 3º ano. Sabe, até que ponto você vai culpar a Febem pelas coisas que ele fez lá fora a onde fica também a responsabilidade da família, da sociedade no geral, eu acho que, enfim, todos.

Então agora eu vou te provocar. Você acha então que a reportagem é mentirosa?

Não. Eu acho que na verdade...Eu acho mentirosa num ponto tá, eu acho que quando ele diz que os professores não têm a mínima qualificação e que professores aqui em sala de aula, instiga a tortura não sei o que. A vontade que dá realmente é de escrever para essa revista e pedir para que ele venha ver, assistir a uma aula em uma UIP, numa UI e ver os bons trabalhos que saem também sabe? Não é uma questão assim porque o galo cantou não sei a onde que isso para mim é fato, não sei eu não estava lá; agora quando ele diz que em sala de aula que os professores praticam é isso eu acho um absurdo. Eu acho assim uma falta de respeito com os outros professores. Se as pessoas que escreveram elas têm um nível superior eu acho que elas aprenderam um pouco de ética também, eles estão faltando com ética com aqueles profissionais que estão aqui e como o supervisor disse na semana passada na reunião eu acho que não é uma questão assim de falta de capacidade não. Eu acho que tem muitos

professores aqui que tem um nível elevado sim tá e até por isso eles estão tendo a oportunidade de escolher onde trabalhar. Nenhum professor é pego aqui na rua a laço pra vir pra cá pra dar aula. Eu acho que existem critérios sim, problemas têm de um ou outro, mas tem também aquela questão de curiosidade tá? Às vezes eu acho assim se tivesse... Se aí fora o nível dos professores da rede pública, rede Estadual, se tivesse talvez professores tão qualificados como na Febem... não estariam com esse nível que estão lá fora. Eu achei totalmente um absurdo, a capa eu acho foi uma coisa assim sabe, a impressão que deu realmente é porque coisa boa não vende jornal, não vende revista tá, porque nós que trabalhamos aqui na Febem é muito ruim ver esse tipo de coisa tá e depois é aquela situação existem erros, falhas? Claro que existe, acho que em todos os lugares, mas eu acho que você me falar isso da Febem eu acho que você não sabe do que você está falando. Eu acho que até antes de se escrever qualquer coisa eu acho que deveria realmente ter a certeza e vivenciar um dia em uma unidade, eu acho que de repente uma pessoa chegar, pela forma que eu conheço que trabalha a diretora, que trabalha as diretoras aqui da unidade até a diretora geral que é a S. Eu acho que sempre foi aberto para se alguém chegar e falar: “Pó podemos conhecer?”. Eu acho que até pelo pouco que eu conheço ela, eu acho que ela não chegaria: “Não você não vai”. Eu acho difícilimo, a não ser que fosse uma coisa muito séria. Com certeza estaria aberto, como por exemplo agora está aberto que está vindo uma outra moça fazer um trabalho de graduação, não de graduação não, de pós da USP sobre poesia, ela está fazendo isso a noite com alguns adolescentes é um projeto muito bonito, ela amou a oficina de poesia do projeto. Ela está incrementando isso, sabe então eu acho as portas estão abertas para quem quer conhecer. Eu acho que não é qualquer um, tem que ser pessoas que vem acrescentar, eu acho que é muito fácil sentar do outro lado e criticar tá eu não sei quais são as dificuldades, eu não sei quais são os problemas que diariamente são enfrentados. Então é muito fácil a crítica pela crítica, eu acho que nessa reportagem eles foram muito infelizes, conhecendo como nós conhecemos esse lado eu acho que eles foram muito infelizes nesse tipo de reportagem. Não sei qual é o objetivo eu acho que tudo tem um objetivo. Eu particularmente acho que existiu reportagem, não sei, alguma coisa assim partindo para um lado político, não sei porque eu senti isso quando eu li essa reportagem. Li e reli e senti isso, porque ultimamente não está vendo na mídia rebelião de Febem não sei o que, não sei o que. Sabe esse tipo de coisa que parece que as pessoas gostam de estar ouvindo. Eu senti isso, não sei qual o motivo, não sei qual o objetivo, mas eu achei que eles foram muito infelizes nessa reportagem.

E L. o que você achou daquele pedacinho que saiu na revista sobre o projeto?

Eu achei pouco. Eu achei que deveria ter sido assim... Aquelas 4... Foram 4 páginas se não me engano, sei que foram muitas páginas que foi falado sobre o projeto eu acho que não deveria ter pego só aquele exemplo, mas é aquilo que eu comentei eu acho que as coisas boas talvez tantas pessoa não teriam pago R\$8,90 pela revista. Eu tenho essa revista ali dentro da gaveta, talvez se fosse só para divulgar tá o que é o projeto, a fala da M. eu acho que deveria ter sido assim as 4 páginas, mas talvez não venderia revista, se tivesse aquela capa...

Querida você quer falar mais alguma coisa sobre o projeto?

Não eu acho que assim no geral eu acho que eu já falei até demais, esse é um pequeno detalhe. Só que assim Claudia eu acredito que o projeto ele é... Eu acho que não daria certo você colocar aulas de português, matemática, da forma que é o ensino regular. Até porque não teríamos condições de ter sei lá, 14, 15 salas só de séries específicas. Eu acho que é um projeto bem elaborado nessa condição, tem, lá uma ou outra dificuldade, tem uma ou outra

atividade que não tem condição de trabalhar com os adolescentes, mas os próprios profissionais já têm a experiência disso ou então tem como estar adequando ou acho que a proposta do projeto aqui, eu acho que ela funciona sim tá dentro daquelas limitações, por causa da questão de espaço. Hoje nós não temos espaço adequado para o desenvolvimento pleno de todas as atividades, mas dá pra conduzir pra que todos aconteçam sim tanto em sala de aula, quanto nas oficinas.

Está ótimo querida obrigada.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)